

org.

Tatiane de Freitas Ermel

Maria Teresa Santos Cunha

Dóris Bittencourt Almeida

Luciane Sgarbi S. Grazziotin

Alice Rigoni Jacques

O ontem com os olhos de hoje

Contribuições
de Maria Helena
Camara Bastos
para a História
da Educação

org.

Tatiane de Freitas Ermel

Maria Teresa Santos Cunha

Dóris Bittencourt Almeida

Luciane Sgarbi S. Grazziotin

Alice Rigoni Jacques

O ontem com os olhos de hoje

Contribuições
de Maria Helena
Camara Bastos
para a História
da Educação

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

O59

O ontem com os olhos de hoje: contribuições de Maria Helena Camara Bastos para a História da Educação / Organização Tatiane de Freitas Ermel... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadoras: Maria Teresa Santos Cunha, Dóris Bittencourt Almeida, Luciane Sgarbi S. Grazziotin, Alice Rigoni Jacques.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-679-1

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1

1. História da Educação. 2. Maria Helena Camara Bastos. 3. Trajetória profissional. 4. Redes acadêmicas. 5. Orientação acadêmica. I. Ermel, Tatiane de Freitas (Org.). II. Cunha, Maria Teresa Santos (Org.). III. Almeida, Dóris Bittencourt (Org.). IV. Grazziotin, Luciane Sgarbi S. (Org.). V. Jacques, Alice Rigoni (Org.). VI. Título.

CDD: 370.9

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação – História

Júlia Marra Torres – Bibliotecária – CRB: SP-011583/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Estágio em editoração	Emanuelle Vitória Miranda da Silva Rayssa Santos Arrais
Imagens da capa	Pimenta Cultural - ajuste ChatGPT
Tipografias	Acumin, Abril Display, Abril Text
Revisão	Os autores
Organizadoras	Tatiane de Freitas Ermel Maria Teresa Santos Cunha Dóris Bittencourt Almeida Luciane Sgarbi S. Grazziotin Alice Rigoni Jacques

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski <i>Universidade La Salle, Brasil</i>	Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Adriana Flávia Neu <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt <i>Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Aguimario Pimentel Silva <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	Caio Cesar Portella Santos <i>Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil</i>
Alaim Passos Bispo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil</i>	Carla Wanessa do Amaral Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alessandra Knoll <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Jordan Lapa Alves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Corso <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Cassia Cordeiro Furtado <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Cássio Michel dos Santos Camargo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Ana Rosangela Colares Lavand <i>Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil</i>	Cecília Machado Henriques <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
André Gobbo <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Christiano Martino Otero Avila <i>Universidade Federal de Pelotas, Brasil</i>
André Tanus Cesário de Souza <i>Faculdade Anhanguera, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Andressa Antunes <i>Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil</i>	Cristiana Barcelos da Silva <i>Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil</i>
Andressa Wiebusch <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Cristiane Silva Fontes <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Angela Maria Farah <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Daniele Cristine Rodrigues <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Anísio Batista Pereira <i>Universidade do Estado do Amapá, Brasil</i>	Dayse Centurion da Silva <i>Universidade Anhanguera, Brasil</i>
Antonio Edson Alves da Silva <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>	Dayse Sampaio Lopes Borges <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil</i>	Deilson do Carmo Trindade <i>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Diego Pizarro <i>Instituto Federal de Brasília, Brasil</i>
Ary Albuquerque Cavalcanti Junior <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>	Edilson de Araújo dos Santos <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Edson da Silva <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Juliano Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Maurício José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas

Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elislene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suêlen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Apresentação12

Carlota Boto

Prefácio

Uma referência que ilumina a história da educação brasileira19

CAPÍTULO 1

Dóris Bittencourt Almeida

Itinerários de uma intelectual da educação:

outras miradas para "as idiossincrasias de uma professora"25

CAPÍTULO 2

Tatiane de Freitas Ermel

Transnacionalidade e História da Educação:

percepções sobre o percurso
de uma pesquisadora brasileira (1982-2025)49

CAPÍTULO 3

Marcus Levy Bencostta

Fronteiras permeáveis:

construindo uma História Cultural da Educação71

CAPÍTULO 4

Norberto Dallabrida

Gladys Mary Ghizoni Teive

Atravessando fronteiras:

uma historiadora da Educação Sul-rio-grandense em Paris88

CAPÍTULO 5

Maria Teresa Santos Cunha

(De) cantar memórias:

viagens, parcerias e experiências educativas entre
duas amigas professoras (décadas de 1990 a 2020)..... 102

CAPÍTULO 6

Elomar Tambara

Eduardo Arriada

Trajectoria de Maria Helena na ASPHE:

pioneirismo na organização e os trabalhos sobre a Associação 125

CAPÍTULO 7

Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

"Não existe orientação sem escrita":

percursos de uma pesquisadora do sul do país (1997 a 2019) 140

CAPÍTULO 8

Claudemir de Quadros

Chegamos ao céu, digo, ao Scielo:

o trabalho e a dedicação de Maria Helena Camara Bastos

para a Revista História da Educação da ASPHE 161

CAPÍTULO 9

Giana Lange do Amaral

A imprensa periódica pedagógica/escolar:

uma centralidade nas pesquisas e na atuação

da pesquisadora e orientadora..... 177

CAPÍTULO 10

Décio Gatti Jr.

A contribuição de Maria Helena Camara

Bastos na pesquisa sobre o ensino

de História da Educação no Brasil 195

CAPÍTULO 11

Alice Rigoni Jacques

Elos de Memórias:

o legado educativo e o Patrimônio Histórico-Educativo

nas pesquisas do Grupo "do Deutscher Hilfsverein

ao Colégio Farroupilha/RS" (1858-2008) 215

DEPOIMENTO 1

Alberto Barausse

Maria Helena

Quando a humanidade faz a diferença
também no campo científico 237

DEPOIMENTO 2

Antonio Viñao Frago

Tres recuerdos y un consejo 243

DEPOIMENTO 3

Joaquim Pintassilgo

Maria João Mogarro

Memórias partilhadas 246

DEPOIMENTO 4

José Luis Hernández Huerta

Carta abierta a Maria Helena

Camara Bastos 250

DEPOIMENTO 5

Maria Juraci Maia Cavalcante

Parceria e memória acadêmica:

do livro sobre as Normalistas da Reforma de 1922 aos
Congressos de História da Educação do Ceará (2009 a 2018) 254

Sobre as organizadoras 258

Sobre os autores e as autoras 259

Índice remissivo 263

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

O fato de escrever dá forma à existência [...] salva do esquecimento os seres e as coisas (Ernaux, Annie. 2023, p. 108 e 112).

Annie Ernaux, escritora francesa ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 2022 foi professora e sua escrita premiada pode ser considerada como uma forma de evidenciar tanto aspectos marcantes de sua vida cotidiana como de sua profissão. Ela produziu uma obra de comprometimento com a vida para, através da palavra escrita, acentuar a passagem do Tempo e enfrentar o esquecimento.

Movidas pelos afetos que nos conectam, um grupo de cinco amigas da professora Maria Helena Camara Bastos teve a ideia de organizar este livro, cujo propósito maior é prestar uma homenagem. Buscando nos estratos temporais mais longínquos, encontramos, talvez, o significado primeiro da palavra "homenagem". De acordo com o Dicionário Houaiss (2004), o substantivo remonta às relações de suserania e vassalagem entre a nobreza, especificamente a cerimônia da investidura, quando o vassalo jurava fidelidade e proteção a seu suserano. Consolidava-se, na homenagem, uma rede de relações entre homens da nobreza e, assim moldava-se a sociedade feudal. Em uma perspectiva contemporânea, o dicionário diz que se trata de "expressão ou ato público como mostra de admiração e respeito por alguém [...] deferência" (Houaiss, 2004, p. 1546), ou seja, a intenção de prestar uma homenagem implica na demonstração pública de admiração, um tributo a alguém a quem consideramos merecedor de tal reconhecimento. Vejamos que há algo *na essência* da homenagem, do passado medieval, que ressoa nas intenções do presente, ou seja, mantém-se o princípio de reverenciar uma pessoa

SUMÁRIO

pela sua trajetória. Dessa forma, apresenta-se esta obra como forma de compor uma tessitura de sua longa atuação e de seu impacto como amiga, professora, pesquisadora, orientadora tanto nas lidas da História da Educação, como no cotidiano.

Sabemos que (re)memorar é uma ação difícil e que tentar construir memórias sobre alguma coisa ou alguém, a partir da escrita, envolve considerar que elas podem subverter o real, pois comportam invenções ao longo da narração. Por outro lado, a memória é fundamental para enfrentar o esquecimento ao ampliar o horizonte do vivido e estabelecer correspondência entre o pessoal, o afetivo, o profissional. Mas, mesmo correndo estes riscos, aceitamos o desafio e nos aventuramos na escrita como um gesto de reconhecimento à atuação de Maria Helena. Nesse sentido, convidamos colegas do meio acadêmico e nos embrenhamos na organização desta coletânea. Cabe salientar que produzir, em algumas linhas, a apresentação de uma obra com certa diversidade de textos e, obviamente de autores, não é tarefa simples, sobretudo a cinco mãos. Entre escrever, apagar, rever, questionar, iniciamos com a retomada de outras escritas sobre sua trajetória, o que auxilia na composição de uma trama composta, sobretudo, por entrevistas.

O percurso profissional de Maria Helena tem sido tema de outros tipos de publicações e homenagens, a exemplo da entrevista realizada pelo pesquisador italiano Alberto Barausse (Universidade de Molise), publicada inicialmente na revista *Espacio, Tiempo y Educación* (2017) e reeditada na obra *In the Footsteps of the Masters: Interview with the History of Education* (2021), que versa, entre outros temas, sobre o repertório de pesquisa de Maria Helena no âmbito da história da educação. Em 2023, outra entrevista foi realizada pelo pesquisador brasileiro, Marcus Levy Bencostta (UFPR), que observa, de forma detalhada, os caminhos e âmbitos de atuação em distintas frentes de pesquisa e ensino que foram desenvolvidos por ela. Também, o programa *Bibliografia Viva*, que foi ao ar em 29 de abril de 2025, consistiu em uma roda de conversa sobre ela e foi conduzida

SUMÁRIO

por Fabrício Vinhas (UEMG) e José Edimar de Sousa (UCS) <https://www.youtube.com/@UFMGfae>. Esse programa teve como objetivo homenagear aspectos da trajetória de Maria Helena a partir de diálogos com ex-orientandas e colegas.

Diferente das entrevistas e da roda de conversa, nossa obra está organizada em duas partes, onde reunimos pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e internacionais, que, de diferentes maneiras, coincidiram e conviveram com Maria Helena em distintos contextos. Salientamos aspectos como ensino, orientações, trabalhos em associações, revistas, projetos de pesquisa, estágios no Brasil e no exterior, assim como afinidades em temas, em linhas de pesquisa, levando em conta, sobretudo, amizades e afetos.

Nos 11 capítulos e 5 depoimentos reunidos, professores e professoras nacionais e estrangeiros compuseram uma tessitura plural de memórias e análises que permitem conhecer melhor as ações de Maria Helena como intelectual rigorosa, professora comprometida, orientadora generosa, amiga incondicional e articuladora de redes acadêmicas, consolidando-se como promotora de intercâmbios culturais e intelectuais fundamentais para o fortalecimento da pesquisa brasileira. Os capítulos foram organizados seguindo critérios de temáticas que ela desenvolveu e das amizades pessoais e profissionais que cultivou ao longo de sua carreira.

Primeiramente, Dóris Bittencourt Almeida, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trata de seu itinerário educativo, profissional e acadêmico, abordando aspectos desde a escolarização até sua consolidação como professora e pesquisadora em História da Educação no Brasil e no exterior. Em seguida, Tatiane de Freitas Ermel, professora na Universidade de Valladolid, se dedica a analisar a trajetória transnacional de Maria Helena, destacando aspectos relacionais à sua produção acadêmica internacional. O terceiro capítulo, de Marcus Levy Bencostta, professor da Universidade Federal do Paraná, centra sua atenção nas influências francesas e

SUMÁRIO

nas contribuições de Maria Helena no cenário da história cultural da educação brasileira. O quarto capítulo, de Norberto Dallabrida e Gladys Mary Ghizoni Teive, ambos da Universidade do Estado de Santa Catarina, examinam as relações de nossa homenageada com o *Service d'Histoire de l'Éducation* (SHE), Paris, e se dedicam ao estudo de suas pesquisas sobre o ensino mútuo e a mobilidade de brasileiros ao SHE. Na sequência, Maria Teresa Santos Cunha, professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade do Estado de Santa Catarina, utiliza os recursos memorialísticos para tratar dos laços de amizade, viagens e parcerias ao longo de mais de três décadas de convivência com Maria Helena. O sexto capítulo, de Elomar Tambara e Eduardo Arriada, ambos da Universidade Federal de Pelotas, sendo o primeiro já aposentado, se dedica a examinar o pioneirismo de Maria Helena na organização e nos trabalhos vinculados à Associação Sul-Rio-Grandense em História da Educação (ASPHE). O sétimo capítulo, de Luciane Sgarbi Grazziotin, professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, propõe construir uma narrativa sobre as marcas deixadas por Maria Helena durante o processo de produção das teses e dissertações. Dando continuidade, Claudemir Quadros, professor da Universidade Federal de Santa Maria, se dedica ao estudo do percurso de Maria Helena frente à criação e a gestão da revista *História da Educação*, vinculada à ASPHE. O nono capítulo, de Giana Lange do Amaral, professora da Universidade Federal de Pelotas, entrelaça suas vivências como orientanda de Maria Helena na produção de sua tese, momento em que é desafiada a trabalhar com impressos estudantis. Na sequência, Décio Gatti Júnior, professor da Universidade Federal de Uberlândia, analisa a constituição e a consolidação das investigações de Maria Helena sobre a manualística e sobre o ensino de História da Educação no Brasil. Encerrando a parte dos capítulos, Alice Rigoni Jacques, do Colégio Farroupilha, se dedica retomar o legado educativo do grupo de pesquisa *Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha/RS (1858-2008), que foi coordenado por Maria Helena.

SUMÁRIO

No que diz respeito aos depoimentos, Alberto Barausse, professor da Universidade de Molise (Itália), rememora a relação que estabeleceu com Maria Helena, desde seu primeiro contato com ela na Espanha, em 2011, destacando, em seguida, o período em que ele esteve sob sua supervisão como professor visitante na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Na sequência, António Viñao Frago, professor emérito da Universidad de Murcia (Espanha), também se apoia em suas recordações para comentar sobre as diferentes experiências que marcaram os seus encontros com ela: em forma de entrevista, pesquisas e, de modo especial, a sua aproximação com a história da educação brasileira. Compartilhando memórias, Joaquim Pintassilgo e Maria João Morgarro, ambos da Universidade de Lisboa (Portugal), ele recentemente aposentado, remontam a um período de três décadas de contato estabelecidos com nossa homenageada, destacando as profícuas relações da comunidade luso-brasileira de História da Educação e uma intensa e constante relação de companheirismo em inúmeros congressos e viagens. José Luis Hernández Huerta, da Universidade de Valladolid (Espanha), escreve uma carta aberta à Maria Helena, lembrando dos primeiros contatos que estabeleceu com ela, o compartilhamento de experiências e projetos como editores de revistas científicas e, sobretudo, sobre os períodos de estágios que ele realizou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sob sua supervisão. Por último, encerrando a obra, Maria Juraci Maia Cavalcante, professora aposentada da Universidade Federal do Ceará, rememora sua parceria acadêmica com Maria Helena, destacando as relações que se estabelecem na produção conjunta de um livro e na participação de Maria Helena nos Congressos de História da Educação do Ceará.

A vontade que nos guiou coloca em evidência os percursos de uma mulher, professora e pesquisadora em História da Educação. Trata-se de um trabalho complexo, que exigiu atenção às escolhas que foram feitas. Para efetivar a realização desse empreendimento, localizamos as parcerias intelectuais e afetivas da Professora, construídas

SUMÁRIO

ao longo de muitos anos e que aqui, tramadas de diferentes modos, se fazem presentes. A identificação desses laços de amizade e trabalho permitiram buscar nossa homenageada em sua historicidade e, desse modo, foi possível rastrear seus percursos, suas experiências, inserções, engajamentos, nas diferentes redes de sociabilidade construídas durante uma vida de trabalho e estudo.

Talvez o maior desafio que decidimos enfrentar tenha sido o de idealizar um livro que, sim, quis prestar uma homenagem em vida, mas almeja outros quereres. Ao trazer tantos matizes da vida de Maria Helena Bastos, procuramos evidenciar as contribuições que ela construiu como professora e pesquisadora identificada com a História da Educação. Portanto, os capítulos e depoimentos que se seguem, problematizam seu itinerário, a produção intelectual, as conexões com colegas brasileiros e de outros países, as muitas experiências como docente, o cultivo das amizades, a relação com as sociedades científicas em que foi precursora, sobretudo a relação com a Associação Sul-Rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação e com a criação e consolidação da Revista História da Educação/ASPHE, entre tantas outras frentes de trabalho e estudo.

E que outras faces podem ter ficado subsumidas no livro? Não necessariamente nessa ordem, estamos a falar da Maria Helena que é apaixonada pela França, em diferentes perspectivas, que vibra a cada nova viagem para lugares já conhecidos ou para outros que começa a desbravar. É alguém que precisa estar perto ao mar, em Torres, cidade do litoral norte do Rio Grande do Sul, lugar que, desde a infância faz parte de sua vida. Apaixonada por literatura, apreciadora da arte dos bordados, a leitura e a tecelagem como atividades que lhe dão prazer. Trata-se de uma mulher que assumiu ser independente em um tempo ainda difícil para as mulheres e que cultivava afetos: as irmãs, sobrinhas, filhos, amigos, amigas e, em especial, o neto, Pedro.

Assim, como observadora atenta da Educação em diferentes temporalidades, mantém-se como uma entusiasta pelas memórias

SUMÁRIO

da Educação, o legado que Maria Helena deixa às novas gerações de pesquisadores constitui-se em um bem intangível para a História da Educação. Tal como nos lembra Annie Ernaux, escrever é um gesto que enfrenta o esquecimento e nossa escrita visa assumir essa função: salvar do apagamento experiências, encontros, ideias e práticas que constituíram não apenas a trajetória de Maria Helena, mas também a formação de gerações de educadores, pesquisadores e pesquisadoras no campo da História da Educação.

Que saibamos ser dignos dessa herança, dando continuidade às redes, aos diálogos e às inquietações que Maria Helena ajudou a construir, especialmente no âmbito da ASPHE, espaço que acolheu e impulsionou tantas dessas experiências. Por fim, registramos nosso agradecimento à ASPHE, em especial, ao colega e professor Fernando Ripe (UFPel/RS), que acolheu de imediato a proposta desta obra durante sua gestão (2023-2025), tornando possível a concretização deste projeto coletivo.

As organizadoras

REFERÊNCIAS

ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos**. Trad. De Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2023.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

UMA REFERÊNCIA QUE ILUMINA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Carlota Boto

Este livro é um tributo prestado a uma intelectual, a uma acadêmica, a uma professora e a uma grande amiga de todos(as) os(as) que aqui escrevem. Maria Helena Camara Bastos é uma autora com incontornável lugar de destaque na produção teórica do campo da História da Educação no Brasil. Seu trabalho possui rigor analítico, precisão conceitual e densidade teórico-metodológica, mobilizando, com desenvoltura, fontes variadas, de modo a entrelaçar a documentação encontrada com a bibliografia disponível sobre o tema. Historiadora exímia, no percurso de sua trajetória de pesquisa, Maria Helena descortinou a história da cultura escolar e do cotidiano da escola, principalmente entre os séculos XIX e XX. Especialista em temas como imprensa pedagógica, leitura escolar e ensino mútuo, notabilizou-se também por seus estudos sobre a história da disciplina História da Educação. Com um sensível olhar pedagógico para a documentação, Maria Helena tem muita familiaridade com os procedimentos da operação historiográfica, articulando fontes e problematizando os temas sobre os quais discorre, de maneira criteriosa e inovadora.

Além dos aspectos acima mencionados, pode-se dizer que a produção intelectual de Maria Helena Camara Bastos é uma produção pedagógica. Ao escrever a História da Educação, ela ensina a “fazer” História da Educação. Sua obra mobiliza conceitos e fontes, bibliografia e documentação, iluminando com clareza os instrumentos dos quais se vale, de tal maneira que, pela leitura, o leitor é capaz de acompanhar não apenas o movimento do belo

SUMÁRIO

texto que lê, mas também do consciencioso processo de sua elaboração. Historiadora sofisticada, Maria Helena distingue-se pela densidade teórica e pelo rigor metodológico, que, no limite, contribui para dar a ver os modos pelos quais seu trabalho foi construído. Acompanhando internacionalmente as principais tendências teóricas do debate historiográfico, os textos de Maria Helena são, eles próprios, referências do ponto de vista do conteúdo, por vincularem com originalidade a produção brasileira com aquilo que é produzido no exterior. A forma da autora escrever a História da Educação também é exemplar. Erudita na pesquisa, clara na construção dos problemas intelectuais que se dispõe a resolver e rigorosa na crítica das fontes, o diálogo de Maria Helena com a bibliografia é vasto e generoso. Ela incorpora as referências internacionais, sem por isso deixar de dialogar com a produção brasileira, dando reconhecimento a todas as investigações que considera meritórias e interlocutoras de sua própria pesquisa.

Educadora, o trabalho de Maria Helena possui também uma inequívoca dimensão formativa. Tendo sua obra ampla utilização nos estudos e no ensino da História da Educação, Maria Helena contribui direta e indiretamente para a formação de professores e especialmente para a preparação de novos pesquisadores, inspirados por seus recortes analíticos, o que a leva a ter uma incontornável projeção na comunidade acadêmica de seu campo de atuação.

O presente livro conta a história acadêmica de Maria Helena. Aparecem aqui sua experiência de ensino no Colégio de Aplicação; depois, seu ingresso como docente da Faculdade de Educação da UFRGS, seu mestrado intitulado *Os deserdados da educação brasileira: análise das expectativas da clientela aos exames supletivos*, e seu doutorado sobre *O novo e o nacional em revista: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*. Quando aposentou-se do serviço público, Maria Helena integrou o corpo docente da Universidade de Passo Fundo, da Universidade Luterana do Brasil e finalmente optou por lecionar na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do

SUMÁRIO

Sul, onde permaneceu por muito tempo. Sua trajetória de pesquisadora – como demonstra o capítulo de Dóris Bittencourt Almeida – durou 50 anos, entre 1973 e 2023. Nesse período, deixou um legado potente e vigoroso, contribuindo de maneira indelével para o avanço e a consolidação do campo da História da Educação no Brasil. Como diz Marcus Levy Benconstta em seu capítulo, os interlocutores de Maria Helena, bem como seus orientandos, herdaram mais do que um conjunto de técnicas de pesquisa. Herdaram efetivamente uma atitude intelectual diante do passado educacional.

Maria Helena tem também uma notável inserção internacional: filiada a ISCHE – International Standing for the History of Education –, desde o início dos anos 80 possui vínculos com pesquisadores e centros de pesquisa franceses, com destaque para o Service d'Histoire de l'éducation (INRP/Paris), onde trabalhou com Pierre Caspard, conforme registra o capítulo de Tatiane de Freitas Ermel. Trabalhou também, na condição de Maître de Conference, junto à Universidade René Descartes de Paris. Maria Helena mantém interação bastante duradoura com o grupo de pesquisa de Macerata, dirigido por Roberto Sani. De sua relação com as universidades italianas de Macerata e de Molise, foi desenvolvido um projeto de pesquisa sobre a imprensa étnica italiana em Porto Alegre. Como demonstra o capítulo de autoria de Norberto Dallabrida e Gladys Mary Ghizoni Teive, Maria Helena também mantém intercâmbio sólido, envolvendo inclusive estágio de pesquisa, com o professor Augustin Escolano Benito no CEINCE, no interior da Espanha.

Maria Helena, no âmbito da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) - instituição da qual, como bem demonstram Elomar Tambara e Eduardo Arriaga, foi uma das fundadoras – idealizou o surgimento da primeira revista de História da Educação escrita em língua portuguesa, a prestigiada *História da Educação*, que foi lançada em 1997. Claudemir de Quadros mostra que Maria Helena Camara Bastos era uma verdadeira propagandista da Revista, fazendo dela uma significativa divulgação em

SUMÁRIO

congressos que ocorriam no Brasil e em países como a França, a Espanha ou Portugal, sempre convidando especialistas renomados a enviarem seus manuscritos para a revista e se dispondo a ela própria fazer a tradução.

Teve participação intensa nos principais congressos do campo para os historiadores brasileiros: o ISCHE, o Congresso Iberoamericano de História da Educação e o Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Inscrita, portanto, em um circuito transnacional da pesquisa no campo historiográfico, acumulou um singular repertório acadêmico do qual se vale em seus trabalhos e que partilha com seus orientandos, amigos e colegas. Maria Helena, com sua proverbial generosidade, é alguém que sabe ser amiga. E justamente por isso, o tema das práticas de amizade construídas ao longo de décadas foi a escolha de Maria Teresa Santos Cunha, quando se propôs a escrever um capítulo para o presente livro. Contando sua experiência com Maria Helena, a partir de suas afinidades pessoais, profissionais e intelectuais, e, considerando que – como diz a própria Maria Teresa – nem tudo cabe no relato e o esquecimento integra também as ações da memória, o belo texto que produz constitui uma verdadeira homenagem e uma comprovação das trocas acadêmicas e afetivas que as duas pesquisadoras possuem entre si.

Luciane Sgarbi Santos Grazziotin conta a história de Maria Helena como orientadora e faz um preciso levantamento do conjunto inigualável de dissertações e teses dirigidas por aquela que foi sua orientadora. Já o capítulo de Giana Lange do Amaral demonstra, com acuidade, o vínculo de Maria Helena com pesquisadores de outros Estados, como é o caso de Marta Maria Chagas de Carvalho, de quem ela foi a primeira orientanda, e Denice Catani com quem organizou a coletânea intitulada *Educação em Revista: imprensa pedagógica e História da Educação*. Giana demonstra, em seu capítulo, a centralidade dos estudos sobre a imprensa pedagógica na trajetória acadêmica de Maria Helena. Décio Gatti Jr., por sua vez, dialoga com a contribuição de Maria Helena na pesquisa sobre o ensino de História

SUMÁRIO

da Educação no Brasil. Como assinala o referido pesquisador, Maria Helena, ao investigar como se ensina a “nossa” disciplina, trabalhou autores, sua formação, ementas, conteúdos, bem como procedimentos didáticos sugeridos e processos de avaliação, descortinando temas e problemas teóricos e pedagógicos inscritos nessa matéria.

Com Maria Stephanou, Maria Helena Camara Bastos publicou, pela Editora Vozes, o livro intitulado *Histórias e memórias da educação no Brasil*, uma edição ambiciosa, contemplando três volumes, voltada para vistoriar as práticas educativas no Brasil desde os tempos da Colônia. Junto com Décio Gatti Jr e Carlos Monarcha, Maria Helena organizou, pela Editora da Universidade Federal de Uberlândia, livro importante para os estudos sobre a constituição da disciplina História da Educação no Brasil, sob o título *O ensino de História da Educação em perspectiva internacional*. Alice Rigoni Jacques traz à lume o projeto de pesquisa intitulado *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: entre memórias e histórias (1858-2008)*, dirigido por Maria Helena ao longo de dez anos junto ao Acervo do Memorial do Colégio Farroupilha. O mesmo título foi dado ao livro que Maria Helena organizou junto com Dóris B. Almeida e a própria Alice R. Jacques, o qual constitui uma das dezenas de produções que o grupo de pesquisas gerou sobre esse tema.

Destaca-se também, publicada pela Universidade de Passo Fundo, a tradução que Maria Helena realizou da obra-prima de Friedrich A. Froebel – *A educação do homem* –, referência indelével para os estudos da história e da filosofia da educação; trabalho esse que, diga-se de passagem, eu utilizo com meus alunos todos os semestres...

Além dos textos desenvolvidos por diferentes capítulos, este livro que o leitor tem em mãos contempla depoimentos, todos eles entremeando relações de profissionalismo e de afetividade. É esse o caso das recordações e do conselho de Antonio Viñao Frago. Joaquim Pintassilgo e Maria João Mogarro, por seu turno, sublinham

SUMÁRIO

a elegância de Maria Helena e a sua integridade ética. José Luis Hernández Huerta caracteriza Maria Helena, respeitosamente, como uma verdadeira Mestra da História da Educação. O livro conta também com o depoimento de Maria Juraci Maia Cavalcanti, que destaca a parceria que teve com Maria Helena na elaboração de um livro sobre os trabalhos de conclusão de curso de normalistas cearenses que participaram da reforma educacional de 1922, levada a cabo por Lourenço Filho. Desse projeto, dentre outras produções, derivou o livro organizado por Maria Helena Camara Bastos e Maria Juraci Maia Cavalcanti, publicado pela Editora Alínea, sob o título *Curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará (1922-23)*. O depoimento de Alberto Barausse demonstra como Maria Helena sabia receber os professores estrangeiros que a procuravam em sua universidade e como ela sabia também ser recebida nas universidades estrangeiras onde esteve. De fato, como eu já pude assinalar anteriormente, a generosidade é uma das marcas de Maria Helena. E foi com generosidade, rigor e sensibilidade intelectual e acadêmica que ela construiu sua carreira. Seu nome estará para sempre inscrito nos registros da História da Educação brasileira.

1

Dóris Bittencourt Almeida

ITINERÁRIOS DE UMA INTELLECTUAL DA EDUCAÇÃO:

OUTRAS MIRADAS PARA
“AS IDIOSSINCRASIAS
DE UMA PROFESSORA”

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.1

SUMÁRIO

Neste capítulo, o propósito é analisar o itinerário da professora Maria Helena Camara Bastos. É algo que me alegra fazer, apesar dos riscos, tendo em vista os afetos que nos conectam há quase trinta anos. Ao escrever, enfrento o difícil equilíbrio entre manter-me em uma postura investigativa e, ao mesmo tempo, afastar-me de produzir uma narrativa edificante, com tom laudatório. Meu desejo é buscar compreendê-la em sua historicidade, em suas idiossincrasias, conceito que aprendi com ela, sem perder de vista que os acontecimentos que marcam sua vida estão coerentes ao campo de possibilidades (Velho, 2003) para uma mulher daquela geração, pertencente a um estrato social das famílias abastadas, detentora de capital cultural, branca, entre outros tantos atravessamentos identitários. Trata-se de reconhecer, pela análise de sua trajetória, a constituição de uma intelectual da Educação, que, ao longo de cinquenta anos de magistério, ensinou a muitos estudantes, orientou mestrands e doutorandos, disseminou práticas e saberes, construiu redes de sociabilidade, esteve engajada em diferentes frentes de atuação, vinculada a algumas instituições, sendo a Universidade Federal do Rio Grande do Sul uma referência em sua formação e exercício de docência.

Metodologicamente, produzi este texto tendo como fontes entrevistas com ela¹, consulta a seu memorial para professora titular de História da Educação na UFRGS e entrevistas que concedeu a Revistas de História da Educação (Bencostta, 2023; Barausse, 2017). Procurei organizar o itinerário da professora, compondo uma narrativa que evidenciasse suas memórias referentes à herança familiar, lembranças da infância, da escolarização, do ensino superior, ingresso e permanência na docência e constituição de pesquisadora em História da Educação. A inspiração para o título deste capítulo veio justamente do título de seu memorial para o concurso de professora titular, "Idiossincrasias de uma professora".

1 Com o uso da História Oral, produzi uma entrevista com Maria Helena Bastos exclusiva para este texto em fevereiro/2025. Também foram examinadas outras entrevistas que ela concedeu ao Centro de Memórias da Faculdade de Educação/UFRGS, salvas no acervo de memórias orais de professores, disponíveis para consulta local.

SUMÁRIO

Claudia Alves (2017), a partir dos estudos de Jean François Sirinelli, explica o quanto as histórias familiares, aliadas ao meio social de origem, oferecem indícios relevantes para melhor compreender o itinerário de um sujeito no processo de fazer-se como um intelectual. Neste sentido, é importante dizer que Maria Helena nasceu em Porto Alegre, em 1950, em meio a um contexto temporal de redemocratização do país, quando, paulatinamente, abriam-se novas possibilidades para a história das mulheres. Naturais do Rio de Janeiro, o pai, Clóvis, oriundo de uma família de cafeicultores, dedicou-se ao comércio agropecuário. A mãe, Dagmar, vinda de uma família ligada às atividades da Marinha, formou-se como professora pelo Instituto de Educação do Rio Janeiro, lecionou até o casamento. Depois do casamento, estabeleceram-se em Porto Alegre, tiveram quatro filhos: Maria Celina, Maria Lucia, Maria Helena e Celso. As três mulheres formaram-se como professoras, em diferentes licenciaturas, todas docentes universitárias, duas delas professoras da UFRGS, o filho mais novo seguiu os passos do pai, se dedicou a atividades comerciais. Esse é um dado importante que faz pensar nas influências da história familiar nas trajetórias das três irmãs. Maria Helena entende que a escolha pela docência, em parte, se deve à mãe que considerava uma ótima profissão para as filhas, por permitir conciliar as demandas próprias das mulheres daquela temporalidade com a atividade profissional. Enfim, as moças seguirem o caminho formativo da mãe e o filho acompanhar a atividade profissional do pai estava de acordo ao que aquela sociedade esperava, evidenciando uma separação por gêneros. Em seu memorial, Maria Helena chama a atenção que muitos conhecimentos advindos da formação no Instituto de Educação do Rio de Janeiro foram úteis à sua mãe, como dona de casa e educadora dos filhos, por exemplo, as aulas de Puericultura, Psicologia Infantil e Higiene.

A escolarização, como espaço de socialização, é outro aspecto muito importante na construção identitária de um intelectual. Entretanto, como alerta Alves (2017), é importante considerar que a escola não está isolada das tramas sociais, ou seja, é preciso historicizar

SUMÁRIO

o percurso escolar para melhor entender o acesso a determinados bens culturais e de entender qual o significado de estar em determinadas instituições (e não outras) na construção de um sujeito.

Assim, o contato com a escola começou precocemente para Maria Helena. Possivelmente por decisão de Dagmar, com quatro anos de idade, a filha ingressou em um Jardim de Infância, localizado nas instalações do Clube Leopoldina Juvenil, frequentado pelas elites econômicas locais. A professora era Gisela Schmelling, ex-aluna do Colégio Farroupilha, uma estudiosa dos trabalhos de Froebel. De suas viagens à Alemanha, costumava trazer novidades metodológicas para o ensino das crianças.

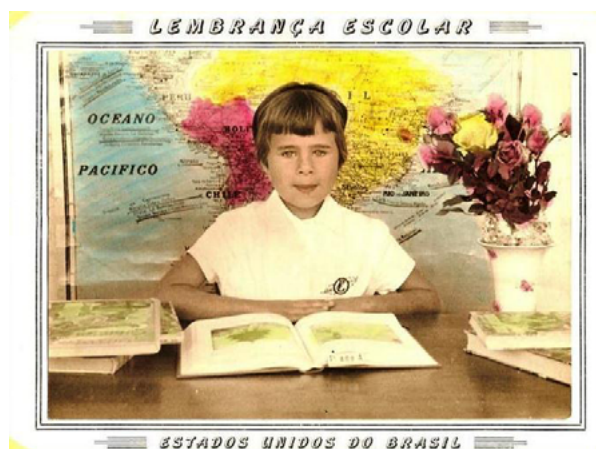
A convivência com a elite germânica de Porto Alegre aproximou o Colégio Farroupilha da família Bastos. Apesar de outras opções, em grande maioria católicas, os filhos foram encaminhados ao Farroupilha². Trata-se de uma escola fundada, ainda no século XIX, por imigrantes alemães, que atende as camadas mais abastadas economicamente da cidade. Segundo Maria Helena, os amigos da família tinham os filhos nessa instituição e pesou na escolha da mãe o fato de ser laica, portanto, acolhia alunos católicos e de confissão luterana. Além de escolher a escola, Dagmar costumava também escolher quem seriam as professoras dos filhos. No primeiro ano, a preferência era por Dona Íris, no quarto ano, Dona Irene, e assim, a cada etapa escolar uma docente era eleita como a melhor, aos olhos da mãe, pela capacidade de ensinar. Contudo, apesar da busca por uma escola laica, a mãe valorizava uma formação religiosa aos filhos, que obedecia aos ritos da Igreja Católica, seguindo os costumes das demais famílias da mesma classe social.

Em seu memorial, Maria Helena traz uma série de recordações da cultura escolar do Colégio Farroupilha, próprias de uma historiadora da educação que, ao refletir sobre o seu passado, se põe a pensar nas práticas que vivenciou. Assim, lembra do caderno

SUMÁRIO

de caligrafia, dos ditados, das aulas de tabuada, do temor de ser chamada ao quadro-negro para resolver operações matemáticas, dos temas de casa enormes e repetitivos. Além disso, comparecem em suas memórias a obrigatoriedade das filas, o uso de uniformes impecáveis, os boletins escolares que classificavam a pessoa em relação à turma. Como uma avaliação do ensino primário, diz que “o que permaneceu em minha subjetividade foi *primeiro os estudos, as obrigações* [...] Nesse colégio, sofri a inculcação da disciplina, da ordem, do respeito à hierarquia, da memorização, do medo em perguntar” (Bastos, 1999, p. 167).

Figura 1 - Lembrança escolar (final anos 1950)



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Helena Bastos.

No início dos anos 1960, o Brasil experimentava, ainda, uma continuidade dos princípios democráticos traduzidos na Constituição Federal de 1946. O país avançava em seu processo de urbanização e modernização. Foi um tempo pautado pela defesa da escola pública que atingia as camadas burguesas da sociedade, bem como a classe média em seu desejo de ascensão social (Buffa, 2005). Naquele contexto, diferente dos outros três irmãos, Maria Helena fez apenas o curso primário no Colégio Farroupilha, entre 1957 e 1961. Houve

SUMÁRIO

o que chamo de primeira guinada na sua formação, que teve amplas repercussões em sua trajetória. Mais uma vez, a mãe escolheu outra escola para a filha fazer o curso ginásial, o Colégio de Aplicação da UFRGS³, que, a partir de 1958, adotou o modelo das classes experimentais, seguindo postulados das *classes nouvelles* francesas. Ou seja, era uma instituição que defendia a importância de constituir-se como escola laboratório em que o princípio fundamental deveria ser a experiência para a construção do conhecimento. Entretanto, Maria Helena não foi aprovada no Exame de Admissão para o ingresso naquele estabelecimento de ensino. Ficou em uma espécie de suplência, portanto, designada para outra escola pública, estadual, o Pio XII⁴, sediada em um edifício monumental, muito próximo ao Palácio Piratini, à Catedral e à Cúria Metropolitana, que mantinha uma classe experimental de meninas (Bastos e Almeida, 2023). Podemos imaginar que a motivação de Dagmar para a troca de escola estivesse justamente no fato do Aplicação seguir essa metodologia alinhada aos princípios escolanovistas que devem ter feito parte de sua formação. E assim, Maria Helena cursou o ginásial em

- 3 O Colégio de Aplicação da UFRGS foi fundado em 1954, pela Faculdade de Filosofia, vinculado ao Departamento de Educação. Entre seus objetivos, buscava promover a prática docente de estagiários dos Cursos de Licenciatura da Universidade, bem como, legitimar-se como campo de investigação pedagógica. Teve como idealizadoras as professoras Graciema Pacheco (1910-1999) e Isolda Holmer Paes (1911-2002), respectivamente primeiras diretora e vice-diretora da instituição, estudiosas dos temas relacionados à Psicologia da Educação, fundamentos piagetianos aplicados na Educação e da metodologia de ensino nas classes experimentais. A partir de 1958, tornou-se oficialmente uma escola experimental, tendo como referência o *Centre International d'Études Pédagogiques/CIEP2*, em Sèvres, França (Lima e Almeida, 2018)
- 4 O Colégio Pio XII passou a funcionar no prédio do Grupo Escolar Paula Soares, cuja localização até hoje é atrás do Palácio Piratini, sede do governo, na região central da cidade de Porto Alegre/RS. O prédio foi construído para sediar a Escola Elementar Paula Soares, a partir de 1918. Em 1955, o Grupo Escolar Paula Soares deu origem ao Ginásio Estadual Feminino Paula Soares. Este, mais tarde, mudou de nome para Ginásio Estadual Pio XII e, em 1962, para Colégio Estadual Pio XII. Até 1981, por mais de duas décadas, o Grupo Escolar Paula Soares e o Colégio Estadual Pio XII funcionaram no mesmo prédio da Rua General Auto, mas em turnos diferentes, com o Pio XII ministrando suas aulas (de ginásio e colegial) à tarde e à noite e o Paula Soares sendo responsável pelo ensino primário pela manhã. Em 1982, o Colégio Pio XII deixou de existir. Naquele ano, as duas escolas foram unificadas, prevalecendo o nome Paula Soares. Em 2000, a escola passou a se chamar oficialmente Colégio Estadual Paula Soares (Gonçalves, 2013).

uma classe experimental, entre 1962 e 1965, tendo como diretora a professora Zilah Totta⁵.

Figuras 2 e 3 - Imagens de Maria Helena Bastos entre as colegas do Colégio Pio XII (início anos 1960)



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Helena Bastos.

5 Zilah Mattos Totta nasceu em Porto Alegre, no dia 30 de outubro de 1917 e faleceu em 21 de dezembro de 1997. Entre tantas atividades desenvolvidas, destaca-se que foi Diretora do Grupo Escolar Paula Soares e fundou o Colégio Estadual Pio XII, quando criou a classe experimental para meninas. Sobre o assunto, ver Almeida, 2025.

SUMÁRIO

Concluído o Ginásio, Maria Helena conseguiu ingressar na escola que a mãe havia escolhido quatro anos antes: o Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp/UFRGS). Lá, cursou a segunda etapa da escola secundária, o Clássico, entre 1966 e 1968. Entende-se que estudar no Aplicação deve ter sido uma continuidade ao que já estava habituada no Pio XII, pois prosseguiu em uma instituição que mantinha o ideário das classes experimentais. Contudo, havia diferenças: o convívio diário com meninos, pois as turmas eram mistas, e o fato do Colégio estar localizado dentro do Campus Central da UFRGS, o que promovia uma aproximação do cotidiano da Universidade pública e sua efervescência naqueles difíceis anos da ditadura civil-militar. Em seu memorial (Bastos, 1999), recorda das aulas de Filosofia, de Literatura, ambas importantes por fomentarem nela o gosto pela leitura. Também recorda das atividades de caráter comunitário, quando a escola oportunizava o contato com outras realidades sociais, distantes da vida dos estudantes. E não esqueceu das aulas com muitos professores estagiários, pois o CAp, desde sua concepção, consolidou-se como campo de estágio para as licenciaturas da UFRGS, experiência que ela passaria dali a poucos anos, como professora de História.

Ao concluir o Clássico, chegou o momento de enfrentar a decisão acerca da profissão que seguiria. O ano era 1968. Maria Helena diz que o desejo do pai era que cursasse Odontologia, já a mãe preferia Matemática. Ela hesitava entre Direito e História. Ao fim, optou pela licenciatura em História. Como entender? É possível que a herança materna, da mãe formada professora, e também os contatos que teve, no Ginásio e no Clássico, com a metodologia de ensino das classes experimentais, tenham provocado naquela jovem de 18 anos o desejo pela docência. E a História falou mais alto que a Matemática.

Assim, depois de aprovada no Exame Vestibular, esteve como aluna da antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS, cursando a Licenciatura Plena em História, entre 1969 e 1972. Devem ter sido tempos duros para aqueles estudantes, sobretudo os das Ciências Humanas. Em seu memorial (Bastos, 1999), contextualiza o período

SUMÁRIO

acadêmico em questão, lembrando da agitação do movimento estudantil e da implantação da Reforma Universitária (Lei nº 5540/68), que traria fortes impactos no ensino superior, como a extinção das cátedras e o fomento à criação dos programas de pós-graduação. O Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS, o qual Maria Helena fez o Curso de Mestrado e depois veio a ser professora, é produto dessa Reforma, sendo um dos mais antigos do país na área.

Ela compara o ensino que teve nos cursos ginásial e clássico com as aulas na Universidade, afirma que foi uma “desilusão” o ingresso na UFRGS, “uma volta a um ensino acrítico, verbalístico, centrado na figura do professor, na memorização da informação, em quantidade; em provas, exames escritos e orais; enfim, representava um retrocesso no meu processo de formação” (Bastos, 1999, p. 173). Entretanto, observa que havia sinais de mudança, com professores que, timidamente, dado o contexto ditatorial, utilizavam em suas aulas referenciais teóricos alinhados ao pensamento marxista, como Otávio Ianni, Paul Singer, Caio Prado, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Boris Fausto, Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Guilherme Motta, Emília Viotti da Costa, e outros, apesar de manterem a forma tradicional de ensino, com aulas expositivas e longas provas dissertativas.

Ao lembrar do Curso de História, constata que suas impressões se alteraram um pouco quando passou a frequentar as aulas das disciplinas pedagógicas na nova Faculdade de Educação da UFRGS⁶. Neste lugar, pode vivenciar a prática de postulados escolanovistas, todavia articulados ao tecnicismo próprio das

6 A Faculdade de Educação e o Colégio de Aplicação/UFRGS constituíram-se, cada qual com suas especificidades, como instituições de formação e de produção de saberes relacionados à Educação. O Curso de Pedagogia foi criado em 1942, vinculado à Faculdade de Filosofia, da então Universidade de Porto Alegre. Em 1954, foi fundado o Colégio de Aplicação, que esteve em diferentes espaços do Campus Central da UFRGS. Em 1966, ocupou alguns andares do novo prédio de nove andares que recentemente havia sido erguido. Entretanto, em 1970, no mesmo edifício, dividindo o espaço com o Colégio, se instalou a Faculdade de Educação, produto da Reforma Universitária de 1968. Logo em seguida, em 1972, estruturou-se o Programa de Pós-graduação em Educação, inicialmente com o Curso de Mestrado, ampliando-se com o reconhecimento do Curso de Doutorado em Ciências Humanas em Educação, em 1974 (Ver Almeida e Lima, 2018 e Almeida, 2021).

SUMÁRIO

orientações estadunidenses para a Educação no país. Portanto, ao mesmo tempo que estudou Dewey, Rogers, Bloom, Piaget, também estudou Skinner, “sem nenhuma reflexão sobre cada uma destas tendências e sua aplicação na realidade brasileira, marcada por forte exclusão social e educacional” (Bastos, 1999, p. 175).

Tendo sua formação universitária durante os piores anos do regime militar no Brasil, Maria Helena aliou o que aprendera no Curso de História com a formação didática da licenciatura e, desse modo, ingressou no mundo do trabalho. Não sabia, naquele momento, quais as expectativas para o futuro. Era uma jovem professora de História que, de acordo com sua geração e classe social, preocupava-se com o casamento e com os filhos que viriam. Casou-se em 1973, dessa união nasceram, Frederico em 1975 e Guilherme em 1979. Em suas palavras,

da ideologia de segurança nacional, do autoritarismo desmobilizador, dos atos institucionais, das perseguições políticas, das cassações à distensão política, do milagre econômico à recessão, nesse palco iniciei minha trajetória profissional, marcada por múltiplas e variadas experiências, que aconteceram no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Bastos, 1999, p. 176).

No “palco”, que é a UFRGS, ainda estudante de História, no último ano do curso, acompanhou uma turma polivalente⁷ de sexta série do Colégio de Aplicação, cuja professora era Anamaria Colla. Na sequência, em 1973, foi convidada pela diretora, Graciema Pacheco, para assumir uma turma de polivalência. Essa forma de seleção docente era uma prática comum no Colégio, desde que foi criado em 1954. Depois dos estágios, algumas professoras recém formadas eram escolhidas pela Direção para trabalharem na instituição, em um tempo que não havia concursos públicos na Universidade. Foi exatamente o que aconteceu com Maria Helena. Ela conta que foi um grande desafio: “como lecionar

7

A polivalência previa a necessária continuidade de uma professora referência para os anos escolares imediatamente subsequentes ao Primário (séries iniciais a partir da Lei 5692/71), a fim de que os estudantes melhor se adaptassem à dinâmica de uma escola experimental (Almeida e Lima, 2018; Almeida, 2021).

SUMÁRIO

várias disciplinas, se não havia feito o Curso Normal e havia cursado somente o Curso de História?" (Bastos, entrevista, 2012) É importante destacar que a polivalência foi uma experiência de ensino do Colégio de Aplicação que se manteve nos anos 1970, a despeito da legislação que orientava o ensino de primeiro e segundo graus de ensino, sendo as primeiras quatro séries chamadas currículo por atividades, tendo uma professora referência para a turma. O Aplicação entendia que essa experiência de ter uma professora referência para a turma deveria estender-se até a sexta série e, por isso, mantinha a polivalência. Essa proposta previa que a professora titular da turma tivesse o acompanhamento de outros professores especialistas nas diferentes áreas de conhecimento, muitos deles da Faculdade de Educação/UFRGS. Essa orientação possivelmente tranquilizou Maria Helena, formada em História, mas que precisou assumir o ensino de outras áreas do conhecimento.

Portanto, a professora começou a trabalhar sob a vigência da Lei 5692/71, que reformulou o ensino de 1º e 2º graus, sob determinação dos Estados Unidos da América, com ênfase nos métodos de ensino, entendidos como técnicas. Avalia suas primeiras experiências naquele contexto como uma espécie de "simbiose" (Bencostta, 2023) entre tudo que havia aprendido alinhado ao movimento da Escola Nova e a tendência tecnicista, entretanto esta última predominou.

Ao analisar sua trajetória, observo o quanto mantinha o desejo de seguir a estudar, e, nessa perspectiva, buscar aprimoramento intelectual. Mesmo sabendo que muitas outras professoras de sua geração não tiveram as mesmas possibilidades, é preciso chamar a atenção para o fato de Maria Helena ter aproveitado aquilo que, sobretudo, a UFRGS lhe oferecia. Ela foi instada a investir na continuidade da formação, também por atuar como docente do Colégio de Aplicação, uma experiência profissional que lhe permitiu estar em muitas frentes, em conexão com o que acontecia no âmbito maior da Universidade. Em suas narrativas de memória, a professora valoriza os anos vividos no Colégio de Aplicação, como discente e docente.

SUMÁRIO

Lembra que lá aprendeu a aliar ensino, pesquisa e extensão, os três pilares básicos da Universidade. Avalia a importância dos diálogos sistemáticos com a Faculdade de Educação, pelas interlocuções entre docentes das duas instituições. Esteve como professora do Colégio de Aplicação entre 1973 e 1982, entende que foi sua “grande escola profissional, que possibilitou outras oportunidades profissionais” (Bastos, entrevista, 2015).

Em paralelo ao trabalho no Colégio naqueles anos, assumiu outros desafios: foi professora do Premem⁸, com a disciplina “Introdução à Sociologia”, em 1976 e 1977, que, em parte, se aproximava da sua formação em graduação. Além disso, atuou no Instituto de Educação General Flores da Cunha, escola sesquicentenária de formação de professoras, assessorando um grupo de estudos sobre Currículo e, posteriormente, como docente de Metodologia da Linguagem e de Estudos Sociais na Habilitação Magistério.

Nesse meio tempo, sempre motivada por aprender, em 1977, realizou o Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior, uma importante área de conhecimento da Faculdade de Educação. O curso fazia parte das atividades de ensino do Laboratório de Ensino Superior (LES), que também realizava pesquisas voltadas ao treinamento de habilidades de ensino no professor de ensino superior. Em 1978, foi convidada a participar do grupo do LES⁹. E, a partir, dessa inserção, participou da pesquisa *Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus: uma experiência de ensino através de*

8 O Programa de Extensão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM) desenvolveu-se na Faculdade de Educação/UFRGS com verbas da Organização dos Estados Americanos, fazendo parte dos convênios MEC-USAID. Maria Helena foi professora do PREMEM em dois verões, 1974 e 1975, ministrou o que se chamava de “reciclagem dos professores de licenciatura curta e plena do ensino profissionalizante” (entrevista Maria Helena – Ceme/Faced-UFRGS, 2012).

9 De acordo com Bastos (1999), participavam do LES, nessa época, os professores: Louremi E. Saldanha (coordenação), Lucila Santarosa, Zênia Raupp, Marili Medeiros, Gilberto Medeiros, Maria Celina Amoedo, Eleanor Koff, Vera Pureza, Guacira Louro, Anamaria Colla, Denise Vieira. Como professores das disciplinas do Curso: Merion C. Bordas, Vera Moraes, Margott Ott, Lucia Gaspar, Juan Mosquera, Juan Tijiboy, Marisa Eizirik, Eni Toschi, entre outros.

SUMÁRIO

Tarefas Individuais Programadas (TIP), sob a coordenação da professora Tereza Lovatel e com a participação de Anamaria Colla e Maria Ercília de Freitas. Neste ponto de sua trajetória, entendo que foi o contato com essa pesquisa que promoveu outra guinada profissional e definitiva na carreira de Maria Helena: tornou-se docente do ensino superior, lugar de atuação que permaneceu até sua aposentadoria.

Em 1979, devido à sua formação em História, foi convidada a lecionar, como professora colaboradora, a disciplina de Estrutura e Funcionamento do Ensino, na Faculdade de Educação, vinculada à área Administração da Educação, do Departamento de Estudos Especializados¹⁰. É assim que ela compreende o ingresso no ensino superior: “mais uma vez me defrontei com a sala de aula, sem considerar se apresentava as devidas credenciais para o desempenho das funções docentes. Novamente, muito estudo e várias leituras” (Bastos, 1999, p.180). Ela destaca o quanto foi necessário transitar pela História, Sociologia, Antropologia Política, Filosofia, Administração, Economia, Legislação, em nível macro e micro para poder planejar as aulas.

Até aquele momento, início da década de 1980, a História da Educação estava ainda longe dos interesses da professora. Ao acompanhar seus passos no Colégio de Aplicação, no Instituto de Educação Flores da Cunha e na Faculdade de Educação/UFRGS, observo que a sede por conhecimento, pela busca por outros espaços na Educação foram elementos constantes em seu itinerário. Deste modo, experimentou, com afinco, o que lhe foi apresentado como possibilidades de aprimoramento intelectual. Chama a atenção que, mesmo graduada em História, não se inseriu no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, unidade da UFRGS a qual se vincula o

10

Bastos (1999) explica que um grupo grande de professores ministrava a disciplina de Estrutura e Funcionamento: Marlou Pellegrini, Eliane G. Silva, Ilza Jardim, Tereza Lovatel, Anamaria Colla, Vera Pureza, Maria Estela Franco, Maria Ercília Freitas. Estes atuavam de forma homogênea, tendência da época, a partir do livro-texto elaborado por alguns desses professores, intitulado “Ensino de 1º e 2º Graus: estrutura e funcionamento” (1979), a partir de uma visão sistêmica da organização educacional brasileira.

SUMÁRIO

Curso de História, e, sim, se manteve firme na Educação, aliando, na medida do possível, essas duas grandes áreas: Educação e História.

A década de 1970 terminara e novos ares de abertura política se anunciavam no país. Naquele contexto, Maria Helena tornou-se docente da Faculdade de Educação da UFRGS, logo em seguida, com dedicação exclusiva. Concomitantemente a isso, em 1981, decidiu pelo Curso de Mestrado em Educação. Trata-se de mais um ponto de virada, pois representou o início do efetivo investimento na titulação que lhe qualificaria como pesquisadora ativa em Programas de Pós-graduação em Educação, outro lugar do qual nunca mais se afastou. Inscreveu-se no PPGEDU/UFRGS, na área de Planejamento da Educação. Maria Helena avalia o quanto foi significativo voltar efetivamente a estudar. Foi orientada pela professora Arabela Campos Oliwen, referência no campo da Sociologia da Educação.

Antes de iniciar efetivamente o Mestrado, esteve, no verão de 1982, em estágio de aperfeiçoamento no *Centre International D Études Pédagogiques*, em Sévres/França. Neste estágio, pode conhecer melhor o sistema educacional francês, visitou vários estabelecimentos de ensino, como ela diz: “além do que significa uma viagem de estudos, ampliação de conhecimento, representou uma grande vivência pessoal, de ampliação de mundos, de reformulações de posturas e perspectivas de vida” (Bastos, 1999, p.182).

Sua Dissertação de Mestrado, intitulada “Os Deserdados da Educação Brasileira: análise das expectativas da clientela aos exames supletivos” (1984), investiga o ensino supletivo como parte da política de Educação voltada a pessoas excluídas da escola regular. Considero que a realização desse estudo, ainda que na perspectiva teórica da Sociologia da Educação, talvez intuitivamente, tenha aproximado Maria Helena da pesquisa em História da Educação, à qual logo iria se engajar. O interesse pelo ensino supletivo na dissertação trouxe para o debate um tema próprio da História da Educação, pois entrevistou quarenta pessoas, em suas histórias de vida, e, assim,

SUMÁRIO

investigou suas trajetórias antes, durante e depois dos exames. Importante lembrar que, naquele ano, a História da Educação estava em afirmação como área de pesquisa no país.

Neste sentido, cabe destacar que o Grupo de Trabalho de História da Educação da ANPED (GT2) foi formado no mesmo ano da sua defesa da Dissertação de Mestrado, 1984, na sétima Reunião Anual da ANPED, em Brasília, sendo um marco da estruturação do campo nos programas de pós-graduação em Educação no país. A partir daquele ano, a professora começou a participar de eventos científicos com o objetivo de apresentar os resultados da pesquisa, bem como fez publicações em revistas acadêmicas.

Maria Helena expressa um reconhecimento à Arabela, por ter sido uma grande incentivadora para que continuasse sua formação como pesquisadora, ou seja, estimulou-a a fazer o Curso de Doutorado em Educação. Tinha algumas convicções: fazer o doutorado fora da UFRGS, lugar onde esteve desde 1966, como uma quase necessidade de se arriscar em outros espaços acadêmicos. Após algumas buscas, optou pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, pois lá havia uma Linha de Pesquisa intitulada História e Filosofia da Educação. Portanto, em 1988, iniciou o Doutorado¹¹, com o projeto de pesquisa: *"Uma leitura do pensamento político-pedagógico rio-grandense: três décadas da REVISTA DO ENSINO (1939-1978)"*. Além de definir a área de História da Educação, havia também estabelecido a intenção de produzir uma Tese identificada com a Educação rio-grandense. Escolheu investigar um tema inusitado até então: o percurso desse periódico tão importante para a História da Educação do Rio Grande do Sul. Nos dois primeiros anos, fez deslocamentos constantes para São Paulo, seus filhos eram pequenos, não poderia fazer longas ausências, ela se refere a esse período como "doutorado da vida".

11

Ao ingressar no Doutorado, sob orientação do Professor Celso de Rui Beisiegel, ficou acordado que, no momento oportuno, passaria para a orientação da Professora Dra. Marta Maria Chagas de Carvalho, pelas vinculações com a área de conhecimento da pesquisa.

SUMÁRIO

A imersão no Programa de Pós-graduação em Educação da USP, nessa linha de pesquisa, foi um acontecimento na constituição da intelectual Maria Helena. Esteve em contato com pensadores, tais como Adorno, Benjamin, Habermas, Horkheimer, Marcuse, Giroux, Ortiz, Rouanet. Apronfundou seus estudos dos trabalhos de Michel Foucault, sobretudo leu as obras *Vigiar e Punir*, *A História da Loucura*, *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, *A Microfísica do Poder*, *A Arqueologia do Saber*, que lhe permitiram melhor entender o papel de disciplinamento e modelização de dispositivos como a imprensa pedagógica, e apontavam caminhos sobre a análise do discurso do periódico.

Em meio à realização da Tese de Doutorado, estive, mais uma vez, na França, em estágio realizado no *Service d'Histoire de l'Éducation (SHE)*, entre janeiro e fevereiro de 1990, sob orientação de Pierre Caspard, coordenador do SHE e da linha de pesquisa: *A Imprensa da Educação e do ensino do século XVIII a 1940*. A experiência possibilitou conectar-se às as novas tendências que marcaram a produção historiográfica francesa desde então, identificadas à História Cultural. Assim, a doutoranda tomou contato com importantes referenciais, pelas leituras de Jacques Le Goff, Pierre Nora, Paul Veyne, Robert Darnton, Roger Chartier, entre outros.

No retorno para o Brasil, a continuidade dos estudos no Doutorado a aproximou do que vinha sendo produzido no campo da historiografia da educação brasileira, sobretudo pesquisas sobre imprensa pedagógica, seu tema de investigação. Um marco disso é a publicação do livro “Educação em Revista: Imprensa Periódica e História da Educação”, organizado por ela e por Denice Catani, docente da USP, que reuniu pesquisas realizadas na França, Portugal e Brasil (1997), ainda hoje uma referência no tema, tendo capítulos de Antonio Nóvoa e Pierre Caspard.

Após o exame de qualificação, quando examinou 200 números publicados da Revista do Ensino, decidiu privilegiar o estudo

SUMÁRIO

da primeira fase do periódico, entre 1939 e 1942, proceder a análise de cada uma das etapas editoriais, identificar similitudes, continuidades, rupturas editoriais, estabelecendo relações com o momento histórico, em perspectiva nacional e regional. A preocupação principal foi articular a Revista do Ensino ao projeto de reconstrução nacional do Estado Novo, procurando entender como a proposta político-pedagógica de renovação educacional se vinculava, através da Revista, aquele projeto. A Tese intitulada "O Novo e o Nacional em *REvista: A Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul (1939-1942)" foi defendida em 1994.

Concluído o Doutorado, Maria Helena integrou-se efetivamente ao campo de estudos da História da Educação, em ascensão nas universidades brasileiras. Havia chegado o momento de afastar-se da área de Administração da Educação e construir outros vínculos acadêmicos. Assim, no ano seguinte, 1995, prestou concurso para professora titular¹² de História da Educação na Faculdade de Educação/UFRGS, numa evidente intenção de investir no campo ao qual se engajou durante o Curso de Doutorado. Em suas palavras, aquela foi "uma nova *estação* de vida profissional. O gosto pelo ensino e pesquisa na área de História da Educação provocou o *desejo* e a necessidade de buscar maior identidade com a área" (Bastos, 1999, p.183). Aprovada em primeiro lugar, o próximo passo foi o cadastramento como professora do Programa de Pós-graduação em Educação, com vistas a começar efetivamente a formar novos pesquisadores na área. Tive o privilégio de estar no primeiro grupo de seus orientandos. De forma intuitiva, licenciada em História, eu buscava a História da Educação para seguir estudando, embora não entendesse ao certo o que significava produzir uma Dissertação de Mestrado. Ao ingressar como discente do PPGEDU/UFRGS, lembro, ainda hoje, da orientadora, uma grande entusiasta da História da

12

De acordo com a legislação vigente da promoção funcional à época, a titularidade era obtida por meio de concurso público. Assim, houve concurso para Professor Titular em História da Educação. Esses concursos poderiam ser disputados por docentes de qualquer área. Era necessário passar pelas etapas de prova escrita, defesa da produção intelectual, quando o memorial acadêmico era avaliado, bem como ministrar uma aula de um dos temas previstos no concurso.

SUMÁRIO

Educação, que me provocava: “por que não pesquisas a Educação Rural do RS? Ninguém pesquisou esse tema”. E assim, acatando o que a mestra dizia, produzi a dissertação “Vozes esquecidas em horizontes rurais: memórias de professores”, defendida em 2001.

Maria Helena Bastos, ao ser aprovada, em primeiro lugar, como professora titular de História da Educação, assumiu a disciplina História da Educação no Brasil nos cursos de licenciatura. Na súmula do plano de ensino de 1995, aparece a intenção de articular os processos educativos ao processo histórico brasileiro. A bibliografia ocupa cinco páginas repletas de autores brasileiros do campo de pesquisa em Educação, mas também intelectuais cujos trabalhos analisavam criticamente o Brasil e sua história. Há uma forte presença de professores da USP entre os autores indicados e é notável a atualidade da bibliografia, em que predominam estudos dos anos 1980 e 1990. Em termos gerais, mantiveram-se os mesmos autores já citados e acrescentaram-se Adorno, “Os aprendizes do poder”, Alfredo Bosi, “A dialética da colonização”, Marta Carvalho, “A Escola e a República”, Denice Catani, entre outros organizadores, “Universidade, escola e formação de professores”, Carlos Cury, “Ideologia e Educação brasileira”, Jorge Nagle, “Educação e Sociedade na Primeira República”, Dermeval Saviani e Anísio Teixeira, esses dois com várias obras. Vale o destaque para textos de duas professoras da Faculdade de Educação, Guacira Louro, “História, Educação e Sociedade no RS” e Arabela Oliven, “A paroquialização do ensino superior”. A menção a essas referências bibliográficas é um indicativo da qualificação da professora, Doutora em Educação, e também da importância que a História da Educação vinha adquirindo no cenário acadêmico nacional e internacional que se manifestava nas escolhas de leituras que constam no plano em questão (Almeida e Gil, 2024).

Aquela segunda metade da década de 1990 foi um tempo precioso para a História da Educação. É preciso destacar o engajamento de Maria Helena e outros colegas da área, Elomar Tambara (UFPel), Flavia Werle e Lucio Kreutz (Unisinos), Beatriz Fischer

SUMÁRIO

(UFRGS), Jorge Cunha (UFSM) em constituir a Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação, a ASPHE, a primeira do país, que atualmente conta com trinta anos de existência. Como ação da ASPHE, a criação de uma revista científica com o objetivo de reunir estudos da área e ampliar o escopo de presença da História da Educação no meio acadêmico. Maria Helena esteve ativamente envolvida com a entidade, desde sua criação. A ASPHE conserva seu lugar de precursora como entidade representativa de pesquisadores em História da Educação, pois apenas em 2000 criou-se a Sociedade Brasileira de História da Educação, entidade a qual Maria Helena também muito colaborou.

Um aspecto recorrente em seu itinerário é a busca pelo diálogo, em perspectiva de internacionalização, desde quando era professora do Colégio de Aplicação. Ela destaca em seu memorial o convite, em 1996, para ser *Maître de Conference*, junto à Universidade René Descartes, em Paris/França, como um reconhecimento de seu percurso docente e acadêmico. Em todos os anos como professora, foram muitas as viagens para fora do Brasil, com o objetivo de estudo, sobretudo para França e, nos últimos anos de profissão, para a Itália. E, nessas viagens, sempre procurou estabelecer relações com outros pesquisadores, captar artigos para a Revista História da Educação, produzir entrevistas com pesquisadores de destaque. Agiu sistematicamente em prol da Revista, colaborando muito para que hoje ela se mantenha como periódico de excelência acadêmica.

Entretanto, quando parecia que tinha alcançado um lugar na UFRGS do qual não se afastaria tão cedo, novas mudanças se anunciaram. Durante os dois governos do Presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), introduziram-se políticas neo-liberais no país que atingiram as universidades públicas. Instituiu-se uma revisão constitucional que mudaria as regras de aposentadoria do funcionalismo público federal, o que significava o risco de perda de várias conquistas, as quais a categoria docente havia lutado intensamente. Naquele contexto, muitos professores universitários aceleraram seus

SUMÁRIO

processos de aposentadoria. Maria Helena diz que aquela foi uma “decisão difícil e muito dolorosa, pois não me sentia preparada e, acima de tudo, sentia-me iniciando um vida profissional. Assim, como poderia pensar em aposentar-me? Mas, a questão financeira falou mais alto” (Bastos, 1999, p.184). Desse modo, em 1997, aposentou-se do serviço público, embora tenha permanecido ativa no PPGEDU. Entretanto, o futuro imediato lhe reservava outras surpresas. No mesmo ano, passou a integrar o corpo docente da Universidade de Passo Fundo, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Educação, recém iniciado. Alguns anos depois, atuou no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, por pouco tempo, pois logo migrou para a Pontifícia Universidade Católica, instituição a qual se manteve credenciada ao Programa de Pós-graduação até 2021. Nos dois anos seguintes, permaneceu vinculada ao CNPq, como pesquisadora, e, em 2023, decidiu que era o momento de se afastar de modo mais efetivo da vida acadêmica.

Figura 4 - 22º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Historiadores da Educação – Bagé (2016)¹³



Fonte: Arquivo pessoal de Tatiane de Freitas Ermel.

13

Da esquerda para direita, no primeiro plano: Lucas Costa Grimaldi, Gabriela Mathias de Castro, Maria Helena Camara Bastos, Alice Rigoni Jacques, Carolina Asti Severo e Eduardo Hass da Silva. No segundo plano, da esquerda para direita: Tatiane de Freitas Ermel, Luciane Sgarbi Grazziotin e Giane Lange do Amaral.

SUMÁRIO

Entre 1973 e 2023, passou-se meio século. Foram cinquenta anos de atividade profissional na trajetória de Maria Helena Bastos. Quando ela iniciou as atividades docentes, o Brasil enfrentava o pior momento da ditadura civil-militar. À medida que foi se experimentando em outros desafios, como professora e pesquisadora, o Brasil recuperou a democracia, embora a Lei da Anistia tenha perdoado a todos, vítimas da ditadura e torturadores. Promulgou-se a Constituição Federal de 1988, a “Constituição Cidadã”, mas, logo em seguida, emergiram as pautas neo-liberais nos anos 1990. A partir de 2002, os governos do Partido dos Trabalhadores promoveram, não sem conflitos, tempos de maior esperança para as universidades públicas, mas, em 2016, a Presidente Dilma sofreu um processo de *impeachment*, diante de um golpe jurídico-parlamentar. Nos últimos anos de atividade docente de Maria Helena, o Brasil teve um governo identificado às políticas da extrema direita e, em 2023, a eleição, mais uma vez, do Presidente Lula. Estruturalmente, entre avanços e retrocessos, este foi o tempo da trajetória intelectual da professora Maria Helena.

Destes cinquenta anos, mais de trinta e cinco tiveram a UFRGS como lugar de trabalho e de estudo. O tempo passou e Maria Helena investiu em seu crescimento intelectual. Trata-se de uma mulher extremamente engajada e entusiasmada nos diferentes espaços de atuação em que esteve: o Colégio de Aplicação, os Cursos de Mestrado e Doutorado em Educação, a Faculdade de Educação/UFRGS e as outras instituições de ensino superior em que trabalhou, após a aposentadoria da UFRGS. A partir do fim dos anos 1990, quando começou a orientar mestrandos e doutorandos, formou uma quantidade expressiva de pesquisadores em História da Educação que, hoje, atuam em diversas instituições educativas, da escola básica ao ensino superior, muitos deles ativos pesquisadores em História da Educação. Fico a pensar se o melhor da trajetória não é isso, ou seja, perceber que aquilo que foi ensinado, de muitas formas, se espalha pelas novas gerações, ressoa nos temas de pesquisa, nos

SUMÁRIO

modos de orientar, na alegria e vibração pela vida acadêmica, sem desconsiderar as dificuldades que existem. Entendo que este seja o maior legado que a professora Maria Helena Bastos nos deixa.

O estudo dos diferentes espaços de experiência vividos pela professora, nos mundos do trabalho e do estudo, permite identificar o que chamei de *pontos de guinada* no itinerário. Retomo alguns aqui: o fato de ter sido aluna de escolas públicas - o Pio XII e o Colégio de Aplicação - o convite para ser professora polivalente do Colégio de Aplicação, a atividade no Laboratório de Ensino Superior que lhe encaminhou para a docência na Faculdade de Educação, a realização da Dissertação de Mestrado em um tema que acenava para a História da Educação, o tempo em que estive na USP como aluna do Curso de Doutorado em Educação, as viagens de estudo para a França, o concurso para professora titular de professora de História da Educação (Faced/UFRGS) e, não menos importante, os mais de vinte e cinco anos em que formou mestres e doutores na UFRGS, UPF e PUCRS.

Quando se narra a história de alguém, passados, presentes e futuros se atravessam, o tempo todo. Carregamos na pele muitas camadas de tempo, como estratos de experiência que coexistem em permanente ajustamento. O passado habita no nosso presente, o tempo histórico se materializa no nosso corpo, nas nossas rugas, como "cicatrices nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido" (Koselleck, 2006, p. 13).

Encerro este texto, procurando imaginar Maria Helena, a olhar para o mar, a cada amanhecer, a cada anoitecer, em Torres, *a mais bela praia do Rio Grande do Sul*, lugar que ambas amamos. Ao mirar o movimento das ondas, ela reflete sobre o tempo, "transcorrendo, transformando, tempo e espaço navegando em todos os sentidos"¹⁴. Nessas meditações, mistura lembranças vividas, escolhendo umas,

SUMÁRIO

mais felizes, esquecendo outras, que ainda podem trazer tristeza, tendo como expectativa o tempo além de nós mesmos, o tão incerto futuro, o qual ela refere como o “imponderável”. Ela pergunta, no passado e no presente: “Como será o amanhã?” Talvez a comoção diante da beleza e infinitude do mar lhe ofereça respostas, as ondas que vão e que vêm mostram que a mudança é a grande condutora da nossa existência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. “Ainda tem o seu perfume pela sala”: um encontro com o arquivo pessoal da professora Zillah Totta. **Revista História da Educação**, v. 2029, 2025, p. 1-24.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; GIL, Natalia de Lacerda. História da Educação na formação em Pedagogia: análise dos planos de ensino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil, 1969-2024). **Revista Paradigma**, volume XLV, set. 2024, p. 1-28.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação**. Porto Alegre: Letra 1, 2021.

ALVES, Claudia. Jean François Sirinelli e o político como terreno da História Cultural. *In*: LOPES, Eliane Marta e FARIA F, Luciano Mendes de (org.). **Pensadores sociais e História da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BASTOS, Maria Helena e ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Tempo passado, tempo presente: memórias de alunas da classe experimental secundária do Colégio Pio XII (Porto Alegre/RS – 1962-1965). *In*: DALLABRIDA, Norberto (org.). **“Brechas no monopólio educacional”: classes secundárias experimentais e inovação do ensino secundário nos anos 1950 e 1960**. Curitiba: Editora Appris, 2023.

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice. R.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. 2. 368 p.

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni e ALMEIDA, Dóris (orgs.) **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013 (volume 1).

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara, Idiossincrasias de uma professora. *In*: RAYS, Oswaldo Alonso. (Org.). **Trabalho pedagógico: realidades e perspectivas**. Porto Alegre: Sulina, 1999, v. 1, p. 165-193.

BASTOS, Maria Helena Camara. Entrevistas concedidas ao Centro de Memórias da Faculdade de Educação/UFRGS, 2012, 2015 e 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara; CATANI, Denice Barbara. (org.) **Educação em Revista: Imprensa Periódica e História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

BARAUSSE, Alberto. **A pesquisa em História da Educação**. Entrevista com Maria Helena Camara Bastos. Espaço, Tiempo e Educacion, v. 4, 2017.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Diálogos com Maria Helena Camara Bastos: a experiência do dizer frente à memória de uma historiadora brasileira da educação. **Revista História da Educação**, v. 27, 2023.

BUFFA, O público e o privado na educação brasileira do século XX. *In*: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena (org.) **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

GONÇALVES, Dilza Porto. **A instrução pública, a educação da mulher e a formação de professores nos jornais partidários de Porto Alegre/RS (1869-1937)**. 2013. 310 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006

LIMA, Valeska Alessandra de e ALMEIDA, Dóris Bittencourt. O Colégio de Aplicação/UFRGS e a difusão das classes experimentais secundárias: entre o arquivo e a memória oral (1959-1981). **Revista História da Educação**, v. 22, n. 56. set./dez. 2018, pp. 207-227.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas** (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

2

Tatiane de Freitas Ermel

TRANSNACIONALIDADE E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:

PERCEPÇÕES SOBRE O PERCURSO
DE UMA PESQUISADORA
BRASILEIRA (1982-2025)

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.2

*Existem seres que justificam o mundo,
que ajudam a viver somente com sua
presença (Albert Camus, 2003. p. 39).*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Início a escrita deste capítulo com uma citação do livro “O Primeiro Homem”¹, de Camus, pois considero que tanto a aquisição, como a leitura desta obra me fizeram rememorar e refletir sobre minha relação com a Maria Helena Camara Bastos, considerando, entre outros aspectos, a transnacionalidade e a internacionalização da/na história da educação.

Em 2009, durante um período de três meses de estágio que fiz na Universidad Nacional de La Plata (UNLP/Argentina), Maria Helena ministrou um seminário na Pós-graduação² e, em uma tarde de primavera, caminhando pelas ruas cheias de livros que ilustram a vida de uma bela cidade universitária, ela me disse que “O primeiro homem” era muito bom, e então o comprei. Comecei a leitura, porém logo a interrompi, e, como tantos outros livros, permaneceu por muitos anos nas estantes de minhas diferentes casas e, depois, ficou guardado em caixas na casa da minha mãe, até que foi *escolhido a dedo* no final de 2023 para viajar comigo à Espanha, onde resido desde 2019.

Não irei me estender sobre o romance, já conhecido mundialmente, mas gostaria de chamar atenção para uma questão que atravessa a vida de muitas pessoas: a importância que um professor pode exercer na vida dos seus alunos, como foi o caso do “Querido Sr. Germain”, professor na escola primária, na vida de Camus. Sem dúvida, o contato com esta obra, seguida imediatamente da leitura

1 Traduzido do espanhol: El primer hombre. Tusquets Editores, Argentina, 2003.

2 O seminário “Intelectuales y Universidad en la Historia de la Educación y la Cultural Occidental” foi ministrado na Universidad Nacional de Plata, em setembro de 2009.

SUMÁRIO

de “Cartas ao professor Germain”³, que relata o reencontro e a correspondência entre Camus e seu professor, Louis Germain, durante um período de quase 15 anos (1945-1959), me fizeram (re) pensar nos tantos “filhos de alma” que são frutos das relações entre Mestres e estudantes e que marca a minha relação com Maria Helena ao longo de mais de duas décadas, desde que iniciei como bolsista de Iniciação Científica (IC) na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 2005⁴.

Tentando se afastar, quando possível, das relações pessoais descritas acima, o presente estudo investe em uma tentativa de analisar a trajetória internacional da professora e pesquisadora em questão, centrando especial atenção na difusão do conhecimento pedagógico e da história transnacional da educação (Roldán; Fuchs, 2019). Neste sentido, a abordagem toma como base a constituição de espaços transnacionais e as distintas formas de apresentação, como são as redes pessoais, os estudos sobre a recepção e influências estrangeiras, a cooperação institucional através de convênios, projetos, publicações, organização e participação em eventos internacionais.

- 3 A edição lida em espanhol foi: *Cartas a mi maestro. Fragmentos seleccionados y correspondencia entre el Premio Nobel francés y su maestro*. Barcelona, Plataforma Editorial 2022.
- 4 Fui bolsista de Iniciação Científica entre os anos de 2005 e 2008, primeiro na modalidade BPA/PUCRS, depois BIC/Fapergs e, por dois anos, do CNPq. Também gostaria de destacar alguns colegas com quem convivi durante os cursos de graduação, mestrado e doutorado, alguns ainda compartilho trabalhos e amizades, e que iniciaram suas trajetórias científicas durante o período que Maria Helena foi docente na PUCRS (2002-2019): Fernanda de Bastani Busnello (2003-2005), Elizandra Ambrosio Lemos (2004-2005), Maria Helena Furlan Ibias (2006), Camila Schaefer da Silveira (2007), João Pastronini da Rocha (2006-2007), Juliana dos Santos Rocha (2008-2009), Morgana Rocha dos Santos (2010) e Sabrina Alencastro Ferreira (2010), que foram estudantes da Faculdade de Educação/PUCRS. Sabina Ferreira Alexandre Luz (2006), Rodrigo Prates da Cunha (2008), Julia Martins (2010), Lucas Costa Grimaldi (2011), Pricila Silveira Baum (2011), Pietro Gabriel dos Santos Pacheco (2012-2013), Milene Moraes de Figueiredo (2012-2015), Sílvia Maria Ribeiro (2012), Gabriela Mathias de Castro (2013-2016), Eduardo Hass da Silva (2014), Julia de Oliveira Freitas (2015-2016), Juliana Prestes (2016-2017), Laura Della Méa Hanemann (2016), Carolina Kley (2016), Carolina Asti Severo (2016-2017), Vinicius Terra (2017-2018) foram estudantes da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS. Maria Helena também recorda outros bolsistas de IC que teve na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Simone Bambi; Lenice Santini, (1998-1999); Leticia Godoy (2000). Na Universidade de Passo Fundo, recorda de Bianca Faccioni (1999-2002); Márcia Tanabé (1999), Lucreti (2000). Lamentavelmente não foi possível recordar todos.

SUMÁRIO

A proposta principal consiste em abordar a constituição da pesquisadora internacional no âmbito da história da educação, assim como a sua inserção e a permanência como colaboradora em Universidades, Centros de Investigação e grupos de pesquisa internacionais. Também, considero a sua capacidade de atração de pesquisadores colaboradores e professores estrangeiros e a interrelação com as possibilidades de bolsas e financiamentos no âmbito brasileiro e no exterior. Para tanto, a metodologia desenvolvida neste estudo tenta conciliar diferentes documentos e bases de dados. Em um primeiro momento, realizei a leitura do seu Memorial, que foi apresentado para o concurso de professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1995 e revisado em três ocasiões: em 1999, 2002 e 2009⁵. Em seguida, consultei entrevistas, uma delas realizada pelo professor e pesquisador italiano Alberto Barausse (2017), da Universidade de Molise e, a outra, realizada por Marcus Levy Bencostta (2023), professor e pesquisador brasileiro, da Universidade Federal do Paraná. Com intuito de analisar a produção científica internacional, o currículo Vitae, disponível na Plataforma Lattes, foi um espaço privilegiado, demonstrando uma fonte singular para o acesso aberto e abrangente dos currículos acadêmicos brasileiros.

POLÍTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO E O INÍCIO DE SUA TRAJETÓRIA NO EXTERIOR

Tal como dito anteriormente, a proposta deste estudo consiste em abordar a internacionalização a partir do sujeito e das redes pessoais que marcam um dos aspectos da transnacionalidade em

5 Em 1999 o Memorial foi revisado para compor a obra coletiva organizada por Oswaldo Alonso Rays, intitulada: *Trabalho pedagógico: realidades e perspectivas*. Em 2002, foram acrescentados dados e observações para a apresentação de um Memorial para o Concurso de seleção de professor para o Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e, em 2009, o texto foi retomado.

SUMÁRIO

história da educação. Para isso, inicio com algumas perguntas: como podemos situar, quantitativamente e qualitativamente, as publicações de Maria Helena no exterior? De que forma sua produção em periódicos científicos, congressos e livros internacionais estiveram vinculados aos seus estágios no exterior, projetos e grupos de trabalho? Em quais idiomas estão publicados seus trabalhos e quem foram os seus parceiros de escrita fora do Brasil? Qual foi o impacto das traduções realizadas por ela para história da educação brasileira? No entanto, antes de tentar responder tais questionamentos, considero necessário situar alguns elementos-chave sobre a conjuntura política educacional e universitária brasileira, que se configuraram a partir da segunda metade do século XX e que, de certo modo, influenciam a sua trajetória, assim como a de outros pesquisadores brasileiros.

Em linhas gerais, situo a criação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 1951, assim como a criação de duas residências universitárias brasileiras na Europa (1959 e 1962), que são referências na educação superior e internacionalização brasileira até os dias atuais. O movimento desenvolvimentista brasileiro empreendido pelo Governo de Juscelino Kubistchek (1956-1961), vislumbrado por uma série de acontecimentos que marcaram o campo educativo brasileiro, se consolidam com a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1961. Neste contexto, temos a constituição das bases para a projeção da ideia de universidade brasileira, que se consolida com criação da Universidade de Brasília (UnB), idealizada por Darcy Ribeiro e reitor entre 1963 e 1965. Anterior a isso, foi no começo do segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), que temos o início das atividades da CAPES, em 1951, instituição vinculada ao Ministério de Educação e Cultura e idealizada, entre outros nomes importantes, por Anísio Teixeira. Segundo Teive (2007), o principal objetivo da Capes era investir na capacitação de professores de nível superior por meio da concessão de bolsas de estudo no Brasil e no exterior, com uma significativa atuação no âmbito da pós-graduação.

SUMÁRIO

Seguindo essa linha de institucionalização da pós-graduação e da internacionalização das universidades, cabe sinalizar que o governo brasileiro investiu na criação de duas residências universitárias na Europa: a primeira delas em 1959, a Maison du Brésil, situada na Cité Internationale Universitaire de Paris. Nesta mesma conjuntura, também foi negociada a compra do terreno para a construção da Casa do Brasil na Cidade Universitária de Madrid, sendo a residência inaugurada em junho de 1962 (Araújo, 2012, Ermel; Igelmo, 2022). Ambas as residências marcaram a projeção acadêmica e cultural do Brasil no exterior, sendo reconhecidas internacionalmente por suas arquiteturas modernistas e por uma série de eventos que ultrapassam as questões acadêmicas e abrangem elementos culturais, sociais e artísticos que intensificam as relações entre Brasil-França⁶ e Brasil-Espanha. Tal como veremos a seguir, as relações Brasil-França marcam profundamente a trajetória internacional de Maria Helena, especialmente através de estágios, produções científicas, participações em eventos e traduções. Ainda, gostaria de destacar que as relações Brasil-Espanha são, também, parte de minha trajetória acadêmica e profissional que, estimulada por Maria Helena, teve início em 2014-2015 com um estágio de doutorado sanduíche na Universidad Complutense de Madrid.

A área de história da educação se ampliou com a expansão da Pós-Graduação no Brasil a partir dos anos 1970, especialmente com a criação do Grupo de Trabalho (GT) História da Educação, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPEd, em 1984. Também podemos sinalizar a disseminação de grupos de pesquisa vinculados ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), coordenado por Dermeval Saviani, desde 1986, a fundação da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação/ASPHE (1995) e a fundação da Sociedade Brasileira de História

6

As relações acadêmicas e científicas entre França-Brasil podem ser analisadas em: Araújo (1973); Carelli; Théry e Zantman (1987); Carelli (1989); Hambúrguer *et al.* (1996).

SUMÁRIO

da Educação/SBHE, em 1999, tendo se filiado à *Association internationale pour l'histoire de l'éducation/ISCHE* nos anos 2000 (Bastos, 2016)⁷.

As marcas das políticas de internacionalização da educação superior no Brasil apontam para a trajetória de Maria Helena, ainda como professora do Colégio de Aplicação (UFRGS), atividade que exerceu entre 1973 e 1982. Segundo seu Memorial (1999), no verão de 1982, ela realizou um estágio de aperfeiçoamento para administradores da Educação no Centre International *D'Études Pédagogiques, em Sévres/França*⁸. De 5 de janeiro a 21 de fevereiro, estudou sobre o sistema educacional francês e visitou estabelecimentos de ensino, sendo que este período significou para ela uma ampliação para além dos conhecimentos acadêmicos, ou seja, foi uma "experiência pessoal de reformulações de posturas e de perspectivas de vida". Após esse primeiro movimento de estudos no exterior, em março de 1982 ela iniciou o curso de Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1982-1984)⁹. Finalizado o curso de mestrado, Maria Helena manifesta o seu desejo de realizar um doutorado pleno no exterior, mas questões familiares não permitiram naquele momento e, por isso, decide cursar o Doutorado em Educação na Universidade de São Paulo, em 1988 (Memorial, 1999)¹⁰. Segundo ela, o objeto definido para a sua tese, *a Revista do Ensino*, foi fundamental para a realização de um segundo estágio fora do Brasil, entre 2 de janeiro e 28 de fevereiro de 1990. Dessa vez, esteve vinculada ao *Service d'Histoire de l'Éducation* (INRP/França), sob orientação de Pierre

7 Vários estudos foram empreendidos sobre a produção e circulação do conhecimento no âmbito da história da educação. Na última década, podemos destacar: Hofstetter et al, 2014; Hernández Huerta, Cagnolati e Diestro, 2015; Sani, 2015; Brandini e Polenghi, 2017; Hernández Huerta, Cagnolati e Payà, 2022; Pinto Ribeiro, Baptista e Ribero Alonso, 2022; Payà e Hernández Huerta, 2023.

8 Sobre os pesquisadores brasileiros no centro entre 1945-1971, ver Bastos 2019.

9 Dissertação de mestrado: "Os Deserdados da Educação Brasileira: análise das expectativas da clientela aos exames supletivos" (1984).

10 A Tese intitulada "O Novo e o Nacional em *REvista*: A *Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul (1939-1942)" foi defendida em 1994.

SUMÁRIO

Caspard, que era coordenador do Service D'histoire de L'éducation (SHE) e da linha de pesquisa "A imprensa da Educação e do Ensino do século XVIII a 1940".

As relações com a França foram marcantes em sua trajetória como professora do Colégio de Aplicação (1982), como professora universitária e estudante de Doutorado (1990) e, alguns anos depois, já como docente titular em História da Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No ano de 1996, foi convidada como *Maître de Conference* junto à Universidade René Descartes/Paris e no *Service D'histoire de L'éducation* para realizar um período de estágio de três meses, consolidando, assim, suas relações com a França como marca de sua trajetória acadêmica internacional.

Figura 1 - Maria Helena Camara Bastos (Sorbonne, Paris, 2015)



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Helena Camara Bastos.

Um ano depois, em parceria dos colegas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), especialmente Elomar Calegari Tambara, Maria Helena esteve à frente da criação da primeira revista

SUMÁRIO

especializada de História da Educação em língua portuguesa, que teve o lançamento do seu primeiro número em 1997¹¹. Na revista, fomentou uma série de traduções de trabalhos inéditos no Brasil e, seguindo a linha de internacionalização, trabalhou para a captação de artigos de autores internacionais e a divulgação da revista no exterior, sendo o periódico uma referência internacional até hoje.

Ainda no final da década de 1990, Maria Helena iniciou uma participação significativa e que foi constante durante seu percurso como pesquisadora, em eventos internacionais, como foi o caso da primeira edição do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado na cidade de Lisboa/Portugal, em 1996. Dois anos depois, em 1998, ela participou do XX International Conference for the History of Education. XX International Conference for the History of Education, realizado em Courtrai, Bélgica, e do IV Congresso Ibero-Americano de História da Educação, realizado em Santiago do Chile.

Pouco mais de uma década após a defesa de sua tese, no ano de 1999, Maria Helena submeteu um projeto de pós-doutoramento à Capes, intitulado: "A educação no campo das relações Brasil-França: a viagem das ideias pedagógicas, das práticas educativas e escolares (1860-1900)". O estágio, realizado entre dezembro de 1999 e janeiro de 2001, junto ao *Département de Mémoire de l'éducation/Service d'Histoire de l'Education* (INRP/França), foi supervisionado novamente por Pierre Caspard. Podemos dizer que as frentes desenvolvidas por Maria Helena para a internacionalização da história da educação brasileira foram variadas e estiveram marcadas pelo olhar atento sobre a circulação de ideias pedagógicas, os estudos sobre as influências francesas no Brasil, a discussão da história da educação como disciplina acadêmica e campo de investigação. Também

11 O primeiro número da revista História da Educação foi lançada no evento de 1997 da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), criada dois anos antes, ou seja, em 1995. Sobre a revista e demais periódicos especializados em história da Educação no Brasil, ver: Bastos, Quadros e Stephanou (2015); Bastos e Ermel (2015); Bastos; Gatti Jr.; Gondra; Vieira (2019), Ermel e Gatti (2023).

SUMÁRIO

podemos observar a sua participação em inúmeros eventos e congressos, engajamento em grupos e projetos de pesquisa, traduções e publicações em revistas e editoras internacionais.

A CONSOLIDAÇÃO DE UMA PESQUISADORA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Analisar a carreira internacional de Maria Helena nas últimas décadas não consiste em uma tarefa simples, tampouco inédita. O professor e pesquisador italiano, Alberto Barausse, ao iniciar a entrevista que realizou com ela durante seu período de estágio como professor visitante na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015-2020), destaca que o percurso da historiadora da educação gaúcha representa uma metáfora da evolução e da internacionalização da pesquisa¹²:

Fica difícil entender o perfil de Maria Helena Camara Bastos sem inscrever-lo na evolução que a história da educação experimentou a nível global nas últimas décadas. No rico e articulado caminho profissional da docente brasileira pode refletir-se uma significativa parte da história da educação. Com certeza o percurso da historiadora da educação gaúcha representa em muitos aspectos uma metáfora do processo de internacionalização da pesquisa (Barausse, 2017).

Retomando o balanço que foi realizado no artigo: “O que é a história da educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão”, publicado

12

A entrevista, publicada originalmente na revista *Espacio, Tiempo y Educación* (2017) foi reeditada na obra organizada por Antonella Cagnolati e José Luis Hernández Huerta, intitulada: *In the Footsteps of the Masters: Interview with the History of Education* (2021). A obra reúne uma série de 21 entrevistas com pesquisadores de reconhecido prestígio internacional.

SUMÁRIO

em 2016 no periódico *Espacio, Tiempo y Educación*, Maria Helena elenca os desafios da história da educação brasileira diante do crescente processo de internalização da pesquisa em nossa área. Sinaliza que é necessário uma maior visibilidade, quantitativa e qualitativa, de pesquisadores brasileiros nas publicações estrangeiras (Bencostta, 2023). Esse processo, que vem sendo pautado no Brasil pelas sucessivas normas da Capes e do CNPq, apresenta-se através de, pelo menos, dois aspectos principais. Por um lado, temos as exigências cada vez mais acirradas, de publicações de pesquisadores brasileiros em revistas e editoras de prestígio e impactos internacionais, tais como Scopus, Web of Science, JCR, entre outras. Por outro, as revistas brasileiras vêm refinando a exigência de um percentual de autores vinculados a instituições estrangeiras e idiomas de publicação, priorizando, em grande medida, a Língua Inglesa como idioma de circulação internacional. Esse cenário, mais recente no Brasil e não isento de críticas sobre as desigualdades do mercado editorial internacional e os recursos para pesquisa e publicações, vem sendo (im)posto como um modelo de internacionalização, predominando, em grande medida, a Língua Inglesa e as revistas/editoras do universo anglo-saxão.

Buscando uma aproximação da sua produção internacional, centrei o olhar para os periódicos, as editoras, os idiomas, as temáticas e as parcerias de autoria, com o intuito de mapear indícios do seu itinerário transnacional, que foi iniciado em uma época de uma menor exigência e cobrança em nossa área. Uma das principais formas de internacionalizar a pesquisa em história da educação brasileira, já sinalizado em outros estudos, foi a constante relação que Maria Helena fez em suas pesquisas entre o local, regional, nacional e internacional, assim como a recepção e circulação de ideias pedagógicas. Além de seus diferentes períodos de estágio no exterior, desde os anos 1980, também podemos sinalizar os seus esforços, e em colaboração com outros colegas, para promover na publicação nacional a participação de autores estrangeiros, como foi a obra o caso da “Educação em Revista: Imprensa Periódica e História

SUMÁRIO

da Educação”, organizado em parceria com Denice Catani, reunindo estudos de França, Portugal e Brasil, com capítulos de Antonio Nóvoa e Pierre Caspard¹³.

Fruto de seus diferentes períodos de estágios na França e, consequente, de seu conhecimento linguístico e uma disposição na difusão do conhecimento, o trabalho de Maria Helena na tradução de artigos de autores franceses na revista *História da Educação* foi, sem dúvida, uma de suas principais contribuições para a internacionalização da história da educação brasileira. Entre os anos de 2001 e 2010, como docente da PUCRS e editora da revista *História da Educação*, ela traduziu 13 trabalhos de pesquisadores franceses e 1 documento, ou seja, uma média de 1,4 por ano. Na lista de traduções empreendidas, além de contar com estudos de seu supervisor na França, Pierre Caspard, cabe sinalizar outros pesquisadores, mais ou menos conhecidos no cenário internacional, como: Anne-Marie Chartier, Alain Choppin, Annie Bruter, Patrick Dubois; Jean Hébrard, Martinie Brunet, Christophe Charle; Philippe Savoie e Renaud d’Enfert.

As traduções abordaram diferentes temáticas e priorizam, sobretudo, o marco temporal da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, que são mais frequentes na história da educação internacional¹⁴. As temáticas são variadas como por exemplo: o dicionário de instrução primária de Fernand Buisson (1878-1911); o método silábico e o método global; livros e manuais escolares; profissão docente e o instituto francês para formação de professores; os intelectuais contemporâneos (1860-1898); igreja, religião, ensino elementar e laicização do ensino; o ensino do desenho no século

13 Em novembro de 2025 a obra está em 2º lugar no perfil *Google Scholar* com o descritor “Maria Helena Camara Bastos”, com 306 citações. Outra obra de referência que foi organizada no Brasil em parceria com Ana Chryстина Mignot e Maria Teresa Santos Cunha é *Refúgios do eu*, e que conta com importantes autores estrangeiros e também está na lista entre os 10 primeiros, com 99 citações.

14 A análise do marco temporal nas revistas especializadas em história da educação é um dos temas tratados no projeto (2020-2024) *Connecting History of Education*, e que pode ser acessado através da ferramenta Hecumen, disponível em: <https://journals.hecumen.com>

SUMÁRIO

XIX; balanço sobre a historiografia francesa, dentre outros. Ainda, é importante analisar o impacto destas traduções para a circulação de conhecimento em nossa área. A consulta realizada em seu perfil em *Google Scholar*, de suas três produções mais citadas, duas são fruto das traduções publicadas na revista *História da Educação*: em primeiro lugar está "O historiador e livro escolar" de Alain Choppin (citado por 432) e, em terceiro lugar, "O manual escolar: uma falsa evidência histórica", do mesmo autor, com 217 citações¹⁵.

No que se refere às publicações de artigos e capítulos de livros em revistas e editoras sediadas no exterior, também podemos dizer que foram uma marca de seu engajamento para a internacionalização da história da educação. Em um período de pouco mais de 30 anos, entre 1991 e 2025, ela publicou, como primeira ou única autora, 15 artigos científicos 17 capítulos de livros no exterior, ou seja, uma média de 0,94 publicação internacional/ano. Isso demonstra o estabelecimento de laços e redes de pesquisa transnacionais de forma constante e um esforço empreendido por uma história da educação plurilíngue, pois os idiomas de publicação no exterior foram variados entre: português, espanhol, inglês e francês.

Das suas publicações em periódicos internacionais¹⁶, das mais antigas às mais recentes, são: *Histoire de l'éducation*, Paris (2000 e 2009); *Revista Portuguesa de Educação*, Portugal (2002); *Paedagogica Historica*, Alemanha (2005); *Foro de Educación*, Espanha (2011 e 2014); *History of Education & Children's Literature*, Itália (2015, 2017, 2019 e 2021); *Archivos de Ciencias de la Educación*, Argentina (2016); *Espacio, Tiempo y Educación*, Espanha (2016) e *Bildungsgeschichte: International Journal for the Historiography of*

15 Dados são referentes ao acesso ao Google Scholar em novembro de 2025, que computa um total de 4.012 citações com o descritor "Maria Helena Camara Bastos". Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?user=tbzNLkAAAAJ&hl=pt-BR>

16 Também cabe dizer que Maria Helena integrou os comitês editoriais de quatro periódicos científicos internacionais, desde 2010: *Foro de Educación* (Espanha); *Espacio Tiempo y Educación* (Espanha); *History of Education & Children's Literature* (Itália) e *Rivista di Storia dell'Educazione* (Itália).

SUMÁRIO

Education, Alemanha (2019). As temáticas publicadas são variadas, merecendo destaque para suas primeiras publicações que estiveram, em grande medida, vinculadas às linhas de pesquisas em estágios realizados na França, como: Ferdinand Buisson e a recepção das suas ideias pedagógicas no Brasil; a arte de governar-se e educar-se através do estudo de Marc-Antoine Jullie (1775-1848); o Jornal das famílias no Brasil (1863-1878); o ensino mútuo; a formação de professores e os Congressos de Instrução Pública no Brasil.

Podemos observar que, em 9 artigos publicados em revistas internacionais, Maria Helena é a única autora e, dos 6 publicados com parcerias, ela assina como primeira autora em dois deles e conta, sobretudo, com parceiros brasileiros: Ilza Rodrigues Jardim, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Décio Gatti Junior, da Universidade Federal de Uberlândia; José Gonçalves Gondra, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Carlos Eduardo Vieira, da Universidade Federal do Paraná; Maria Stephanou, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também, conta com co-autorias de ex-orientandos, que se transformaram em colegas de pesquisa, como é o caso de Claudemir Quadros, da Universidade Federal de Santa Maria; Dóris Bittencourt Almeida, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e Luciane Sgarbi Grazziotin, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Entre os co-autores internacionais em periódicos científicos do exterior, conta com Alberto Barausse, da Universidade de Molise/Itália.

Apesar da temática sobre imprensa pedagógica e estudantil seguir como um mote de suas publicações mais recentes, podemos verificar que, a partir de 2015, Maria Helena também centra suas publicações no exterior realizando balanços e discussões acerca da produção e circulação da história da educação brasileira. Esse deslocamento se deve, em grande medida, a sua participação no grupo de pesquisa *Connecting History of Education*, coordenado por José Luís Hernández Huerta, Universidad de Valladolid, Espanha, e Antonela Cognolatti, da Universidade de Foggia, Itália, que trata das redes

SUMÁRIO

internacionais e formas de difusão em história da educação em nível global em três pontos principais: periódicos especializados, sociedades científicas e congressos. Nesse marco, o pesquisador espanhol realizou diferentes períodos de estágios sob a supervisão de Maria Helena na PUCRS, entre 2016-2018, sendo dois deles financiados pelo Programa de Cooperação Internacional da Universidad Valladolid.

Ainda examinando a sua produção em periódicos científicos internacionais, podemos verificar que, a partir de 2015, houve um deslocamento em sua produção para temas vinculados à história da escola e da imprensa italiana no Brasil, que emanam, dentre outras coisas, do período de estágio do pesquisador italiano Alberto Barausse, da Universidade de Molise, como professor visitante na PUCRS (2015-2020). Nesta conjuntura, também podemos destacar o período de estágio realizado por Maria Helena na Universidade de Macerata, em 2016, e as pesquisas realizadas no *Centro di documentazione e ricerca sulla storia del libro scolastico* (CESCO). Na ocasião, ela também ministrou aulas na pós-graduação em duas disciplinas: "História da educação brasileira entre os séculos XIX e XX" e "Ensino, História da educação brasileira entre os séculos XIX e XX". Ainda, não podemos deixar de citar a participação mais recente de Maria Helena ao grupo de pesquisa do CNPq projeto "TRANSFOPRESS Brasil – Grupo de Estudos da Imprensa em língua estrangeira no Brasil"¹⁷, uma rede de pesquisadores sediada na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) e que congrega pesquisadores de várias instituições brasileiras e estrangeiras, sendo coordenado por Valéria Guimarães (UNESP) e Tania Regina de Luca (UNESP), com o projeto "A imprensa étnica italiana em Porto Alegre/RS: o jornal Stella d'Italia (1902- 1925)", juntamente com Alberto Barausse.

17

Vinculado à rede internacional *TRANSFOPRESS – Transnational Network for the study of foreign language press*, sob coordenação geral de sua idealizadora, Profa. Dra. Diana Cooper-Richet do *Centre d'Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines – Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines* (CHCSC-UVSQ).

SUMÁRIO

No que diz respeito à sua produção de capítulos de livros publicados no exterior no período entre 2002 e 2025, os países recorrentes são: Espanha (9), Argentina (3), França (3) e Itália (2). Assim como o caso dos artigos, Maria Helena figura como única ou primeira autora na maioria dos capítulos publicados fora do Brasil (13). As co-autorias mais recorrentes são comigo, em dois capítulos publicados na obra editada pelo professor aposentado José María Hernández Díaz (2015), pela editora da Universidad de Salamanca. Também podemos citar a entrevista realizada por Alberto Barausse, que foi editada em formato de capítulo de livro, na obra recentemente organizada por José Luís Hernández Huerta e Antonela Cagnolati. Em parceria com Vânia Grimm Thies e Luciane Sgarbi Grazziotin, Maria Helena publicou sobre a trajetória da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (1995-2021), na editora Tirant Universidades, de Valência (Espanha)¹⁸.

As temáticas desenvolvidas nestes capítulos estão, de certo modo, próximas às principais linhas de pesquisa que foram desenvolvidas pela professora durante sua trajetória: impressos, imprensa pedagógica e imprensa estudantil; ego-documentos; estudos e balanços sobre constituição, produção e circulação da história da educação no Brasil. No entanto, podemos destacar a difusão de outras linhas e projetos de pesquisa, como foi o caso do capítulo sobre história da educação superior brasileira, publicado na obra organizada por Maria Cristina Vera de Flachs (2013) sobre a história das universidades latino-americanas e sobre o projeto coordenado por Maria Helena, com apoio do CNPq entre 2008-2019, sobre a história da educação da imigração alemã, através da história da Associação Mantenedora e do Colégio Farroupilha, que foi publicado no idioma francês na obra *Éduquer dans e hors l'école. lieux et milieux de formation. XVII-XX siècle*, organizado por Bruno Garnier e Pierre

18

A obra é fruto do projeto Connecting History of Education. Redes globales de comunicación y colaboración científicas e a obra foi organizada por José Luis Hernández Huerta e Antonela Cagnolati e Andrés Payà-Rico.

SUMÁRIO

Kahn. Ainda, o capítulo sobre o *Pedagogium*, o museu pedagógico brasileiro (1890-1919), foi publicado no idioma italiano, na obra organizada por Alberto Barausse, Valeria Viola e por mim (2020), que versa sobre o patrimônio histórico-educativo em perspectiva internacional e conta com a participação de colegas da Itália, Brasil, Espanha e Portugal.

Esse balanço sobre a produção e circulação do conhecimento em história da educação em perspectiva internacional, em forma de artigos, capítulos de livros e traduções, não poderia estar desconectada da intensa circulação que ela fez em eventos internacionais, desde a década de 1990. Em seu currículo Plataforma Lattes, os trabalhos completos, resumos expandidos e resumos publicados em anais de eventos remonta um total de 178, no período compreendido entre 1985-2021. A participação em congressos internacionais contabiliza, pelo menos, 36 publicações, ou seja, aproximadamente 20% dessa produção, com destaque para sua participação mais recorrente no Congresso Luso Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), *International Standing Conference for History of Education* (ISCHE) e o *Congreso iberoamericano de Historia de la Educación* (Cihela).

Também cabe explicitar que Maria Helena participou em inúmeros eventos de menor porte no exterior, tais como encontros, jornadas, colóquios e também congressos organizados por grupos e sociedades científicas nacionais. Esses eventos possibilitaram inúmeros contatos, novas parcerias e avanços da pesquisa em nossa área no Brasil, como por exemplo: *Journée d'étude sur Ferdinand Buisson* (2000, Paris); o *Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita* (Madrid, 2001); *Congreso Internacional Textos, Autores y Bibliotecas*, (Córdoba/Argentina, 2008); *I Encontro Iberoamericano de Museos Pedagógicos e Museólogos da Educación* (Santiago de Compostela/Espanha, 2008); *Colloque international Éducation et identités: perspectives historiques* (Paris/França, 2013); *Colloque 'Histoire des éducations dans et hors l'école'* (Córsega/Itália, 2014);

SUMÁRIO

II Jornadas Científicas Internacionales: Prensa pedagógica y patrimonio histórico educativo (Salamanca/Espanha, 2015); *Simposio de Historia de la Educación La Pedagogía ante la muerte: reflexiones e interpretaciones en perspectivas histórica y filosófica* (Valladolid/Espanha, 2015); *Prospettive Incrociate Sul Patrimonio Storico Educativo Crossing Perspective on Historical Educational Heritage* (Campobasso/Itália, 2018); *Sociedad Española de Historia de la Educación/SEDHE* (Vigo, 2019); *International Conference The school and its many pasts. School memories between social perception and collective representation* (Macerata/Itália, 2022).

A MODO DE CONCLUSÃO

Para finalizar a escrita deste capítulo, gostaria de expressar dois pontos que considero importantes na trajetória transnacional de Maria Helena e o seu êxito no processo de internacionalização da história da educação. O primeiro deles foi a sua vontade, planejamento e os resultados vinculados aos seus diferentes períodos de estágio no exterior, iniciado a princípios da década de 1980, que apontam para o seu interesse e desejo pessoal, assim como o estudo rigoroso e uma intensa programação de pesquisa e visita a diferentes centros e universidades internacionais. Nesta conjuntura, ela estabeleceu relações e parcerias que culminaram, conforme exposto anteriormente, na participação intensa e constante em congressos, eventos, projetos, grupos e publicações em diferentes periódicos e editoras internacionais. Também promoveu o acesso ao conhecimento de forma aberta e gratuita através do seu trabalho intensivo na tradução de referentes franceses para a história da educação brasileira e demais países de Língua Portuguesa, que usufruem seu conhecimento linguístico e de seu labor voluntário. Tratando ainda da questão do idioma, a professora constituiu-se em um referente

SUMÁRIO

para a história da educação plurilíngue, pois sua produção internacional está pautada pela diversidade: português, inglês, espanhol, francês e italiano, promovendo assim diálogos constantes no cenário ibero-americano e da Europa Mediterrânea.

O segundo aspecto que queria sinalizar consiste em seu entusiasmo, comprometimento, ética e responsabilidade para a promoção da história da educação brasileira no cenário internacional, assim como a recepção de ideias, pessoas e conhecimentos do exterior no Brasil. Seu olhar esteve sempre atento para a circulação de ideias, as publicações sobre novos temas e objetos de pesquisa, que consistiu, ao longo de sua trajetória, em uma presença marcante em eventos internacionais, de forma assídua desde a primeira hora da manhã. Da mesma forma, cabe assinalar o seu empenho na captura democrática de artigos e trabalhos internacionais de pesquisadores, que estavam em diferentes fases de suas carreiras, para a revista História da Educação. Também realizou uma série de esforços para difusão da mesma revista, com uma bagagem pesada de exemplares, impressos em papel, levando o periódico à inúmeros contextos internacionais. Igualmente, promoveu o conhecimento internacional através de publicações e promoção de resenhas de obras estrangeiras no Brasil e facilitou o acesso à sua biblioteca de obras internacionais aos seus orientandos, colegas e demais interessados.

Além disso, Maria Helena é considerada uma grande estimuladora de estágios e pesquisas no exterior, salientando sempre a importância dos compromissos e da ética acadêmica, como, por exemplo, o uso responsável dos recursos públicos/institucionais, em forma de bolsas ou auxílios a viagens. Também, prima pelo equilíbrio da vida acadêmica, às questões mundanas e os prazeres cotidianos, como preparar a mala e organizar a documentação para viagens, destacando a importância do tempo para o desfrute com passeios, jantares, encontros e confraternizações com colegas e amigos que foram se consolidando ao longo desse caminho de mais de 40 anos de trabalho, amizades e produções internacionais.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos da Silva. **L'Influence française sur la culture brésilienne, sur la pharmacie et sur la médecine en particulier**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpia Ed, 1973.

ARAÚJO, Ricardo. **Os tempos de uma casa**. 50 anos da Casa do Brasil em Madrid. 1. ed. Brasília, DF: LabPam, 2012.

BANDINI, Gianfranco; POLENGHI, Simonetta (Eds.). **Enlarging One's vision 2**. Strumenti per la ricerca educativa in ambito internazionale. p. 29-32. Milano: EDUCatt, 2017.

BARAUSSE, Alberto. A pesquisa em História da Educação. Entrevista com Maria Helena Camara Bastos. **Espacio, Tiempo y Educación**, v. 4, 2017, p. 1-17. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14516/ete.2017.004.001.169>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos & MIGNOT, Ana Cristina Venâncio. (orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

BASTOS, Maria Helena Camara; ERMEL, Tatiane de Freitas. História da Educação. ASPHE/Brasil. In: HERNÁNDEZ HUERTA, José Luis; CAGNOLATI, Antonela; DIESTRO, Alfonso (Eds.). Connecting History of Education. **Scientific Journals as International Tools for a Global World**. Salamanca: FahrenHouse, 2015, p. 83-93. Disponível em: <https://www.fahrenheit.com/omp/index.php/fh/catalog/book/14>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara, Idiossincrasias de uma professora. In: RAYS, Oswaldo Alonso. (Org.). **Trabalho pedagógico**: realidades e perspectivas. Porto Alegre: Sulina, 1999, v. 1, p. 165-193.

BASTOS, Maria Helena Camara; CATANI, Denice Bárbara. (org.) **Educação em Revista: Imprensa Periódica e História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

BASTOS, Maria Helena Camara. Reflets du Brésil no Centre internacional d'études pédagogiques/Ciep (Sèvres/França - 1945- 1971). In: BOTO, Carlota; AQUINO, Júlio Groppa (orgs.) **Democracia, Escola e Infância**. São Paulo: USP/Faculdade de Educação, 2019. p. 123-151.

BASTOS, Maria Helena Camara. O que é a história da educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. **Espacio, Tiempo y Educación**, v. 3, n. 1, p. 43-59, jan., 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14516/ete.2016.003.001.4>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara; QUADROS, Claudemir; STEPHANOU, Maria. Revista História da Educação da ASPHE/RS (Brasil): compartilhando estudos e pesquisas desde 1997. **History of Education & Children's Literature**, Macerata-Italia, v. 10, n. 1, p. 57-63, Ene. 2015.

BASTOS, Maria Helena Camara; GATTI Jr., Décio; GONDRA, José Gonçalves; VIEIRA, Carlos Eduardo. The processes of internationalization of History of Education journals in Brazil (1997-2016). **Bildungsgeschichte: International Journal for the Historiography of Education**, v. 9, p. 156-170, 2019.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Diálogos com Maria Helena Camara Bastos: a experiência do dizer frente à memória de uma historiadora brasileira da educação. **Revista História da Educação**, v. 27, p. 1-45, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/125867>. Acesso em: 15 ago. 2025.

CAGNOLATI, Antonella; HERNÁNDEZ HUERTA, José Luis. **In the Footsteps of the Masters**: Interview with the History of Education, Roma: Tab edizioni, 2021.

CAMUS, Albert. **El primer hombre**. Argentina: Tusquets Editores, 2003.

CAMUS, Albert. **Cartas a mi maestro**. Fragmentos seleccionados y correspondencia entre el Premio Nobel francés y su maestro. Barcelona: Plataforma Editorial 2022.

CARELLI, Mario; THÉRY, Hervé; ZANTMAN, Alain. **France-Brésil**: bilan pour une relance. Paris: Ed. Entente, 1987.

CARELLI, Mario. **France-Brésil**: cinq siècles de séduction. Rio de Janeiro: Editora Espaço Tempo, 1989.

ERMEL, Tatiane de Freitas; IGELMO, Jon Zaldívar. Os colegios mayores como espaço de modernização do ensino superior espanhol na década de 1960: o caso do colegio mayor universitario Casa do Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, p. 1-26, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270046>. Acesso em: 1 ago. 2025.

ERMEL, Tatiane de Freitas; GATTI, Jr., Décio. A difusão do conhecimento científico em periódicos de história da educação na América Latina (1997-2020). In: PAYÀ-RICO, Andrés; HERNÁNDEZ HUERTA, José Luis (Eds.). **Conectando la historia de la educación**: Tendencias internacionales en la investigación y difusión del conocimiento. Barcelona: Octaedro, 2023, p. 143-154.

SUMÁRIO

HAMBÚRGUER, Amélia Império; DANTES, Maria Amélia M.; PATY, Michel & PETITJEAN, Patrick (orgs.). **A Ciência nas relações Brasil-França (1850- 1950)**. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996.

HERNÁNDEZ HUERTA, José Luis; CAGNOLATI, Antonela; DIESTRO, Alfonso (Eds.). Connecting History of Education. **Scientific Journals as International Tools for a Global World**. Salamanca: FahrenHouse, 2015. Disponível em: <https://www.fahrenhouse.com/omp/index.php/fh/catalog/book/14>. Acesso em: 20 ago. 2025.

HERNÁNDEZ HUERTA, José Luis, SANCHIDRIÁN BLANCO, Carmen, PAYÀ RICO, Andrés. El mapa internacional de las revistas de Historia de la Educación. **Bordón. Revista de Pedagogía**. Madrid, v. 71, n. 4, 2019, p. 45-64. Disponível em: DOI: <https://www.doi.org/10.13042/Bordon.2019.69624>. Acesso em 17 jun. 2024.

HOFSTETTER, Rita; FONTAINE, Alexandre; HUITRIC, Solenn; PICARD, Emmanuele. Mapping the discipline history of education. **Paedagogica Historica**. Berlin, v. 50, n. 6, p. 871-880, Sep. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00309230.2014.948017>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PAYÀ-RICO, Andrés; HERNÁNDEZ HUERTA, José Luis (Eds.). **Conectando la historia de la educación**: Tendencias internacionales en la investigación y difusión del conocimiento. Barcelona: Octaedro, 2023.

PINTO RIBEIRO, Cláudia; BAPTISTA, Eva; MORENO ALFONSO, José António; ROCHA, Juliana (Coords.). **A investigação em história da educação**. Novos olhares sobre as fontes na era digital. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2022, p. 23-32.

ROLDÁN, Vera; FUCHS, Eckhardt. The transnational in the History of Education. *In*: ROLDÁN, Vera; FUCHS, Eckhardt. **The transnational in the History of Education**. Concepts and perspectives. Londres: Palgrave Macmillan, p. 1-47, 2019.

SANI, Roberto. (Ed.). Monograph: The role of scientific journals in the development and internationalization of historical and educational research. **History of Education & Children's Literature**, Macerata-Italia, v. 10, n. 1, 9-10, Ene. 2015.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.



3

Marcus Levy Bencostta

FRONTEIRAS PERMEÁVEIS: CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA CULTURAL DA EDUCAÇÃO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.3

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Maria Helena Camara Bastos é uma renomada historiadora e educadora brasileira cuja trajetória acadêmica foi profundamente transformada pela tradição intelectual francesa. Essa formação moldou não apenas seus pressupostos teóricos, mas sua abordagem singular ao estudo da História da Educação brasileira, particularmente através do pensamento de grandes teóricos franceses que se tornaram interlocutores constantes em sua obra.

Mais significativo ainda: sua atuação transcendeu os limites de uma carreira individual. Maria Helena converteu-se em catalisadora de um intercâmbio cultural e intelectual que enriqueceu profundamente a pesquisa brasileira. Ao introduzir conceitos inovadores — aqueles que havia absorvido e reformulado na França — abriu canais por onde circulassem livremente diversas correntes de pensamento, demonstrando que a pluralidade teórica é a própria riqueza do conhecimento.

Protagonista de uma história inspiradora: a de uma pesquisadora que não apenas edificou sua trajetória intelectual, mas foi fundamental na consolidação da História da Educação como campo epistemologicamente legitimado no Brasil. Sua obra caracteriza-se por uma articulação sofisticada entre três movimentos: o rigor metodológico que confere solidez a cada investigação, a sensibilidade historiográfica que transfigura documentos em tesouros vivos de significado, e uma disponibilidade genuína para o diálogo internacional — tecendo pontes criativas com centros de excelência europeus e latino-americanos.

Este capítulo percorre as fronteiras permeáveis que ela construiu ao estabelecer uma abordagem original da História Cultural da Educação Brasileira, iluminando as relações epistemológicas

SUMÁRIO

que teceu com pensadores franceses renomados e reconhecendo, igualmente, outras contribuições intelectuais que caracterizaram sua trajetória.

Suas escolhas — desde o início de sua carreira até a atuação em diferentes instituições — consolidaram uma produção intelectual marcada pela análise da imprensa educacional, dos impressos pedagógicos, dos métodos de ensino no século XIX e da constituição de sujeitos e práticas escolares no Brasil. Essa amplitude testemunha uma pesquisadora em constante movimento, que compreende a educação como fenômeno social, cultural e político historicamente situado. Seu legado continua a redefinir nossa compreensão da história educacional brasileira e a inspirar novas gerações de estudiosos.

DA FRANÇA AO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE PONTES INTELECTUAIS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Dentre os vários intelectuais franceses que cruzaram a trajetória de nossa pesquisadora, selecionamos aqueles que consideramos ter exercido influência mais decisiva na construção do arcabouço argumentativo que fundamentaria sua formação e consolidaria sua posição no campo da historiografia educacional. Essa seleção não é meramente arbitrária, mas responde a uma lógica precisa: identificar aqueles pensadores e instituições que não apenas forneceram ferramentas conceituais e metodológicas, mas que também modelaram sua forma de interrogar a história, de problematizar fontes e de articular questões de pesquisa com rigor e sofisticação intelectual.

SUMÁRIO

Não se trata, simplesmente de uma transmissão linear de conhecimentos, mas de um processo de interlocução intelectual onde modelos, práticas e perspectivas foram absorvidos, questionados e, posteriormente, adaptados ao contexto específico da historiografia educacional brasileira. Essa tradição francesa — enraizada numa longa história de investigação rigorosa sobre a educação, suas instituições, seus atores e seus documentos — ofereceu não apenas respostas prontas, mas, sobretudo, formas mais sofisticadas de formular perguntas pertinentes e de construir objetos de pesquisa historicamente significativos.

A importância dessas influências reside também numa dimensão frequentemente negligenciada: a constituição de um *habitus* intelectual. Os intelectuais franceses com os quais nossa pesquisadora dialogou encarnavam uma certa maneira de ser pesquisador — uma postura de rigor, de diálogo crítico com as fontes, de abertura para questões interdisciplinares, e de compromisso com a construção coletiva do conhecimento através de grupos de pesquisa, seminários e publicações especializadas. Essa dimensão performativa da transmissão intelectual transcende a mera apropriação de conceitos ou técnicas; ela envolve a internalização de valores epistemológicos e éticos que guiam a prática investigativa e moldam a identidade profunda do pesquisador.

Assim, compreender a contribuição francesa para a formação de Maria Helena significa reconhecer que sua pesquisa não apenas se beneficiou de ferramentas metodológicas e arcabouços teóricos específicos, mas que sua própria identidade como pesquisadora foi constituída através de um diálogo profundo e transformador com uma tradição intelectual que transcende as fronteiras nacionais. É nessa tessitura de influências, apropriações e reelaborações que reside a originalidade singular de seu projeto historiográfico e sua capacidade de articular uma visão transformadora para o campo educacional brasileiro.

SUMÁRIO

PIERRE CASPARD E A ARQUEOLOGIA DA IMPRENSA EDUCACIONAL

Uma primeira abordagem particularmente significativa refere-se à parceria que Maria Helena estabeleceu com o historiador Pierre Caspard, então diretor do *Service d'Histoire de l'Éducation* (SHE) do *Institut National de Recherche Pédagogique* (INRP) e fundador da *Revue Histoire de l'Éducation*. Em 1990, Caspard acolheu Maria Helena em seu grupo de pesquisa dedicado à história da imprensa pedagógica na França — oportunidade que não apenas consolidou sua inserção na tradição intelectual francesa, como também aprofundou as relações que já mantinha com centros de excelência europeus.¹

Segundo relato da professora Eliane Marta Teixeira Lopes, que realizou seus estudos de pós-doutorado no *Service d'Histoire de l'Éducation* do INRP entre 1986 e 1988, a imprensa pedagógica constituía-se como uma das fontes mais ricas e fecundas para a investigação histórica da educação na França, revelando-se particularmente significativa para a compreensão da história dos conteúdos e dos métodos de ensino (Lopes, 1988, p. 33).

Desde então, Maria Helena demonstrava interesse pelos estudos de Pierre Caspard acerca da imprensa pedagógica (1981, 1984a, 1984b, 1986). Movida pela busca de maior refinamento metodológico para sua pesquisa de doutorado (Bastos, 1994), encontrou nesses trabalhos fundamentos que, mais tarde, sustentariam seu diálogo mais estreito com a tradição francesa.

Sua tese intitulada “O Novo e o Nacional em Revista: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)”, analisou como se arti-

1 Em 1982, Maria Helena concluiu um estágio de aperfeiçoamento para administradores da educação no *Centre International d'Études Pédagogiques* (Sèvres, França), cujo programa incluía o estudo do sistema educacional francês e visitas a diversos estabelecimentos de ensino daquele país. (Bencostta, 2023, p. 7)

SUMÁRIO

culavam, naquele periódico, o projeto de reconstrução nacional do Estado Novo e a proposta político-pedagógica de renovação educacional rio-grandense, destacando as noções de novo e nacional que permeavam seu discurso. Nesse contexto, os estudos de Caspard despertaram nela interesse particular, justamente por tratarem a imprensa pedagógica periódica como objeto e fonte privilegiada para a História da Educação.

Segundo, propunha Maria Helena, a imprensa pedagógica, como fonte documental, devia submeter-se ao crivo de uma adequada crítica, revelando-se particularmente significativa pela dimensão dos projetos de intervenção que nela se articulam. Prescrevendo determinadas práticas, veiculando valores e normas de conduta, construindo representações do social, a imprensa pedagógica afigura-se como fonte privilegiada para a História da Educação — instrumento através do qual se pode compreender como políticas públicas se materializam em práticas escolares concretas e como ideologias políticas se enraízam no cotidiano educacional, moldando subjetividades e orientando projetos de futuro. (Bastos, 1984, p. 18-19)

Aproveitando sua estadia em Paris, em 1996, como *Maître de Conférences* da *Université Paris-Descartes* (atual *Université Paris Cité*) e o acesso direto aos acervos do INRP, Maria Helena dedicou-se a investigar a introdução do método de ensino mútuo no Brasil — pesquisa cujos resultados foram posteriormente publicados em artigo (Bastos, 1997).

Podemos considerar que do ponto de vista metodológico, ela se inspirou na experiência de Pierre Caspard ao organizar o *Répertoire analytique* (Caspard, 1981, 1984a, 1986, 1991) — obra que materializava de forma sofisticada como a tradição francesa de pesquisa oferecia modelos, ferramentas e inspirações capazes de capacitar a historiografia educacional brasileira a reconhecer lacunas em sua própria prática e empreender projetos de investigação de envergadura comparável.

SUMÁRIO

Foi assim que, em meados da década de 2000, Maria Helena utilizou essa produção francesa para alertar a comunidade acadêmica brasileira sobre uma ausência que até então havia permanecido invisível: o Brasil carecia de um repertório sistemático, compreensivo e rigorosamente catalogado da imprensa educacional brasileira.

Enquanto a França, através do trabalho monumental de Caspard e seus colaboradores durante vinte e cinco anos, conseguiu catalogar 3.741 periódicos educacionais em oito volumes com quase cinco mil páginas, cobrindo o período que vai de 1768 a 1990 — o Brasil permanecia (e permanece) órfão de instrumento equivalente. Sem esse inventário, afirmou Maria Helena, os pesquisadores brasileiros encontravam-se irremediavelmente enredados numa fragmentação que permeia todo o campo: coleções dispersas pelos corredores de diferentes bibliotecas e arquivos, ignorância sobre a verdadeira extensão do universo da imprensa educacional brasileira, e a impossibilidade quase intransponível de tecer pesquisas sistemáticas e comparativas que enfim trouxessem clareza ao tema.

Muitas vezes, a pesquisa histórica torna-se difícil e limitada tanto pelo desconhecimento dos documentos disponíveis, como pela inadequada catalogação e conservação. Nesse sentido, um repertório é um importante instrumento de trabalho para o pesquisador, pois inventaria um determinado tipo de fonte de pesquisa e sinaliza onde encontrá-la [...] com a ampliação da pesquisa em História da Educação, torna-se imprescindível a realização de um estado da arte que analise os estudos que utilizam a imprensa de educação e de ensino como fonte e como objeto de investigação (Bastos, 2007, p. 166; 168).

Ao convocar para esses projetos, Maria Helena articulava uma visão de futuro para a historiografia educacional brasileira que se desdobrava em múltiplas dimensões entrelaçadas. Sua iniciativa não apenas fortalecia a pesquisa em História da Educação, mas também a enraizava em grupos, associações e sociedades que lhe

SUMÁRIO

conferiam legitimidade e sustentação institucional — criando alicerces capazes de apoiar as gerações vindouras.

Simultaneamente, e com notável ousadia intelectual, defendeu a ideia de que a pesquisa brasileira poderia trilhar os caminhos das grandes tradições internacionais — especialmente a francesa — elevando nossa produção ao nível de um diálogo fecundo com saberes já consolidados e reconhecidos.

Mas esta sua visão não se limitava ao simples alinhamento com a academia francesa, pois, ao pluralizar as vozes que ecoavam no campo através de repertórios cuidadosamente regionalizados, dava voz às particularidades geográficas e culturais que teciam a identidade de nossa historiografia. Simultaneamente, promovia uma reflexão crítica sobre as próprias práticas da disciplina, interrogando-as constantemente à luz do estado da arte — numa postura reflexiva que marcava, já naquela época, sua maturidade intelectual.

DA HISTÓRIA DO IMPRESSO ÀS ESCRITAS ORDINÁRIAS: ROGER CHARTIER, JEAN HÉBRARD E ANNE-MARIE CHARTIER E A RENOVAÇÃO DA HISTÓRIA CULTURAL

A contribuição teórica de Roger Chartier à obra de Maria Helena manifesta-se de forma paradigmática nos estudos sobre a história do impresso e da circulação das práticas culturais (Chartier, 1976, 1985, 1987, 1990, 1992). O autor - professor emérito do *Collège de France*, destacado representante da tradição dos *Annales* e pesquisador vinculado por décadas à *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) - desenvolveu uma reconceitualização fundamental da noção de representação. Este conceito axial em sua

SUMÁRIO

construção de uma história cultural do social demanda a análise dos processos socioculturais através dos quais agentes históricos elaboram significados sobre o mundo, em uma prática hermenêutica necessariamente situada e atravessada por relações de poder. Desse modo, as representações, elaboradas mediante estratégias discursivas e relações de poder (sobretudo as dos grupos dominantes), atuam como dispositivos simbólicos que produzem, contestam e legitimam a ordem social.

Nessa perspectiva teórica, Maria Helena destacou-se por mobilizar com rigor analítico o conceito de discurso como prática cultural e construção histórica, entendendo-o como produto de complexos processos sociais de significação. Sua investigação, fundamentada em um extenso corpus documental - abrangendo livros, impressos, periódicos, boletins, cadernos escolares e práticas de leitura, com recorte temporal privilegiando os séculos XIX e XX -, posicionou a cultura escrita como categoria central para a análise histórica (cf. referências bibliográficas ao final do capítulo). Essa abordagem metodológica permitiu à autora transcender a análise convencional das reformas legais educacionais, investigando de forma sistemática os suportes materiais, práticas sociais e configurações textuais que estruturam e ressignificam os discursos pedagógicos.

Uma outra interlocução teórica foi aquela estabelecida com Anne-Marie Chartier² e Jean Hébrard³, que juntos publicaram uma das obras mais interessantes sobre a História Social da Leitura. Ao analisar um conjunto diversificado de fontes — desde discursos

2 Doutora em Educação pela *Université Paris V*. Sua trajetória inclui passagens como docente na prestigiosa *École Normale de Versailles* e no *Institut Universitaire de Formation de Maîtres de Versailles*, além de atuar como pesquisadora e *Maître de Conférences* no SHE do INRP. Atualmente, dedica-se à pesquisa como associada do *Laboratoire de Recherche Historique Rhône-Alpes* (LARHRA) e da *École Normale Supérieure de Lyon* (ENS Lyon), onde continua a contribuir para os estudos em História da Educação.

3 Jean M. Hébrard é historiador da cultura, atualmente codiretor do *Centre de Recherches sur le Brésil colonial et contemporain* na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris e *Visiting Professor* na *Johns Hopkins University* (Departamento de História).

SUMÁRIO

eclesiásticos até representações visuais de obras de arte — conseguiram capturar a complexidade da relação entre a leitura e a sociedade na França ao longo de mais de um século (Chartier; Hébrard, 1989). Sua contribuição fundamental reside na problematização de um paradoxo que permeia a história cultural ocidental: aquilo que antes era percebido como ameaça tornou-se, gradualmente, virtude desejada.

Ao analisar o discurso escolar, os autores revelam a tensão permanente entre ideais pedagógicos ambiciosos e realidades pragmáticas que marcaram o sistema educativo francês por séculos. O ensino manteve um ideal elevado e praticamente invariável da leitura, concebida como ferramenta de cultivo espiritual e formação integral do cidadão republicano. Esse projeto grandioso — “um povo, uma nação, uma língua, uma escola” — refletia a exaltação revolucionária que via nela um instrumento de emancipação coletiva.

Por mais que instituições — Igreja, Estado e Escola — tentassem controlá-la conforme seus interesses, as práticas de leitura permaneceram irredutíveis, mantendo intacta sua capacidade de surpresa, desvio e emancipação. Nesta tensão irreconciliável entre prescritores e leitores, onde nenhum consegue vencer completamente o outro, reside a história da leitura: não uma narrativa de progresso linear, mas um campo de batalha permanente onde múltiplos atores — pedagogos, moralistas, intelectuais, editores — competem pela imposição de suas visões sem alcançar domínio absoluto (Chartier, 2004), conforme tinha demonstrado Maria Helena em sua pesquisa sobre o intelectual Joaquim José de Menezes Vieira, ao utilizar a leitura como função moralizadora e intenção cívica, mostrando como os textos escolares buscavam moldar valores patrióticos e morais (Bastos, 2002b).

Esta interlocução com Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard também se manifesta quando examinou o periódico *O Jornal das famílias* como fonte privilegiada das práticas de leitura das famílias

SUMÁRIO

do Brasil oitocentista. Ao interrogar este documento, a autora investigou como a leitura funcionava simultaneamente como instrumento de formação doméstica e moral⁴ — revelando os projetos que tentavam moldar as famílias — e, paradoxalmente, como os leitores se apropriavam desses textos de forma inesperada e criativa, desviando-se das intenções originais.

Neste contexto específico, Maria Helena afirma:

Os periódicos — revistas, jornais, boletins etc. —, além de serem um produto de consumo, são sobretudo um veículo de ideias e mensagens, um discurso que permite a formação de outros discursos, enunciados que ecoam e reverberam efeitos no dia a dia, na reconstrução cotidiana de laços sociais, na identidade de leitor/leitora (Bastos, 2002c, p. 170).

Jean Hébrard se aproximou do trabalho acadêmico de Maria Helena quando participou do livro *Refúgios do eu: educação, história*, escrita autobiográfica, organizado por ela com as pesquisadoras Maria Teresa Santos Cunha e Ana Cristina Venâncio Mignot. Neste livro, Hébrard escreveu um capítulo chamado “Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes” (Hébrard, 2000)⁵, no qual discute o caderno escolar como um espaço importante de aprendizagem.

Para Hébrard, o caderno escolar vai muito além de ser apenas um lugar para escrever. Ele funciona como um suporte que ajuda o aluno a organizar seu trabalho: através dele, o estudante aprende

4 Ao considerar o conjunto da obra de Maria Helena, compreendo sua ênfase fundamental: a leitura não é meramente decodificação, mas um processo de formação pessoal e social. Certas obras — particularmente as pedagógicas — funcionam como dispositivos de moldagem do sujeito, enquanto suas práticas variam historicamente conforme transformações sociais, culturais e políticas. Não existe uma única forma de “ler bem”, mas múltiplas formas socialmente situadas, sempre investidas de projetos de formação — moral, cívico, profissional ou cultural — que refletem escolhas ideológicas de diferentes grupos.

5 Originalmente, uma versão anterior deste capítulo foi publicada como artigo na revista *Cahiers RITM*, com o título “Tenir un journal. L'écriture personnelle et ses supports” (HÉBRARD, 1999).

SUMÁRIO

não só a organizar o espaço da página, mas também a controlar o tempo de seus trabalhos e de seus dias. Quando o aluno mistura textos, desenhos, figuras e imagens, o caderno se torna um lugar onde ele guarda e organiza tudo o que aprende. Por isso, o caderno escolar é um bom exemplo de como estudar os objetos escritos à mão pode nos ajudar a entender melhor como as pessoas aprendem, revelando aspectos do ensino e do pensamento que muitas vezes passam despercebidos (Hébrard, 2001).

Esta abordagem do caderno escolar se inscreve, como disse, na perspectiva aberta por David McKenzie e Roger Chartier, na qual se aplicam as técnicas da bibliografia material à história dos usos do impresso. Eu procuro estender a pesquisa na direção dos manuscritos ordinários, privilegiando, no momento, dois tipos de suportes: os escritos pessoais [...] e, no presente trabalho, o caderno escolar (Hébrard, 2000, nota 25, p. 125).

Em síntese, o diálogo estabelecido entre eles exemplifica como a aplicação da bibliografia material ao estudo das “escritas ordinárias” — objetos manuscritos cotidianos frequentemente ignorados pela historiografia tradicional — permite compreender a literatura como espaço de encontro entre culturas diferentes, ferramenta de empatia e compreensão de outras realidades, e instrumento de formação pessoal e social.

PARA CONCLUIR

Maria Helena dialogou com diversos outros pensadores franceses que não foram citados, destacando-se Michel Foucault, André Chervel, Alain Choppin, Marie-Madeleine Compère, Thérèse Charmasson, Pierre Bourdieu, Jean-François Sirinelli, Christophe Charle e Michel Winock, entre outros. Cada um deles contribuiu significativamente para o desenvolvimento de sua reflexão teórica

SUMÁRIO

que resultou numa recusa deliberada à escrita de uma história linear da educação brasileira — aquela narrativa teleológica que vê o passado como marcha inexorável rumo ao presente “iluminado”. Em seu lugar, ela construiu e ainda constrói análises que reconhecem contradições, rupturas, resistências, permanências inesperadas. A educação brasileira emerge em suas pesquisas não como progresso contínuo, mas como campo atravessado por tensões, conflitos e negociações entre diferentes atores sociais.

Influenciada particularmente por esta tradição, Maria Helena desenvolveu uma metodologia historiográfica que desconstrói essencialismos. Ela não presume que existe uma “*natureza*” da educação brasileira, uma identidade fixa do educador ou do aluno. Ao contrário, mostra como essas categorias foram historicamente constituídas, conforme variaram seus contextos políticos, econômicos e culturais.

Absorvendo a lição da *École des Annales*, Maria Helena cultivou uma metodologia que valorizou o detalhe, o local, o particular — não como anedota, mas como porta de entrada para a compreensão de estruturas maiores. Um periódico, um regulamento de escola, uma prática pedagógica específica, um currículo particular não são tomados isoladamente, mas compreendidos como cristalizações de forças históricas mais amplas.

A influência da academia francesa levou Maria Helena a expandir o que poderia contar como fonte para a História da Educação. Isso abriu caminhos para que pesquisadores brasileiros posteriores buscassem em arquivos escolares, em acervos privados, em documentos aparentemente “menores” — materiais que haviam sido ignorados pela historiografia mais tradicional. Sua produção contribuiu para reorientar as questões que os historiadores da educação brasileira faziam ao passado. Deixou-se de perguntar meramente “*como evoluiu o sistema educacional?*” para indagar “*que educação foi imaginada?*”, “*por quem?*”, “*com que consequências?*”, “*quem*

SUMÁRIO

resistiu e como resistiu? Essas perguntas, inspiradas diretamente pela tradição francesa, revelaram-se fecundas para o nosso contexto.

Talvez o legado mais profundo de Maria Helena tenha sido a institucionalização de uma perspectiva historiográfica crítica no Brasil — aquela que compreende a História da Educação não como história administrativa ou biográfica, mas como uma história social da educação. Seus interlocutores e orientandos herdaram não apenas um conjunto de técnicas de pesquisa, mas uma *atitude intelectual* diante do passado educacional.

Quem conhece a sua obra, identifica que esse diálogo não foi unidirecional. Ela não apenas recebeu; ela também transformou essas influências, adaptou-as, questionou-as à luz de seus objetos de estudo. O resultado é uma metodologia historiográfica que é simultaneamente francesa em seus fundamentos epistemológicos e autenticamente brasileira em suas preocupações e aplicações — uma síntese criativa que continua a orientar toda uma tradição de pesquisa no Brasil.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara. A Instrução Pública e o Ensino Mútuo no Brasil: Uma história pouco conhecida (1808-1827). **História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 115-133, abr. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30631/pdf> Acesso em: 10 set. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara. A educação do caráter nacional: leituras de formação. **Educação e Filosofia**, v. 12, n. 23, p. 31-50, abr./jun. 1998. Disponível em: Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/862>. Acesso em: 23 out. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos & MIGNOT, Ana Cristina Venâncio. (orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica Florianópolis: Mulheres, 2000.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos & MIGNOT, Ana Cristina Venâncio. **Destinos das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Editora da UPF, 2002a.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Pro Patria Laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Editora EDUSF: Bragança Paulista/SP, 2002b. Coleção Estudos CDAPH Série Historiografia. 350p.

BASTOS, Maria Helena Camara. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). **Revista Portuguesa de Educação**, v. 15, n. 2, p. 169-214, 2002c. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37415209.pdf>. Acesso em 14 out. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara. A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 12, n. 34, p. 166-168, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsXCw6GLmszpP5GsZXWhRhd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara. L'Illustration, Journal Universal (1843-1944): Difusão e Circulação de Ideias no Brasil do Século XIX. In: CAVALCANTE, Maria Juraci; HOLANDA, Patrícia Helena; LEITÃO, Antonia Regina. (orgs.). **História da Educação Comparada**: Missões, Expedições, Instituições e Intercâmbios. Fortaleza: Edições UFC, 2013, p. 82-107.

BASTOS, Maria Helena Camara. Jornal das Famílias: Balizas de um Ideário à Mulher Brasileira (1863- 1878). In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. (orgs.). **História de mulheres**: amor, violência e educação. Fortaleza: Edições UFC, 2015, p. 97-114.

BASTOS, Maria Helena Camara. A educação dos escravos e libertos no Brasil: vestígios esparsos do domínio do ler, escrever e contar (Séculos XVI a XIX). **Cadernos de História da Educação**, v. 15, p. 743-768, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/35556/18747>. Acesso em: 17 set. 2025

BASTOS, Maria Helena Camara. An italian book for brazilian children. Heart, by Edmondo De Amicis. **History of Education & Children's Literature**, v. 12, p. 477-505, 2017a.

BASTOS, Maria Helena Camara. Quand des esclaves et des affranchis apprennent à lire et à écrire. Indices dans l'histoire du Brésil du XVI au XIX siècle. In: PIERROT, Alain et alii. **Domination et Apprentissage**. Anthropologie des formes de la transmission culturelle. Paris/FR: Hermann Éditeurs, 2017b, p. 41-54.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara; BARAUSSE, Alberto. Informing and educating for Italianess on the pages of "Stella d'Italia" (Porto Alegre 1902-1908). **History of Education & Children's Literature**. v. 14, 2, p. 359-388, 2019.

BASTOS, Maria Helena Camara. "Education publique et indépendances en Amérique Latine e au Brésil". In: FONTAINE, Alexandre (dir.). **Penseur la circulation des savoirs scolaires dans l'espace transatlantique**: émigrations, transferts, créations (XVIII – XX siècle). France: Editions Le Bord de L'Eau, 2021. p. 37-54.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Diálogos com Maria Helena Camara Bastos: a experiência do dizer frente à memória de uma historiadora brasileira da Educação. **História da Educação**, v. 27, e125867. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/125867> Acesso em: 15 set. 2025.

CASPARD, Pierre (dir.). **La presse d'éducation et d'enseignement, XVIII^e siècle - 1940. Répertoire analytique**. Paris: INRP. (Tome 1: AC), 1981, 560p.; (Tome 2: D-J), 1984a, 688p.; (Tome 3: K-R), 1986, 566p.; (Tome 4: S-Z), 1991, 762p.

CASPARD, Pierre. Histoire de l'Éducation et ses lecteurs. Un bilan. **Histoire de l'Éducation**, v. 22, p. 93-99, mai. 1984b. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hedu_0221-6280_1984_num_22_1_1252 Acesso em: 10 out. 2025.

CASPARD, Pierre. L'Histoire de l'Éducation en France: remarques sur la dynamique sociale d'un champ disciplinaire. **Full Informatiu**, Societat d'Història de l'Educació dels Països de Llengua Catalana, n. 3, p. 5-23, dec. 1984c.

CASPARD, Pierre. Production et producteurs de Documentation en Histoire de l'Éducation. **Perspectives Documentaires en Sciences de l'Éducation**, n. 12, p. 75-85, 1987.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRAD, Jean. **Discours sur la lecture (1880-1980)**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1989, 525 p.

CHARTIER, Anne-Marie. Teaching Reading: a historical approach. In: NUNES, Terezinha; BRYANTP, Peter (dir.). **Handbook of Children's Literacy**. Dordrecht / Boston / New York / London: Klüwer Academic Publishers, 2004, p. 511-538.

CHARTIER, Roger; JULIA, Dominique; COMPÈRE, Marie-Madeleine. **L'Éducation en France du XVI^e au XVIII^e siècle**. Paris: Société d'Édition d'Enseignement Supérieur, 1976, 304 p.

CHARTIER, Roger. (Dir.) **Pratiques de la lecture**. Paris et Marseille: Rivages, 1985, 242 p.

SUMÁRIO

CHARTIER, Roger. **Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime**. Paris: Éditions du Seuil, 1987, 384 p.

CHARTIER, Roger. **Les origines culturelles de la Révolution française**. Paris: Éditions du Seuil, 1990, 244 p.

CHARTIER, Roger. **L'Ordre des livres**. Lecteurs, auteurs et bibliothèques en Europe entre XIV^e et XVIII^e siècle. Aix-en-Provence, Alínea, 1992, p. 118.

HÉBRARD, Jean. Tenir un journal. L'écriture personnelle et ses supports. **Cahiers IRTM**, n. 20, 1999, p. 9-50.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. *In*: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos & MIGNOT, Ana Cristina Venâncio. (orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000, p. 29-61.

HÉBRARD, Jean. Por uma Bibliografia Material das Escritas Ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, jan./jun. 2001, p. 115-141. Disponível em; <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38753> Acesso em 20 out. 2025.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. O Service d'Histoire de l'Éducation: a serviço de pesquisadores e docentes. **Educação em Revista**, n. 8, p. 32-35, dez. 1988. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46981988000200006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 20 out. 2025.

4

*Norberto Dallabrida
Gladys Mary Ghizoni Teive*

ATRAVESSANDO FRONTEIRAS:

UMA HISTORIADORA DA EDUCAÇÃO
SUL-RIO-GRANDENSE EM PARIS

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.4

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A trajetória acadêmica da historiadora da educação Maria Helena Camara Bastos teve um viés transnacional, ou seja, cruzou o Atlântico e se espalhou em países da Europa Latina. Os últimos anos desta trajetória foram marcados por trocas com colegas da Università Degli Studi di Macerata, universidade italiana que tem um significativo grupo de historiadores da educação. No ano de 2016, Maria Helena atuou como professora visitante desta universidade, quando desenvolveu investigações sobre um jornal em língua italiana no Brasil. Em 2010, realizou estágio de pesquisa no Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE), localizado no interior da Espanha e coordenado por Agustín Escolano Benito. Desde as primeiras edições, participou ativamente do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação e teve interlocução com historiadores portugueses. No entanto, ela estabeleceu uma conexão regular e de média duração com a França, particularmente com o Service d'Histoire de l'Éducation (SHE). O contato inicial com este país se deu por meio do doutorado sanduíche por ela realizado no SHE durante a preparação da sua tese de doutorado (Bastos, 1994).

Localizado na rue d'Ulm do icônico *Quartier Latin*, o SHE era institucionalmente vinculado ao *Institut National de Recherche Pédagogique* (INRP) do Ministério da Educação da França. Desde 1977, foi dirigido pelo historiador Pierre Caspard, que lhe imprimiu dinamicidade, estimulando a formação de equipes de investigação, e imprimindo-lhe projeção internacional até a sua aposentadoria, ocorrida em 2010. Em 1978, Caspard criou *Histoire de l'Éducation*, a revista do SHE que fez circular as pesquisas do SHE na França e se tornou um espaço de trocas historiográficas entre afrancesados pelo mundo. É importante dizer que, como órgão do INRP, o SHE tinha autonomia em relação ao mundo do ensino superior ou da pesquisa científica realizada pelo CNRS, de forma que recrutou a grande

SUMÁRIO

maioria dos seus pesquisadores entre os professores do ensino secundário, conferindo-lhe um viés didático-pedagógico. Assim, na entrevista que concedeu a Maria Helena e Maria Stephanou, Caspard assevera que a principal contribuição do SHE foi a história das disciplinas escolares, fornecendo reflexões temporais para a definição, pelo Ministério da Educação, dos programas de ensino. Em seguida, ele arrola outras contribuições, como o banco de dados de manuais escolares do programa Emmanuelle, estudo da imprensa pedagógica, de textos pedagógicos e de testemunhos da política educacional no pós-guerra (Caspard; Stephanou; Bastos, 2014). Desta forma, o SHE produzia uma história da educação que tinha ressonância no sistema de ensino francês, especialmente no ensino secundário.

Na condição de Doutora em Educação e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Maria Helena manteve intercâmbio regular com o SHE nas décadas de 1990 e 2000, tendo como seu principal interlocutor de pesquisa Pierre Caspard, em boa medida devido ao interesse de ambos pela imprensa pedagógica (Bastos, 2025b). Assim, neste Instituto de Pesquisa, ela realizou estágio pós-doutoral no período de 1999 a 2001 e em 2010, e atuou como pesquisadora visitante em 1996 e 2005. Entre outras investigações que realizou com a interlocução de Caspard, destaca-se aquela sob o título “Desenhando a educação brasileira à francesa: um estudo da apropriação das ideias educativas e das práticas escolares na França (1870-1900)”, que resultou na publicação de vários artigos científicos e capítulos de livros (Bastos, 2025a). Durante várias décadas, Maria Helena atuou como uma das principais mediadoras no campo da História da Educação entre o Brasil e a França, promovendo uma circulação de mão dupla. Por um lado, promoveu a tradução e publicação de documentos em Língua Francesa e escreveu e publicou artigos sobre temas da História da Educação francesa em periódicos brasileiros, em particular em “História da Educação” – Revista da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (Asphe). De outra parte, foi uma das pouquíssimas

SUMÁRIO

historiadoras brasileiras a publicar na revista *Histoire de l'Éducation* (Caspard; Stephanou; Bastos, 2014). Nesta direção, o presente texto faz uma apreciação de alguns artigos científicos de sua autoria sobre os métodos Mútuo e Intuitivo à francesa e de um capítulo de livro sobre estágio de brasileiros no Centre International d'Études Pédagogiques (CIEP).

A produção acadêmica franco-brasileira desta autora é ampla e diversificada, de modo que empreendemos um recorte de temas vinculados às nossas pesquisas acadêmicas sobre o método de ensino intuitivo (Teive, 2008) e sobre os brasileiros que estagiaram no CIEP com o intuito de conhecer as *classes nouvelles* (Dallabrida, 2023), além do método de Ensino Mútuo, trabalhado na disciplina de História da Educação no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Estes temas são relevantes para o campo pedagógico no Brasil e apresentam instigantes dimensões transnacionais (Roldán Vera, 2013). Para tanto, nos valem inicialmente do *Curriculum* Lattes de Maria Helena (2025a), e de artigos publicados em periódicos e em coletânea (Boto; Aquino, 2019). Deste modo, o presente texto apresenta duas partes: inicialmente procuramos compreender os artigos de Maria Helena sobre os métodos de Ensino Mútuo e intuitivo e, em seguida, fazemos reflexões acerca o seu texto sobre a mobilidade de brasileiros no CIEP de Sèvres. Esta divisão obedece a ordem cronológica da publicação dos escritos.

CIRCULAÇÃO DE MÉTODOS À FRANCESA NO BRASIL

Apesar de diversificada, a produção acadêmica de Maria Helena apresenta um foco importante na análise da imprensa pedagógica, foco este iniciado por ocasião de seu doutoramento na Universidade de São Paulo (USP), quando investigou a Revista de

SUMÁRIO

Ensino do Rio Grande do Sul, no período de 1939 a 1942, publicada em 1995, sob o título "A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942) – O novo e o nacional em revista". Segundo Peres (2005, p. 12), o estudo realizado na tese de doutorado foi "realizado numa época em que as pesquisas sobre a imprensa pedagógica estavam apenas despontando na produção brasileira, o estudo de Maria Helena inaugurou entre nós um tema que hoje [...] ocupa um lugar de destaque nas pesquisas educacionais". A partir deste estudo, Maria Helena publica uma série de artigos sobre a imprensa pedagógica e aproxima-se de outros pesquisadores deste tema, exercendo liderança em nível nacional e fazendo interfaces em nível transnacional. Nesta direção, com Denice Barbara Catani, professora da Faculdade de Educação da USP, organiza a coletânea intitulada "Educação em revista: a imprensa periódica e a História da Educação" (Catani; Bastos, 1997), em que seus colegas e orientandos bem como seus parceiros de pesquisa em nível transnacional – António Nóvoa, academicamente próximo da professora Denice e Pierre Caspard e Pénélope Caspard, de Maria Helena – publicam seus trabalhos sobre a temática. Nesta publicação coletiva, além de fazer a apresentação com sua colega uspiana e assinar um artigo sobre as revistas pedagógicas no Rio Grande do Sul de 1951 a 1992, Maria Helena organiza o apêndice sob o título "A Imprensa Periódica Educacional no Brasil (1808-1944)", um repertório dos periódicos educacionais brasileiros desde a vinda da família real até a criação da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) em 1944.

Nos anos de 1990, à luz de seus estágios no SHE, a professora Maria Helena encantou-se com o método de Ensino Mútuo, na época pouco estudado na historiografia da educação no Brasil. É importante dizer que este método de ensino emergiu na Inglaterra no final do século XVIII, quando a Revolução Industrial se colocava, com o propósito de alfabetizar em massa a classe operária, sendo

SUMÁRIO

chamado de método lancasteriano em referência a um dos seus criadores, Joseph Lancaster – o outro foi André Bell. Nas primeiras décadas do século XIX, o método lancasteriano espalhou-se no continente europeu, chegando à França em 1815 (Lesage, 1999) e, em seguida, aos novos países latino-americanos (Roldán Vera, 2013). No primeiro número da “História da Educação, Maria Helena publica o artigo “A Instrução Pública e o Ensino Mútuo no Brasil (1808-1827)” (Bastos, 1997), explorando a introdução dispersiva do método mútuo – tradução do nome francês do método lancasteriano – desde a chegada da família real ao Brasil até o ano da oficialização deste método feita pelo Decreto Imperial de 1827. No ano seguinte, no mesmo periódico científico, publica o artigo “A formação de professores para o ensino mútuo: o curso normal para professores de primeiras letras do Barão de Gérando (1839)” (Bastos, 1998), que analisa o manual intitulado “Curso Normal para Professores de Primeiras Letras ou direções relativas a Educação Physica, Moral e Intelectual nas Escolas Primárias”, lançado na França em 1832 e traduzido e publicado no Brasil sete anos depois, bem como o seu uso na Escola Normal de Niterói.

A publicação destes dois artigos a instigou a se associar ao colega Luciano Mendes Faria Filho, da Universidade Federal de Minas Gerais, a organizar o livro “A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo” (Bastos; Faria Filho, 1999), uma coletânea que apresenta reflexões sobre o uso do método mútuo em algumas províncias brasileiras, em alguns países da América Latina, em Portugal e na França. O primeiro texto, de Pierre Lesage, foi originalmente publicado em Francês na Revue Française de Pédagogie, em 1975, e traduzido para o Português por Maria Helena (Lesage, 1999). Ele é oportuno para a historiografia da educação brasileira porque explora aspectos internos do método como o local, mobiliário, materiais, horários, matérias de ensino, agentes da ação educativa e estímulos à ação educativa. O texto sobre a introdução do método lancasteriano na América Latina, de Claudina López e Mariano Narodowski, constata que os novos países hispano-americanos se

SUMÁRIO

apropriaram do modelo inglês (López; Narodowski, 1999), enquanto o Brasil usou a resignificação francesa deste método. Além de ser coautora da apresentação, nesta coletânea Maria Helena republica, em versão revisada e ampliada, os dois artigos sobre o Método Mútuo que havia publicado na Revista História da Educação. Na historiografia da educação brasileira, esta coletânea tornou-se uma referência obrigatória sobre o Método Mútuo, apresentando oportunas interfaces transnacionais.

Na década de 2000, Maria Helena disseminou, em periódicos científicos, materiais e reflexões sobre o Método de Ensino Intuitivo, que eram desconhecidos pela historiografia da educação no Brasil. No longo artigo sob o título “Educação Infantil e ensino intuitivo: a contribuição de Marie Pape-Carpantier (1815-1878)”, Bastos (2010) constrói uma interessante trajetória da educadora francesa, que atuou nas salas de asilo – renomeadas de escolas maternas em 1881 – e escreveu vasta literatura sobre sua proposta pedagógica inovadora calcada no Método de Ensino Intuitivo para a educação infantil e o ensino primário. Este texto indica o uso de atividades propostas por Pape-Carpantier no Brasil como no Jardim de Crianças do Colégio Menezes Vieira, do Rio de Janeiro, bem como a circulação de seus livros e algumas iniciativas de tradução de seus textos. Associada ao título do artigo, Bastos (2010, p. 14) cita a nota 1, que diz o seguinte: “A pesquisa documental foi realizada durante estágio pós-doutoral no Service d’Histoire de l’Éducation (SHE/INRP – França). Todas as traduções presentes no texto foram feitas pela autora.” A releitura que faz das intervenções educacionais e dos escritos de Pape-Carpantier e sua circulação e uso no Brasil é um enriquecimento singular da historiografia da educação infantil, geralmente focada nas contribuições de Pestalozzi e de seu discípulo Froebel.

De outra parte, Bastos (2013) faz uma desdobrada apresentação ao texto sobre a conferência acerca do Método de Ensino Intuitivo proferida por Ferdinand Buisson, em 31 de agosto de 1878, na “Exposição Universal” de Paris. Diretor do célebre Dictionnaire

SUMÁRIO

de Pédagogie et Instruction Primaire e principal colaborador de Jules Ferry nas reformas escolares da década de 1880, atravessadas pelo clima da Terceira República, a tradução e publicação de sua emblemática conferência na Revista História da Educação, representou um avanço significativo nos estudos sobre o Método de Ensino Intuitivo no Brasil, geralmente focados no Manual de Lições de Coisas do professor norte-americano Norman Alisson Calkins, que foi o mais utilizado nos grupos escolares brasileiros (Teive, 2008). Tem especial importância na sua apresentação da conferência de Buisson o destaque por ela dado a contribuição de Marie Pape-Carpantier que adaptou o Método de Ensino Intuitivo e as Lições de Coisas para a primeira infância, algo inédito até então, haja vista ter sido o método projetado para a segunda infância, para a escola elementar.

CIRCULAÇÃO DE PROFESSORAS/ES BRASILEIRAS/ES EM SÈVRES

Nos últimos anos de sua peregrinação pedagógica em Paris, em meados dos anos de 2010, Maria Helena coletou dados no acervo do CIEP de Sèvres, com o propósito de estudar os brasileiros que estagiaram nesta instituição desde o pós-guerra até o início da década de 1970. Esta investigação resultou na elaboração do texto “Reflets du Brésil no Centre international d’études pédagogiques/Ciep (Sèvres/França, 1945-1971)”, publicado em coletânea (Bastos, 2019). Para compreender este novo tema por ela investigado, é preciso saber que, em meados de 1945, sob a liderança de Gustave Monod, diretor geral do ensino secundário na França, foram instituídas as *classes nouvelles*, classes com traços inovadores, como turma com 25 alunos, redução do número de professores nos primeiros anos da pluridocência, ensino em tempo integral, uso de métodos ativos, estudo do meio natural e humano, trabalho em equipes e estudo dirigido, instituição da orientação educacional

SUMÁRIO

para coordenar o diagnóstico das aptidões de cada aluno, prática do conselho de classe, dentre outros. Estas classes foram introduzidas no primeiro ciclo do ensino superior francês e, a cada ano escolar, avançava para os outros anos desse nível de ensino, bem como para o segundo ciclo do ensino secundário. Como os docentes das *classes nouvelles* eram voluntários e precisavam de formação diferenciada, Gustave Monod criou, também em meados de 1945, o Centre International d'Études Pédagogiques - CIEP, localizado na cidade de Sèvres, cidade limítrofe a Paris, que passou a ser dirigido por Edmée Hatinguais (Vieira; Dallabrida, 2024).

Além de ser o *locus* onde era realizada a formação continuada dos professores das *classes nouvelles*, o CIEP de Sèvres tinha uma dimensão transnacional porque se constituiu em uma instituição que atraía educadores e educadoras de diferentes países, sedentos de inovação no ensino secundário no pós-guerra. Para otimizar uma rede com os ex-estagiários do CIEP de Sèvres, em 1949, a diretora Edmée Hatinguais fundou a Associação dos Amigos de Sèvres, que passou a publicar o *Bulletin d'Information Les Amis de Sèvres* (Boletim de Informação Os Amigos de Sèvres), mais conhecido por *Les Amis de Sèvres* (Centre, 1995). Este periódico trazia notícias dos estágios que eram realizados com os professores franceses das *classes nouvelles* e publicava o nome dos educadores/as e autoridades educacionais de diversos países que haviam realizado visitas ao CIEP de Sèvres. A instituição da rede dos ex-estagiários ensejou a criação de filiais do CIEP em vários países, de modo a viabilizar ainda mais a mobilidade de educadores e autoridades a Sèvres e de professores do CIEP a vários países. No Brasil, o professor Luiz Contier, que retornou de estágio no CIEP em 1951 e foi o pioneiro da implantação das classes experimentais no ensino secundário do estado de São Paulo, criou uma filial do Sèvres na cidade de São Paulo no início da década de 1960 (Vieira; Chiozzini, 2018). Desde então, o número de educadores e autoridades educacionais do Brasil que estagiaram no CIEP de Sèvres cresceu ainda mais.

SUMÁRIO

O texto de Maria Helena sobre os brasileiros que estagiaram no CIEP de Sèvres (Bastos, 2019) parte da sua própria experiência na instituição, em janeiro de 1982, quando realizou um estágio de atualização para professores de Francês. Além da aprendizagem da língua de Victor Hugo, este estágio envolveu informações sobre o sistema escolar da França e visitas a liceus e colégios. Esta foi a sua primeira viagem de estudos ao exterior, o que certamente marcou a sua trajetória e estimulou a realização do doutorado sanduíche no SHE, tornando-a uma *habituée* nas instituições e eventos de história da educação em Paris. No entanto, a investigação sobre os estagiários brasileiros no CIEP representou um deslocamento nas suas pesquisas histórico-educacionais, impulsionado pela sua trajetória como estudante do antigo ensino secundário. Na introdução do seu texto, ela confessa a motivação da sua nova investigação, afirmando que

Em 2016, novamente instalada no CIEP, mas com outros objetivos, que estão diretamente ligados à minha formação secundária, especialmente à experiência das chamadas “classes secundárias experimentais/CSE”, nas quais fui aluna de 1962 a 1968²[2], inspiradas no modelo das “classes nouvelles”, implantadas na França a partir de 1945. Conselhos de classe, estudo dirigido, o estudo do meio, trabalho de grupo, ações para facilitar o emprego dos métodos ativos (cinema, teatro, artes, trabalhos manuais) e reduzido número de alunos por classe (35) foram algumas das inovações adotadas.

Como pesquisadora, ao retornar a este centro, minha intenção foi verificar a circulação de professores brasileiros que frequentaram o CIEP e seus estágios de formação, a partir de 1945 a 1971 (Bastos; Almeida, 2023).

2 Neste período, Maria Helena foi aluna das classes experimentais do curso ginásial do Colégio do Colégio Pio XII, de Porto Alegre, de 1962 a 1965. Sobre esta experiência escolar, escreveu com Dóris Bittencourt Almeida um texto instigante (Bastos; Almeida, 2023). Nos outros três anos, fez o curso clássico no Colégio de Aplicação da UFRGS, que também fazia parte da rede das classes experimentais.

SUMÁRIO

Além de contextualizar muito bem as *classes nouvelles* e o CIEP de Sèvres com bibliografia francesa, de forma quanti-qualitativa, ela apresenta quadros com dados dos estagiários brasileiros de 1947 – ano da primeira brasileira que visitou a instituição – e 1971, quando foi publicada a Lei 5.692. Os quadros classificam estes brasileiros segundo o ano de realização do estágio, os estados de procedência e as funções que exerciam. As análises qualitativas constatam a formação das redes de inovação do ensino secundário no Brasil, desde a abertura política de 1945, até o fechamento político, estabelecido pelo AI-5, e educacional, fixado pela Lei 5.692/1971. De outra parte, Maria Helena explora a estada de educadores do CIEP no Brasil, iniciando pela *tourné* de Edmée Hatinaguais em 1954, quando foi convidada pelo governo brasileiro para proferir conferências, priorizando o eixo Rio-São Paulo. Faz uma pequena descrição da chamada “missão pedagógica francesa”, constituída pelos professores Jacques Quignad, René Haby e Lucienne Félic, na cidade de São Paulo, a partir de informações de Luiz Contier. E cita as visitas de Colette Soudzé, responsável pelas filiais do CIEP fora da França, em 1964, quando esteve no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre e, em 1971, quando ministrou um curso de atualização para professores de Francês do Brasil no Rio de Janeiro. Por fim, Bastos (2019, p. 147) indica as possibilidades de desdobramentos de sua investigação, afirmando que as informações levantadas por ela precisariam “ser cruzadas com outros documentos; dados biográficos, especialmente de atuação profissional e em classes experimentais; tradução e edição de livros, artigos publicados sobre o tema [...]”, o que vem acontecendo até os dias de hoje.

CONCLUSÃO

A modo de conclusão, podemos afirmar que a circulação de Maria Helena no SHE/INRP, a partir da última década do século

SUMÁRIO

XX, foi parte integrante de um momento disruptivo na historiografia da educação no Brasil. Especialmente a partir da fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação (1999) e, em seguida, da criação de seus congressos e da sua revista, houve uma explosão da produção de História da Educação no nosso país, sem paralelo no mundo ocidental. Boa parte desta produção estabeleceu conexões com outros países, especialmente aqueles da Europa e da América Latina. O trabalho de historiadora que Maria Helena desenvolveu na França faz parte desta conjunção historiográfica nacional, mas situada em escala estadual como uma liderança que ajudou a constituir e a consolidar a ASPHE e a dar visibilidade à sua revista – História da Educação. Ela construiu a sua carreira acadêmica em conexão com a historiografia da educação na França, particularmente com aquela desenvolvida no SHE, contribuindo, de forma competente e entusiasmada, com a transnacionalização da história da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara. A formação de professores para o ensino mútuo no Brasil: o curso normal para professores de primeiras letras do Barão de Gérando (1839). **História da Educação**. Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 95-119, abr. 1998.

BASTOS, Maria Helena Camara. A Instrução e o Ensino Mútuo no Brasil (1808-1827). **História da Educação**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 115-133, abr. 1997.

BASTOS, Maria Helena Camara. Reflets du Brésil no Centre international d'études pédagogiques/Ciep (Sèvres/França, 1945-1971). In: BOTO, Carlota e AQUINO, Julio Groppa (orgs). **Democracia, Escola e Infância**. São Paulo: USP/Faculdade de Educação, 2019. p. 123-151.

BASTOS, Maria Helena Camara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

BASTOS, Maria Helena. Camara. **Curriculum Lattes**. Brasília: CNPq, 2025a. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4190797203813239>.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena. Camara. Educação Infantil e ensino intuitivo: a contribuição de Marie Pape-Carpantier (1815-1878). **Conjectura**. Caxias do Sul, v. 15, n. 3, p. 14-46, set.-dez. 2010.

BASTOS, Maria Helena Camara Método intuitivo e lições de coisas por Ferdinand Buisson. **História da Educação**. Porto Alegre, v. 17, n. 13, p. 231-253, jan.-abr. 2013.

BASTOS, Maria Helena Camara. Perguntas. E-mail enviado a Norberto Dallabrida em 19 dez. 2025b.

BASTOS, Maria Helena Camara. **O novo e o nacional em revista**: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942). 1994. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, 1994.

BASTOS, Maria Helena Camara; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Tempo passado, tempo presente: memórias das alunas da classe secundária experimental do Colégio Pio XII (Porto Alegre/RS, 1962-1965). In: DALLABRIDA, Norberto. (Org.). **"Brechas no monólito educacional"**: classes secundárias experimentais e inovação do ensino secundário nos anos 1930 e 1960. Curitiba: Appris, 2023. p. 79-107.

BASTOS, Maria Helena Camara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **A escola elementar no século XIX**: o método monitorial/mútuo. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

BOTO, Carlota.; AQUINO, Julio. Groppa. **Democracia, Escola e Infância**. São Paulo: USP/Faculdade de Educação, 2019.

CASPARD, Pierre.; STEPHANOU, Maria.; BASTOS, Maria. Helena Camara. A pesquisa francesa em história da educação: testemunho de um autor – entrevista com Pierre Caspard. **História da Educação**. Porto Alegre, v. 18, n. 42, p. 215-229, jan.-abr. 2014.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena. Camara. (Orgs.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CENTRE International d'Études Pédagogiques. **Le Livre du Cinquantenaire**: Sèvres – 1945-1995. Sèvres : Association des Amis de Sèvres, 1995.

DALLABRIDA, Norberto. (Org.). **"Brechas no monólito educacional"**: classes secundárias experimentais e inovação do ensino secundário nos anos 1930 e 1960. Curitiba: Appris, 2023.

SUMÁRIO

LESAGE, Pierre. A pedagogia nas escolas mútuas no século XIX. *In*: BASTOS, Maria Helena Camara.; FARIA FILHO, Luciano. Mendes de. **A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo**. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 9-24.

LÓPEZ, Claudina.; NARODOWSKI, Mariano. El mejor de los métodos posibles: la introducción del método lancasteriano em Iberoamérica em el temprano siglo XIX. *In*: BASTOS, Maria Helena Camara.; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo**. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 45-72.

PERES, Eliane. Apresentação. *In*: BASTOS, Maria Helena Camara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005. p. 11-13.

ROLDÁN VERA, Eugenia. Para 'desnacionalizar' la historia de la educación: reflexiones en torno de la difusión mundial de la escuela lancasteriana en el primer tercio del siglo XIX. **Revista Mexicana de Historia de la Educación**. Ciudad de México, n. 1, v. 2, 171-198, 2013.

TEIVE, Gladis. Mary. Guizzoni. **"Uma vez normalista, sempre normalista"**: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008.

VIEIRA, Letícia, CHIOZZINI, Daniel. Luís Contier como catalisador de redes: classes experimentais e renovação do ensino secundário em São Paulo nas décadas de 1950 e 1960. **História da Educação**, v. 22, n. 55, p. 61-80, maio-ago. 2018.

VIEIRA, Letícia.; DALLABRIDA, Norberto. "Une autre manière d'enseigner": as classes nouvelles francesas e seu transbordamento no Brasil nos anos 1950. **História da Educação**. Porto Alegre, v. 28, e 131443, p. 01-21, 2024.

5

Maria Teresa Santos Cunha

(DE) CANTAR MEMÓRIAS:

VIAGENS, PARCERIAS E EXPERIÊNCIAS
EDUCATIVAS ENTRE DUAS AMIGAS
PROFESSORAS (DÉCADAS DE 1990 A 2020)

Quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios, que se conservaram até hoje e que em maior ou menor número chegaram até nós (Koselleck, 2006, p. 305).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Este texto, escrito na primavera de 2025, pretende dar visibilidade e analisar aspectos das práticas de amizade construídas, inicialmente, na academia, entre duas professoras e historiadoras de formação que se conhecem desde os meados da década de 1990, durante o Curso de Doutorado realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP). Trazer esta dimensão da amizade envolve transformar vestígios (fotografias, escritas, lembranças de viagens, parcerias acadêmicas em experiências educativas guardadas em meu arquivo pessoal) em fontes que podem fornecer testemunhos onde se conjugam afinidades comuns, singularidade de pensamentos além de gestos e gostos cotidianos partilhados. Abrange, também, um modo de compor e dar a ver um cenário onde circularam expectativas de transformação que, mesmo difusas, estavam sustentadas em possibilidades de pesquisar, aprender, ensinar e divulgar História da Educação do e no Brasil.

Ancorada neste propósito tornou-se imperativo desafiar alguns cânones da pesquisa educacional ao recorrer ao expediente de *(De)cantar memórias* para homenagear o legado de uma amiga, professora e pesquisadora renomada, Maria Helena Camara Bastos¹. *Decantar memórias* comporta um gesto de organizar, no presente, um passado à luz de expectativas que esperamos do futuro; é perceber

SUMÁRIO

que toda memória é atualizada pela posição histórica do sujeito e, nesse sentido, é necessário filtrar, selecionar e reordenar o espaço dessa experiência para que ela faça sentido diante do tempo presente. O passado aqui rememorado não “fala por si”. Ele é sempre (re)construído no presente (Koselleck, 2006). De igual maneira, **cantar** memórias (dar-lhes voz) e **(de)cantar** memórias (refiná-las, filtrá-las, representá-las) são dois movimentos inseparáveis. Memórias não são objetos imóveis; são interpretações que se transformam conforme mudam os tempos sociais e os lugares de fala dos sujeitos, são atos narrativos, seletivos e temporalmente estratificados. Aqui, elas se materializam através de um testemunho pessoal que sinaliza amizade, sociabilidade e espaços de partilha entre amigas, “como uma alegria suplementar, marca de uma eleição, não é uma instituição [...] é um exercício, uma arte do entre-si” (Buffault, 1996, p. 9).

Constitui uma das estratégias dessa escrita fazê-la em primeira pessoa pois foi através de conversas corriqueiras desde um círculo de amigas de Maria Helena que o assunto desse livro surgiu, que o projeto ganhou forma e está a ser realizado. Reforço, assim, que a opção pela escrita em primeira pessoa foi uma forma de compreender que este artigo/testemunho foi produzido a partir de uma posição situada, ou seja, a de uma amiga pessoal, com uma convivência de três décadas. Estas escolhas, enfim, tornam explícitas minhas decisões teórico-metodológicas e pretendem evitar uma certa neutralidade que pode remeter a uma voz impessoal. Assumo a autoria e responsabilidade pela operação com a memória considerando-a uma representação plena de interpretações que se transformam conforme mudam os tempos sociais e os lugares de fala dos sujeitos. Nesse sentido, considera-se trabalhar com a memória como uma “ausência da coisa lembrada e sua presença na forma de representação”, como sugeriu Paul Ricœur (2007, p. 72).

Na tentativa de evitar a ilusão de uma objetividade neutra, busco trazer, com auxílio de pesquisas e fotografias, preservadas em meu arquivo pessoal, uma memória arquivada em que passagens

SUMÁRIO

e situações vividas evidenciam um convívio de amizade e parceria acadêmica com Maria Helena. Uma parceria que se consolidou em inúmeras viagens a congressos acadêmicos nacionais e internacionais, em produções de livros e artigos em conjunto, em incontáveis bancas de mestrado e doutorado em que estivemos juntas, em conversas pessoais e presença em locais em que foram tecidas e consolidadas experiências educativas.

A maior parte dos registros memorialistas que estimularam esta escrita está materializada em diários/ anotações de viagens, livros e artigos em parcerias, fotografias pessoais em eventos, conversas, registros de bancas conjuntas, dedicatórias em livros presenteados, etc. Além deles, houve consulta aos nossos currículos disponíveis da Plataforma Lattes/CNPq. Tais vestígios materiais de um tempo já ido foram problematizados como fontes e movimentados como facilitadores para uma mirada entre o pessoal e o profissional em negociação constante com a memória. Tais fontes foram analisadas como momentos tanto de aproximação como de distanciamento crítico que captam, também, as multidimensionalidades de nossas atuações no campo educacional.

Com base nas ideias de Santos (2012), a consulta e utilização do arquivo pessoal indica que eles representam, igualmente, uma memória individual e que ressoam uma memória coletiva e que ambas contribuem para aproximações sucessivas às relações pessoais e institucionais nas sociedades modernas além de poderem integrar, por seus documentos em variados suportes, um patrimônio documental passível de ser consultado. As anotações, produções acadêmicas, fotografias, dedicatória e registros utilizados na escrita desse texto-memória possuem uma singularidade única por terem sido guardados ao longo da minha vida e adquirirem, como vestígios de um tempo, certo valor testemunhal portador de significados sociais, culturais e afetivos. Certamente que eles não foram criados com um propósito explícito histórico e cultural inicial desse uso, mas dialogando com o autor citado acima, no campo da historiografia, pode-se entender:

SUMÁRIO

Valorizado pelos historiadores, o arquivo pessoal se distingue pela capacidade de apresentar, em meio às ações que revelam os vínculos do indivíduo com as instituições sociais, aquelas ligadas ao universo das relações de amizade e de amor, escolhas intelectuais, parcerias e até obsessões, etc. (Santos, p. 22).

Em síntese, esta memória arquivada e aqui exercitada (Ricoeur, 2007) não é um mero depósito de lembranças, pois ao se constituírem em uma construção narrativa permitem compreender que lembrar leva a construir sentidos no presente, filtrando experiências que nos atravessaram e projetando expectativas que nos moveram e nos moverão. Memória, aqui, é um trabalho; uma operação historiográfica, não uma simples evocação. Assim, *(de)cantá-las* também é admitir que lembrar é escolher, que o esquecimento é parte constitutiva dela e que todo processo de rememoração é político.

VIAJAR...

No curso da viagem há sempre alguma transformação, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa (Ianni, 2000, p. 31).

Viagens, neste texto, assumem sentido como documentos do poder transformador da amizade. Viajar junto atua, igualmente, como um instrumento poderoso de humanização, no sentido mais amplo, qual seja, propicia o fortalecimento de práticas afetivas, das chamadas *afinidades eletivas*. Percorremos juntas caminhos que se bifurcaram em múltiplas direções, que abriram oportunidades para outros aprendizados e, algumas vezes, se interromperam ou se transformaram para construirmos e renovarmos modos de ser mulher e professora.

SUMÁRIO

O exercício da amizade “inventa lugares de convivência e laços de resistência” (Buffault, 1996, p.9) e propicia um sentimento capaz de ampliar as zonas de experiência e do saber, de incentivar o sonho e a imaginação e, ao mesmo tempo, de repensar o cotidiano, de partilhar perplexidades e estranhamentos diante do mundo. A amizade, entendida como vínculo ético e afetivo, atua como mediadora de aprendizagens. Ela possibilita a criação de um ambiente de confiança e reciprocidade, em que nos autorizamos a questionar, errar, perdoar, experimentar e reinventar nossas práticas. Assim, as conversas sobre o cotidiano da profissão — suas dificuldades, sucessos e dilemas — adquirem valor formativo, constituindo-se como um processo de reflexão sobre a prática (Schön, 1992; Nóvoa, 1995).

As viagens que fizemos juntas para participar de eventos acadêmicos por lugares diversos (no Brasil e no exterior) e também para lançamentos de livros e desenvolvimento de pesquisas se concretizaram em participações ativas onde trabalhos foram apresentados, conexões pessoais e institucionais foram estabelecidas que, com frequência, reverberaram em parcerias futuras. Tais expedientes de ação ativaram os processos de internacionalização, uma demanda universitária para a qual Maria Helena teve atuação constante e ímpar tecendo redes intelectuais entre o Brasil e vários países, notadamente com a França. Foram realizadas viagens que envolveram estudos, apresentação de trabalhos de pesquisa, consultas a arquivos, organizações de livros mas que também foram repletas de emoções e sentimentos, que mais animam que desalentam e que formam parte substantiva de um caminho percorrido. O convívio fortalecido nessas parcerias e viagens facilitou a construção de vínculos profissionais e emocionais baseados na cooperação, na solidariedade e no compromisso recíproco com as pesquisas em História da Educação no e do Brasil.

Nossos temas de pesquisa se avizinham e contemplam abordagens sobre imprensa educacional, cultura escolar, manuais de civilidade, ego-documentos (diários de professoras, cartas, álbuns

SUMÁRIO

de recordação) patrimônios educativos, arquivos pessoais e institucionais, por exemplo). Maria Helena foi, no âmbito da História da Educação, uma das pioneiras em trabalhar com imprensa educacional ao trazer à tona um vigoroso estudo sobre a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, objeto de sua Tese de Doutorado, já publicada.²

Os diálogos estabelecidos foram feitos no âmbito da História da Educação com autores e pressupostos da História Cultural, da História da Leitura e da Cultura Escrita e, mais recentemente, da História do Tempo Presente. Ao longo de nossas longas carreiras profissionais participamos de congressos no Brasil, os quais selecionei os de mais intensa frequência, como: ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação; CBHE (Congressos Brasileiro de História da Educação); ASPHE (Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação), COLE (Congresso de Leitura/Unicamp/SP). (Quadro 1)

Quadro 1 - Participação em eventos nacionais

ANO	EVENTOS NACIONAIS	LOCAL
2000	I CBHE	Rio de Janeiro/ RJ
2002 a 2018	ANPED /Participação em 10 (Dez) Reuniões anuais	Caxambu/MG de 2002 a 2010 Natal/RN,2011; Goiânia, 2013; Florianópolis, 2015; São Luís/MA em 2018
2002	II CBHE	Natal/ RN
2003	COLE (Congr. de Leitura)	Campinas (SP); 2003 e 2007;
2004	III CBHE	Curitiba/PR
2004-2025	ASPHE/ RS	Em Universidades do Rio Grande do Sul nas cidades de: Santa Maria (1998); 2004 (Gramado);2005 (São Leopoldo); 2007 (Porto Alegre); 2008 (Pelotas); 2010 (Porto Alegre); 2011 (Santa Maria); 2012 (Porto Alegre); 2018 (São Leopoldo); 2025 (Pelotas).
2006	IV CBHE	Goiânia/ GO

2 BASTOS, Maria Helena Camara. A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942). O novo e o nacional em Revista. Pelotas: Seiva, 2005.

2011	VI CBHE	Vitória/ES
2017	IX CBHE	João Pessoa/PB
2022	X CBHE	São Paulo /SP (virtual)

Fonte: Plataforma Lattes <http://lattes.cnpq.br/1895532605964830> (Maria Teresa Santos Cunha),
Plataforma Lattes <http://lattes.cnpq.br/4190797203813239> (Maria Helena Camara Bastos)
e Arquivo Pessoal da autora.

SUMÁRIO

Em todos os eventos citados no Brasil nossa presença neles se efetivou com envolvimento em várias atividades, como nos comitês científicos, em palestras, conferências e comunicações de pesquisa além de lançamentos de livros e reuniões acadêmicas, etc. Destaco, sobretudo, a atuação especial de Maria Helena nos processos de internacionalização, notadamente na divulgação da Revista História da Educação³ que propiciou intercâmbios com autores estrangeiros, em viagens e em eventos no Brasil e no exterior. Pode-se citar: Roger Chartier e Pierre Caspard (França); António Viñao Frago, António Castillo Gomez, Jose Luis Huerta, Verónica Sierra Blas e Augustin Escolano, (Espanha); Antonio Nóvoa, Antonio Gomes Ferreira, Joaquim Pintassilgo e Maria João Mogarro (Portugal); Alberto Barausse, Anna Ascenzi e Roberto Sani (Itália).

Como forma de visualização apresento, agora, o Quadro 2 que indica viagens para eventos internacionais feitas ao longo de quase três décadas e que permitem sinalizar um mapa dos percursos feitos. Importa salientar que nenhuma das duas tabelas apresentadas contempla o total efetivamente feito de viagens que incluem, ainda, idas minhas a Porto Alegre/RS e vindas de Maria Helena a Florianópolis/SC para participação em eventos, reuniões e inúmeras bancas de mestrado e doutorado sob nossas orientações, respectivamente.⁴ Saliento que seus convites para minha participação em

3 Ver em <https://seer.ufrgs.br/asphe>

4 Em uma pesquisa inicial e ainda não aprofundada ao computar nossas viagens nacionais e internacionais registra-se, até o momento, um número de 98 viagens entre 1997 a 2022.

SUMÁRIO

bancas de defesa sob sua orientação abriram uma rede de amizades que hoje se reúne para a edição desse livro.⁵

Nas tantas viagens empreendidas ao longo de quase três décadas de amizade estabeleceu-se um ambiente pulsante de produção de saberes, de intercâmbio de experiências educativas e de troca de afetos que comportam desafios, mas também forneceram oportunidades mútuas para crescer, aprender e transformar o que está por vir. Listá-las, agora, traduz um diálogo múltiplo e polifônico empreendido no marco de uma parcela da história de nossas trajetórias as quais, frequentemente, nos dispomos a burilar ao mesmo tempo em que nos iludimos com o fato de que podemos explicá-las.

É neste possível e frágil empreendimento que vamos vivendo e recriando a nós mesmas o que requer construção, reinvenção e paciência ininterruptamente.

Quadro 2 - Participação em eventos internacionais.

ANOS	EVENTOS INTERNACIONAIS	LOCAIS
1996	I COLUBHE	Lisboa/Portugal
1998	IV CIELA	Santiago/Chile
1998	II COLUBHE	São Paulo//Brasil
2000	III COLUBHE	Coimbra/Portugal
2000	XXII ISCHE	Alcalá- de Henares/Espanha
2001	V CIELA	San Jose/ Costa Rica
2002	IV COLUBHE	Porto Alegre/Brasil
2003	VI CIELA	San Luis Potosi/ México
2003	XXV ISCHE	São Paulo/Brasil

5 Em variados momentos integrei, a seu convite, bancas de mestrado e doutorado na UFRGS e PUCRS, de trabalhos de Dóris Bittencourt Almeida, Luciane S. Sgarbi Grazziotin, Tatiane de Freitas Ermel, Alice Rigoni Jacques, amigas com as quais compartilho esta produção.

SUMÁRIO

2004	V COLUBHE	Évora/Portugal
2005	VII CIHELA	Quito/Equador
2006	VI COLUBHE	Uberlândia/Brasil
2006	52 CONG.. AMERICANISTAS	Sevilla/ Espanha
2007	VIII CIHELA	Buenos Aires/Argentina
2007	LATIN AMER. STUDY LASA	Montreal /Canada
2008	TEXTOS/AUTORES/	Córdoba/Argentina
2008	VII COLUBHE	Porto/Portugal
2009	IX CIHELA	Rio de Janeiro/Brasil
2010	VIII COLUBHE	São Luís/Brasil
2012	X CIHELA	Salamanca/Espanha
2012	IX COLUBHE	Lisboa/Portugal
2014	XI CIHELA	Toluca/México
2014	X COLUBHE	Curitiba/Brasil
2015	XXXVII ISCHE	Istambul/Turquia
2016	XI COLUBHE	Porto/Portugal
2018	XIII CIHELA	Montevideo/Uruguai
2018	JORNADA PATRIMÔNIO	Palma de Maiorca/Espanha
2018	CONG,INTERNAZIONALE	Molise/Itália
2019	X CIHELA	Belém/Brasil
2019	X C.I. EDUC. ESPANHOLA	Monforte de Lemos/Espanha
2021	XIV CIHELA	Lisboa/Portugal (virtual)
2022	XII COLUBHE	Cuiabá/ Brasil(virtual)

Fonte: Plataforma Lattes <http://lattes.cnpq.br/1895532605964830> (Maria Teresa Santos Cunha),
Plataforma Lattes <http://lattes.cnpq.br/4190797203813239> (Maria Helena Camara Bastos)
e Arquivo Pessoal da autora.

SUMÁRIO

Este quadro 2 permite ver que no plano internacional, estivemos juntas em vários países europeus e sul-americanos. Realço, aqui, a frequência ao CIHELA (Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana; à ISCHE (International Standing Conference on the History of Education), ao COLUBHE (Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação), além de participações no Latin American Studies Association (LASA/2007/Canadá) e de uma estada em Molise (Itália/2018) em um Congresso Internacional sobre Patrimônio Histórico-Educativo.⁶

Em todos estes eventos desenhava-se a possibilidade para que Maria Helena levasse exemplares da Revista História da Educação, uma publicação produzida pela ASPHE (Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores de História da Educação) para intercambiar e divulgar as pesquisas e os respectivos autores nacionais e internacionais que ali publicaram seus artigos. Esta Revista, hoje qualificada com avaliações máximas em indicadores nacionais e indexada em bases de dados de prestígio internacional, teve a contribuição efetiva de Maria Helena na criação/fundação, no engajamento, na liderança e em sua divulgação persistente, na maioria das vezes, feita pessoalmente.⁷ Junto a sua bagagem convencional, nas viagens, havia sempre uma caixa com as revistas que seria propagandeada no intuito de angariar mais autores, especialmente internacionais.

Das inúmeras viagens feitas, foi difícil, escolher uma foto juntas, já que registrávamos nossas viagens em fotografias. No caso, a foto foi feita pelo historiador Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta (UFMG), um amigo de longa data. Optei por uma imagem da viagem ao Canadá

6 Esta viagem, em 2018, é tributária, igualmente, de um Pós-Doutorado que Maria Helena fez na Universidade de Macerata, na Itália, no primeiro semestre de 2016.

7 No 30º Encontro da ASPHE, realizado entre 1 a 3 de outubro de 2025, nas dependências da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/RS), Maria Helena foi homenageada, pelos colegas com uma placa comemorativa em função de sua presença como uma das fundadoras desta Associação desde 1995 e, muito especialmente, pela sua atuação na Revista de História da Educação/ ASPHE.

SUMÁRIO

tanto pela importância do evento LASA (Latin American Studies Association) como pelos contatos que foram ali efetivados em 2007. Depois da apresentação de trabalhos na cidade de Montreal – local sede da LASA – fomos à cidade de Quebec (Canadá) visitar um Centro de Pesquisa (CRIFPE) *Centre de Recherche Interuniversitaire sur la formation e la profesión enseignant*⁸. Este local é considerado um dos maiores Centro de Pesquisa do Canadá, tem amplo acervo bibliográfico e dedica-se à formação docente com oferecimento de cursos à formação inicial e continuada de professores/as. Maria Helena deixou lá vários exemplares da Revista História da Educação/ASPHE e também realizou contatos com pesquisadores e pesquisadoras canadenses que reverberaram em parcerias e no envio de artigos à Revista.

Figura 1 - Maria Helena e Maria Teresa - Montreal/Canadá/ 2007/ LASA



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

SUMÁRIO

EXPERIÊNCIAS...

O que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados e o poder de torná-los ativos no presente (Koselleck, 2009, p. 312).

Maria Helena Camara Bastos, tem graduação em História (UFRGS,1972), Mestrado em Educação (UFRGS,1984) e Doutorado em Educação (USP/SP, 1994) Iniciou sua vida profissional como professora do Colégio de Aplicação da UFRGS, em 1973. Foi docente na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul; na PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ambas em Porto Alegre/RS e com passagem na UPF (Universidade de Passo Fundo), em Passo Fundo/ RS. É professora titular aposentada desde 2019, mas com orientações até 2022, totalizando efetivos 50 anos de atuação no Magistério.

Maria Teresa Santos Cunha tem graduação em História (UFSC,1973), Mestrado em História do Brasil (UFSC,1982) e Doutorado em Educação (USP/SP, 1995). Iniciou sua vida profissional como professora primária junto à escolas mantidas pela Prefeitura Municipal de Florianópolis (1970). Foi docente do Colégio de Aplicação entre 1974 e 1977, professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) entre 1977 e 1998 e da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), entre 1998 a 2022, em Florianópolis/SC. É professora titular aposentada desde 2022, totalizando efetivos 51 anos de atuação no Magistério.

Ambas, cursamos História em tempos difíceis e nos lembramos, entre tantos outros acontecimentos, que as leituras de autores clássicos eram bem mais restritas, situação que vencemos no doutorado com seminários e estudos de obras até então pouco conhecidas por nós. Entretanto, um saber didático, incentivado na

SUMÁRIO

licenciatura em História, nos forneceu estratégias para ação nas turmas de adolescentes dos Colégios de Aplicação da UFRGS/RS e da UFSC/SC onde atuamos no início da carreira docente e mesmo na atividade docente posterior.

Ao longo de uma relação de mais de três décadas, as viagens, o convívio acadêmico e pessoal, as conversas, as trocas de opinião entre mim e ela constituíam-se em experiências educativas que, consciente ou inconscientemente, contribuíram para alicerçar nossa amizade. Koselleck (2009) insiste que a experiência vivida sempre excede à experiência narrada considerando que nem tudo cabe no relato, que o esquecimento é parte constitutiva da memória e que cada geração reelabora o que recebeu das anteriores.

Sustentada por essas premissas proponho-me a relatar algumas experiências trocadas, notadamente as que se referem ao nosso cotidiano escolar nas Universidades em que atuamos como professoras. O título desse capítulo (*De)Cantar memórias* leva a reconhecer que lembrar é sempre um ato seletivo, atravessado por disputas, silenciamentos e reinterpretações caracterizadas como lembranças que envolvem “esse infra-ordinário e que ao desentocá-lo, dar-lhe sentido é talvez entender um pouco melhor quem somos nós.” (Artières, 1998, p. 10).

Entre viagens, encontros pessoais e acadêmicos, conversas, refeições, cafés, reuniões familiares, fortalecemos nossa amizade como duas amigas e professoras que tecem, dia após dia, uma rede de aprendizagens. Nas trocas cotidianas, percebemos que educar é também ser educada pela outra. As experiências que vivemos — uma aula que deu certo, um conflito com os alunos, uma reunião de Departamento tensa, uma leitura inspiradora, uma pesquisa conjunta, um artigo a ser elaborado, um evento a ser organizado — tornaram-se pontes unindo nossas trajetórias rotineiras. Assim, a amizade se transformou cotidianamente em território pedagógico,

SUMÁRIO

onde afetos e reflexões se encontram. Entre nós duas, a gentileza e a amizade ultrapassaram o ambiente acadêmico: partilhamos momentos/rituais familiares em Florianópolis e em Porto Alegre. Além, é óbvio, da troca de mimos em nossos aniversários natalícios e isso foi e continua a ser um exercício de escuta, de cuidado e de partilha, porque estar e aprender com amigas é também estar e aprender sobre si mesma.

Ouso afirmar (embora pareça, talvez, pouco comum no conturbado meio profissional em que vivemos) que se trata de uma amizade que não comporta ciúmes acadêmicos, pois se sustenta na partilha, no reconhecimento mútuo de nossas diferenças – talvez uma mais empírica, outra mais teórica, possivelmente uma mais sonhadora, outra mais metódica – mas ambas compartilhamos o mesmo desejo: ver o saber florescer, pesquisar, aprender e ensinar História da Educação. Destaco o incentivo a nossos orientandos e orientandas ao diálogo com autores até pouco utilizados na História da Educação, como os que se situam, por exemplo, nos pressupostos da História do Tempo Presente.⁹

Importante argumentar que este capítulo enseja a possibilidade de pensar em uma relação em que o saber não é campo de disputa, mas que reverbera em uma forma de coautoria existencial. Enfim, uma parceria intelectual e de amizade que está sempre atenta para desarmar rivalidades pois, como seres humanos, estruturas de competição, podem existir mas também podem ser superadas para tecermos juntas o que não conseguiríamos tecer sozinhas. Um exemplo disso é nosso hábito de trocamos leituras e sugestões preliminares de escritas para artigos, prefácios, apresentações em eventos antes de sua apresentação final. Damos sugestões uma à outra, sugerimos novos títulos e outras abordagens o que evidencia uma

SUMÁRIO

confiança mútua que floresce, entre nós, em um exercício humilde e constante de aceitação.

Poderíamos chamar esta prática entre amigas de *sororidade*. Na literatura feminista atual, bell hooks (2022) aborda o termo como um exercício de solidariedade, de empatia e apoio mútuo entre mulheres e, embora seja uma construção teórica recente e até controvertida, não achei outro termo para destacar essas experiências educativas vividas e trocadas entre e por nós.

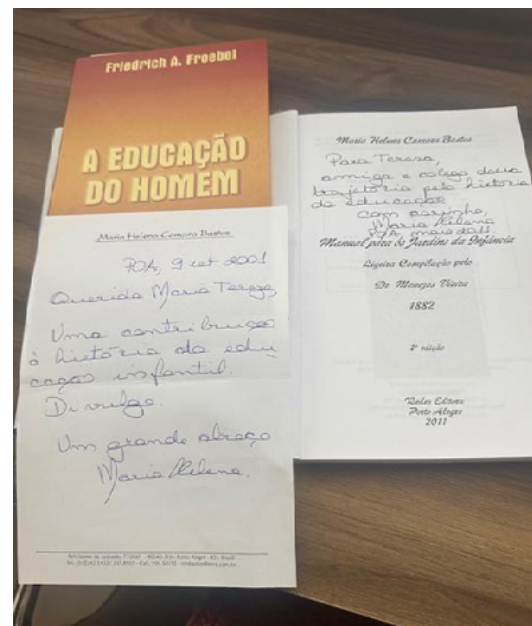
Desde nossa primeira produção conjunta, em 2000¹⁰, mantivemos parcerias e interlocução constantes para organizar coletâneas, trocar livros entre si, sugerir autores e autoras à leitura, brindar-se com a leitura literária, escrever prefácios, dedicar livros uma à outra, reclamar dos prazos instituídos, ações que também se constituem como experiências educativas. Elas carregam práticas que ressaltam a importância das emoções, dos vínculos de amizade e das experiências educativas vividas. Cada livro trocado, cada evento ido, cada conversa realizada, cada discussão acadêmica e/ou pessoal modelaram e modelam decisões individuais e oportunidades disponíveis de avançar nas pesquisas, na escrita e mesmo no eventual exercício de conviver com diferenças.

Ao fim e ao cabo, esta perspectiva ressalta a importância das emoções, dos vínculos e das experiências vividas e tudo isso vem facilitar a construção de conexões afetivas e de trabalho acadêmico baseadas na cooperação, na solidariedade e no compromisso recíproco. O aprender com a amiga, nesse caso, transcende a troca técnica: é também um gesto de reconhecimento e de pertencimento.

10

CUNHA, Maria Teresa Santos e BASTOS, Maria Helena Camara, *Olhai o que o tempo não levou: A literatura de Érico Veríssimo*. In: O tempo e o vento - 50 anos. Organização de Robson Pereira Gonçalves. Bauru/SP: Editora EDUSC, 2000. p. 181-198.

Figura 2 - Livros de Maria Helena com dedicatórias (2001 e 2011)



Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

Minha biblioteca pessoal guarda os livros produzidos por Maria Helena ao longo de sua trajetória, todos com dedicatórias e a recíproca se comprova com meus livros em sua biblioteca. Selecionei, por motivo de espaço, tempo e gosto, dois livros produzidos em 2001 e 2011¹¹: o primeiro, uma primorosa tradução da obra de Frederick Froebel (1782-1851) “natural da Turíngia (Alemanha) foi precursor da criação do jardim de infância [...] defendia um movimento pedagógico a partir da criança” (Bastos, 2001, p. 7). O segundo livro resulta de uma pesquisa longa para disponibilizar “o primeiro manual destinado aos professores dos jardins de infância publicado no Brasil, pelo Dr., Menezes Vieira” (Bastos, 2011, p. 17). Cada qual a seu tempo,

11 FROEBEL, Frederich, W.A. A educação do homem. (Apresentação e tradução de Maria Helena Camara Bastos. Passo Fundo/RS: UPF Editora, 2001 e BASTOS, Maria Helena Camara. Manual para os Jardins de Infância. Ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira - 1882. Porto Alegre: Redes Editora, 2011.

SUMÁRIO

os dois livros chegaram de Porto Alegre, via Correios, à minha casa, em Florianópolis. Durante a leitura, cada página virada desembocava em uma porta aberta para conhecer outros livros mas, além disso, eles mostram uma expressão da gentileza da doação, um presente que indica como a amizade se transforma em território pedagógico, onde afeto, interesses afins e reflexão acadêmica se encontram.

EXPECTATIVAS: UM LEGADO INCONTESTÁVEL

[...] as histórias são constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem (Koselleck, R., 2006. p. 306).

A história aqui narrada, além de comportar muitas experiências rememoradas pela escrita sobre minha amizade com Maria Helena pretendeu evidenciar e homenagear o legado e a contribuição de seu trabalho para a historiografia da educação brasileira e, para além do vínculo afetivo que nos une, "o exaustivo exercício de uma amizade que possibilita o pensamento" (Albuquerque Jr. 2001, p. 11).

Este foi um momento que propiciou abrir uma discussão sobre a temporalidade da experiência e para a tensão que sempre existe entre lembrar e narrar. Daí que, desde o título escolhido, *decantar memórias* importa reconhecer que toda narrativa implica escolhas sobre o que se diz, o que se silencia e mesmo sobre o que se ressignifica. *Decantar memórias* é, pois, perceber que elas pertencem a tempos diferentes e que por mais esforços que se possa fazer para lembrar "ela é fonte de uma rara força dramática [...] é uma tentativa de alcançar uma proximidade entre as vozes, não raro, podem soar até como fracamente teatrais." (Arendt, 1999, p. 13).

SUMÁRIO

A amizade e a parceria acadêmica entre nós, mulheres e professoras, exigiu um desafio constante à aceitação, às diferenças, ao pensamento e nos ensinou a conviver com nossas imperfeições humanas. Ela pôde se constituir como um espaço fecundo de formação continuada, onde o diálogo, a escuta e a partilha de vivências acadêmicas e pessoais se transformaram em práticas formadoras, em afetos exercidos e em muitas produções acadêmicas conjuntas. A amizade, nesse sentido, constitui-se como um lugar de formação afetiva, ética e reflexiva, onde o aprender com o outro ganha sentido profundo. As experiências educativas vividas e aqui narradas não se construíram apenas em contextos institucionais ou formais, mas também nas relações interpessoais que se estabeleceram a partir de outros expedientes para além do exercício da docência mas que o extrapolaram na conformação de um campo de formação situado, sensível e relacional.

O desafio de escrever sobre a amizade com Maria Helena emergiu, repito, tanto como forma de homenagem como pela gratidão por alcances e trocas intelectuais e afetivas que me propiciou ter. Tentei esboçar uma forma de tributo (atenta para não romantizar nossa relação de amizade!) que resulta da compreensão de que o processo formativo humano e, no caso, também docente, não se limita aos cursos, seminários ou instâncias institucionais, mas se expande e se reafirma nas relações interpessoais e afetivas que se estabeleceram a partir do nosso convívio profissional cotidiano. Nossa amizade foi construída como um modo singular de ser professora, de ser mulher, ambas nascidas na década de 1950, um modo em que o saber e o diálogo se converteram em prática cotidiana de aprendizado mútuo e conjunto.

A partir da segunda metade da década de 1990 e mediante a utilização dessas memórias das viagens acadêmicas e pessoais com Maria Helena estivemos por espaços que se entrecruzaram em múltiplas direções, caminhos que avançaram, se enlaçaram e se transformaram com o tempo. Assim, construímos um espaço de partilha de onde brotava lealdade temperada com confiança e

SUMÁRIO

respeito e que produziu um tipo de saber que não se aprende em manuais: o saber relacional, que envolve afetividade, empatia e partilha, e muito especialmente, um exercício mútuo para o cultivo do respeito às diferenças.

Hoje, em plena primavera do ano de 2025, quando sopram os ventos do fim do primeiro quartel do século XXI, nos encontramos aposentadas e mais distanciadas dos múltiplos trabalhos acadêmicos mas, continuamos ativas e com ânimo para ler, estudar, viajar e para escolher participar de atividades (acadêmicas ou não) que nos tragam alegria e prazer. Nesse sentido, estamos cientes do recado de Koselleck (2016), ao lembrar que:

[...] o conjunto de experiências acumuladas e a capacidade de processar as surpresas constituem um patrimônio [...] que se estende durante toda nossa vida. É fundamental evitar a arrogância da idade pois a resistência a surpresas bloqueia possíveis experiências novas (p. 24).

As viagens, experiências e expectativas aqui rememoradas e mesmo desejadas para relatar e homenagear o legado de uma professora e a amizade acadêmica deixam entrever que o tempo é um componente essencial na consolidação das amizades e no trato da memória. Ele se pronuncia através dos dias e das noites, dos rostos amigos, da lembrança de tantos alunos, alunas e colegas que deixaram marcas, das paisagens visitadas ... Sim, o tempo fala de muitas maneiras e nos dá a certeza de um legado que está aí vivo para outras gerações. Maria Helena produziu, aprendeu e educou; possui um legado de obras e ações e, como amiga, reconheço que em nossas trajetórias houve alegrias e sucessos, mas também algumas exigências e até contradições, boas e más como é a vida, enfim!

Sem quaisquer arrogâncias da idade e abertas às experiências novas ratifico a expressiva contribuição de Maria Helena à História da Educação e sua atuação internacional que reforçou os processos de internacionalização tanto no meio acadêmico do Rio Grande do

SUMÁRIO

Sul, como em nível nacional nas diversas Associações de que faz parte (ANPEd, CBHE, ASPHE, etc).

Ao longo desses anos, trilhamos muitos caminhos acadêmicos e pessoais e vivemos celebrações nem sempre esperadas. Neste capítulo ainda que eu tenha me detido mais na ênfase à seriedade da carreira acadêmica tentei, constantemente, evitar construir uma imagem de trajetória marcada por progressão e sucesso e, por este motivo, é importante citar possíveis hesitações ou ambiguidades comuns na vida e entre amigas. Procurei evitar uma organização narrativa que encadeie os acontecimentos de forma ordenada, com linearidade e coesão, em detrimento da complexidade e das possíveis dissonâncias da experiência vivida. Também sem arrogância e com sorriso nos lábios faço questão de registrar nossas incontáveis risadas, nossas inumeráveis compras de roupas e livros pelo mundo afora de Caxambu (MG) a Nova Russas (CE); de Paris a Istambul, especialmente! Nestas tantas viagens o roteiro era mantido: visitas a museus, risadas de nossos tropeços linguísticos e, claro, observações espirituosas sobre a vida, o ambiente acadêmico e a transitoriedade daqueles momentos, sempre temperadas com bom humor. Ah, para além da nossa sina viageira é bom lembrar as tantas e longas conversas sobre nossos filhos e suas presenças em nossas vidas!

Maria Helena é portadora de uma linda e portentosa carreira acadêmica com reconhecimento nacional e internacional e continua sendo uma amiga leal e presente em minha vida. Neste tempo presente exercemos um processo de gradual distanciamento das lidas de ensino e pesquisa - nós duas, de novo, vivendo situações semelhantes na vida - ambas vivendo na praia: ela em Torres (RS) eu no Campeche (Florianópolis/SC). Distanciar-se, abrir espaço aos que estão aí e aos que virão faz parte do processo de qualquer ser humano, de qualquer profissional e é lindo, apesar de ser duro, assim como a vida é linda, apesar de ser, muitas vezes, dura.

Seguimos!

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Íntimas Histórias: a amizade como método de trabalho historiográfico. Territórios e Fronteiras. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso**, v. 2, n. 2, jul-dez 2001 – Cuiabá –MT. p. 9-16, (Dossiê: O legado de Alcir Lenharo).

AREND, Hannah. **Entre amigas**: a correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy/ organização e introdução Carol Brightman. (Tradução de Steni Campos) – Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, FGV: Rio de Janeiro, v. 12, n. 21, 1998 (Dossiê Arquivos Pessoais).

BASTOS, Maria Helena Camara. A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942). **O novo e o nacional em Revista**. Pelotas/RS: Seiva, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Manual para os Jardins de Infância**. Ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira - 1882. Porto Alegre: Redes Editora, 2011.

bell hooks. **Pertencimento**. Uma cultura do lugar. (Tradução de Renata Balbino). São Paulo: Elefante, 2022.

BUFFAULT, Anne Vincent. **Da amizade**. Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. (Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. Um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. (Tradução de Constancia Morel) São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FROEBEL, Frederich, W.A. **A educação do homem**. (Apresentação e tradução de Maria Helena Camara Bastos. Passo Fundo/RS: UPF Editora, 2001.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade**: mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOSSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. (Tradução Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira, Cesar Benjamin). Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2006.

_____. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. (Tradução Markus Hediger). Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2014.

SUMÁRIO

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. (Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**. A história, o presente, o contemporâneo. (Tradução de Fernando Coelho, Fabrício Coelho). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SANTOS, Paulo. Arquivo pessoal, ciência e saúde pública: O arquivo Rostan Soares entre o laboratório, o campo e o gabinete. *In*: SILVA, Maria; SANTOS, Paulo (org.). **Arquivos pessoais**: história, preservação e memória da ciência. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2012.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1992.

6

*Elomar Tambara
Eduardo Arriada*

TRAJETÓRIA DE MARIA HELENA NA ASPHE:

PIONEIRISMO NA ORGANIZAÇÃO
E OS TRABALHOS SOBRE A ASSOCIAÇÃO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Percorrer o significado, a importância, o papel, ou mesmo a trajetória de Maria Helena Camara Bastos, no surgimento e consolidação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), não é apenas um desafio, é também descortinar todo um percurso de construção, de afetos, de conquistas, de dúvidas, questionamentos, da ciência, do campo do conhecimento, da pesquisa, das teorias.

Entre diversas outras coisas, entre o ontem e o hoje, a caminhada da Maria na ASPHE foi ampla: participativa, secretária, tesoureira, pesquisadora, orientadora, coordenadora de mesa, conferencista, ouvinte, vice-presidente, presidente. Articuladora com os “grandes” da história, abriu portas para que diversos intelectuais tivessem seus textos traduzidos e publicados no Brasil, na revista da Associação (ASPHE). Nesse quesito foi pioneira, vanguardista e de uma tenacidade que cabe à todos nós reconhecer.

Assim, apontar mesmo que de modo relativamente breve o seu papel na ASPHE, não é algo simples, mas complexo, pois ela não é as “Três Marias” de Rachel de Queiroz, mas uma miríades de Marias, desdobrada numa plêiade de atividades e compromissos.

No ano de 1995, fruto de várias circunstâncias, reuniram-se um grupo de professores e pesquisadores em História da Educação com a finalidade de pensarem o fazer pedagógico e investigativo da área de atuação.

Entre muitas preocupações desse grupo, havia certa suscetibilidade para as questões teórico-metodológicas, pois não bastava “escrever” história, havia de problematizá-la, e para isso o aporte teórico e questões de metodologia eram fundamentais. Isso permitia

SUMÁRIO

uma compreensão de quais aspectos da história da educação estavam sendo investigados e/ou negligenciados.

Sob muitos aspectos este grupo social apresentou-se com características verdadeiramente *sui generis*. Mormente no que se refere a aspectos relacionados à coesão social. Houve um amálgama que permitiu e mesmo estimulou um relacionamento que foi marcado pela fraternidade, afetividade e competência investigativa. Estas características, de certa forma, marcam a instituição que a partir deste encontro foi instituída: Associação Sul Rio Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE).

Era 11 de dezembro, período de recesso acadêmico, o que oportunizou reunir professores de diversas instituições de ensino (públicas ou privadas) do Rio Grande do Sul, que trabalhavam disciplinas de história da educação.

Desse encontro, capitaneado por Lúcio Kreutz e Flávia Werle, ambos da Unisinos, além de Jaime Giolo (UPF), Elomar Tambara (UFPEL), Julieta Beatriz Desaulniers (PUC/RS), Berenice Corsetti (UFSM), e Maria Helena Camara Bastos (UFRGS).

Em pauta, entre outros pontos, era viabilizar a criação de um grupo de professores com a finalidade de investigar a história da educação no Rio Grande do Sul. Por iniciativa de Lúcio Kreutz, ficou decidido uma nova reunião na busca de organizar de maneira mais concreta uma associação de pesquisadores, com o objetivo de dedicar-se a estudar a história da educação do Rio Grande do Sul, buscando articular e conhecer o que cada instituição vinha fazendo relativamente a esse campo do conhecimento.

Marcada para 7 de junho de 1996, no campus da Unisinos. Como decorrência dessas duas reuniões, em 12 de setembro de 1996, fundava-se a – Associação Sul-rio-grandense de pesquisadores em História da Educação, tendo como abreviatura a seguinte denominação: ASPHE.

SUMÁRIO

É importante pontuar que estas pessoas que compunham o grupo inicial e os que, posteriormente, agregaram-se, de modo geral, atuavam também em outras áreas de conhecimento, mas que tinham em comum o maior ou menor vínculo com a História da Educação. Este é um aspecto importante, pois este era um liame que precisava ser constantemente alimentado e nos parece ser um dos segredos do sucesso desta associação até este momento.

Como dito, cada um dos membros possuía carismas distintos que primavam aspectos relacionados à pesquisa, ao ensino, à afetividade, ao contato internacional, à gestão universitária, à participação com a Anped, Cnpq etc.

Entretanto, quem em maior medida, apresentou maior parcela destas perspectivas em sua ação como membro da ASPHE foi a Dr^a Maria Helena Câmara Bastos.

Desde as primeiras reuniões, sua presença era constante. Seja no I Encontro realizado em 28/29 de abril de 1997, momento em que foi “lançada” a revista História da Educação. Seja no II Encontro em Santa Maria (outubro de 1997), participando e atuando como debatedora de mesa. Seja ainda, em seu III Encontro de 23/24 de abril de 1998, em Santa Maria, participando na mesa redonda sobre impressos pedagógicos. Também no IV Encontro, temos sua participação ativa, compondo com o Prof. José Gondra, a discussão sobre “A constituição do campo educacional no Brasil: a intervenção dos quadros médicos no século XIX”. Por sua vez, no V Encontro, para além das atividades desempenhadas, Maria Helena Camara Bastos, é eleita Vice-Presidente da Associação, cargo em que permanece no VII Encontro.

Portanto, de forma incontestável, sua atuação foi responsável pelo sucesso deste empreendimento, tanto em sua gênese quanto, e principalmente, em sua consolidação como um instituto de pesquisa e divulgação de História da Educação.

SUMÁRIO

PREOCUPAÇÃO COM A MEMÓRIA DA ASSOCIAÇÃO SUL RIO GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Como historiadora da educação, Maria Helena compreendia como ninguém a importância da preservação da memória da construção das instituições sociais. Como também entendia a importância de utilizar-se das pequenas conquistas iniciais, para solidificar a apreensão do percurso realizado tanto quanto para estimular a conquista de novas metas.

Uma prática muito positiva nesta construção de narrativa foi a de incentivar que jovens pesquisadores participassem, e como decorrência se associassem à nascente associação. Com esse procedimento, buscava-se possibilitar um engajamento mais forte no processo de participação na Associação. Esta é, sem dúvida, uma das características mais marcantes deste grupo. A recepção afetuosa, amiga e mesmo caridosa dos pesquisadores iniciantes na qual estimula-se uma relação de fraternidade acadêmica não muito encontrada nos meios acadêmicos.

Portanto, a continuada construção de textos contribuiu sobremaneira tanto para o processo de coesão interna como também para constituir o reconhecimento externo do trabalho da associação, sobejamente alardeado no campo da história da educação nacional e mesmo internacional.

Como ilustração elencamos alguns destes textos.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Associação Sul Rio-Grandense de pesquisadores em História da educação (ASPHE)**: a trajetória de uma rede de pesquisadores. Educação em Revista (UFMG), Belo Horizonte, v. 34, p. 221-227, 2001.

BASTOS, Maria Helena Camara; ERMEL, Tatiane de Freitas. História da Educação/ ASPHE (Brasil). In: HUERTA, José Luis Hernández; CAGNOLATI, Antonella; FERNÁNDEZ, Alfonso Diestro. (Org.). Connecting History of Education. **Scientific Journals as International Tools for a Global World**. 1. ed. Salamanca: FahrenHouse, 2015, v., p. 83-94.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara. História da Educação/ASPHE. *In*: International Standing Conference for the History of Education, 2015, Istanbul. ISCHE 37- Istanbul 2015. Abstracts Books Culture and Education. **International Standing Conference for the History of Education 37**. Istanbul: Istanbul University, 2015. v. 1. p. 58-58.

BASTOS, Maria Helena Camara. A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. *In*: XI Encontro da Associação Sul-Rio-grandense de pesquisadores em História da Educação, 2005, São Leopoldo. **História da Educação na formação do educador e a contribuição dos 10 anos da ASPHE**. Pelotas: Seiva Publicações/FAPERGS, 2005. v. 1. p. 19-19.

BASTOS, Maria Helena Camara. História da educação no Rio Grande do Sul: estado da arte. *In*: **II Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul**, 1999, Curitiba. II Seminário de Pesquisa da Região Sul. Curitiba: UFPr, 1999. v. 1. p. 184-184.

BASTOS, Maria Helena Camara. **La Revista História da Educação e le sfide dell'internazionalizzazione**. 2016. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

BASTOS, Maria Helena Camara. **A pesquisa em História da Educação no Brasil e no Rio Grande do Sul**: tendências e desafios. 2012. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

BUSNELLO, Fernanda Bastani; BASTOS, Maria Helena Camara. A História da Educação no Rio Grande do Sul: um estudo da produção de pesquisa (1970-2000). *In*: XVII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, 2005, Porto Alegre. **XVII Salão de Iniciação Científica da UFRGS e XIV Feira de Iniciação Científica**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. v. 1. p. 817-817.

GRAZZIOTIN, Luciane; THIES, Vania Grien; BASTOS, Maria Helena. Camera. Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE): 25 anos fazendo história (1996-2021) *In*: Hernández Huerta, José Luis; Cagnolati, Antonela; Payà-Rico, Andrés. (Coord). (Org.). **Connecting History Of Education**. Redes globales de comunicación y colaboración científicas. 1. ed. Valência/Espanha: Tirant Humanidades, 2022, v. 1, p. 379-389.

WEIDUSCHADT, Patrícia.; BASTOS, Maria Helena Camara. História da Educação/ASPHE: 20 anos fazendo história. *In*: Luciana Cristina Salvatti Coutinho *et al.* (org.). **História e Historiografia da Educação**: debates e contribuições. 1ed. Uberlândia/MG: Navegando, 2018, v. 1, p. 93-108.

SUMÁRIO

EMPENHO COM A CONSOLIDAÇÃO E MEMÓRIA DA REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Do mesmo modo, como Maria Helena Camara Bastos batallava pela memória da ASPHE ela labutava com dedicação no processo de consolidação da Revista História da Educação. Esta revista vinculada à Associação desde seu início destacou-se no cenário nacional tornando-se um dos periódicos de referência no campo da história da educação tanto por seu pioneirismo como e principalmente pelo reconhecimento dos órgãos reguladores estando sempre muito bem avaliada no portal de periódico da Capes.

Inquestionavelmente, esse sucesso deveu-se a constante lembrança que Maria Helena tinha em todas as suas atividades. Sempre tratou de referir-se à revista, conseguindo assim, que ela fosse conhecida e angariasse prestígio acadêmico.

Salienta-se, em particular, dois aspectos, entre muitos, 1. O esforço no sentido de angariar contribuições de textos internacionais e 2. O trabalho político/burocrático na construção dos processos de indexação, em geral, e principalmente no portal de periódicos da Capes.

Em relação à contribuição de textos internacionais, sua experiência e vivência em outros espaços acadêmicos, particularmente na França, possibilitou um contato com diversos intelectuais franceses, possibilitando que muitos de seus textos pertinentes ao campo da história da educação fossem publicados na revista – História da Educação da ASPHE, entre outros salientamos: Christophe Charle, Pierre Caspard, Annie Bruter, Emmanuelle Picard, Marcel Grandière, Philippe Savoie, Alain Choppin, o que com certeza qualificou a revista e permitiu uma internacionalização maior da mesma.

O olhar atento e arguto para os critérios de avaliação fez dela, sempre, uma revista muito bem avaliada em todos os níveis. Tanto pessoal quanto institucionalmente, essa trilha histórica foi

SUMÁRIO

constantemente demarcada por ela, de modo que a narrativa dessa trajetória, além de reconhecer o caminho percorrido, transformava-se em incentivo para a busca de novos objetivos.

Esta atuação pode ser visualizada, entre outros, nos seguintes textos:

BASTOS, Maria Helena Camara; QUADROS, Claudemir; STEPHANOU, Maria. Revista 'História da Educação' da ASPHE/RS (Brasil): compartilhando estudos e pesquisas desde 1997. **History of Education & Children's Literature (Online)** v. 1, p. 57-63-63, 2015.

BASTOS, Maria Helena Camara ; IBIAS, Maria Helena Furlan; ERMEL, Tatiane de Freitas. A Revista Educação (1978-2007). Uma análise da trajetória editorial. **Educação** (Porto Alegre), v. 30, p. 129-154, 2007.

PREOCUPAÇÃO COM CARACTERIZAÇÃO DE TEMÁTICAS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO QUE AINDA NÃO ERAM CONTEMPLADAS PELOS PESQUISADORES

Importa dizer que uma das características da ASPHE sempre foi o de compor um ambiente onde os pesquisadores iniciantes pudessem apresentar suas pesquisas, em uma atmosfera de tranquilidade e de ajuda acadêmica. É muito comum pesquisadores renomados da área de história da educação recordarem, com gratidão, estes momentos do início de sua trajetória acadêmica.

Ao par da atuação de Maria Helena nos Encontros da ASPHE, nesse comportamento de estimular o surgimento de novos pesquisadores, houve também um trabalho voltado a demarcar os temas privilegiados e os objetos de pesquisa que mereciam maior atenção. De maneira que Maria Helena deu visibilidade, por meio de radiografias muito bem definidas, à efetiva situação do campo da História da Educação no Rio Grande do Sul. Tal aspecto pode ser percebido em diversos textos.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara. **História da educação no Rio Grande do Sul: estado da arte. História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 183-206, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara; BENCOSTTA, Marcus Levy Albino; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Uma cartografia da pesquisa em História da Educação na Região Sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980-2000)**. 1. ed. Pelotas: Publicações SEIVA, 2004. v. 1, p. 140.

BASTOS, Maria Helena Camara. A pesquisa em História da Educação em revista. *In*: SCHELBAUER, Analete; LOMBARDI, J.C; MACHADO, Maria Cristina. (Org.). **Educação em debate: perspectivas, abordagens, historiografia**. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2006, v. 1, p. 99-128.

BASTOS, Maria Helena Camara. História da Educação do Rio Grande do Sul - o estado da arte. *In*: BASTOS, M.H.C; TAMBARA, Elomar.; KREUTZ, Lúcio. (Org.). **História e memórias da educação do Rio Grande do Sul**. 1 ed. Pelotas: Seiva, 2002, v. 1, p. 11-42.

BASTOS, Maria Helena Camara; BUSNELLO, Fernanda Bastanti. A pesquisa em História da educação nos programas de pós-graduação em educação no Rio Grande do Sul (1970-2003). *In*: XI Encontro de Pesquisadores Sul-Rio-Grandense de História da Educação, 2005, São Leopoldo. Anais do XI Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da educação. **A História da Educação na formação do educador e a Contribuição de 10 anos da ASPHE**. Pelotas: ASPHE/UFPel, 2005. p. 1-15.

BASTOS, Maria Helena Camara. A História da Educação no Rio Grande do Sul: cartografia de uma produção (1970-2000). *In*: IV ANPED- Sul, 2002, Florianópolis. **Na contracorrente da Universidade Operacional**. Florianópolis: UFSC- NUP, 2002. v. 1. p. 246-274.

EXERCÍCIO PRÁTICO DE DEMONSTRAÇÃO DE DESCORTINO TEÓRICO EPISTEMOLÓGICO ATRAVÉS DE CONFERÊNCIAS, PALESTRAS E COMUNICAÇÕES NOS ENCONTROS DA ASPHE

Em diversos encontros da ASPHE, sua presença e participação se fazia efetiva. No VII Encontro realizado em Pelotas, em 03/04 de maio de 2001, que tinha como centralidade – Pesquisa em História da Educação: perspectivas comparadas – apresentou

SUMÁRIO

a seguinte comunicação: "Leituras da ilustração brasileira: Célestin Hippeau (1803-1883). Por sua vez, no VIII Encontro em Gramado (2002), sua comunicação versava sobre os Manuais escolares franceses no Imperial Colégio de Pedro II (1856-1892).

No IX Encontro, ocorrido em Porto Alegre (2003), cujo tema versava sobre a História da Educação, Literatura e Memória, coordenou a mesa de abertura – Literatura e História da Educação, que tinha como ministrantes a Professora Regina Zilberman e a Professora Sandra Jatahy Pesavento. No X Encontro, agora em Gramado (2004), tendo como temática a História da Cultura Escolar: escritas e memórias ordinárias, fez parte da Mesa-Redonda I – "Cultura escolar, escritas e memórias: possibilidades da pesquisa em História da Educação", conjuntamente com Beatriz Fischer e Eliane Peres, além de apresentar a seguinte comunicação: "Da escrita ao arquivamento: a fabricação do eu".

No XI Encontro, realizado em São Leopoldo (2005), participou no Painel 1, com tema sobre "Ensino da disciplina História da Educação nas Universidades e IES do Rio Grande do Sul: ontem e hoje". Também escreveu um texto para publicação nos Anais da associação, intitulado "A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE): 1995-2005", demonstrando ser a mesma, um espaço privilegiado de socialização das pesquisas, de dinamização da produção historiográfica e de importantes debates no campo da investigação histórica.

Tantas outras questões poderiam ainda ser salientadas, como seu papel de organizadora de diversos encontros da associação (ASPHE), além de estimuladora da participação de orientandos nesses encontros e da publicação de artigos e livros.

Nessa trajetória, ficam evidentes os diversos papéis de atuação ocupados por Maria Helena Camara Bastos nos espaços da ASPHE, nos quais atuou e participou ativamente em diferentes

SUMÁRIO

momentos, ao longo de um largo período. Não poderíamos deixar de salientar, também, as discussões, as trocas de ideias, as sugestões de estudos e leituras, bem como a constante preocupação com o campo teórico da História da Educação.

Desse modo, tendo no rastro as perspectivas da “Nova História Cultural” e com sólida leitura do debate epistemológico, consolidada pelo conhecimento, entre outras obras, os 3 volumes de “Faire de l’histoire (1974), obra dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora, e que contou com a participação de diversos historiadores, subdividida em 3 eixos centrais: História: Novos Problemas; História: Novos Objetos; História: Novas Abordagens; ainda “A Escrita da História” (1975), e “A invenção do Cotidiano” (1990), Volume 1. Artes de Fazer e Volume 2. Morar, cozinhar, de Michel Certeau; - além da “A Escrita da história: novas perspectivas” (1991), volume organizado por Peter Burke; “A História Cultural: entre práticas e representações” (1990) de Roger Chartier; assim como “História e Memória” (1977), de Jacques Le Goff. Sem esquecer, os estudos mais recentes, como “Passados Recompuestos: campos e canteiros da história” (1998), organizado por Jean Boutier e Dominique Julia.

Esse debate, iniciado na década de 1970, adentrou os anos 1990, alcançou o momento atual e esteve sempre presente nos espaços da ASPHE. Um longo percurso era revitalizado, marcado pelas contribuições perenes do debate inaugurado por Marc Bloch, Lucien Febvre, continuado por Marrou, Veyne, Ricoeur, Foucault, Certeau, e ampliado por autores contemporâneos, como Koselleck, Hartog, Farge, Dumoulin, em torno da interpretação da história e o ofício do historiador.

Embora o debate acerca de ser ou não a História uma ciência nunca tenha deixado de lado a premissa de que o historiador não é, nem pode ser, um autor de ficção, sua competência e capacidade de fazer história estão ancoradas nas evidências documentais. É a partir de “protocolos de verdade”, como salienta Francisco José Calazans

SUMÁRIO

Falcon, em sua apresentação à obra – Passados Recompostos, que se identificam, em derradeira instância, a História e o historiador (1998, p. 18).

Talvez tenha sido Certeau quem, de certo modo, percebeu que o historiador já não é mais o homem capaz de constituir um império, nem tampouco aquele que busca uma história globalizante. Ele trabalha nas margens; é, quando muito, “um erradio”.

Constantemente, tais palavras proferidas por Bastos, reforçando o sentido do “ofício do historiador”. Não há história sem a aplicação rigorosa das regras de uma profissão, já nos alertavam Boutier e Julia. Trata-se de uma observação recorrente, “cuja compreensão não é imediata, pois ela remete tanto a princípios formalizados quanto ao *savoir-faire* não expresso, adquirido no trabalho ou na atividade de “oficina” (1998, p. 36).

Essas discussões estavam cotidianamente presentes nos encontros; buscava-se a compreensão e o entendimento de nossa profissão, seja nas comunicações, nas mesas-redondas e nas palestras, seja ainda nos encontros informais, nos momentos dos cafés, nos corredores ou nos jantares.

Diversos paradigmas, questões conceituais e abordagens eram cotidianamente realçados, tais como a microfísica do poder, de Foucault; o espaço público, de Habermas; a reprodução, os campos e o *habitus* de Bourdieu; as táticas e estratégias, de Certeau; o processo civilizatório, de Elias; a representação e apropriação de Chartier; o circuito de comunicação, de Darnton; o paradigma indiciário, de Ginzburg; e os regimes de historicidade, de Hartog, entre outros.

Outra questão permanentemente em debate, era o papel da narratividade no processo historiográfico. Não mais a velha história, tão criticada por Lucien Febvre, ao escrever “Combates pela história”, não aquela história historicizante, do “*événementielle*”. Agora alicerçada em pressupostos mais sólidos, ancorada em autores, seja Paul

SUMÁRIO

Ricoeur do “Tempo e Narrativa”, onde postula que não pode haver história sem uma coerência, uma articulação, um elo, por mais tênue que possa ser, ou seja, sempre há uma narratividade.

Em vários desses encontros, isso era seguidamente ponto de convergências e divergências. O que aproxima ou separa história e narrativa? Como estabelecer critérios? A história teria ou têm uma narrativa própria de seu discurso científico?

Entre diversos autores lidos e discutidos, reverberavam Certeau, Ricoeur, Koselleck, Chartier, Dosse, Hartog. Para este historiador, a história “mostrou-se ainda mais ciosa das condições de sua produção e mais consciente de que sem seus objetos não eram dados nas fontes, mas produzidos; era preciso que ela primeiramente estabelecesse as perguntas, formulasse as hipóteses, construísse os modelos, muito mais do que contar o que se passara” (Hartog, 1998, p. 196).

Assim, em muitos dos nossos encontros, fomos absorvendo e adquirindo um espírito de dúvida e questionamento, processo instrutivo e proveitoso, particularmente para os jovens “aprendizes”. A cada encontro, realizava-se um balanço das discussões teórico-metodológicas e dos historiadores que efetivamente contribuíam para o campo da História da Educação.

Talvez hoje, mais do que nunca, devemos crer em história. Em obra com esse título – Crer em História –, François Hartog nos adverte que, apesar de tudo, por sua mediação especializada, “o historiador estava à altura de tornar visíveis as boas razões para crer em história ou na história, fazendo espelhar a alteridade do passado. Em uma história que certamente não era mais mestra da vida, nem mesmo a mestra do mundo moderno, mas que, a exemplo da vida e tão evidente quanto ela, era o movimento profundo das sociedades e o seu meio natural” (2020, p. 21).

SUMÁRIO

Em suma, é difícil dimensionar o quanto a contribuição direta ou indireta, decorrente da atuação da Maria Helena no âmbito da ASPHE, impactou a formação pessoal e profissional de milhares de educadores (alunos, professores, pesquisadores etc.); podemos, contudo, atestar que foi enorme, pois a acompanhamos ao longo de muitas décadas. Assim, fazemos votos de que sejamos dignos dessa herança, tanto em relação ao passado quanto ao futuro da Associação.

Em todos esses momentos, no atravessamento e na leitura dos mais diversos autores e temas, pontuando, agindo, discutindo, participando, dando voz e escutando, a presença e o papel desempenhados ao longo de toda a história dessa associação foram marcados de forma indelével por Maria Helena Camara Bastos. Ficam o nosso respeito e a nossa admiração.

REFERÊNCIAS

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. Em que pensam os historiadores? *In*: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (org.). **Passados recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 10ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. Morar, cozinhar. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

SUMÁRIO

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos Annales à nova história. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

DOSSE, François. **A história**. Bauru: Edusc, 2003.

FALCON, Francisco José Calazans. Apresentação. /n: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (org.). **Passados recompostos**: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. 3ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

HARTOG, François. A arte da narrativa histórica. /n: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (org.). **Passados recompostos**: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

HARTOG, François. **Crer em história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

KOSSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. 4ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos objetos. 4ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 3, Campinas: Papirus, 1995.



Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

“NÃO EXISTE ORIENTAÇÃO SEM ESCRITA”:

**PERCURSOS DE UMA PESQUISADORA
DO SUL DO PAÍS (1997 A 2019)**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.7

SUMÁRIO

O orientador é um personagem que entretém uma relação singular e intersubjetiva com seu orientando, de peculiar riqueza e complexidade [...] O orientador juntamente com o orientando e suas páginas escritas, constituem um trio único e original, com considerável espaço de liberdade, voltado para construir conhecimentos favoráveis ao desenvolvimento de um estilo pessoal na escrita (Bianchetti; Machado Netto, 2012, p. 31).

INTRODUÇÃO

Essa citação consta em um livro que está em sua 3ª edição, no qual Lucídio Bianchetti e Ana Maria Machado Netto dedicaram-se a organizar uma obra cuja centralidade das discussões abarca os processos de orientação e traz diferentes perspectivas acerca da percepção do ato de orientar. Antes deles, Umberto Eco (1995) escreveu *Come si fa una tesi de láurea*, e, recentemente, Débora Diniz (2024) publicou *Cartas de uma orientadora*. Trago esses três exemplos – a despeito de outros sobre a temática de escrever academicamente e orientar – para indicar que o processo de orientar uma pesquisa, em nível *stricto sensu*, permeia o horizonte do debate na pós-graduação faz algum tempo e não cessa de ser tema de produções acadêmicas.

O capítulo “*Não existe orientação sem escrita*”: *percursos de uma pesquisadora do sul do País (1997 a 2019)*, circunscreve somente os anos em que a professora Maria Helena Camara Bastos integrou Programas de Pós-Graduação, tematiza elementos relacionados ao seu itinerário como pesquisadora e orientadora em Programas de Pós-Graduação em Educação e em História. Apresento, portanto, o

SUMÁRIO

recorte que diz respeito à prática de orientar teses e dissertações, como forma de reflexão no que tange a essas tarefas, atividades por ela realizadas durante 26 dos seus 50 anos de profissão docente.

As informações contidas neste capítulo foram obtidas por meio de consulta ao seu Currículo Lattes¹, a publicações de sua autoria e narrativas de orientandos seus – hoje, esses selecionados, também professores e orientadores.

Os depoimentos foram realizados por escrito por meio de um roteiro enviado por *e-mail*. Todos aqueles a quem enviei o roteiro aceitaram participar e, através das memórias guardadas “daquele tempo”, trouxeram elementos que marcaram seus processos de formação. São momentos de convivência que se configuram em sentimentos e sensações distintas, muitas em comum, outras singulares a cada um.

Para que nos dediquemos à escrita e à reflexão sobre um tema, com finalidade acadêmica, entendo ser desejável e até necessário que ele tenha, em uma certa medida, relação com nossos desassossegos, questões que nos perturbam e/ou preocupam. É o caso de minha escolha, pois trata-se de um aspecto da profissão docente, em um Programa de Pós-Graduação (PPG), que, entendo, não tive tempo de amadurecer em qualquer tipo de análise, pelos atropelos cotidianos e demandas infinitas, tarefa à qual me dedico nesta escrita.

Por ocasião da nossa iniciativa, de publicar um livro caracterizado por ser um espaço coletivo de memórias de nossa convivência acadêmica e pessoal com a professora Maria Helena Camara Bastos, entre os eixos elencados como fundamentais para a escrita, escolhi, portanto, escrever sobre alguns aspectos relacionados ao processo de orientar, da relação orientando/orientador e seus desafios. Se a ninguém mais interessou esse tópico, a mim, porém, ele é representativo de minha trajetória como alguém – como tantos com formação para atuar em um Programa de Pós-Graduação – com a tarefa

SUMÁRIO

de produzir pesquisa e orientar futuros pesquisadores. Escrever sobre a Maria Helena, como orientadora, é trazer à tona um processo do qual fui partícipe, razão pela qual a escrita, mesmo sendo sobre ela, é, também, uma escrita na qual estou implicada.

Marques (2012) afirma que orientar é fazer um acompanhamento solícito, ser um leitor qualificado, ajudar na descoberta do que o orientando quer investigar, auxiliar na delimitação do tema, traduzir na produção de um título conciso, capaz de se decompor em capítulos, armar um roteiro da pesquisa, desenhar o sumário, ainda que provisório, e, sobretudo, auxiliar, menos com sugestões, mais com questionamentos que o levem a produzir seus próprios saberes, com autonomia e competência. Os aspectos trazidos pelo autor são, certamente, fundamentais no processo de mão dupla que é a relação orientador/orientando.

Para além do pragmatismo, descrito por Mário Osório Marques (2012), meu objetivo com este ensaio é refletir sobre o processo de orientação, de forma a examinar os diferentes aspectos envolvidos nas maneiras como os orientandos da Maria Helena significaram seus percursos de orientações. Quem foram eles? Que lembranças trazem? O que os marcou no momento de construção de suas pesquisas e na relação orientando/orientadora? Por meio de algumas lembranças, cinco orientandos seus contribuíram com palavras que, em alguma medida, segundo eles, identificam a Maria Helena e, também, com memórias de seus momentos de orientação. São eles: Claudemir de Quadros (UFSM), Dóris Bittencourt Almeida (UFRGS), Eduardo Arriada (UFPEl), Eduardo Haas da Silva (UFRN) e Tatiane de Freitas Ermel (Universidade de Valladolid). Esses nomes foram escolhidos pela nossa proximidade, companheiros de produção escrita, de viagens para congressos, de trocas intelectuais e até pessoais; alguns foram seus orientandos de mestrado e outros, como eu, orientandos de doutorado, e, se com eles construí uma relação de companheirismo, a professora Maria Helena foi o elo comum que nos aproximou inicialmente.

SUMÁRIO

De toda a sorte, foram as memórias deles que fizeram eco, em alguns aspectos, às minhas, mesmo que algumas muito diferentes da experiência que tive, mas, por meio delas, mapeei determinadas práticas no ato de orientar, de certa maneira de conceber a pesquisa e a formação de futuros professores/pesquisadores que “passaram por suas mãos”. Desse modo, o foco recai nos sentidos que cada um atribuiu aos anos de convivência com a Maria Helena, nos sentimentos produzidos por uma forma de conduzir a pesquisa e, consequentemente, os modos de ser e de fazer parte de um acordo acadêmico, que pode ou não se transformar em parceria e amizade.

RABISCOS QUE ORIENTAM: RIGOR E AFETO NA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES

Os seres humanos dão sentido ao mundo contando histórias, a prática discursiva é em parte uma rebelião contra o racionalismo [...] porque nela sempre afloram as emoções que se associam a experiência (Bruner apud Escolano Benito, 2021, p. 18).

Nesta seção entrelaço minhas memórias e experiências como orientanda da Maria Helena e como orientadora há 15 anos, com as memórias e experiências dos colegas já mencionados, em uma tentativa de, com tal singela coleção de lembranças, atribuir significados e dar sentido, como diz Bruner, à relação orientando/orientador cuja centralidade é prática da Professora.

As vivências que tive como orientanda da Maria Helena, de 2004 a 2007, fazem coro à narrativa do Claudemir Quadros (2025), quando ele, ao lembrar do seu percurso como orientando, diz ter entrado em contato com a Maria Helena na Universidade de Passo

SUMÁRIO

Fundo, em 1997 – momento em que ele fez sua seleção para o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação –, e afirma, “foi algo corajoso da parte dela, aceitar a atribuição de orientar alguém que não conhecia e que nem tinha inserção na área da Educação, uma vez cursei a graduação em História, pouco experiência em pesquisa”.

De minha parte, a situação foi muito semelhante, pois, ao chegar à PUCRS em 2004, como ele, eu não era conhecida por ninguém da instituição e não tinha experiência com pesquisa no campo da História da Educação. Em relação ao aceite de sua proposta, Claudemir afirma: “Havia um tema promissor – a escola pública no Rio Grande do Sul no decorrer do governo de Leonel Brizola (1959-1963) –, que até então não tinha sido objeto de estudos mais sistematizados e foi acolhido pela professora Maria Helena com entusiasmo”. No meu caso, nem isso! O projeto apresentado, atualmente me dou conta, era bem frágil, e ainda hoje acredito que sou um dos casos em que a orientação não foi propriamente uma escolha, mas aconteceu em virtude dos inúmeros atravessamentos que ocorrem em um processo de seleção em uma instituição privada.

O início de uma “parceria” de orientador/orientando tem relação com a conjuntura da instituição e do programa no momento da seleção. Questões como o número de bolsas, o número de vagas, os convênios vigentes, os projetos desenvolvidos, as políticas afirmativas implementadas e, por fim, o interesse mútuo, são alguns dos atravessamentos que perpassam as seleções para mestrado e doutorado. Cada uma das memórias narradas para pensar este capítulo, certamente, esteve implicada com alguns desses ou outros aspectos. O orientador e o orientando constroem lentamente essa relação, que, a depender da boa vontade de ambos, pode se tornar muito profícua. Cada um de nós e tantos outros que foram orientados pela Maria Helena construiu a sua própria.

Há alguns fatores determinantes no processo de orientar uma pesquisa em qualquer nível da pós-graduação, mas a tarefa

SUMÁRIO

de inserir um aspirante a pesquisador no mundo acadêmico, em determinada área, em um campo específico, no qual essa pessoa, em alguns casos, não tem nenhuma, ou muito pouca inserção, não é tarefa simples. Os fatores que envolvem esse processo não dependem, somente, do outro, que está sob nossa responsabilidade, e que, ao final de 2 ou 4 anos, tem que apresentar o resultado desse trabalho em forma de dissertação ou tese. Embora haja uma responsabilidade que deve ser compartilhada de forma equânime entre ambos, o orientador, no meu entendimento, precisa saber cobrar, ter objetividade, organização, saber indicar caminhos com clareza, ler e corrigir, ler novamente e corrigir mais uma vez. Talvez essa não seja a prática ideal de orientação de alunos, mas é a realidade que eu vivo, e que, em virtude dos quatro anos que estive cursando o doutorado, posso afirmar, foi a que a Maria Helena viveu na PUCRS.

As lembranças de Eduardo Arriada (2025) indicam essa característica “lembro de alguns aspectos, um deles era que, desde a primeira orientação, era pedido um cronograma, a partir daí, ao iniciar a orientação, ela puxava o mesmo do computador e falava: ‘consta aqui que irias nesta reunião apresentar o estado da arte, fizeste?’. E assim sucessivamente, ‘de acordo com o cronograma (e ela frisava: foi elaborado por ti), deverias estar me entregando o capítulo 2 completo, me apresentastes esboços...’”.

Eduardo e eu passamos os mesmos quatro anos na PUCRS, de 2004 a 2008, fomos colegas de doutorado e de orientadora, e hoje, passados 21 anos, somos professores universitários e também orientadores. Quanto aos momentos de orientação com Maria Helena, atribuímos significados distintos. De minha parte, não lembro dessa cobrança, ou não tive essa experiência, o que mais recordo diz respeito ao que entreguei na forma de material impresso, à guisa de projeto ou versão final. Nessas situações os escritos sempre retornavam às minhas mãos cheios de rabiscos; escritas nas margens; sugestões de livros ou parágrafos inteiros reescritos atrás das folhas, que estavam em branco; indicações de leitura; trechos sublinhados,

SUMÁRIO

para ressaltar, ou riscados em cima, para suprimir do texto. Essas correções e sugestões foram muito bem-vindas e me despertavam a certeza de que eu pouco sabia, tinha muitas lacunas de formação e que todo o esforço era necessário para chegar ao final da empreitada com dignidade acadêmica

Uma característica marcante da Maria Helena, que, em meu entendimento, tem a ver com sua personalidade, e se refletia em sua maneira de orientar, é trazida por dois de seus orientandos em temporalidades bem distintas. Dóris Almeida (2001) afirma: “Sempre foi direta, lia o que eu escrevia com rapidez, fazia muitos registros nos manuscritos que eu entregava”. Eduardo Haas (2019) reforça, “minhas memórias de orientação são marcadas por grifos e rabiscos, e pela expressão ‘jura’? No interrogativo! Maria Helena foi uma orientadora devoradora de páginas e páginas de ideias iniciais e concretas. Não entregava nenhum texto sem que ele viesse rabiscado, cheio de comentários, com riscos, rabiscos”. Essa forma de ser e de entregar os manuscritos, lembradas pelo Eduardo e a Dóris, com diferença de 18 anos entre elas, são compartilhadas por mim exatamente da mesma maneira. Dou-me conta hoje que somente alguém dedicado, preocupado com o resultado, que lê “de verdade”, lê sempre, lê muito, lê rápido e com atenção, age dessa forma.

Eduardo Haas foi meu orientando de doutorado, e diz: “Essa mania de riscos é contagiante..., ser teu orientando – falo de você agora – (se refere a mim), mostrou que os textos repletos de riscos e rabiscos, comentários e preocupação com a escrita, se efetivaram. Maria Helena contagia”. E, ao se referir a si próprio, pois é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, continua: “Hoje, como orientador (embora tenha que ter me adaptado aos textos na tela), torno-me um perpetuador dos riscos e rabiscos. São práticas que levam à própria pesquisa!”

Quem orienta sabe o quanto custa essa forma de orientar, de aprimorar o texto, de indicar ao outro o melhor caminho, de rabiscar,

SUMÁRIO

escrever outras ideias, ajudar a repensar o que não considera bom o suficiente. Muitos podem acreditar que esse não seria o papel do orientador, quem saberia definir essa tarefa e suas atribuições com tantas certezas?

Os momentos de orientação eram também momentos de conversas animadas, de falar de viagens, de eventos importantes e conselhos pessoais. No meu caso, muitas vezes eu levava um “pito”, por ser muito agitada, muito ansiosa. A Maria Helena falava coisas aleatórias, do nada lembrava de algo; acredito que todos nós, que orientamos, fazemos isso, uma vez que a orientação é, em alguns casos, o momento em que vão se formando vínculos com quem temos mais afinidade.

A Tatiane traz um exemplo de algo que, em meu entendimento, vale a pena contar, pois reflete essa construção de vínculo. Ela lembra, “Eu tenho uma memória: uma vez, na fase de escrita da tese, MH parou, me olhou durante uma orientação e me disse: ‘Tu tá muito branca, deveria pegar um pouco de sol. Por que não faz umas luzes no teu cabelo? Está muito escuro.’ Eu disse, ‘Mas, Maria Helena, estou terminando a tese, como vou ter tempo de pegar sol e fazer luzes, que demora um tempão, só se eu fizer luzes sentada no sol!’”. E, sim, compartilho desse sentido de intimidade, em que ela dava opinião sobre o nosso comportamento, nossa forma de agir, de cuidar da saúde ou até dar opiniões sobre a vida e aparência pessoal.

Outra característica que, particularmente, entendo como marcante e que já compartilhei em outras oportunidades é trazida pelo Eduardo Haas. “Para mim, Maria Helena se confunde, na minha memória, com a própria pesquisa. Essa mulher, professora, pesquisadora tem uma propriedade única de ver possibilidades investigativas, possibilidades de questionamentos e tensionamentos em temas e fontes que sempre surpreendem”. A criatividade em encontrar objetos de pesquisa inéditos, de identificar potencialidade para pensar a História da Educação em documentos originais, em fontes que

SUMÁRIO

poucos teriam a astúcia de perceber o potencial, são marcantes na sua forma de pesquisar, percepção compartilhada pelo grupo que contribuiu, nesta escrita, com suas memórias.

Indico aqui, talvez com certa audácia de resumir tantas características, algumas palavras que esse grupo de orientandos trouxe e que expressam sentimentos e características da Maria Helena, como orientadora e pesquisadora: admiração, incentivo, sisudez, generosidade, confiança, cuidado, sabedoria e originalidade. Eu acrescentaria comprometimento, solidariedade, seriedade e objetividade.

Antes de encerrar esta seção, importa ainda trazer outros sentidos que sua orientação produziu:

Ela acreditou em mim, quando eu mesma não me via como pesquisadora [...] Sempre me provocou a ir além. Sempre foi uma pessoa simples – no sentido mais belo e profundo da palavra –, nunca senti a menor arrogância intelectual (Dóris, 2025).

A sua orientação, incentivo e acompanhamento permitiu que eu me inserisse na História da Educação mediante a participação em eventos, apresentação de comunicações, publicação de artigos e de livros (Claudemir, 2025).

Maria Helena foi, é, e sempre será, uma das primeiras professoras a acreditar em mim. Muitos não acreditaram. Ela acreditou. Ela é meu estímulo da pesquisa, dos riscos e rabiscos... (Eduardo Haas, 2025).

Ensinou o tempo na pesquisa, participar de eventos e contatar com pessoas; como confiar e colaborar com os colegas para realizar uma pesquisa mais qualificada; como manter o equilíbrio entre uma relação de amizade e, ao mesmo tempo, comprometimento e rigor científico (Tatiane, 2025).

Na leitura das palavras que meus colegas trouxeram, a reflexão de Escolano Benito (2021, p. 19) faz sentido quando afirma que “[...] as vivências emocionais contribuem para formar a subjetividade

SUMÁRIO

humana, o que se evidencia quando aflora na narrativa biográfica qualquer estímulo que ativa a memória". O que aflorou nas memórias dos meus interlocutores, acredito, foi meu pedido de que escrevessem sobre uma pessoa que fez parte de suas vidas, em determinado momento, com uma tarefa, de orientar-nos em um processo de formação como futuros pesquisadores. As palavras ditas em cada lembrança caracterizam os sentimentos que emergem e fazem parte da cultura escolar e da cultura acadêmica, nessa situação. Essa cultura, em alguma medida, constitui-se em um conjunto de interações, de alegrias, de decepções, de conquistas e fracassos. A diversidade de sentimentos que nos atravessam, no processo de orientar e ser orientado, não caberia nas folhas em branco que me foram destinadas, mas fazem parte, no caso específico da formação e atuação acadêmica, de quem nos tornamos nesse contexto.

Se eu – que escrevo e que interpreto de forma absolutamente subjetiva o que me foi dito – pudesse dizer uma frase representativa e resumida de todas as memórias evocadas, dos sentimentos suscitados, dos sentidos atribuídos à sua orientação, seria: "preocupação com a qualidade da pesquisa e com aquele que a conduz sob sua orientação". É por isso que as palavras escritas pelo Eduardo Arriada me provocaram um sorriso, ao transcrevê-las nesse contexto: "tem que aprofundar as questões teóricas", "o que queres dizer com essa frase?", "já falei que esses autores eu não quero (referia-se aos marxistas), já falei para tirar as falas do Fernando de Azevedo". Essa memória do Eduardo também traduz um aspecto que considero fundamental na forma de orientar da Maria Helena: nunca usava meias palavras, era direta, ia com precisão ao ponto que julgava não estar de acordo com o combinado. Tinha absoluto conhecimento do que faria, ou não, sentido teoricamente, não tinha paciência com preguiça, falta de vontade, aluno relapso, falta de interesse e a frase que me lembro como um "mantra", "não existe orientação sem material escrito"! Essas características, em maior ou menor grau, tenho convicção de que contribuíram para a qualidade das dissertações e teses que passaram por suas mãos.

SUMÁRIO

Não poderia escrever este capítulo sem trazer memórias de quem conviveu com a Maria Helena como orientadora, pois trabalhar com memórias por meio da História Oral me constituiu como pesquisadora sob sua orientação. As memórias que compõem esta seção podem ser metaforicamente entendidas como estilhaços, pequenos e ínfimos cacos, que são a materialidade restante de tempos pretéritos, mas que voltam em camadas de memórias. Os estilhaços que reuni permitiram compor esta escrita, construída pela lembrança de cada um. Em alguma medida, o processo de ler o que cada colega trouxe na bagagem da orientação, escrever as minhas memórias sobre o evento de ser orientada, ajudou-me a compor a “complexidade de um fenômeno que não se reflete em imagens individuais, mas na sobreposição, nos deslocamentos e nas diferenças [das muitas narrativas], cada uma delas insuficientes em si mesmas” (Assmann, 2011, p. 163).

CONTABILIZAR E PLANILHAR TAMBÉM FAZ PARTE: UM LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DE ORIENTAÇÕES

Os quadros abaixo têm um sentido pragmático, uma vez que representam a extração de informações e sua sistematização a partir de um arquivo – a Plataforma Lattes. Assim, é importante teorizar sobre o fato de considerarmos tal plataforma um arquivo, para muitos pode parecer óbvio, mas não para todos. Nesse sentido, Aleida Assmann comenta “o arquivo é armazenador coletivo de conhecimentos que empenha diversas funções. Nesses funcionamentos, três características desempenham papéis fundamentais, como acontece com qualquer armazenador: conservação, seleção e acessibilidade” (Assmann, 2021, p. 367-368). Assim pensando, a Plataforma Lattes é um arquivo da era digital, um arquivo com uso acadêmico, que armazena, conserva e seleciona dados pessoais da vida de professores

SUMÁRIO

e estudantes universitários em todos os níveis. A vantagem de, no Brasil, termos um arquivo dessa natureza facilitou o acesso às informações sobre a vida de orientadora da Maria Helena. Quem foram os seus orientandos nesse período de 24 anos em Programas de Pós-Graduação? Em que instituições? Que pesquisas desenvolveram? Trago abaixo uma espécie de “Estado da Arte”, sistematizado em formas de quadros que facilitam a identificação da informação.

Quadro 1 – Orientações de dissertações de Mestrado concluídas

Título da dissertação	Autor	Instituição	Programa	Ano de defesa
Violência contra as mulheres: o educativo-formativo das matérias jornalísticas do website G1	Íris de Carvalho	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2019
A Gênese de um espaço profissional: a Escola Técnica de Comércio do Colégio farroupilha de Porto Alegre/RS (1950-1983)	Eduardo Cristiano Hass da Silva	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em História	2017
(In)visibilidade das mulheres brasileiras nos livros didáticos do ensino médio (PNLD 2015)	Paolla Ungaretti Monteiro	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2016
Aprender na vila, aprender na vida: uma questão de tempo	Lisete Maria de Oliveira	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2016
GRAND FINALE? A conclusão do ensino médio no Colégio Estadual Cândido José de Godói (Porto Alegre/RS, 2014)	Bárbara Virgínia Groff da Silva	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2015
MEMÓRIAS (ENTRE)LAÇADAS: mulheres, labores e moda na Escola Técnica Sen. Ernesto Dornelles de Porto Alegre/RS (1946-1961)	Raphael Castanheira Scholl	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2012

SUMÁRIO

Caminhos estéticos da educação ambiental: um estudo da experiência escolar no Município de Garopaba/SC (2002-2012)	Ananda Casanova	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2012
Protagonismo da leitura: escola e formação de leitores (Alvorada/RS - 2008-2013)	Tamara Vêras de Bittencourt	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2012
As marcas de correção em cadernos escolares do curso primário do Colégio farroupilha/RS 1948-1958	Alice Rigoni Jacques	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2011
Educação e o turista cidadão: Viva o Centro a Pé (Porto Alegre/RS 2006-2011)	Carina Vasconcelos de Abreu	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2011
"Gigante do Alto da Bronze": um estudo sobre espaço e arquitetura escolar do Collégio Elemental Fernando Gomes em Porto Alegre/RS (1913-1930)	Tatiane de Freitas Ermel	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2011
Quando a Universidade é uma festa: trote e formatura	Renata Lerina Ferreira Rios	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2010
Sucesso escolar na rede municipal de Porto Alegre/RS - fatores e possibilidades	Rosemar Ramos Chiappa	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2009
O Casarão da Várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)	Patrícia Rodrigues Augusto Carra	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2008
Escola Projeto: uma história de práticas educativas e de formação docente (1988-2008)	Ana Isabel Lima Barros	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2008

SUMÁRIO

Pedagogia Social: discursos e práticas. Um estudo da Associação Meninos e Meninas de Progresso (São Leopoldo/RS)	Cristiane Ramos Vieira	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2007
Mandado adoptar: livros didáticos de história e geografia do Rio Grande do Sul para as escolas elementares (1896-1902)	Maximiliano Mazewski Monteiro de Almeida	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em História	2007
Políticas Educacionais: de um olhar singular à ressonância social. Cel. Mauro da Costa Rodrigues - Secretário de educação e Cultura/RS (1971-1975)	Denise Ferrari Dutra	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2006
Trajetórias docentes dos Terapeutas Ocupacionais no Centro Universitário metodista/IPA (1980-2006)	Artemis Barbosa Pacheco	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2006
A gestão da educação na Província Marista do Rio Grande do Sul na percepção de seus gestores	Ibanor Mollman	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2005
HYLOEA: o feminino na revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938)	Silvana Schuler Pineda	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2003
O ensino tecnológico: o curso de Tecnólogo em Confeções da UPF	Ana Maria Argenton Woltz	Universidade de Passo Fundo (UPF)	Mestrado em Educação	2002
As instituições particulares de Passo Fundo: O Gymnasio Conceição	Bianca Faccioni	Universidade de Passo Fundo (UPF)	Mestrado em Educação	2002
Crus Alta e Unicruz: um binômio cheio de possibilidades	Maria de Fátima Bronzatti	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em História	2002
Vozes esquecidas em horizontes rurais: histórias de professores	Doris Bittencourt Almeida	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2001

SUMÁRIO

A Sinfonia dos números. A trajetória de vida da Prof. Maria Fialho Crusius e a educação matemática	Ana Maria R. Teixeira	Universidade de Passo Fundo (UPF)	Mestrado em Educação	2000
O Instituto de Economia Doméstica e Rural da Escola de Engenharia de Porto Alegre: uma escola-lar (1920-1934)	Letícia Azambuja Godoy	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	Mestrado em Educação	2000
A educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo Leonel Brizola (1959-1963)	Claudemir de Quadros	Universidade de Passo Fundo (UPF)	Mestrado em Educação	1999
A Educação Estética através da apreciação musical. Uma experiência	Valéria Gobbi	Universidade de Passo Fundo (UPF)	Mestrado em Educação	1999

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 2 – Orientações de teses de Doutorado concluídas

Título da tese	Nome do autor	Programa	Ano de defesa
Juventudes agricolas: formação para além de uma profissão	Emerson Bianchini Estivalet	Doutorado em Pós-Graduação em Educação - Hospital São Lucas da PUCRS	2019
O Brasil visto a partir do Sul: a perspectiva nacionalista de João Simões Lopes Neto	Aline Carvalho Porto	Doutorado em História - PUCRS	2019
Arquitetura escolar e Patrimônio histórico-educativo: os edifícios para a escola primária pública do Rio Grande do Sul (1907-1928)	Tatiane de Freitas Ermel	Doutorado em Educação - PUCRS	2017
Universidades das mulheres: trajetórias de alunas-mestres a professoras intelectuais no Rio Grande do Sul	Andréa Silva de Fraga	Doutorado em História - PUCRS	2017
A feminilidade que se aprende: a educação através da moda na Revista Globo/RS (1929-1939)	Raphael Castanheira Scholl	Doutorado em Educação - PUCRS	2016

SUMÁRIO

Histórias contadas e vividas: memórias da escola normal rural Murilo Braga de Itabaiana/Sergipe (1950/1972)	Silvânia Santana Costa	Doutorado em Educação - PUCRS	2016
Eu cresço com o Minerva e o Brasil cresce também. O Projeto Minerva pela Radiobrás: A experiência em Sergipe	José Carlos Santos	Doutorado em Educação - PUCRS	2016
Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB): afinal de quem é essa nota?	Betisabel Vilar de Jesus Santos	Doutorado em Educação - PUCRS	2016
O ensino primário no Colégio Farroupilha: do processo de nacionalização do ensino à LDB nº 4.024/ 61 (Porto Alegre/ RS: 1937/1961)	Alice Rigoni Jacques	Doutorado em História - PUCRS	2015
O curso técnico em guia de turismo da faculdade SENAC Porto Alegre/RS (2012-2015)	Carina Vasconcellos Abreu	Doutorado em Educação - PUCRS	2015
Reordenamento de Redes Escolares no Brasil e em Portugal	Tereza Cristina Cerqueira da Graça	Doutorado em Educação - PUCRS	2015
Da Universidade da Serra à Universidade de Caxias do Sul/RS (1950-2002). O pensar e o construir da Universidade da Serra Gaúcha	Eliana Gasparini Xerri	Doutorado em Educação - PUCRS	2012
Os discursos sobre Matemática na revista do Ensino/RS (1951-1978)	Luiz Henrique Ferraz Pereira	Doutorado em Educação - PUCRS	2010
O Curso de Turismo da PUCRS; a trajetória dos seus 38 anos de existência - do Bacharelado (1972) ao tecnólogo (2010)	Dalila Rosa Hallal	Doutorado em História - PUCRS	2010
A Violência na Escola. Um estudo sobre conflitos	Janete Cardoso dos Santos	Doutorado em Educação - PUCRS	2010
O Feminino no Colégio Militar	Patrícia Rodrigues Augusto Carra	Doutorado em Educação - PUCRS	2010
Labirintos de espaços e tempos no cotidiano universitário: o acadêmico de administração da Universidade de Caxias do Sul/Canela	Maria Gorete Rodrigues da Silva	Doutorado em Educação - PUCRS	2009

SUMÁRIO

Da escola Normal ao Centro de Formação de Professores General Flores da Cunha (1869-2009)	Dilza Porto Gonçalves	Doutorado em História - PUCRS	2009
O Regime Militar no livro didático de História do Ensino Médio: a construção de uma memória	Aristeu Castilhos da Rocha	Doutorado em História - PUCRS	2008
Memórias recompondo tempos e espaços da educação - Bom Jesus/RS (1913-1963)	Luciane Sgarbi Santos Graziottin	Doutorado em Educação - PUCRS	2008
A Educação Secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do ensino público	Eduardo Arriada	Doutorado em Educação - PUCRS	2007
A construção da identidade cultural-política em escolas de assentamentos rurais do Movimento dos trabalhadores Sem terra: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima - Viamão/RS	Ruth Lenara Gonçalves Ignacio	Doutorado em Educação - PUCRS	2004
Cultura da primeiríssima Infância em Pelotas (1906-1936): discursos e imagens da educação infantil doméstica	Elisa do Souza Vanti	Doutorado em Educação - UFRGS	2003
Gatos Pelados X Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930-1960)	Giana Lange do Amaral	Doutorado em Educação - UFRGS	2003
Expectativas dos pais com relação ao ingresso do primogênito na escola de ensino fundamental	Tania Freddo	Doutorado em Educação - UFRGS	2003
Uma história em cena construindo a identidade de seus atores: o Curso de Ciências Domésticas da Universidade Federal de Pelotas/RS (1960-1997)	Tania Elisa Morales Garcia	Doutorado em Educação - UFRGS	2001

Fonte: Elaboração da autora.

SUMÁRIO

Quadro 3 – Supervisões de Pós-Doutorado

Nome do autor	Instituição	Ano
Patricia Weiduschadt	UFPeI	2018
Alice Rigoni Jacques	Colégio Farroupilha	2018
Tatiane de Freitas Ermel	PUCRS	2018
José Luis Hernández Huerta	Universidade de Valladolid	2016
Patrícia Rodrigues Augusto Carra	Colégio Militar	2016
Giana Lange do Amaral	UFPeI	2014
Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França	Universidade do Estado do Pará	2014
Marcelo Rocha	PUCRS	2014

Fonte: Elaboração da autora.

Os quadros apresentados indicam uma inserção sólida de orientações no campo da História da Educação, embora abrangendo diferentes temáticas, a orbitar alguns eixos como: pesquisa sobre instituições de educação ou cursos de formação, desde o século XIX, em distintas perspectivas de análise; educação de mulheres; ensino técnico; arquitetura escolar; cultura escrita, mobilizando fontes como jornais, revistas; ainda, investigações sobre livros didáticos; trajetória de intelectuais; infância; trabalhadores; entre outras categorias e objetos relacionados à História da Educação.

Sua produção acadêmica, analisada em outros capítulos do livro, bem como suas orientações, aqui examinadas, estabeleceram um mosaico da educação do Rio Grande do Sul entre os séculos XIX a XXI. As peças – resultantes de sua orientação – preencheram lacunas, edificaram novos espaços, redimensionaram outros, colocaram luz em regiões apagadas, pouco valorizadas, sobretudo da educação gaúcha.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As páginas impressas neste livro são dedicadas a uma professora que formou aqueles que aqui escreveram e a tantos outros que, por um motivo ou outro, não aparecem nesta obra, mas constam na extensa lista do seu Currículo Lattes, como seus orientandos e orientandas.

Em seu tempo de atuação, ela concluiu a orientação de 30 dissertações de mestrado, as duas primeiras, em 1999, foram de Valéria Gobbi e Claudemir de Quadros, pela Universidade de Passo Fundo (UPF). A última dissertação defendida, sob sua orientação, foi a de Iris de Carvalho, em 2019, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Quanto ao doutorado, foram, ao todo, 26 orientações concluídas, a primeira, de Tania Elisa Morales Garcia, defendida em 2001, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e, a última, de Emerson Bianchini Estivalet, concluída em 2019, pela PUCRS.

Por meio das fontes mencionadas anteriormente, foi possível traçar um certo itinerário de orientação, um modo de conduzir essa tarefa, uma forma, ou formas, de ser orientadora. Para finalizar este capítulo, utilizo as palavras do Claudemir, que reverberam na minha maneira de definir meu encontro com a Maria Helena, sem demagogia de minha parte, e, estou certa, menos ainda da parte dele, “Dos privilégios que a vida me concedeu, e foram muitos, conhecer a Maria Helena Camara Bastos foi um dos melhores”. Continuo e digo que, dos acasos afortunados que me ocorreram em diferentes âmbitos da minha trajetória pessoal e profissional, ter a Maria Helena como orientadora foi um acaso que influenciou o percurso acadêmico, a forma como o construí posteriormente e que, até hoje, me traz realizações.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO NETTO, Ana Maria. **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. São Paulo: Cortez, 2012. p. 29-40.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora**: Sobre pesquisa e escrita acadêmicas. São Paulo: Civilização Brasileira, 2024.

ECO, Umberto. "Prólogo a el discurso histórico". /n: LOZANO, Jorge. **El discurso histórico**. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995

ESCOLANO BENITO, Agustín. **Emoções & educação**: a construção histórica da educação emocional. São Paulo: Mercado das Letras, 2021.

MARQUES, Mario Osório. A orientação da pesquisa nos programas de pós-graduação. /n: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO NETTO, Ana Maria. **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. São Paulo: Cortez, 2012. p. 235-263.



Claudemir de Quadros

CHEGAMOS AO CÉU, DIGO, AO SCIELO:

O TRABALHO E A DEDICAÇÃO
DE MARIA HELENA CAMARA BASTOS
PARA A REVISTA HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO DA ASPHE

DOI: [10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.8](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.8)

SUMÁRIO

No Brasil, a área da História da Educação projetou-se com mais ênfase a partir do surgimento dos programas de pós-graduação em Educação. Um forte impulso, que ocorreu na 7ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – Anped – em 1984, foi a criação do Grupo de Trabalho História da Educação (Vidal, Faria Filho, 2003). Posterior à criação do GT História da Educação da Anped, apareceram vários outros eventos, dentre os quais o Congresso Ibero-Americano de História da Educação, cuja primeira edição ocorreu em 1992, o Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (1998), o GT História da Educação do Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – Anped Sul (1998); o Congresso Brasileiro de História da Educação (2000).

Concomitante aos eventos, houve a fundação de associações profissionais e a criação de periódicos especializados na temática. Foram criadas associações tais como a Sociedad Española de Historia de la Educación (1989); Sociedad Chilena de la Educación (1992); Sociedad Argentina de Historia de la Educación (1995); Sociedade Brasileira de História da Educação (1999); Sociedad Mexicana de Historia de la Educación (2002); Sociedad Venezolana de Historia de la Educación (2004); Red Colombiana de Historia de la Educación (2007); Sociedad Uruguay de Historia de la Educación (2009) e Associação de História da Educação de Portugal (2015). A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe –, começou a se constituir a partir de 1995, com a finalidade de incentivar a realização de pesquisas e a divulgação de estudos relacionados com a História da Educação, prioritariamente do Rio Grande do Sul. Além disso, tinha a intenção de reunir os pesquisadores desse campo e fomentar o intercâmbio com outras organizações similares (Kreutz, 1997; Peres; Bastos, 2001; Luchese, 2017, Quadros, 2019).

A emergência dos periódicos especializados em História da Educação também data desse período. Fuchs, Cagnolati e

SUMÁRIO

Hofstetter (2019)¹, entendem que a América se constituiu num eldorado virtual para a história da investigação educacional a partir da década de 1990.

New periodicals were also released in Latin America during the 1990s: namely Argentina (1996), Colombia (1998) and Brazil (1997). Of the three, Brazil has experienced the most rapid developments in education history research: five new journals have been established since 2000, three of which are available as digital publications (Bastos/Quadros/Stephanou 2015; Gatti Júnior 2015; Vieira/Gondra 2015; Catani/Bastos 1997). Central and South America constitute a virtual Eldorado for history of education research, particularly since the Sociedad Mexicana de Historia de la Educación set up its own journal in 2001 and the Revista Mexicana de Historia de la Educación first appeared in 2013. Several journals of note have also been established in Venezuela. (p. 135)²

No quadro que segue há uma relação de alguns desses periódicos³, em especial ibero-americanos, considerando a sua vinculação institucional e o ano de criação.

1 Ver também Huerta; Rico; Blanco (2019) e Huerta; Cagnolati; Diestro Fernández (2015).

2 "Novas revistas também foram lançadas na América Latina durante a década de 1990: Argentina (1996), Colômbia (1998) e Brasil (1997). Desses três países, o Brasil é o que tem apresentado o desenvolvimento mais rápido na pesquisa em história da educação: cinco novas revistas foram criadas desde 2000, três das quais estão disponíveis em formato digital (Bastos/Quadros/Stephanou 2015; Gatti Júnior 2015; Vieira/Gondra 2015; Catani/Bastos 1997). A América Central e a América do Sul constituem um verdadeiro Eldorado para a pesquisa em história da educação, especialmente desde que a Sociedad Mexicana de Historia de la Educación criou sua própria revista em 2001 e a Revista Mexicana de Historia de la Educación foi publicada pela primeira vez em 2013. Várias revistas importantes também foram criadas na Venezuela". (Tradução livre das organizadoras).

3 Há inúmeros, quase uma infinidade de outros periódicos vinculados com a História da Educação, tais como *Paedagogica Historica* (1961), *American Educational History Journal* (1993) *History of Education & Children's Literature* (2006), *Rivista di Storia dell'Educazione* (1982) etc. Em síntese, a amplitude do campo é expressiva!

SUMÁRIO

Quadro 1 - Relação de alguns periódicos de História da Educação

Periódico	Vinculação	Ano de criação
Historia de la Educación Revista Interuniversitaria e Cuadernos de Historia de la Educación descontinuados em 2015 em favor de Historia y Memoria de la Educación	Sociedad Española de Historia de la Educación, Universidad de Salamanca	1982
Revista História da Educação	<i>Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação</i>	1997
Anuario de Historia de la Educación	Sociedad Argentina de Investigación y Enseñanza en Historia de la Educación	1997
Revista Historia de la Educación Colombiana	Universidad de Nariño	1998
Revista Historia de la Educación Latinoamericana	Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia e Sociedad de Historia de la Educación Latinoamericana	1998
Revista Histedbr on-line	Universidade Estadual de Campinas	2000
Revista Brasileira de História da Educação	Sociedade Brasileira de História da Educação	2001
Cadernos de História da Educação	Universidade Federal de Uberlândia	2002
Heurística. Revista Digital de Historia de la Educación	Universidad de los Andes	2005
Sarmiento: Revista Galego-Portuguesa de Historia da Educación	Universidades da Coruña, Vigo e Santiago de Compostela	2010
Revista Mexicana de Historia de la Educación	Sociedad Mexicana de Historia de la Educación	2013
Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación	Universidad Bernardo O'Higgins	2013
Historia y Memoria de la Educación	Sociedad Española de Historia de la Educación	2015
Revista de História da Educação Matemática	Sociedade Brasileira de História Matemática	2015
Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo	Universidade Estadual de Campinas	2016
Revista de História e Historiografia da Educação	Universidade Federal do Paraná	2017
History of Education in Latin America	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2018

Fonte: Pesquisa realizada com dados disponíveis na web.

SUMÁRIO

Foi nesse contexto de expansão de eventos, associações e periódicos que a *Revista História da Educação*⁴ da Asphe foi criada e se constituiu no primeiro periódico brasileiro especializado nesta área. Segundo Kreutz (1997), no dia 11 de dezembro de 1995, pesquisadores da História da Educação no Rio Grande do Sul se reuniram na Universidade do Vale dos Sinos com o propósito de constituir um grupo de trabalho, de forma temporária. O objetivo do grupo era coordenar as iniciativas de pesquisa na área, promover a troca de informações sobre a produção de conhecimento histórico em educação no Estado, facilitar o acesso a diversos acervos e bancos de dados disponíveis, além de organizar encontros regionais para apresentar e discutir a produção histórico-educacional, também refletindo sobre as tendências teóricas e metodológicas da historiografia educacional. N'outra reunião, em 2 de setembro de 1996, foi aprovado o Estatuto da Associação, escolhida a diretoria e criada a *Revista História da Educação* da Asphe.

A edição inaugural foi apresentada durante o primeiro encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, que aconteceu em São Leopoldo/RS, no dia 28 de abril de 1997. A proposta era que o periódico abrangesse a área de História da Educação e concorresse para a disseminação de estudos do âmbito historiográfico educacional. Para isso, compartilharia os resultados de pesquisas, dissertações ou teses elaboradas em programas de pós-graduação, tanto nacionais, quanto internacionais.

4 No Portal do ISSN, o título registrado da publicação é *História da Educação (Online)*. No Portal Scielo Brasil, consta como título *História da Educação* e, por ocasião do ingresso na coleção, consoante o registro no ISSN, houve a informação de que a abreviatura a ser usada devia ser *Hist. Educ. (Online)*: "Incluir na legenda bibliográfica normalizada nas páginas dos artigos, a indicação correta do título abreviado do periódico, de acordo com o ISSN: *Hist. Educ. (Online)*" (Scielo, 2013, p. 2). Essa legenda apareceu no rodapé dos artigos até o número 56 de 2018. Entre 2019 e 2023 essa informação nos artigos foi alterada para *Revista História da Educação (Online)* e em 2024 apareceu apenas *História da Educação*. No Portal Educ@/FCC consta *História da Educação*. No Portal de Periódicos da Ufrgs, consta *Revista História da Educação* e a sigla RHE. Talvez eu tenha sido um dos primeiros a usar essa sigla: caso tenha sido mesmo, reconheço o erro, pois deveria ter observado a nomenclatura definida nos termos do registro no ISSN.

SUMÁRIO

A partir desse momento, a contribuição da professora Maria Helena Câmara Bastos tornou-se constante no âmbito da revista.

A revista será impressa na Universidade Federal de Pelotas, sob a comissão executiva de Elomar Antônio Callegaro Tambara e Eduardo Arriada, sendo o Conselho Editorial formado por Elomar Antônio Callegaro Tambara, Maria Helena Câmara Bastos, José Fernando Kieling e Lúcio Kreutz (Quadros, 2019, p. 9).

Até 2006 eram publicados dois números anuais, um em abril e outro em setembro. Cada número tinha, em média, duzentas páginas e a tiragem era de quinhentos exemplares impressos. Esses exemplares eram destinados à distribuição em bibliotecas de instituições de ensino superior, tanto nacionais, quanto internacionais, além de serem enviados a associados e utilizados para assinaturas, doações ou permutas. Entre 2007 e 2018 a periodicidade passou a ser quadrimestral e, a partir de 2019, adotou-se o formato de publicação contínua. Atualmente, a *Revista História da Educação* está disponível no Portal de Periódicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, acessível pelo endereço eletrônico: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/index>.

Quadro 2 - Editores da *Revista História da Educação*⁵

Período	Editores
1997 a 2001	Elomar Antonio Callegaro Tambara Eduardo Arriada
2002 a 2007	Elomar Antonio Callegaro Tambara Eliane Teresinha Peres
2008 a 2010	Elomar Antonio Callegaro Tambara Maria Helena Camara Bastos

SUMÁRIO

2011 a 2016	Maria Helena Camara Bastos Maria Stephanou Claudemir de Quadros
2017	Maria Helena Camara Bastos Maria Stephanou Chris de Azevedo Ramil
2018 a 2019	Maria Helena Camara Bastos Dóris Bittencourt Almeida Chris de Azevedo Ramil José Edimar de Souza Tatiane de Freitas Ermel Terciane Ângela Luchese (iniciou em 2019)
2020-2022	Chris Ramil Doris Bittencourt Almeida Terciane Ângela Luchese Tatiane de Freitas Ermel
2023	Doris Bittencourt Almeida Tatiane de Freitas Ermel Terciane Ângela Luchese Patrícia Weiduschadt Eduardo Cristiano Hass da Silva
2024-2026	Natália de Lacerda Gil Vania Grim Thies Eduardo Cristiano Hass da Silva Patrícia Weiduschadt

Fonte: Revista História da Educação.

Entre 2011 e 2016, contribui com as professoras Maria Helena Camara Bastos e Maria Stephanou na editoria da *Revista História da Educação*. Até 2010 o periódico era apresentado no modo impresso. Em 2011, com o apoio do Portal de Periódicos da UFRGS, foi possível a apresentação do acervo da revista no modo online. Porém, para publicar o primeiro número de 2011 no novo formato, era preciso

SUMÁRIO

aprender o funcionamento do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – Seer/OJS. Para tanto, fiz um curso, na modalidade EAD, oferecido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Ibict. Mas esse era só o primeiro passo. Era preciso configurar o ambiente Seer/OJS, com vistas a realizar todos os procedimentos de editoria nesse novo espaço. Note-se que o ambiente Seer/OJS também era uma inovação para quem pretendia fazer a submissão de um artigo, uma vez que muitos periódicos ainda funcionavam no modo impresso.

Na avaliação de periódicos 2012, feita pela Comissão de Avaliação dos Periódicos da Área da Educação da Anped para a classificação no Qualis Capes, um dos apontamentos do parecer foi que “a publicação tem um projeto gráfico modesto, mas correto” (p. 15). Diante da indicação para o extrato B1 do Qualis Periódicos, inconformidade e recurso.

O periódico *História da Educação* – Asphe, na base do Qualis Periódicos no presente momento figura no estrato “B1”. [...], consideramos que a Revista *História da Educação* atende plenamente aos quesitos referentes à sua classificação como “A2”. Por isso, vimos solicitar à Coordenação de Área o exame da possibilidade de alteração dessa classificação, considerando que a Revista: Possui conselho editorial e corpo de pareceristas integrado por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições e altamente qualificados; Publica uma média de mais de 24 artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores nacionais e internacionais; Em cada número publica dois ou mais artigos de autores filiados a instituições estrangeiras reconhecidas; Circula por meio de assinaturas e permutas com outros periódicos; Tem reconhecimento e tradição na área, com mais de 15 anos de publicação ininterrupta; É publicada em versão impressa e online; Está integralmente disponível on-line, artigos e coleção completa; É financiada integralmente pela Asphe, cuja anuidade dos associados busca assegurar o custeio de três edições a cada ano; Nos seus mais de 15 anos de marcante atuação na produção de

SUMÁRIO

pesquisas e na reflexão teórico-metodológica no campo da historiografia da Educação, a Asphe e a RHE têm contribuído significativamente para a consolidação da área de História da Educação no Brasil e para a ampliação do diálogo em busca de caminhos para a educação brasileira (Asphe, 2012).

O recurso foi aceito e a revista foi reclassificada para o extrato A2 do Qualis Periódicos. Uma das iniciativas para superar a situação de um projeto gráfico modesto, apesar de correto, foi disponibilizar, no modo online, todos os números anteriormente publicados do periódico. Para tanto, foram digitalizadas, aproximadamente, 3.500 páginas dos números de 1997 a 2010, bem como foi feito todo o processo de submissão, tramitação interna e publicação de cada um dos artigos. Essa ação contribuiu para posicionar a *Revista História da Educação* no campo da digitalização, do acesso aberto e da ciência aberta, bem como possibilitou a ampla visibilidade e circulação da mesma, tal como referiu o professor Eduardo Arriada, da UFPel, numa entrevista recente:

Possivelmente, não temos nem a dimensão de que, talvez, a Asphe já seja conhecida até para além das fronteiras do Brasil [...]. Eu não tenho este domínio tecnológico, mas em algumas assembléias da Asphe se mostrou isso, os acessos da revista em nível mundial. De repente, tem acessos feitos no Japão, na Coreia, na Austrália, na Alemanha, diversos países do mundo; esses acessos ficam registrados, e tanto é que a revista nasceu só com textos em língua portuguesa e hoje já está se procurando fazer os textos pelo menos em português e inglês, não que não se aceite em outras línguas, mas o inglês é uma língua hegemônica e dominante, diversos textos hoje publicados na nossa revista são bilíngües, o que amplia a visibilidade da revista da Asphe. Então hoje ela tem um reconhecimento em diversos outros países (Michel; Meira; Piotrowski; Vicente, 2021, p. 176).

Também havia um constante trabalho de divulgação da *Revista História da Educação*. Isso era feito pelo e-mail, correspondências, conversas no decorrer de eventos e pela distribuição de

flyers. Nesses cartões, pode-se ver os tempos que se sobrepõem: o digital tornando-se proeminente, mas o impresso ainda em uso para a disseminação de informações.

Figura 1 - Flyer de divulgação da *Revista História da Educação*

revista

História da Educação

O periódico História da Educação é mantido pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) fundada em 11 de dezembro de 1995, como sociedade civil com personalidade jurídica própria, sem fins lucrativos, de caráter científico-cultural atua na área de pesquisa em história da educação. Os objetivos da ASPHE são incentivar e realizar a pesquisa e a divulgação na área de História da Educação, congregando os pesquisadores e os estudiosos e manter intercâmbio com entidades congêneres. Editado desde 1997, o periódico História da Educação, tem servido como um veículo singular de divulgação de estudos no campo historiográfico educacional e, também, uma fonte importante de consulta dos pesquisadores da área.

HISTÓRIA da EDUCAÇÃO

HISTÓRIA da EDUCAÇÃO

HISTÓRIA da EDUCAÇÃO

HISTÓRIA da EDUCAÇÃO

HISTÓRIA da EDUCAÇÃO

revista

História da Educação

Orientações aos Colaboradores

A revista História da Educação aceita para publicação artigos relacionados à história e historiografia da educação, originados de estudos teóricos, pesquisas, reflexões metodológicas e discussões em geral, pertinentes ao campo historiográfico.

A extensão máxima para os artigos e ensaios (sem contar o resumo) é de 45.000 caracteres (contando espaços) e para a resenha é de 17.000 caracteres (contando espaços). Os resumos em português, inglês devem ter no máximo, cada um deles, 790 caracteres (contando espaços). O trabalho deverá conter:

- título do trabalho em português e inglês;
- nome(s) do(s) autor(es);
- resumo em português e inglês, bem como palavras-

chave nas duas línguas; d) os artigos devem ser apresentados dentro das normas vigentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Ao final do artigo o(s) autor(es) deve(m) fornecer, dados relativos à instituição e área em que atua(m), bem como indicar endereço(s) e e-mail(s) para correspondência com os leitores.

OS ARTIGOS DEVEM SER ENVIADOS PARA:

<http://www.seer.ufrgs.br/asphe>

Fonte: Arquivo pessoal.

SUMÁRIO

Pode-se destacar o engajamento contínuo da professora Maria Helena Camara Bastos no trabalho de divulgação da revista.

Fui uma propagandista da revista. Nos congressos colocava ela debaixo do braço para fazer divulgação. Era dessa forma que conseguia artigos da França, Espanha e Portugal. Sempre estava com um cartão de visitas e entregava-os convidando as pessoas para enviar artigos, dizendo a elas que eu poderia providenciar a tradução. Antigamente, o CNPq pagava esse serviço, mas agora não é mais assim. Além disso, algumas universidades tinham cotas para tradução, o que facilitava bastante e incrementava o escopo da revista. Outra estratégia foi a criação de uma seção “documentos” e dos dossiês nacionais e internacionais. [...] A minha participação sempre foi constante, embora tenha atuado como editora por curtos períodos (Costa; Moreira, 2021, p. 96).

Figura 2 - Marca página



Fonte: arquivo pessoal do autor.

SUMÁRIO

Em maio de 2013 houve uma conquista: a incorporação da *Revista História da Educação* na coleção Scielo Brasil. A demanda para integrar essa coleção já tinha sido feita em 2008, sem sucesso. Assim, o entusiasmo foi grande com a notícia, tal como expressou a professora Flávia Werle: “*Chegamos ao Céu, digo, ao Scielo*”. Em janeiro de 2015 a revista também foi incorporada na coleção Educ@, da Fundação Carlos Chagas.

Cabe referir que o ingresso nas coleções Scielo Brasil e Educ@/FCC, também foi resultado do trabalho qualificado dos que nos antecederam na editoria e que continuavam a apoiar a revista, que se constituiu num dos periódicos nacionais mais importantes da área da História da Educação:

Em função desse trabalho, pode-se afirmar que os artigos publicados têm colaborado para as discussões historio-gráficas, seja em relação a novas temáticas e objetos de pesquisa, seja em relação a documentos e as categorias de análise. Os estudos têm, por um lado, recolocado em pauta algumas antigas questões da pesquisa histórica – relação entre história e memória, por exemplo – e, por outro, problematizado e colaborado na construção dos novos objetos de interesse crescente da história da educação – currículo, profissão docente, livros e manuais escolares, leitura, educação e escolas rurais, cultura escolar, imprensa de educação e ensino. Destaca-se a contribuição do periódico para o fomento da produção e circulação da pesquisa no campo da história da alfabetização, história da cultura escrita, especialmente das escritas infantis escolares e não escolares (Bastos, Quadros, Stephanou, 2015, p. 61).

A publicação da *Revista História da Educação* no modo impresso, entre 1997 e 2010, era custeada pelos associados da Asphe. Em 2012 houve uma tentativa de retomada desse formato, mas sem continuidade em 2013. No ano seguinte, 2014, iniciou-se o projeto de um outro formato impresso, com diagramação profissional, novas cores e novo layout. O protótipo ficou lindo!

Figura 3 - Páginas do protótipo da Revista *História da Educação* para 2014

SUMÁRIO



Apresentação

Ao disponibilizar o segundo número de 2014, gostaríamos de assinalar o apoio recebido do Programa Editorial (nº 44/2013 MCT/CNPq/MEC/CAPES), o que reforça o nosso compromisso de buscar qualificar cada vez mais a nossa revista.

Além de um conjunto de artigos de significativa representatividade nacional e internacional, o presente número também traz algumas novidades editoriais, como a sessão Tradução/Translation, que privilegia textos em inglês, francês.

O dossiê Educação Rural, organizado pela professora doutora Rosa Fátima de Souza, conta artigos de autores brasileiros e do Uruguai, contribuindo para o avanço das pesquisas com essa problemática, já que no Brasil não se construiu uma ideia uniforme em relação a essa modalidade de ensino. O foco é a gradativa expansão do ensino primário rural nos anos 1920 e 1930 e o expressivo aumento no número de escolas rurais na década de 1940. A escola rural foi concebida para instruir, civilizar, moralizar, higienizar e nacionalizar as populações, como instrumento de modernização e fixação do homem ao campo e, ainda, como elemento de estabilidade e de segurança nacional.

Além do dossiê, o número traz mais quatro artigos, com temas inovadores da pesquisa em história da educação, e a resenha da obra de Maria del Mar del Pozo Andrés, sobre a atuação professora Justa Freire (1896-1965), na história da educação da Espanha.

Esperando continuar contribuindo significativamente para as discussões historiográficas e para o avanço das pesquisas em História da Educação, desejamos a todos - Boa leitura!

Os editores,
ABRIL DE 2014

para regular a los niños la nueva configuración política y social de la nación. Circunstancia el libro escrito por Joaquín Torralba (1912) El niño republicano. Las lecciones y necesidades incluyen un estudio de la enseñanza a nivel de práctica. El título libro contiene una sección dedicada a la teoría del ciudadano, así como contenido específico que en la segunda (1912, pp. 11-13).

El libro La moral en la vida. Dirección de Latorre escrito por Amador Rodríguez Chantre, cuenta con la especificidad ideal para ser usado en un libro de lectura en las escuelas durante la segunda república.

En tanto los contenidos como en estructura cumplen con los requisitos exigidos como obra didáctica para la formación cívica en las escuelas. La Unión Ministerial de 20 de mayo de 1912, de 17 de mayo de 1914 y de 5 de febrero de 1915, las nuevas leyes de estudio y lectura en las escuelas públicas. Un libro que incluye pedagogía de un niño que con el tiempo se transformó en la ley de la república. El contenido, siendo el modelo ideal para ser usado por el gobierno nacional.



LA EDUCACIÓN PATRIÓTICA OTRO MODELO DE CIUDADANÍA

El papel de la identidad patriótica en la segunda república. Los contenidos de este libro escrito por Joaquín Torralba (1912) El niño republicano. Las lecciones y necesidades incluyen un estudio de la enseñanza a nivel de práctica. El título libro contiene una sección dedicada a la teoría del ciudadano, así como contenido específico que en la segunda (1912, pp. 11-13).

En tanto los contenidos como en estructura cumplen con los requisitos exigidos como obra didáctica para la formación cívica en las escuelas. La Unión Ministerial de 20 de mayo de 1912, de 17 de mayo de 1914 y de 5 de febrero de 1915, las nuevas leyes de estudio y lectura en las escuelas públicas. Un libro que incluye pedagogía de un niño que con el tiempo se transformó en la ley de la república. El contenido, siendo el modelo ideal para ser usado por el gobierno nacional.

En tanto los contenidos como en estructura cumplen con los requisitos exigidos como obra didáctica para la formación cívica en las escuelas. La Unión Ministerial de 20 de mayo de 1912, de 17 de mayo de 1914 y de 5 de febrero de 1915, las nuevas leyes de estudio y lectura en las escuelas públicas. Un libro que incluye pedagogía de un niño que con el tiempo se transformó en la ley de la república. El contenido, siendo el modelo ideal para ser usado por el gobierno nacional.



By the end of the 19th century, the social context of the nation was in a state of transition. The political and social changes of the time led to a new vision of the nation and its citizens. The role of education in this process was crucial. The new curriculum emphasized the importance of civic education and the role of the citizen in the nation. The new curriculum also emphasized the importance of the nation's history and the role of the citizen in the nation's future. The new curriculum was a reflection of the new vision of the nation and its citizens. The new curriculum was a reflection of the new vision of the nation and its citizens. The new curriculum was a reflection of the new vision of the nation and its citizens.

¹² Por ejemplo según la Unión de 14 de septiembre de 1912 que en su artículo 10º establece que los libros de lectura para las escuelas de la Unión Ministerial de 20 de mayo de 1912.

Fonte: arquivo pessoal do autor.

SUMÁRIO

Embora as qualidades do protótipo, a iniciativa foi abandonada em função da dificuldade de financiamento, uma vez que o orçamento, para 300 exemplares, foi de R\$ 17.150,09, para 500 foi R\$ 19.500,00 e para 1.000 exemplares foi de R\$ 23.590,00. Além disso, havia os custos relativos à criação do projeto gráfico, diagramação e criação de capa, ou seja, mais R\$ 6.620,00. “*UM ABSURDO, MAIS CARO QUE FAZER UM LIVRO*”, retumbou a professora Maria Helena. A qualidade gráfica tem o seu preço!

Assim, seguiu-se apenas no formato online, que já estava consolidado; manteve-se o registro nos principais indexadores nacionais, em especial no Scielo; buscou-se o registro em indexadores internacionais; trabalhou-se com um número de submissões crescente, inclusive de autores estrangeiros. Em síntese, procurou-se agir para tornar a revista um periódico reconhecido no Brasil e no exterior.

O trabalho voluntário de inúmeras pessoas, assim como o apoio de várias instituições, proporcionou o êxito da *Revista História da Educação* ao longo de seus até aqui 28 anos de publicação contínua (1997-2025). Tive o privilégio de acompanhar, contribuir e testemunhar o trabalho professora Maria Helena Camara Bastos em favor da revista. A sua atuação como integrante do *conselho editorial, editora, revisora, parecerista, tradutora, autora, divulgadora entusiasmada tinha como meta permanente ajudar a fortalecer a Revista História da Educação* e posicioná-la como um importante periódico da área. A sua dedicação, entusiasmo e esforço são marcas indeléveis nesse itinerário. Missão cumprida!

REFERÊNCIAS

ANPED. **Avaliação de periódicos 2012**: Comissão de Avaliação dos Periódicos da Área da Educação da Anped. Belo Horizonte: Anped/UFMG, 2013. (mimeo).

SUMÁRIO

ASPHE. **Ofício para Coordenação da Área de Educação da Capes**, 9 de outubro de 2012. Porto Alegre: Asphe, 2012. (mimeo).

BASTOS, Maria Helena Camara; QUADROS, Claudemir de; STEPHANOU, Maria. Revista História da Educação da Asphe/RS (Brasil): compartilhando estudos e pesquisas desde 1997. **History of Education & Children's Literature**, Macerata, v. 10, n. 1, 2015, p. 57-63.

COSTA, Fabiana Pinheiro da; MOREIRA, Gabriela Portela. Entrevista com a profª dra. Maria Helena Camara Bastos. In: RIPE, Fernando. **História da educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de Asphe, entre memórias, trajetórias e perspectivas**. Caxias do Sul: Educus, 2021, p. 91-104.

FUCHS, Eckhardt; CAGNOLATI, Antonella; HOFSTETTER, Rita. Mapping history of education via scientific journals. **International Journal for the Historiography of Education**, 2019, p. 133-140. Disponível em https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9783781557796_A38613836/preview-9783781557796_A38613836.pdf. Acesso em 21 fev. 2025.

HERNÁNDEZ HUERTA, José Luis; CAGNOLATI, Antonella; DIESTRO FERNÁNDEZ, Alfonso (eds.). **Connecting history of education: scientific journals as international tools for a global world**. Salamanca: FahrenHouse, 2015.

HUERTA, José Luis Hernández; RICO, Andrés Paya; BLANCO, Carmen Sanchidrián. Global territory and the international map of history of education journals: profiles and behavior. **International Journal for the Historiography of Education**, 2019, p. 206-226.

KREUTZ, Lúcio. A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação - Asphe. SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 4, 1997. **Anais [...]** Campinas: Unicamp, 1997, p. 519-524.

LUCHESI, Terciane Ângela. A pesquisa em história da educação - testemunho de um autor: entrevista com Lúcio Kreutz. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 52, 2017, p. 5-14

MICHEL, Caroline Braga; MEIRA, Chéli Nunes; PIOTROWSKI, Jaqueline de Gaspari; VICENTE, Magda. Ser docente, pesquisador e bibliógrafo: a trajetória do professor Eduardo Arriada junto à Asphe. In: RIPE, Fernando. **História da educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de Asphe, entre memórias, trajetórias e perspectivas**. Caxias do Sul: Educus, 2021, p. 157-177. [Volume 1]

PERES, Eliane; BASTOS, Maria Helena Camara. Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação - Asphe: a trajetória de uma rede de historiadores. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 34, 2001, p. 221-227.

SUMÁRIO

QUADROS, Claudemir de. Atas das assembléias da Asphe/RS: documentos para a história da educação. **RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, v. 5, p. e019016, 2019.

RAMIL, Chris de Azevedo; ALMEIDA, Dóris Bittencourt de; ERMEL, Tatiane de Freitas, LUCHESE, Terciane Ângela. A Revista História da Educação (RHE): entre histórias e perspectivas. In: RIPE, Fernando. **História da educação no Rio Grande do Sul: 25 anos de Asphe, entre memórias, trajetórias e perspectivas**. Caxias do Sul: EducS, 2021, p. 49-77. [Volume 1]

SCIELO. **Carta de adesão da revista História da Educação na Coleção Scielo Brasil**. São Paulo: Scielo, 2013. (mimeo).

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, 2003, p. 37-70.

9

Giana Lange do Amaral

A IMPRENSA PERIÓDICA PEDAGÓGICA/ESCOLAR:

UMA CENTRALIDADE NAS PESQUISAS
E NA ATUAÇÃO DA PESQUISADORA
E ORIENTADORA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.9

SUMÁRIO

A imprensa educacional [...] torna-se um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise de discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar (Catani, Bastos, 1997, p. 5).

PALAVRAS INICIAIS

Foi com alegria que recebi a missão de escrever sobre as contribuições de minha orientadora e pesquisadora, Maria Helena Camara Bastos, no que tange ao tema “imprensa periódica pedagógica/escolar” no campo da História da Educação. Ao participar de uma coletânea de textos em homenagem a alguém tão especial, ao mesmo tempo em que fico feliz, sinto uma enorme expectativa sobre como abordar essa temática de reconhecida centralidade em suas pesquisas e que inspiram orientandos e investigadores nacionais e internacionais. De imediato, escolhi aqui como epígrafe um excerto do livro organizado por Maria Helena Camara Bastos e Denise Bárbara Catani, que reúne renomados pesquisadores que escrevem sobre a imprensa periódica e a História da Educação. Como é considerado um clássico, é, portanto, atual e necessário, considero, assim, sua leitura obrigatória a todos pesquisadores que escrevem sobre a temática.

Conduzo a narrativa a seguir ancorada pelo cruzamento entre duas potentes referências utilizadas por nós, historiadores da educação: a *memória* e a *história*. Assim, busco em Le Goff (1996) o

SUMÁRIO

fundamento de que é na memória que cresce a história e, por sua vez, a alimenta. Acredito que o melhor caminho aqui seja cotejar aspectos que envolvem a minha memória (e, obviamente, a de Maria Helena) com os *dados históricos* sobre a temática em tela. Nesta direção, Ricoeur (2007) nos desacomoda e, ao mesmo tempo, quem sabe possa nos tranquilizar, ao dizer que, no que tange à competência, fidelidade e veracidade da *memória* e da *história* na representação do passado, é fundamental a figura do leitor. Ele destaca a expectativa e a intencionalidade deste sujeito, afirmando que “cabe ao destinatário do texto histórico fazer, nele mesmo e no plano da discussão pública, o balanço entre a história e a memória” (Ricoeur, 2007, p. 506). E é com este olhar atento de leitora e historiadora da educação que escrevo, me valendo da observação de histórias e memórias presentes em escritos acadêmicos e entrevistas - que aqui são preciosas fontes - concedidas por Maria Helena, e de memórias que emergem da convivência com ela, e de minha prática como professora orientadora de trabalhos acadêmicos.

Apresento a seguir uma narrativa um tanto pessoal, que segue certa ordem linear e cronológica, mas que passa longe da pretensão da totalidade que, como afirma Bachelard (2007), resulta também da subjetividade constituída pela multiplicidade de instantes que são de impossível retenção. O tempo e a vida não seguem uma linha contínua e objetiva como uma sucessão de fatos. E, ao abordar sobre a vida, Pierre Bourdieu, com seu clássico artigo “A Ilusão Biográfica”, alerta aqueles que trazem aspectos da história de vida em textos científicos. Ele diz, “a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico” (Bourdieu, 1998, p. 182). Segundo o autor, senso comum

é a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada uma carreira, com suas encruzilhadas [...] seus ardis, até mesmo suas emboscadas [...], ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma

SUMÁRIO

corrida, um cursus, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a “mobilidade”), que tem um começo (“uma estreia na vida”), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade [...], um fim da história (Bourdieu, 1998, p. 182).

Sinaliza, ainda, o quanto podem ser ilusórias as escritas que apresentam a vida como fruto de uma racionalização do vivido, como um conjunto coerente e escrita como uma sucessão cronológica e linear, apresentado em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis, que possuam significado.

Recorro, então, a uma obra que há mais de uma década referencia alguns estudos meus e de meus orientandos: “Ensaio de Ego-História”, onde autores ligados à História Cultural francesa (Pierre Nora, Georges Duby, Jacques Le Goff, Maurice Agulhon, Pierre Chaunu, Michelle Perrot, dentre outros) trazem um conjunto de memoriais apresentados como ensaios de ego-histórias. Pierre Nora identifica a importância deste tipo de escrita e afirma que o historiador, ao contrário de seus antecessores, já estaria pronto para

confessar a ligação estreita, íntima e pessoal que mantém com o seu trabalho. Ninguém ignora que um interesse confessado e elucidado oferece um abrigo mais seguro do que vagos projectos de objectividade. O obstáculo transforma-se em vantagem. A explicação e a análise de investimento existencial, em vez de afastarem uma investigação serena, tornam-se instrumento e a alavanca da compreensão (*In*: Agulhon *et al.*, 1987, p. 10).

Assim, embasada nos autores que me acompanham, vou recolhendo daqui e dali fragmentos de memórias e histórias que edifiquem sentidos e sinalizem questões pertinentes ao tema a ser desenvolvido, tendo ciência dos múltiplos sentidos e da subjetividade que envolve a narração do vivido, tanto para quem escreve quanto para o leitor deste texto.

SUMÁRIO

ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: PRODUÇÕES COM A IMPRENSA PERIÓDICA

Ao caracterizar meu vínculo afetivo e acadêmico com Maria Helena, destaco seu comprometimento com a vida, com o ensino e com a pesquisa. Especificamente no que tange à aproximação, identificação, vínculos, conexões e consolidação como mestra e pesquisadora do campo da História da Educação, que tem no uso da imprensa a centralidade de suas pesquisas e atuação no ambiente acadêmico. É preciso lembrar, também, que a proximidade com a imprensa periódica se estendeu ao trabalho incansável junto à Revista História da Educação, sendo ela responsável e guardiã atenta de sua qualificação, desde os primeiros anos de circulação deste impresso. E a ação não se limitava a essa revista. Fez parte de seu trabalho acadêmico, estabelecer contatos e estreitar parcerias com pesquisadores nacionais e internacionais que dialogassem e consolidassem novos horizontes para a temática. Sua contribuição para a internacionalização da imprensa periódica educacional brasileira resultou em publicações de artigos, dossiês e traduções de pesquisadores franceses, espanhóis, portugueses, argentinos, chilenos, belgas e italianos.

Como disse no início deste texto, fui orientanda de Maria Helena. Acredito que a sua terceira orientanda de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS), onde ingressei em 1999. Defendi a tese “Gatos Pelados x Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas, RS (décadas de 1930 a 1960)”¹. Nesse estudo, ela lançou-me o desafio de utilizar os jornais estudantis como fonte e objeto de pesquisa. Posso afirmar que esta foi uma “dica de ouro”, fundamental para as análises

1

“Gato Pelado” é o apelido dado aos alunos do Ginásio Pelotense, assim como “Galinha Gorda” aos do Gonzaga importantes escolas da cidade de Pelotas.

SUMÁRIO

e reflexões sobre essas duas instituições educacionais de ensino público e laico e de ensino católico. Este era um tempo em que os impressos estudantis eram um tema original, praticamente inexplorado no campo da História da Educação. Como doutoranda, foi instigante trabalhar com uma fonte tão singular. Em 2014, fiz pós-doutoramento na PUCRS sob sua competente supervisão e, novamente, recebi apoio no encaminhamento da salvaguarda e elaboração de textos sobre a imprensa estudantil².

Neste rumo, penso que o texto de Débora Diniz³ possa referenciar aspectos do papel de orientadora e dos desafios presentes no ato de orientar. A autora nos diz que esse trabalho resulta “de um encontro intelectual, profissional e afetivo” (Diniz, 2024, p. 37). E eu acrescento, exercendo também o papel de orientadora desde a finalização de meu doutoramento que, por vezes, ele pode se tornar “desafetivo”. Isso porque nele se cruzam cobranças produtivas institucionais e pessoais, genialidade, ineditismo, egos, relações de poder, dentre outros aspectos presentes nas relações acadêmicas. Este não foi o caso da minha relação como orientanda de Maria Helena. Desde o início de nossos trabalhos ela fez as vezes de “*escutadeira*”, editora e acompanhante” (Diniz, 2024). Com seu estilo único, autêntico e “maternal cuidadoso”, buscou participar da minha vida, sinalizando caminhos para que eu transitasse com tranquilidade na difícil tarefa que é produzir uma tese e lidar com a vida. Como afirma Diniz (2024, p. 31):

[...] ser orientadora é ocupar esse lugar híbrido entre a mentoria e a hospitalidade. E qual o seu lugar como orientanda? É o de ser uma aprendiz que se emociona com a pesquisa, que se encanta com a escrita e que se conecta com a coletividade.

2 Neste período desenvolvi o projeto “Acervos escolares: possibilidades de pesquisa, ensino e extensão”.

3 Trata-se do livro, escrito em estilo epistolar de quem conversa com alguém, “*Cartas de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica*”, escrito pela antropóloga Débora Diniz. Esse trabalho ficou entre os cinco finalistas na categoria “Educação” do prêmio Jabuti de 2025. O Prêmio Jabuti é o mais importante prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

SUMÁRIO

E, neste sentido, foi como sua orientanda e ainda professora do ensino público municipal e estadual em Pelotas, RS, que continuei a semear meu encantamento pela pesquisa e pelos desafios da vida: me tornei professora/pesquisadora no campo da História da Educação, na Universidade Federal de Pelotas, e realizei o sonho da maternidade, há muito acalentado. Tudo isso, um ano antes da defesa de minha tese. As gestações que perpassaram a feitura de trabalhos acadêmicos de alguns orientandos de Maria Helena são histórias incríveis de desafios e superação! Anos mais tarde, compreendi que talvez esse seja um processo que resulte da caminhada da vida, de sua história. Da história de vida de cada um! Muitos de meus orientandos e orientandas, ao mesmo tempo, gestaram seus filhos e seus trabalhos acadêmicos.

Continuando este breve relato que intercala flashes de memórias que iluminam nossas histórias, apontarei a seguir aspectos da trajetória acadêmica de Maria Helena que identificam e justificam fato de ser ela, para além de uma singular orientadora, uma referência como pesquisadora sobre a imprensa periódica pedagógica/escolar. Ao ler o seu currículo, artigos, livros, capítulos de livros e as entrevistas por ela concedidas, constatei os espaços, as parcerias e os sujeitos que influenciaram sua aproximação com os estudos sobre o tema. Como pesquisadora e orientadora de alunos da graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, ela continuou a estimulá-los a trabalhar com a temática imprensa periódica. Isso por acreditar e cultivar o coletivo no processo de produção científica de seu grupo de orientação que, de uma forma ou de outra, tratava desse assunto sobre o qual ela escrevia e ensinava.

Maria Helena atuou como docente e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) entre os anos de 1970 e 1990. Após a aposentadoria, trabalhou na Universidade de Passo Fundo (UPF/RS), na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS) e na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS). Como professora visitante e colaboradora, atuou na Université Paris Descartes,

SUMÁRIO

Paris V, França, na Università Degli Studi di Macerata (UNIMIT/Itália); Univesità Degli Studi del Molise (UNIMOL/Itália), Instituto Superior Sol Nascente (ISSN/Angola). Associou suas pesquisas ao Institute National de Recherche Pedagogique (INRP, França), ao Instituto da Educação de Lisboa (Portugal) e ao Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE, Espanha).

Os dados apresentados a seguir resultam de reflexões que emergem da memória e história de Maria Helena e estão presentes em entrevistas concedidas a Isabel Bilhão e Eder Silveira, a Marcos Levy Bencostta e a Alberto Barausse. Sobre este exercício de rememoração, afirma o seguinte:

Analisar minha trajetória de formação pessoal e profissional significa relatar aprendizagens e desafios de desmonte, de desarticulação, de despojamento de percepções, imagens, práticas, atitudes. O trabalho de escrever sobre si é um importante momento de reflexão e de ressignificação da prática docente e da identidade profissional, é uma possibilidade para perceber as marcas de minha constituição como sujeito na tessitura da história. É deixar emergir um processo inextricável onde o pessoal e o profissional são inseparáveis (Bastos *et al.*, 2019, p. 248).⁴

Ela nos diz que tendo formação docente em História, foi com o doutoramento que realmente se inseriu no campo da História

4 Sobre o tema "escritas de si", juntamente com Maria Teresa Santos Cunha e Ana Chrystina Mignot, organizou duas coletâneas: "Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica" e "Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar". Dessas duas coletâneas decorreram estudos sobre escritas de si, escritas ordinárias, escritas infantis e escolares, que têm como objeto de pesquisa diários, memoriais, cartas, cadernos escolares, caligrafia, livros ou álbuns de recordação/poesias, agendas, etc. Como autora e organizadora de coletâneas também pode-se citar, dentre outras: com Lucio Kreutz e Elomar Tambara organizou a coletânea "Histórias e memórias da educação do Rio Grande do Sul", e "Uma cartografia da pesquisa em história da educação na região sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul", em colaboração com Marcus Albino Levy Bencostta e Maria Teresa Santos Cunha (2003). Com Maria Stephanou organizou "Histórias e memórias da educação no Brasil", que reúne em torno de cinquenta pesquisadores, em três volumes: séculos XVI – XVIII, século XIX, século XX-2004/2005 (BARAUSSE, 2017, p. 11 e 12).

SUMÁRIO

da Educação. Em sua constituição como pesquisadora, tornou-se herdeira de uma historiografia cultural, destacadamente francesa, interessada na imprensa e em impressos pedagógicos. Em seus trabalhos, utiliza a imprensa periódica educacional como documento e objeto para os estudos históricos, vinculando-os aos postulados teóricos da História Cultural, no que tange à ideia de expansão do conceito de documento. Destaca que esses artefatos, por muito tempo, foram negligenciados por um modo de entender a História que privilegiava as grandes estruturas e as meta narrativas. Maria Helena alerta para a importância desses documentos para a construção de uma história da cultura escrita e da História da Educação, mas diz que os aportes teóricos e metodológicos poderão ser variados de acordo com as questões colocadas pelo pesquisador. Ressalta que, para enriquecer a análise, é importante confrontar esses documentos com outros (impressos ou não). Assim, como a imprensa é uma iniciativa de um grupo, a análise deve focar tanto a materialidade, realizando uma "arqueologia dos objetos em sua materialidade" como propõe Roger Chartier, como o ciclo de vida, da produção, dos atores envolvidos, da circulação, da apropriação dos impressos e as representações veiculadas (Bencostta, 2023).

Sobre a proximidade inicial da Revista do Ensino, objeto de sua pesquisa de doutorado na USP, sob a orientação de Marta Maria Chagas de Carvalho⁵, e o estágio no *Service d'Histoire de l'Éducation (SHE)*, no qual continuou a manter contato durante sua vida profissional, diz o seguinte:

5 A tese intitulada "O Novo e o Nacional em Revista: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)", foi defendida em 1994, publicada como livro em 2005. A temporalidade desse estudo corresponde ao período que a Revista foi editada no Estado Novo, de 1937 a 1942, quando era de responsabilidade da Universidade de Porto Alegre (então estadual, hoje UFRGS), por professores do ensino superior e do Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha. Como afirma a autora "essa pesquisa continuou em andamento, envolvendo a segunda fase da Revista do Ensino (1951-1978), tendo resultado em artigos e capítulos de livro. Foi ampliada para o estudo da revista "Cacique: a revista da garotada gaúcha (1954-1963)", também editada pelas professoras primárias da Secretaria de Educação/RS (BENCOSTTA, 2023, p. 3).

SUMÁRIO

Em 1986, quando da realização da pesquisa sobre “A Formação de Professores para a Educação Especial no Rio Grande do Sul (1954-1985)”, tomei contato com a *Revista do Ensino*, com a qual havia convivido no período ginasial. A proposta do INEP - *Memória da Educação Brasileira* (1984), levou-me a privilegiar esse periódico, que significativa presença teve nos meios educacionais regional, nacional e internacional [...]. Na constituição do campo para análise do objeto de pesquisa - *Revista do Ensino* - foi fundamental o estágio realizado no *Service d’Histoire de l’Education*, do INRP/França (2 de janeiro a 28 de fevereiro de 1990), sob orientação do M. Pierre Caspard, coordenador do SHE e da linha de pesquisa: *A Imprensa da Educação e do ensino do século XVIII a 1940*. O estágio propiciou contato com os pesquisadores [...] que utilizavam outros objetos de estudo para analisar a história das instituições escolares, dos professores e suas práticas, do conteúdo de ensino, dos alunos, como o livro didático (Banque EMMANUELLE), o livro de registro de professores, os relatórios dos inspetores de ensino, dos professores; arquivos escolares, cadernos e trabalhos de alunos; mobiliário escolar; jornal escolar, de alunos e professores, livro de ocorrências disciplinares, etc. Considero que SHE foi um espaço fundamental para a constituição e consolidação da pesquisa no Brasil no campo, e, especialmente, na formação de jovens pesquisadores (Bencostta, 2023, p. 2 e 3).

Ademais, destaca que a partir dos anos 1980 se ampliam os estudos sobre a História da imprensa e dos periódicos no âmbito da História da Educação no Brasil, com as primeiras dissertações e teses sobre a temática envolvendo impressos editados pelo Estado, por associações docentes, escolas normais e voltados à formação docente. Sobre os impressos como espaços privilegiados para compreensão do funcionamento do campo educacional, afirma:

Após o doutorado, a imprensa periódica e a de educação e ensino ocupou uma significativa centralidade de minhas pesquisas, tanto com periódicos do século XIX como do XX: com periódicos em geral; impressos de professores,

SUMÁRIO

de instituições escolares, de sindicatos, de estudantes, em diferentes níveis de ensino. Os impressos são documentos importantes para analisar a cultura escolar e suas práticas, como instâncias privilegiadas para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional. Realizei inúmeros estudos pontuais com a imprensa - A Imprensa do CPERS/Sindicato: uma leitura do pensamento político-pedagógico rio-grandense (1945-1995) e A Organização e a Mobilização Sindical do Magistério Rio-grandense na Imprensa Periódica: Correio do Povo e Zero Hora (1945-1995); A Retórica Acadêmica: um estudo sobre a revista Educação & Realidade da Faculdade de Educação da UFRGS (1976-1995). Quando minhas pesquisas se direcionaram para o século XIX, analisei vários periódicos brasileiros e estrangeiros, que a elite ilustrada lia: Jornal das Famílias (1863-1878); Revista Liga do Ensino (1884); Instrução Pública (1872-1875/1887-1888); Revista Pedagógica (1892-1897); L'illustration, Journal Universal (1843-1944). A partir dos anos 2000, o foco tem se centrado em periódicos estudantis. Em 2013, publicamos o dossiê "Escritas estudantis em periódicos escolares" (História da Educação, v.17, 2013), organizado pela professora Maria Teresa Santos Cunha (Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC), com análise de diversos periódicos escolares, de 1910-1970 (Bencostta, p. 4)⁶.

Maria Helena destaca o livro "Educação em Revista – imprensa periódica e a História da Educação", coletânea organizada junto com Denice Catani, publicada em 1997, integrando pesquisas realizadas na França, Portugal e Brasil, como a primeira publicação que reuniu estudos com a imprensa de educação e ensino no Brasil (Bencostta, 2023, p. 4). Como afirmei anteriormente, esta obra continua atual por sua relevância temática para os estudos no campo da História da Educação. Segundo as organizadoras:

6

Seguindo os postulados teóricos da História Cultural, Almeida de Bastos (2015) também privilegia os impressos de alunos, com destaque a culturas juvenis e escolares em suas múltiplas manifestações.

SUMÁRIO

Este livro nasceu da necessidade de divulgar pesquisas de estudiosos da História da Educação no Brasil e no Exterior, que têm privilegiado como fonte a imprensa periódica educacional. Com a preocupação de avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas e as práticas educativas, a imprensa periódica educacional – feita por professores para professores, feita para alunos e por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições (sindicatos, partidos políticos, associações e Igreja), contém e oferece muitos dados básicos para a compreensão da História da Educação e do Ensino (Catani e Bastos, 1997, p. 5).

Maria Helena reitera que os periódicos do campo da História da Educação vem sendo um importante foco de suas pesquisas, especialmente a Revista História da Educação/ASPHE⁷. Com este trabalho:

passsei a integrar o grupo internacional “Connecting History of Education Working Group”, com pesquisadores de vários países que analisam as tendências de produção no campo. Connecting Education. Global Information of History Education é uma ferramenta científica desenvolvida por FahrenHouse com o objetivo de canalizar, comentários ou opiniões pessoais, os fluxos globais de produção científica e promover o diálogo entre as diferentes tradições historiográficas de educação (Bencostta, 2023, p. 5).

Seu contato, em 2016, com as Universidades italianas de Macerata e de Molise, resultou no projeto de pesquisa “A imprensa étnica italiana em Porto Alegre/RS: O jornal Stella d’Italia (1902-1925)” (CNPq, 2019-2023). Ele se desenvolveu como parte de um projeto de internacionalização de pesquisa mais amplo iniciado em colaboração entre a PUCRS e a Università de Molise na Itália, na figura do professor/pesquisador italiano Alberto Barausse, com o

7 A Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) foi criada em 11 de dezembro de 1995. Realiza encontros anuais e publica a revista *História da Educação*, que evidencia a relevância para produção e discussão da história da educação, sendo uma das pioneiras no Brasil.

SUMÁRIO

objetivo de lançar um olhar mais atento sobre a capital do Estado, Porto Alegre, cenário de numerosas iniciativas editoriais de periódicos em língua italiana, que se sucederam freneticamente até o período do Estado Novo.

Esse projeto integra o grupo de pesquisa do CNPq “TRANSFOPRESS Brasil - Grupo de Estudos da Imprensa em língua estrangeira no Brasil”, uma rede de pesquisadores sediada na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e que congrega pesquisadores de várias instituições brasileiras e estrangeiras, sendo coordenado pelas Profa. Dra. Valéria Guimarães (UNESP) e Profa. Dra. Tania Regina de Luca (UNESP), com o projeto “A imprensa étnica italiana em Porto Alegre/RS: o jornal Stella d’Italia (1902-1925)”, juntamente com o professor Dr. Alberto Barausse, da Universidade de Molise/Itália. Está vinculado à rede internacional TRANSFOPRESS - Transnational Network for the study of foreign language press, sob coordenação geral de sua idealizadora, Profa. Dra. Diana Cooper-Richet do Centre d’Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines - Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (CHCSC-UVSQ) (Bencostta, 2023, p. 5).

Na entrevista em questão, destaca que o avanço nas questões teórico-metodológicas sobre a temática depende da constituição de redes que propiciem a interlocução com pesquisadores em âmbito nacional e internacional, assim como realização de repertório de fontes, em nível regional e nacional. Também acredita que se deve levar em conta outras modalidades de imprensa que se utilizam das mídias, tais como a internet, a televisão (produção dos alunos em TVs universitárias e/ou educativas), o rádio e as redes sociais. E, neste contexto, afirma “ser ainda incipiente a análise historiográfica da produção de manuais voltados a orientar a produção de jornais, revistas, boletins, no espaço da sala de aula e/ou institucional, tanto na forma impressa com online” (Bencostta, 2023, p. 6).

SUMÁRIO

FINALIZANDO

Ao apresentar neste texto a centralidade da imprensa periódica pedagógica/escolar na trajetória acadêmica de Maria Helena Camara Bastos, é importante destacar que seus estudos se focam, também, em outras possibilidades pelas quais os sentidos e as sensibilidades são moldados e educados desde o século XIX: a história da educação; os métodos de ensino; as histórias e memórias educacionais; as escritas de si; a história do livro, da leitura e da literatura; as culturas escolares; os manuais de Pedagogia, dentre outros temas. Em suas pesquisas, ela nos traz potencialidades e desafios temáticos e teórico-metodológicos que vêm sendo acolhidos por pesquisadores, desde os anos de 1990. E que, certamente, continuarão a instigar aqueles que ainda estão por desbravar o campo da História da Educação.

Operando positivamente em seus textos e em suas participações em espaços acadêmicos, demonstra uma indisfarçável verve professoral: com entusiasmo, vigor e vivacidade estimula a inspiração criativa que impulsiona a produção daqueles que a assistem e são seus leitores e interlocutores nos trabalhos acadêmicos. Em seus estudos, mantém um íntimo diálogo com autores ligados à História Cultural. Eles são mobilizados com muita competência, respaldando sua abordagem teórica, procedimentos de pesquisa e uso de fontes que resultam em escritos cada vez mais densos e refinados. São textos em que os processos e práticas culturais encontram um veículo potencial, a imprensa pedagógica/escolar, que se torna objeto e fonte de pesquisa. Isso para compreender, também, as práticas de produção e circulação do pensamento pedagógico.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

AGULHON, Pierre *et al.* **Ensaio de Ego História**. Edições 70, Ltda. Lisboa, 1987.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; BASTOS, Maria Helena Câmara. Culturas juvenis nos anos 1980 nas páginas do periódico estudantil: 'JB - O Jornal do Becker' (Colégio Estadual D. João Becker – 1985-1986). **Educar em Revista**, v. 38, p. 239 – 259, 2015.

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos Pelados X Galinhas Gordas**: desdobramentos da educação laica da educação católica na cidade de Pelotas, RS (décadas de 1930 a 1960). Caxias do Sul: EducS, 2023.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas. Editora Verus, 2007.

BASTOS, Maria Helena Camara; TAMBARA, Elomar; KREUTZ, Lúcio (org.). **Histórias e memórias da educação do Rio Grande do Sul**. Pelotas: Seiva, 2002, p. 7-11.

BASTOS, Maria Helena Camara. O Jornal das Famílias (1863-1878): leituras das famílias brasileiras. **Revista Portuguesa de Educação**, 15(2) 2002a.

BASTOS, Maria Helena Camara. Pedagogium: templo da modernidade educacional republicana brasileira (1890-1919). *In*: BASTOS, Maria Helena Camara; OSINSKI, Dulce; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Orgs.). **Objetos de memória**: a escola e o museu. Bragança Paulista: EDUSF, 2002b. (pp. 251-315).

BASTOS, Maria Helena Camara. **Pro Patria Laboremus**. Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança paulista: Ed.USF, 2002c.

BASTOS, Maria Helena Camara. A pesquisa em História da Educação nos programas de pós-graduação em educação da Região Sul (1972-2003). *In*: GONDRA, J.G. (Org.), **Pesquisa em História da Educação no Brasil**, p. 243-288. Rio de Janeiro: DP&A, 2005a.

BASTOS, Maria Helena Camara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)**. O novo e o nacional em revista. Pelotas: Seiva Publicações, 2005b.

BASTOS, Maria Helena Camara. A Liga do Ensino no Brasil e a Revista da Liga do Ensino (1883-1884). **História da Educação/ASPHE**, 11(21), 225-274, 2005a.

BASTOS, Maria Helena Camara. Pense globalmente, pesquise localmente. Em busca de uma mediação para a escrita da história da educação. *In*: MENDONÇA, A. W., ALVES, C., GONDRA, J., XAVIER, L., BONATO, N. (Orgs.) **História da Educação**: desafios teóricos e empíricos (pp. 67-90), Niterói/RJ: EDUFF, 2009.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara; MOGARRO, Maria João. Manuais de História da Educação em Portugal e Brasil (segunda metade do século XIX - primeira metade do século XX). *In*: ARAÚJO, M. (Org.), **História(s) Comparada(s) da Educação**, p. 241-283. Brasília/DF: Liber, 2009.

BASTOS, Maria Helena Camara. Souvenirs da infância e adolescência: minhas escolas, minhas vivências. *In* Fischer, Beatriz (Org.), **Tempos de Escola: memórias**, v. 1 (p. 105-120). São Leopoldo/RS: Oikos, 201 a.

BASTOS, Maria Helena Camara. A Caixa de Pandora: desafios do ensino e da pesquisa em História da Educação no Brasil. *In*: FREITAS, A.; OLIVEIRA, L.; NASCIMENTO, J.; NASCIMENTO, E. (Orgs.), **O Ensino e Pesquisa em História da Educação**, p. 76-96. Maceió: EdUFAL, 2011b.

BASTOS, Maria Helena Camara. **Manual para os Jardins de Infância Ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira (1882)**. Porto Alegre: Ed. Redes, 2011c.

BASTOS, Maria Helena Camara. Pedagogias e manuais: leituras cruzadas. Os manuais de História da Educação adotados no Brasil (1870-1950). *In*: BESTANI, Rosa M., BRUNETTI, Paulina, Sánchez, Ana M. MARTINEZ, & FLACHS, M. Cristina Vera de (Comp.), **Textos, Autores y Bibliotecas. 190 años de la Biblioteca Mayor de la UNC**. p. 346-357. Córdoba/AR, Ed. Baez, 2011d.

BASTOS, Maria Helena Camara. Estações de formação e pesquisa. *In* MONARCHA, Carlos., & GATTI JR. Décio. (Org.), **Trajetórias na formação do campo da história da educação brasileira**, p. 55-83. Uberlândia/MG: EDUFU, 2013a.

BASTOS, Maria Helena Camara. Entrevista. **Revista Produção Docente**. Uberaba, 13(29), 2013b 3-8. [<http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/627/734>].

BASTOS, Maria Helena Camara . Memórias em caixas: As escritas de si de Luzia Garcia de Mello (1933-2013). *In*: **ANAIS do VI CIPA - VI Congresso Internacional de Pesquisa (auto) Biográfica - entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar**, p. 280-294. Rio de Janeiro: BIOgraph, 2014.

BASTOS, Maria Helena Camara. O que é a história da educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. **Espacio, Tiempo y Educación**, 3(1), 43-59, 2016.

BASTOS, Maria Helena Camara; ALMEIDA, Dóris Bitencourt. Um Protocolo para a Pesquisa em História da Educação. **Educação & Cidadania**. São Carlos] S/P.12(1), p. 19-29, 2013.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTI, M.J.M. (Orgs.). **O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará (1922-1923):** As normalistas e a pedagogia da Escola Nova. São Paulo: Ed. Alínea, 2009.

BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTI, M.J.M. (Orgs.). **Álbum com Pequenos Trabalhos de Pedagogia.** As normalistas da Escola Normal do Ceará e a pedagogia da Escola Nova (1923). Santa Maria: Ed.UNIFRA. (Cd-Rom), 2010.

BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Christina, (Orgs.). **Destinos das letras:** história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed.UPF, 2002.

BASTOS, Maria Helena Camara; FARIA FILHO, Luciano Mendes (Orgs.). **A Escola elementar no século XIX:** o método monitorial/mútuo. Passo Fundo: Ed. UPF, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Riogonni; ALMEIDA, Dóris Bitencourt (Orgs.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS:** Memórias e Histórias (1858-2008). Porto Alegre: EDIPUCRS/CNPQ, 2013.

BASTOS, Maria Helena Camara; BILHÃO, Isabel; SILVEIRA, Éder da Silva. **Reflexão e Ação.** Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 3, p. 247-259, set./dez. 2019.

BARAUSSE, Alberto. A pesquisa em História da Educação. Entrevista com Maria Helena Câmara Bastos. **Espacio, Tiempo y Educación**, v. 4, n. 1, January-June, pp. 1-23, 2017.

BENCOSTTA, Marcos Levy. Diálogos com Maria Helena Camara Bastos: a experiência do dizer frente à memória de uma historiadora brasileira da educação. **Revista História da Educação**, v. 27, pp. 1-45, 2023.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M; AMADO, Janaína. (coords.) **Usos e Abusos da História Oral.** RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p. 183-191, 1998.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS; Maria Helena Camara (orgs.). **Educação em revista.** A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHARTIER, Roger. **História Cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARLE, Christophe. O nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898). **História da Educação**, Porto Alegre, v. 14, p. 141-156, set. 2003.

SUMÁRIO

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora**: sobre pesquisa e escrita acadêmica. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MIGNOT, Ana Chrystina; BASTOS, Maria Helena Camara,; CUNHA, Maria Teresa Santos, (Orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2007.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes. v. I, II, 2004-2005.

10

Décio Gatti Jr.

A CONTRIBUIÇÃO DE MARIA HELENA CAMARA BASTOS NA PESQUISA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.10

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, abordamos as principais realizações no âmbito acadêmico de Maria Helena Camara Bastos, na temática específica do ensino de História da Educação, notadamente acerca da manualística associada a esta disciplina, tradicionalmente vinculada à formação de professores no Brasil.

Para tanto, partiu-se de informações contidas em relatos autobiográficos efetivados pela própria pesquisadora (Bastos, 2013); em reflexões por ela realizadas sobre a situação da disciplina de História da Educação (2016); em explanações da pesquisadora contidas em entrevistas publicadas ao longo do tempo (Araujo, 2013; Bastos, Bilhão e Silveira, 2019; Bencostta, 2023). Também houve análise da produção da autora, especificamente na temática do ensino de História da Educação, o que incluiu: apresentações em congressos; trabalhos completos em anais; artigos em periódicos científicos; capítulos de livros. Além disso, observaram-se suas atividades de organização de dossiês em periódicos científicos e de coletâneas.

Deste modo, foi possível demonstrar a importante contribuição de Maria Helena Camara Bastos no processo de constituição e de consolidação das investigações sobre a manualística e sobre o ensino de História da Educação no Brasil, com repercussões que alcançaram o exterior.

A PESQUISA E O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Consta que, no ano de 2004, Maria Helena Camara Bastos deu início à orientação em nível de iniciação científica de Fernanda

SUMÁRIO

Bastani Busnello, no âmbito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o que se estendeu até 2005, com o projeto de pesquisa designado "A História da Educação no Rio Grande do Sul. Um estudo da produção de pesquisa (1970-2000)".

Em 2005, Maria Helena Camara Bastos e Fernanda Bastani Busnello apresentaram o trabalho intitulado "A pesquisa em História da Educação nos Programas de Pós-Graduação em Educação no Rio Grande do Sul (1970-2003)", no XI Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (Asphe), que teve lugar na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, cuja temática foi "História da Educação na Formação do Educador e a contribuição dos 10 anos da ASPHE".

Um desdobramento importante deste XI Encontro da Asphe realizado em 2005 foi a publicação, em 2006, de um dossiê sobre o ensino de História da Educação, notadamente nos cursos de Pedagogia do Rio Grande do Sul, na Revista História da Educação, importante periódico mantido pela Asphe. Dossiê este que contém um texto de apresentação e reúne dez artigos na temática do ensino de História da Educação.

Nele, o primeiro artigo foi escrito por Clarice Nunes, sob o título "A disciplina História da Educação na formação de professores: desafios contemporâneos", no qual constam reflexões sobre o ensino e a pesquisa em História da Educação em um meio social que impõe desafios aos professores. Em seguida, o dossiê contém nove artigos nos quais são abordadas as trajetórias do ensino de História da Educação em diferentes instituições do Rio Grande do Sul: PUCRS; Centro Universitário Franciscano de Santa Maria; Faculdade e Centro Universitário La Salle; Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; Universidade de Passo Fundo; Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Universidade da

SUMÁRIO

Região de Campanha; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Federal de Pelotas.

Um destes artigos, intitulado “A disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1942-2002)”, contou com a autoria de Maria Helena Camara Bastos, Fernanda de Bastani Busnello e Elizandra Ambrosio Lemos. No artigo, as autoras analisaram a história da disciplina no currículo das escolas normais e no curso de Pedagogia, com foco na história da disciplina na PUC-RS, no período compreendido entre 1942 e 2002. Para tanto, sobre a disciplina, a localizaram na grade curricular, verificaram a carga horária, bem como os docentes e a formação dos mesmos, as ementas, os conteúdos, a bibliografia básica e os procedimentos didáticos e de avaliação (Bastos, Busnello e Lemos, 2006).

OS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CIRCULAÇÃO NO BRASIL

Ainda no ano de 2006, Bastos apresentou o trabalho “Uma biografia dos manuais de História da Educação adotados no Brasil (1860-1950)” no VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, que teve lugar em Uberlândia, Minas Gerais, cujo resumo e trabalho completo constam publicados nos anais eletrônicos do evento (Bastos, 2006, p. 334-349).

Trata-se de uma importante colaboração que incentivou uma série de estudos e pesquisas posteriores, empreendidos pela própria autora e por outros pesquisadores no Brasil. No trabalho, Bastos asseverou sobre a importância dos manuais disciplinares, notadamente os pedagógicos e especificamente os de História da Educação, na conformação da formação de professores em termos internacionais

SUMÁRIO

e nacionais, por meio do elenco de um conjunto robusto de manuais de História da Educação publicados desde 1862, em termos internacionais e de uma análise inicial de diferentes manuais de História da Educação com autores brasileiros.

No que se refere aos autores brasileiros, neste trabalho, Bastos destacou os manuais de História da Educação publicados, com autoria de: René Barreto (1914); Raul Alves (1929); Júlio Afrânio Peixoto (1933); Madre Francisca Peeters e Madre Maria Augusta Cooman (1936-7); Bento de Andrade Filho (1941); Theobaldo de Souza Miranda Santos (1945); Ruy de Ayres Bello (1945); Raul Carlos Briquet (1946); Aquiles Archero Junior (1948); Grandes Educadores (1949).

Nesta direção, em 2008, sob o título “Um manual e suas diferentes apropriações. Noções de História da Educação, de Theobaldo Miranda dos Santos (1945)”, Bastos deteve-se sobre o manual de História da Educação de um autor muito presente na formação de professores no Brasil, dado o caráter polígrafo da obra de Theobaldo Miranda dos Santos, que teve publicado manuais disciplinares em História da Educação, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, entre outros.

O resultado deste investimento de pesquisa foi apresentado e publicado nos anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado na cidade de Aracaju, em Sergipe. Sobre as “Noções de História da Educação” de Theobaldo Miranda dos Santos, a autora asseverou que, apesar

dos vários indícios de aproximação entre as obras, não é possível concordar com a observação do leitor anônimo - que Miranda Santos compilou ou copiou a obra de Riboulet. O que podemos dizer é que Miranda Santos utilizou extensivamente as obras de Louis Riboulet e Paul Monroe como modelos preferenciais para elaborar sua obra, assim como Riboulet adotou as de Paul Monroe e o Dicionário de Buisson como fontes privilegiadas, entre tantas citadas (Bastos, 2008, p. 7).

SUMÁRIO

Este trabalho de Bastos integrou uma comunicação coordenada no âmbito do V Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), a qual teve seus trabalhos publicados nos anais do congresso.

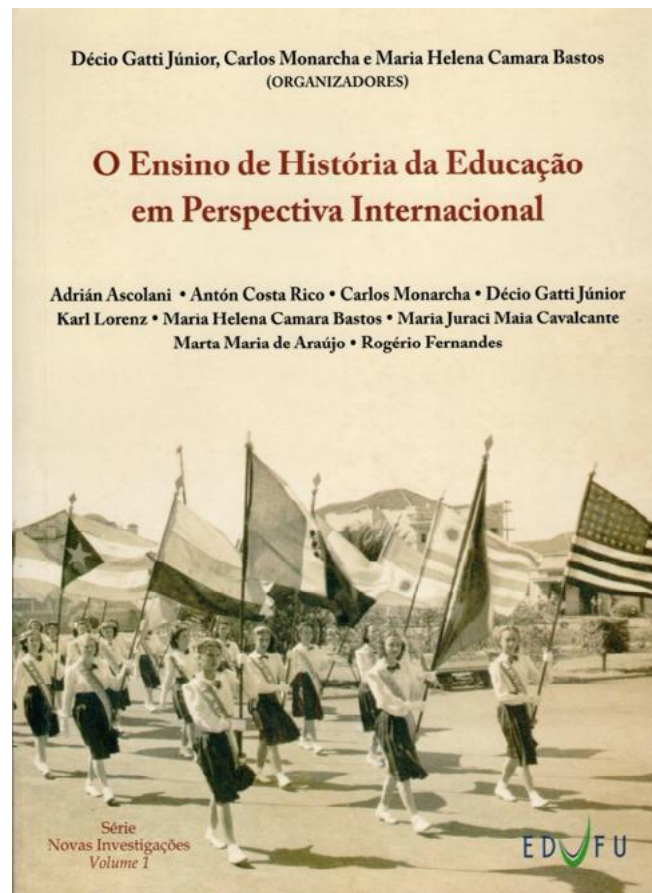
Além disso, três dos integrantes desta comunicação coordenada, Décio Gatti Jr., Carlos Monarcha e Maria Helena Camara Bastos, procederam à organização de um livro que seria publicado em 2009, nomeado "O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional", que seria o primeiro volume publicado da "Série Novas Investigações", da "Coleção História, Pensamento e Educação", da Editora da Universidade Federal de Uberlândia (Edufu), série e coleção, criadas e mantidas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação (Nephe) da Universidade Federal de Uberlândia.

O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA INTERNACIONAL

Em "O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional", ampliou-se o rol de autores presentes, por meio do convite a pesquisadores do exterior. Deste modo, pelo Brasil, compareceram pesquisadores de diferentes instituições e regiões, a saber: Carlos Monarcha, Décio Gatti Jr., Maria Helena Camara Bastos, Maria Juraci Maia Cavalcante e Marta Maria de Araújo. Do exterior, constaram pesquisadores de alguns países, os quais possuíam ligações com os organizadores, auferidas ao longo dos eventos da área de História da Educação, a saber: Adrián Ascolani (Argentina); Antón Costa Rico (Espanha); Karl Lorenz (Estados Unidos); Rogério Fernandes (Portugal).

SUMÁRIO

Figura 1 – Capa da coletânea intitulada “O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional”, publicada pela Edufu, em 2009



Fonte: Acervo do autor.

No capítulo sob cuidados de Bastos, ela redigiu um texto diferente daquele apresentado no V CBHE. Deste modo, sob o título “Paroz, Compayré, Rousselot: manuais de História da Educação em circulação no Brasil (Século XIX)”, deu continuidade aos estudos e pesquisas sobre os manuais de História da Educação, com

SUMÁRIO

abordagem do século XIX, considerada a primeira fase do ensino de História da Educação, marcada por “um ensino centrado nas idéias dos grandes pensadores, relacionado com uma reflexão *fundamental* sobre a teoria e a ciência da educação” (Bastos, 2009, p. 160).

É interessante salientar que a coletânea “O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional” ganharia relevância ao longo dos anos por reunir estudos e pesquisas relevantes e em diferentes países, o que foi importante para a escolha da obra para constar traduzida para o Espanhol em 2019, justamente no momento no qual a obra completava dez anos de sua publicação inicial (Gatti Jr., Monarcha e Bastos, 2019).

Ainda em 2009, Bastos, em coautoria com Maria João Mogarro, de Portugal, publicaram um capítulo de livro nomeado “Manuais de História da Educação em Portugal e Brasil (Segunda metade do século XIX – Primeira metade do século XX)”, o qual contempla esforço de comparação de manuais de História da Educação em circulação em ambos os países.

Neste ponto, convém mencionar que, a partir da iniciativa de pesquisadores brasileiros, destacadamente de Bastos, houve incentivo consistente para a ampliação da investigação no âmbito da História da Educação em geral e sobre o ensino de História da Educação, em particular, em termos internacionais.

Em 2012, Maria Helena Camara Bastos esteve à frente da organização do dossiê “Perspectivas e desafios do ensino e da pesquisa em História da Educação”, que foi publicado na Revista Educação (v. 35, n. 1). Nele, há um editorial e sete artigos originais, com abordagem de temas importantes da pesquisa e do ensino de História da Educação. Sobre o ensino da disciplina, há um texto diretamente a ele relacionado, “A institucionalização da disciplina História da Educação na Escola Normal mineira na primeira metade

SUMÁRIO

do século XX”, de autoria de Rosângela Maria Castro Guimarães e Décio Gatti Jr. Os demais textos tecem reflexões sobre a investigação ou abordam temáticas emergentes da área de História da Educação. Todavia, é no editorial, redigido por Bastos, que comparecem digressões de interesse sobre o ensino de História da Educação. Para a autora,

um desafio do campo seria estender a disciplina para os demais cursos de formação de professores, pois os futuros docentes devem ter a oportunidade de refletir acerca da natureza, das finalidades, das origens e das transformações do seu ofício (Bastos, 2012, p. 5).

Prossegue, com a assertiva de que os docentes e os investigadores da área de História da Educação têm envolvimento com a formação do futuro, tendo o que passou e o presente como ferramentas, o que denota um fundamento para a profissão relacionado à “construção de um sentido crítico e de uma atitude analítica interdisciplinar do campo e das várias situações socioeducacionais” (Bastos, 2012, p. 6).

Na coletânea organizada por Carlos Monarcha e Décio Gatti Jr., publicada em 2013, sob o título “Trajetórias na formação do campo da História da Educação brasileira”, há escritos autobiográficos sobre a atuação de nove pesquisadores e professores reconhecidos no Brasil, a saber: Carlos Roberto Jamil Cury, José Silvério Baia Horta, Maria Helena Camara Bastos, Maria Juraci Maia Cavalcante, Marta Maria Chagas de Carvalho, Marta Maria de Araújo, Mirian Jorge Warde, Paolo Nosella e Zaia Brandão.

SUMÁRIO

Figura 2 – Décio Gatti Jr. e Maria Helena Camara Bastos na sessão de lançamento do livro “Trajetórias na formação do campo da História da Educação brasileira”, durante o VII Congresso Brasileiro de História da Educação, em Cuiabá, Mato Grosso



Fonte: Acervo do autor.

No capítulo “Estações de formação e pesquisa”, Bastos teceu uma reflexão sobre sua formação e trajetória no campo educacional em geral e da História da Educação, em particular. Todavia, ressaltou, desde a partida, que o “lembrar não é reviver, mas refazer, construir em outras bases, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (Bastos, 2013, p. 55).

O texto enfatiza a formação e a atuação em pesquisa e, de modo tangencial, traz informações sobre a experiência de lecionar

SUMÁRIO

Estrutura e Funcionamento do Ensino desde 1979 e sua aproximação com a História da Educação desde o doutoramento, concluído em 1994, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. A partir daí, ela passou em definitivo para o campo da História da Educação. Com a atuação que findava na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, continuou na Universidade de Passo Fundo, entre 1997 e 1999, depois esteve como docente na Universidade Luterana do Brasil, entre 1999 e 2002 e, por fim, na PUC-RS, desde 2002 até o momento no qual escreveu o capítulo em referência, sendo que se aposentou apenas em 2019.

Também é interessante observar que a autora explicitou os objetos de pesquisa que tinham centralidade em suas investigações, sendo a imprensa o primeiro e os livros o segundo. No que se refere aos livros, Bastos destaca a História do Livro e da Leitura, com foco na formação escolar e profissional, tanto para alunos como para professores. Para a autora:

A análise de obras de literatura, livros de leitura escolar, manuais de História da Educação, manuais de Pedagogia, de autores nacionais ou estrangeiros, permite identificar as permanências e marcas que ainda hoje definem a formação de leitores (Bastos, 2013, p. 77).

Ao final do texto, Bastos expõe um desafio para a atuação docente na atualidade, pois o “professor do Ensino Superior é instado a atuar plenamente em múltiplas atividades e, nesse turbilhão, deve constantemente mudar ou adaptar-se às novas exigências” (Bastos, 2013, p. 79).

Neste mesmo ano de 2013, Bastos concedeu uma entrevista para a Revista Profissão Docente, com questões elaboradas por José Carlos Souza Araújo. Na entrevista, a autora indicou sua longa experiência docente, desde 1973, e reiterou preocupações com a multiplicidade de tarefas acadêmicas às quais estão submetidos os docentes. Além disso, externou que o

cotidiano da sala de aula é um espaço de construção de conhecimento, tanto para o aluno como para o professor. Nessa dinâmica, estamos sempre experimentando, mesmo que, na maioria das vezes, não o façamos de forma sistematizada (Bastos, 2013, p. 5).

SUMÁRIO

O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO ESPAÇO LUSO-BRASILEIRO

Em 2014, durante o X Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, que teve lugar na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, na cidade de Curitiba, no Estado do Paraná, no interior do eixo-temático “Ensino de História da Educação”, houve a comunicação coordenada intitulada “O Ensino de História da Educação no espaço luso-brasileiro: percursos institucionais, currículos e manuais disciplinares”, que reuniu quatro trabalhos, escritos por autores brasileiros (Décio Gatti Jr. e Maria Helena Camara Bastos) e portugueses (Luís Alberto Marques Alves e Maria João Mogarro).

A partir desta iniciativa, Décio Gatti Jr., no mesmo ano de 2014, organizou a publicação de dossiê com o mesmo título da comunicação coordenada referida, o que foi feito no periódico Cadernos de História da Educação (v. 13, n. 2), com ampliação de autores principalmente do Brasil, mas também, em menor medida, de Portugal. Tal dossiê reuniu um texto de apresentação e seis artigos, com o seguinte sumário:

- Apresentação, por Décio Gatti Jr.
- Educação de mulheres nas páginas de manuais de História da Educação (1930-1970), por Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro e Sauloéber Tarsio de Souza.

SUMÁRIO

- Um autor polígrafo. Um manual insólito. Raul Briquet e História da Educação: evolução do pensamento educacional, por Carlos Monarcha.
- As ideias de Rousseau nos manuais de História da Educação com autores estrangeiros publicados no Brasil (1939-2010), por Décio Gatti Jr.
- O espaço curricular da História da Educação na Faculdade de Letras do Porto (1961-2013), por Luís Alberto Marques Alves e Carla Luisa Santos Moreira.
- Maria Lúcia de Arruda Aranha e a História da Educação, por Maria Helena Camara Bastos.
- O ensino da História da Educação na Universidade de Lisboa, por Maria João Mogarro.

Depreende-se do texto de apresentação que a organização do dossiê partiu da constatação de que se avolumavam, em âmbito nacional e internacional, os estudos e pesquisas sobre o ensino de História da Educação, sendo a publicação do próprio dossiê uma forma de contribuir para a consolidação de uma área temática que se julga importante no rol de investigações em História da Educação (Gatti Jr, 2014, p. 425).

Neste dossiê, à semelhança da comunicação coordenada que lhe deu origem, a contribuição de Bastos deu-se por meio da abordagem do manual de História da Educação de autoria de Maria Lúcia de Arruda Aranha, o qual tinha grande vendagem e circulação no Brasil desde o final da década de 1980 até o presente momento. Deste modo, no dossiê, o artigo intitula-se “Maria Lúcia de Arruda Aranha e a História da Educação”.

No artigo, Bastos reforçou a ideia de que “os manuais são instâncias de produção e de circulação de saberes de uma disciplina

SUMÁRIO

ou campo de conhecimento" (Bastos, 2014, p. 517). Para ela, seria possível identificar "permanências e marcas que ainda hoje definem a disciplina História da Educação nos cursos de formação de professores" (Bastos, 2014, p. 517). Nessa direção, o artigo toma como objeto a análise da produção, da circulação e da apropriação do manual de Maria Lúcia de Arruda Aranha, nomeado "História da Educação", publicado pela Editora Moderna, em suas três edições, de 1989, 1996 e 2006, por meio do tratamento da trajetória da autora e de sua inserção no campo educacional, bem como da história da obra, de sua materialidade, de seu conteúdo, de sua edição e circulação e de sua contribuição em relação à disciplina (Bastos, 2014, p. 517).

Em "O que é a História da Educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão", artigo publicado em 2016, no periódico *Espacio, Tiempo y Educación* (v. 3, n. 1), Bastos promove uma análise da "História da Educação no Brasil como disciplina acadêmica, assinalando a redução gradativa nos currículos do curso de graduação em Pedagogia e sua ampliação nos cursos de pós-graduação em Educação [...]" (Bastos, 2016, p. 43). Para ela, poder-se-ia "afirmar que há um hiato entre a pesquisa e o ensino, de que a pesquisa tem se desenvolvido à margem da docência" (Bastos, 2016, p. 46), todavia, assevera que seriam campos indissociáveis. Defende que há necessidade de

avançar nossas perspectivas de circulação de conhecimento, como condição *sine qua non* para o fortalecimento do campo e para a conquista de novos espaços de produção de pesquisa e de formação docente. Uma perspectiva seria de concentrar esforços em pesquisas sincronizadas, ou seja, interinstitucionais, de âmbito nacional e internacional (Bastos, 2016, p. 53-54).

Em entrevista publicada no ano de 2019, no periódico *Reflexão e Ação* (v. 27, n. 3), Bastos reiterou uma série de informações relacionadas à sua trajetória profissional, com informações importantes sobre sua experiência internacional, bem como nas temáticas de

SUMÁRIO

pesquisa que foram centrais em sua trajetória, a saber: 1) A imprensa e educação e ensino; 2) História do livro e da leitura, na qual se insere a investigação sobre os manuais de História da Educação; 3) História das instituições e culturas escolares; 4) A História da Disciplina e da pesquisa em História da Educação, na qual integra grupo de pesquisa coordenado por Décio Gatti Jr. (UFU); 5) Arquivos pessoais, patrimônio e educação, em grupo de pesquisa coordenado por Dóris Bittencourt Almeida (UFRGS) e Maria Teresa Santos Cunha (Udesc).

Deste modo, em duas frentes de pesquisa, "História do livro e da leitura" e "A História da Disciplina e da pesquisa em História da Educação", o ensino de História da Educação comparece como temática de investigação, notadamente pelo estudo e pesquisa sobre os manuais de História da Educação. No que se refere ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Disciplina História da Educação (Gepedhe), criado em 2008, sob a coordenação de Décio Gatti Jr. (UFU) e Carlos Monarcha (Unesp), ele possui os seguintes objetivos: a) realizar estudos e pesquisas sobre lugares, tempos, circulação de saberes e métodos de pesquisa e de ensino da disciplina História da Educação; b) catalogar, analisar e discutir a bibliografia sobre a temática da disciplina História da Educação; levantar, catalogar e digitalizar programas de ensino da disciplina História da Educação; construir roteiros, efetivar, transcrever, regulamentar e analisar depoimentos de pesquisadores e de professores da disciplina História da Educação; c) analisar de modo sistemático os processos de construção de memória histórico-educacional sobre o ensino da disciplina História da Educação, com geração de estudos e pesquisas de caráter monográfico; d) veicular os resultados da investigação em forma de trabalhos completos em congressos, artigos, capítulos de livro e livros em periódicos e em editoras afetas a História da Educação; e) formar pesquisadores ao nível de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado com interesse na temática da disciplina História da Educação. Bastos colaborou firmemente desde a criação do Gepedhe para a consecução de seus objetivos e manteve-se alinhada com esta temática de pesquisa.

SUMÁRIO

Ainda em 2019, a publicação em versão eletrônica da coletânea intitulada *"La enseñanza de Historia de la Educación en Perspectiva Internacional"*, em Salamanca, na Espanha, pela editora FahrenHouse, dez anos após a publicação da coletânea originalmente organizada por Décio Gatti Jr., Carlos Monarcha e Maria Helena Camara Bastos pela Edufu, deu aos capítulos ali publicados uma dimensão internacional, ao menos em termos ibero-americanos, dado que os textos que estavam escritos em Português foram traduzidos para o Espanhol, com possibilidade de ampliação do público leitor, bem como, o que permitia atender ao interesse ampliado pela temática de investigação sobre o ensino de História da Educação.

Em entrevista realizada em 2021 e publicada em 2023, Bastos voltou a ressaltar um de seus interesses de pesquisa, a História do Livro e da Leitura, quando destacou a realização de pesquisas sobre diferentes obras e autores, dentre os quais podemos destacar aqueles vinculados à temática do ensino de História da Educação: Jules Paroz, Gabriel Compayré, Paul Rousselot, Theobaldo Miranda dos Santos e Maria de Lourdes de Arruda Aranha (Bencostta, 2023, p.30). Além disso, voltou a referir-se à sua participação no Gepedhe (Bencostta, 2023, p.36). Ao final da entrevista, Bastos fez uma ponderação interessante:

considero que o panorama aqui apresentado é um olhar, entre tantos possíveis, para a pesquisa em História da Educação no Brasil. Muitos dos desafios, que aqui refleti, são para todos os historiadores da educação e, especialmente, aos jovens em formação. Fazer o balanço de uma trajetória é também um processo de pensar o futuro, sempre imponderável. Com novos desafios e interrogações... Como será o amanhã nesses tempos tão imprevisíveis? (Bencostta, 2023, p. 37).

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste capítulo, concluímos que Maria Helena Camara Bastos contribuiu de modo decisivo para a emergência e consolidação da área de História da Educação no Brasil, pois sua ação não se limitou ao âmbito regional, com as investigações sobre a imprensa, o livro e a leitura, as instituições escolares, a disciplina História da Educação e o patrimônio educativo, sempre a relacionar o local, o regional, o nacional e o global.

Além disso, sua participação na criação da Asphe e da RHE, entre outras muitas iniciativas, sempre se deu mediante ampla colaboração com pesquisadores das diferentes regiões do Brasil e de diversos países no exterior, notadamente na Europa e na América Latina.

No campo específico dos estudos e pesquisas sobre a manualística e sobre o ensino de História da Educação, o caráter pioneiro de seus investimentos e a forma como soube trabalhar com outros pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, colaborou decisivamente para a constituição e consolidação de uma temática de pesquisa em História da Educação, bem como suas reflexões adensaram um debate importante sobre os desafios postos para o ensino de História da Educação contemporaneamente.

Sem dúvida, é uma bela trajetória, que demonstra grande dedicação e vivo interesse pela área de História da Educação, em diferentes temas e frentes de atuação, a qual merece o reconhecimento dos pesquisadores da área no Brasil e no exterior, como um exemplo que pôde ser seguido pelas gerações que lhe foram e são contemporâneas e pelas vindouras. Parabéns!

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Carlos Souza. Profa. Maria Helena Camara Bastos. **Revista Profissão Docente**, v. 13, n. 29, p. 3-8, 2013. DOI: <https://doi.org/10.31496/rpd.v13i29.627>.

BASTOS, Maria Helena Camara. Editorial - Perspectivas e desafios do ensino e da pesquisa em História da Educação. **Educação**. v. 35, n. 1, p. 5-6, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8661>. Acesso em: 17 nov. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara. Estações de formação e pesquisa. *In*: MONARCHA, Carlos; GATTI JR., Décio (Orgs.). **Trajetórias na formação do campo da História da Educação brasileira** (Coleção História, Pensamento e Educação. Série: Novas Investigações, v. 4). Uberlândia/MG: Edufu, 2013, p. 55-83.

BASTOS, Maria Helena Camara. Maria Lúcia de Arruda Aranha e a História da Educação. **Cadernos de História da Educação**, v. 13, n. 2, p. 517-534, 2014. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v13n2-2014-6>.

BASTOS, Maria Helena Camara. O que é a História da Educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. **Espacio, Tiempo y Educación**. v. 3, n. 1, p. 43-59, 2016. Disponível em: <https://espaciotiempoyeducacion.com/ojs/index.php/ete/article/view/12>. Acesso em: 17 nov. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara. Paroz, Compayré, Rousselot: manuais de História da Educação em circulação no Brasil (Século XIX). *In*: GATTI JR., Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional** (Coleção História, Pensamento e Educação. Série: Novas Investigações, v. 1). Uberlândia/MG: Edufu, 2009, p. 157-187.

BASTOS, Maria Helena Camara. Um manual e suas diferentes apropriações. Noções de História da Educação, de Theobaldo Miranda dos Santos (1945). *In*: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Anais. Aracaju: UFS/UNIT, 2008, 18 p. Disponível em: <https://sbhe.org.br/anais-sbhe/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara. Uma biografia dos manuais de História da Educação adotados no Brasil (1860-1950). *In*: **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia/MG: Edufu. 2006. p. 334-349. CD-ROM.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara; BILHÃO, Isabel; SILVEIRA, Éder da Silva. Quando a recordação é referência: reflexões e experiências de uma professora/pesquisadora no campo da História da Educação. **Reflexão e Ação**. v. 27, n. 3, p. 247-259, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v27i3.14098>.

BASTOS, Maria Helena Camara; BUSNELLO, Fernanda Bastanti. A pesquisa em História da educação nos Programas de Pós-graduação em Educação no Rio Grande do Sul (1970-2003). In: **XI Encontro de Pesquisadores Sul-Rio-Grandense de História da Educação**. Anais. Pelotas: Asphe, 2005. p. 1-15.

BASTOS, Maria Helena Camara; BUSNELLO, Fernanda de Bastani; LEMOS, Elizandra Ambrosio. A disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1942-2002). **Revista História da Educação**. v. 10, n. 19, p. 181-212, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29412>. Acesso em: 17 nov. 2025.

BASTOS, Maria Helena Camara; MOGARRO, Maria João. Manuais de História da Educação em Portugal e Brasil (Segunda metade do século XIX - Primeira metade do século XX). In: ARAÚJO, Marta Maria de (Org.). **História(s) Comparada(s) da Educação**. Brasília: Liber Livro; Natal: UFRN, 2009, p. 241-283.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Diálogos com Maria Helena Camara Bastos: a experiência do dizer frente à memória de uma historiadora brasileira da educação. **Revista História da Educação**. v. 27, p. 1-45, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/125867>.

GATTI JR., Décio; MOGARRO, Maria João; MARQUES, Luis Alberto; BASTOS, Maria Helena Camara. O Ensino de História da Educação no espaço luso-brasileiro: percursos institucionais, currículos e manuais disciplinares (Comunicação Coordenada). **X Congresso Luso-Brasileiros de História da Educação**. Curitiba: PUC-PR; Rio de Janeiro: SBHE. 2014. CD-ROM.

GATTI JR., Décio. Dossiê: O ensino de História da Educação no espaço luso-brasileiro: percursos institucionais, currículos e manuais disciplinares (Apresentação). **Cadernos de História da Educação**. v. 13, n. 2, p. 425-426, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/29196>. Acesso em: 19 nov. 2025.

GATTI JR., Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **La enseñanza de Historia de la Educación en perspectiva internacional** (Colección Studio, n. 14). Salamanca: FahrenHouse; Uberlândia/MG: Edufu. 2019. Disponível em: <https://www.fahrenhouse.com/omp/index.php/fh/catalog/book/39>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SUMÁRIO

GATTI JR., Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara Bastos (Org.). **O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional** (Coleção História, Pensamento e Educação. Série: Novas Investigações, v. 1). Uberlândia/MG: Edufu, 2009.

GUIMARAES, Rosângela Maria Castro; GATTI JR., Décio. A institucionalização da disciplina História da Educação na Escola Normal mineira na primeira metade do século XX. **Educação**, v. 35, n. 1, p. 54-65, 2012.

MONARCHA, Carlos; GATTI JR., Décio. (Org.). **Trajetórias na formação do campo da História da Educação brasileira** (Coleção História, Pensamento e Educação; Série Novas Investigações, v. 4). Uberlândia/MG: Edufu, 2013.

11

Alice Rigoni Jacques

ELOS DE MEMÓRIAS:
O LEGADO EDUCATIVO E O PATRIMÔNIO
HISTÓRICO-EDUCATIVO NAS PESQUISAS
DO GRUPO “DO DEUTSCHER HILFSVEREIN
AO COLÉGIO FARROUPILHA/RS” (1858-2008)

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-679-1.11

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente (Benjamin, 1987, p. 240).

Na citação escolhida para abrir esta narrativa, Walter Benjamin propõe uma reflexão sobre o conceito de memória e lembrança, comparando-o a um relatório arqueológico. Nesse processo, não apenas se revelam os achados de uma escavação, mas também as camadas que precisam ser desvendadas para alcançá-las. Assim, uma verdadeira lembrança torna-se um processo contínuo, uma ressonância no presente que reverbera ao longo do tempo, atravessando as múltiplas camadas do tempo e das experiências pessoais.

O projeto de pesquisa intitulado “Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: entre memórias e histórias (1858-2008)”, conduzido ao longo de dez anos, ancorado no acervo do memorial do Colégio Farroupilha e coordenado pela professora Maria Helena Camara Bastos, pode ser interpretado à luz da metáfora de escavação das memórias apresentada por Walter Benjamin (1987) no fragmento “Escavando e recordando”, do livro *Rua de Mão Única*.

Benjamin descreve o ato de rememorar como um processo desafiador, onde se deve adentrar nas profundezas das lembranças para retirar fragmentos do passado, assim como em uma escavação arqueológica. Semelhante a isso, esse processo reflete o esforço dos membros envolvidos no grupo de pesquisa, em

SUMÁRIO

acessar e interpretar as diversas camadas históricas e narrativas do Colégio Farroupilha, extraindo fragmentos que revelam a história e a memória da instituição.

Esse processo de escavação das memórias, com suas múltiplas reverberações, aproximou o grupo de pesquisadores, conectando-os à História da Educação e à própria instituição. Essa conexão foi materializada por meio do Memorial¹, fundado em 2002, que se consolidou como um espaço de preservação, valorização e ressignificação dessas histórias, permitindo que o passado dialogasse com o presente.

Nas múltiplas conexões que foram tecidas ao longo do tempo, para Maria Helena, o Colégio Farroupilha atravessou sua vida de diferentes maneiras. Foi um dos lugares marcantes de sua infância, onde começou sua trajetória escolar e teve os primeiros contatos com cadernos, canetas, livros, uniformes e professoras, além de, mais tarde, se tornar um lugar de estudo, por meio do memorial, no qual coordenou o projeto de pesquisa por dez anos. Para alguns pesquisadores, o Colégio foi e continua sendo um local de trabalho, de convivência com alunos e colegas, de vivências nas rotinas da docência e de descobertas das interfaces proporcionadas pela História da Educação. De certa forma, essas vivências transformaram todos os envolvidos, constituindo-os como professores e pesquisadores e deixando uma marca significativa em suas identidades profissionais e acadêmicas.

O presente estudo contextualiza a constituição e atuação do grupo de pesquisa formado por graduandos, mestrandos, doutorandos e professores de diversas universidades. Ao longo dos dez anos, foram investigadas as memórias e a história do Colégio Farroupilha, destacando o papel da instituição como espaço de formação cultural e social.

SUMÁRIO

Do ponto de vista da pesquisa, os estudos realizados sobre a instituição demonstram que a História da Educação desempenha um papel fundamental no fortalecimento da identidade cultural de uma comunidade escolar e, por extensão, da sociedade. Conforme Boto (2013), a História da Educação tem ressignificado a noção de cotidiano escolar, ao considerar a escola como um espaço que gera uma cultura própria. Nesse contexto, a escola nos oferece um leque de escolhas e possibilidades para investigação, onde a cultura da escola está presente. Portanto, as pesquisas realizadas sobre o Colégio Farroupilha, concentraram-se na análise da cultura escolar a partir da memória institucional, conforme a abordagem proposta por Agustín Escolano (2017). O autor atribui à memória escolar um valor significativo, não apenas pelas lembranças e conteúdos que ela armazena, mas também pela influência dos espaços e tempos que estruturaram a vida escolar. A memória, nesse sentido, não é apenas um repositório de eventos passados, mas uma força ativa na fixação das práticas de sociabilidade e das relações que se desenrolam dentro da escola.

Os estudos, ao conectarem memória e cultura escolar, permitem compreender a escola não apenas como um espaço físico de aprendizado, mas como uma entidade viva, cujas tradições, valores e rituais foram sendo construídos e perpetuados pela memória coletiva de seus membros. Segundo Jacques e Grimaldi,

explorar memórias escolares, viajar entre a multiplicidade de documentos acumulados na história de uma escola, são temas que nos colocam diante de inúmeras perspectivas de observação e de análise e provocam novas possibilidades investigativas no campo da História da Educação (2013, p. 78).

Para entender melhor o percurso realizado, é fundamental revisitar a história dessa instituição, que, ao longo de mais de um século, desempenhou e continua exercendo um papel essencial na formação educacional de inúmeros estudantes.

SUMÁRIO

COLÉGIO FARROUPILHA: UM LUGAR DE FORMAÇÃO, MEMÓRIA E CULTURA ESCOLAR

Somente no coração cotidiano da escola poderão ser instituídas novas fontes de legitimação do ato de ensinar, com ciência, com arte, e certamente com muito tato pedagógico. As novas gerações esperam de nós educação, cuidado e exemplos (Boto, 2017, p. 294).

Carlota Boto nos convida a refletir sobre a relevância do espaço escolar não apenas como um local de transmissão de conhecimento, mas como um ambiente dinâmico de criação e renovação de práticas pedagógicas. Nesse contexto, o cotidiano escolar se transforma em um cenário privilegiado, onde tradição e inovação se encontram, promovendo o desenvolvimento de novas formas de ensino. A escola não apenas preserva a cultura existente, mas também facilita a construção de novos caminhos educacionais, fundamentados em uma pedagogia que equilibra o conhecimento científico com a sensibilidade e o cuidado necessários à formação das novas gerações.

No cenário do Colégio Farroupilha, essa dinâmica é visível quando observamos como a cultura escolar, as interações dos sujeitos da escola e os rituais educativos presentes ao longo dos anos, contribuíram para a formação de uma identidade coletiva e institucional. A análise da trajetória do Colégio permite compreender como a memória e as práticas cotidianas se entrelaçam para manter uma instituição sólida e historicamente reconhecida.

Destacado por suas práticas pedagógicas e sua história de 140 anos, essa instituição de educação básica do RS, foi fundada em

SUMÁRIO

1886, com a *Knabenschule* (Escola de Meninos), pela ABE² 1858, uma entidade criada para auxiliar os imigrantes alemães e seus descendentes que estavam chegando ao Sul do Brasil.

Ao longo dos anos, a escola desenvolveu diferentes movimentos educacionais, como a fundação da *Mädchenschule* – 1904 (Escola de Meninas); a abertura do Jardim de Infância – *Kindergarten* (1911); a união da escola de meninos e meninas – *Deutsche Hilfsvereinsschule* (1929); a instituição do Ginásio passando a denominar-se *Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha* (1936).

Com o golpe de Estado, que instaurou o Estado Novo pelo presidente Getúlio Vargas, iniciou-se uma forte campanha de nacionalização nas escolas e sociedades alemãs. O Colégio Farroupilha, de certa forma, foi atingido, resultando em grandes mudanças no seu quadro de professores, na proibição do idioma Alemão nas aulas e no próprio nome da escola, passando a se denominar *Ginásio Farroupilha* (1942). Em 1949, o Ministério da Educação autorizou o curso colegial, oficializando o nome Colégio Farroupilha, que oferecia ensino primário, ginasial e colegial. Em 1962, a escola mudou-se para a chácara Três Figueiras, localizada na zona norte de Porto Alegre.

Nesse viés, a história da escola foi se consolidando e, gradualmente, constituindo-se em fontes da cultura escolar, onde o estudo da história das instituições escolares passou a valorizar as potencialidades das fontes da chamada “arqueologia escolar”³, que permite interpretar e reverberar práticas, saberes e objetos da educação. Esse processo pode ser entendido como uma dimensão educativa voltada à cidadania, muitas vezes denominada de educação patrimonial, ao promover a preservação e reflexão crítica sobre o patrimônio escolar como uma ferramenta para a formação cultural e social.

2 Associação Beneficente e Educacional de 1858 (ABE).

3 Expressão usada por Agustín Escolano Benito (2017).

SUMÁRIO

Para Hartog (2017), a narrativa continua, e a história se faz no presente, reelaborando um passado constituído por fragmentos escolhidos, revisitando uma cultura, inventando uma tradição.

A história “verdadeira” no passado é, teoricamente, impossível. Não há história “verdadeira” relativamente ao passado, mas a “Arqueologia”; é uma tentativa sem precedentes para pensar os tempos antigos (Hartog, 2017, p. 82).

Assim, situar a história do colégio é necessário para entendermos a conexão realizada entre a instituição e o grupo de pesquisa, pois a trajetória histórica da instituição é essencial para as análises e investigações que o grupo realizou. Esse contexto permite entender as raízes culturais, pedagógicas e sociais da escola, bem como os processos que a constituíram ao longo do tempo. Essa contextualização torna a instituição um laboratório vivo para os pesquisadores, onde teoria e prática se encontram para produzir um conhecimento profundo e socialmente relevante sobre a memória e o papel da escola na formação de gerações.

Em suma, o estudo da história da escola não se limita a um olhar retrospectivo, mas se entrelaça com o presente, permitindo a reflexão sobre as práticas e os valores que constituem a educação contemporânea. A arqueologia escolar, portanto, não é apenas reverberar um passado, mas um convite à construção de uma identidade cultural e educativa. Através da educação patrimonial, fortalecemos a cidadania, promovendo o diálogo entre gerações e reforçando a relevância do patrimônio escolar como uma ferramenta viva para a formação cultural e social. Nesse contínuo processo de reelaboração, a história da escola segue sendo escrita, não apenas como memória, mas como um legado em constante transformação. Esse legado, de certa forma, está representado no espaço de memória do colégio, que atua como um guardião do patrimônio histórico-educativo.

SUMÁRIO

O MEMORIAL “DO DEUTSCHER HILFSVEREIN AO COLÉGIO FARROUPILHA”

[...] integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere) (Vidal, 2005, p. 24).

Para Diana Vidal (2005), o arquivo escolar, quando integrado à vida da escola, torna-se um elemento essencial para a compreensão da trajetória da instituição, das pessoas que nela atuaram e das práticas que moldaram o cotidiano escolar. A preservação de documentos como cadernos, boletins, fotografias e diários de classe permite uma reflexão sobre o passado da escola, assim como sobre sua relação com a comunidade. De certo modo, o Memorial do Colégio Farroupilha surge como uma iniciativa essencial, não apenas para salvaguardar esses materiais/documentos, mas também para fornecer subsídios que auxiliem na análise das práticas educativas, das relações sociais e do impacto da escola em seu entorno ao longo dos anos.

A sua constituição começou com os atos simples de juntar e guardar. Essa ação partiu de um trabalho anterior, realizado por Lia Mostardeiro⁴, professora que atuou durante cinquenta anos na instituição como alfabetizadora, que arquivou e organizou álbuns e fotografias que estavam dispersas. Em 2002, com a criação do memorial, iniciou-se a busca por documentos e artefatos que preservassem, valorizassem e divulgassem o patrimônio material e imaterial da escola, refletindo sua trajetória e a de seus atores ao longo do tempo.

SUMÁRIO

Nessa chave, Farge destaca que a constituição do arquivo também supõe um “gesto artesão” (2009, p. 23): coletar, limpar, armazenar, inventariar, deslumbrar-se, alegrar-se, decepcionar-se, indignar-se, recompor-se, refletir, organizar, reorganizar, entre outras ações, sentidos e sentimentos que fazem parte do ato não apenas de consultar um arquivo, mas, de constituí-lo, atuando desde sua concepção até sua consulta e uso na pesquisa científica.

Com esse intuito artesanal, o memorial foi se constituindo. Inicialmente, foi pensado como um espaço de coleção, voltado para a exposição e preservação, além de funcionar como um espaço educativo, proporcionando aos estudantes e visitantes experiências pedagógicas por meio das práticas desenvolvidas no local. Esse processo envolveu não apenas a conservação física dos objetos, mas também a criação de oportunidades para vivências significativas, nas quais o passado escolar e o patrimônio histórico-educativo pudessem ser explorados e compreendidos de forma ativa. Na perspectiva de um espaço de pesquisa, a iniciativa teve início com o grupo de pesquisa em 2008. De certa forma, essa relação entre arquivo e pesquisa historiográfica fez com que o acervo do Memorial privilegiasse o estudo da história da escola, vista a partir dos sujeitos e das práticas representadas, sobretudo ao destacar documentos que, de fato, eram utilizados no cotidiano da sala de aula, como cadernos, diários, boletins, uniformes, álbuns, fotografias etc.

Durante seus 24 anos de existência, o Memorial tem se consolidado como um espaço fundamental de memória da escola, comprometido com a preservação e guarda das memórias da escolarização. Ele assume o papel de (co)responsável pela promoção de políticas de gestão arquivística, fundamentais para a organização e manutenção do patrimônio escolar. Também se destaca como um lugar privilegiado de produção historiográfica, onde a memória é transformada em história – um processo central para o ofício das historiadoras e historiadores, que trabalham na reelaboração constante das narrativas educacionais.

SUMÁRIO

Na concepção de Farge,

[...] o arquivo é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele, tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente visitados pela história, a não ser que um dia decidam se unir em massa e construir aquilo que mais tarde se chamará de história (2009, p. 14).

Portanto, é nas brechas e nos rastros que o acervo do Memorial vem sendo cuidadosamente constituído e organizado, com o compromisso de escrever uma história da educação sob uma perspectiva mais próxima dos protagonistas: as crianças, os estudantes, os professores e demais membros da comunidade escolar. Não se trata de uma história qualquer, mas de uma história que privilegia as vivências, as experiências e as práticas educativas cotidianas.

Foi nesse cenário que o grupo de pesquisa se integrou ao processo de construção e ampliação desse acervo, trazendo contribuições valiosas para aprofundar o olhar sobre a trajetória da instituição e sobre a cultura escolar nele representada.

O GRUPO DE PESQUISA: HISTÓRIA E TRAJETÓRIA

O historiador é, antes de mais nada, olhar: não isolado ou icônico, mas olhar vivo de quem, por sua presença e intervenção, advém a visibilidade (Hartog, 2017, p. 154).

O historiador, conforme Hartog, não apenas observa o passado, mas o torna visível ao mundo por meio de sua própria intervenção e do olhar sobre o objeto de estudo. Para o autor,

SUMÁRIO

penetrar cada vez mais profundamente no objeto, ganha-se afeição por ele e, desde então, é observado com um interesse crescente. Comovido pela vidência, o coração vê uma infinidade de coisas invisíveis. Nesse olhar, verifica-se a mistura entre história e historiador (2017, p. 154).

Assim como o historiador, na visão de Hartog, não apenas observa o passado, mas também o torna visível por meio de sua intervenção e do olhar atento ao objeto de estudo, o grupo de pesquisa desempenhou um papel crucial, ao trazer à tona as memórias, narrativas e histórias da instituição. Motivados pela afeição crescente pelo objeto de pesquisa e pela curiosidade científica, os pesquisadores envolvidos não apenas investigaram o acervo, mas também participaram ativamente na preservação e reconstrução das memórias escolares. Nesse viés, a trajetória de estudos e pesquisas é também um processo de pensar o futuro, sempre imponderável. Nestas iniciativas, a professora Maria Helena Camara Bastos esteve à frente do grupo, sempre procurou incentivar pesquisas que privilegiassem e que evidenciassem uma verticalização de abordagens em torno dos impressos, da cultura escolar, das práticas de leitura, da formação docente, dos rituais escolares e dos artefatos que compõem esse mosaico que é a escola.

Em 2008, a professora Maria Helena Bastos constituiu o Grupo o Grupo de pesquisa "Entre memórias e Histórias da escola do Rio Grande do Sul: Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (1858-2008)" (PUCRS, UFRGS, Colégio Farroupilha) que objetivou estudar a história da escola, desde a fundação de sua mantenedora até 2015, a partir do seu acervo salvaguardado no memorial da instituição.

A constituição do grupo de pesquisa se deu, a partir da sua visita ao Memorial, acompanhada pela professora Dóris Bittencourt Almeida, que lecionava a disciplina de História no Ensino Fundamental do Colégio Farroupilha. A partir daí, estabeleceram-se importantes redes de socialização e interesses comuns voltados à pesquisa. Esse encontro inicial fortaleceu o elo entre

SUMÁRIO

a história institucional do Colégio e as investigações no campo da História da Educação, marcando o início de um ciclo de estudos que envolveu diversos aspectos da memória educacional e das práticas pedagógicas da escola.

O grupo de pesquisa era composto por um conjunto diverso de pesquisadores — incluindo professores, graduandos, mestrandos e doutorandos — provenientes de diferentes instituições,— da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e do Colégio Farroupilha/RS -, com o apoio das instituições de fomento à pesquisa – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq (2011-2015), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul. Com a formação do grupo, foi desenvolvido um projeto que definiu os objetivos e as temáticas de estudo, bem como o campo de atuação de cada pesquisador. Os principais objetivos elencados foram, inicialmente, compreender a cultura escolar, investigando como as normas, valores e rituais moldaram o ambiente educacional ao longo do tempo. Essa investigação permitiu entender como esses elementos influenciaram a experiência dos sujeitos envolvidos e contribuíram para o desenvolvimento da escola como espaço educativo; entender o papel dos diferentes atores — professores, alunos, e gestores — na construção da identidade e das práticas da escola, bem como suas interações e dinâmicas ao longo do tempo; entender como as práticas pedagógicas foram desenvolvidas ao longo do tempo; investigar o ambiente físico-material da escola, considerando a influência de sua arquitetura, organização espacial e recursos disponíveis no desenvolvimento das práticas educacionais e, por fim, interpretar a escola como uma instituição histórica, estudando seus aspectos organizacionais e institucionais em diálogo com as mudanças socioculturais e educacionais ao longo do tempo.

Em 2013, foi publicada sua primeira coletânea de estudos⁵. Em 2015, ao celebrar o 129º aniversário do Colégio Farroupilha e o 13º ano do Memorial, foi lançado o segundo volume⁶, reunindo uma série de investigações sobre a história da instituição.

Figura 1 - Livro Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: entre memórias e histórias (1858-2008) - v.1

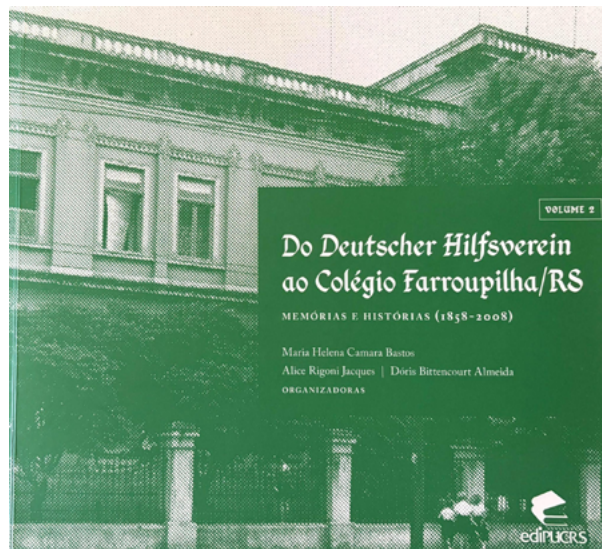


Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

- 5 O volume I da obra *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha ao Colégio Farroupilha/RS Memórias e Histórias (1858-2008)*, foi organizada pelas pesquisadoras Maria Helena Camara Bastos, Alice Rigoni Jacques e Dóris Bittencourt Almeida. O livro versa sobre as memórias e histórias do Colégio Farroupilha, abordando o tema em uma longa trajetória, que vai de 1858 a 2008. O conjunto de capítulos que o compõe percorre as práticas escolares dos diferentes momentos históricos do Colégio, que tem suas peculiaridades, mas traz também as marcas comuns de outras instituições de ensino de seu tempo. O valor do livro está nesse embrenhar-se no Colégio.
- 6 O volume II da obra *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha ao Colégio Farroupilha/RS Memórias e Histórias (1858-2008)* explora, em vários tons, temáticas e abordagens. Trata-se de um estudo realizado no Memorial do Colégio Farroupilha em Porto Alegre/RS e que já mereceu investimentos de pesquisa e publicação das mesmas professoras/organizadoras - Maria Helena Camara Bastos, Alice Rigoni Jacques e Dóris Bittencourt Almeida. Este livro dá continuidade ao trabalho iniciado e conta com a participação de 16 pesquisadores quem em conjunto com as organizadoras, apresentam seus estudos e fazem uso de um qualificado universo documental, mantido por essa instituição escola centenária.

SUMÁRIO

Figura 2 - Livro Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: entre memórias e histórias (1858-2008) - v.2



Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

Este trabalho apresentou diferentes perspectivas, explorando e questionando documentos a partir de diversos ângulos, como os atores envolvidos, os discursos, os aspectos organizativos e institucionais, o entorno físico-material, o currículo, além das questões relacionadas à educação feminina e masculina. Além das duas obras publicadas, o grupo participou ativamente de diversos eventos, congressos regionais, nacionais e internacionais, cujo tema central girou em torno da História da Educação. Essas atividades consolidaram o Colégio Farroupilha como uma instituição historicamente construída, reforçando a importância de sua preservação e análise no campo educacional.

A seguir, destacam-se algumas produções realizadas pelo grupo de pesquisa, identificando autores, ano de realização e meio de divulgação:

SUMÁRIO

Quadro 1 – Produções do Grupo de Pesquisa

Pesquisa	Autor(es)	Ano	Meio de divulgação
Relíquias escolares: uma vida em cadernos. Um campo de pesquisa da cultura escolar	Maria Helena C. Bastos	2008	III CIPA – Natal/RN
Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: Entre memórias e histórias (1858-2008)	Dóris B. Almeida; Maria Helena C. Bastos; Alice R. Jacques	2008	14ª Asphe – Pelotas/RS
O Velho Casarão: um estudo sobre o Knabenschule Des Deutsches Hilfsverein (Colégio Farroupilha) em POA (1895-1962)	Alice R. Jacques; Tatiane de Freitas Ermel	2009	15ª Asphe – Caxias do Sul/RS
O Clarim: memórias e culturas juvenis	Dóris B. Almeida	2009	IX Congresso Iberoamericano de História da Educação da Latino Americana – Rio de Janeiro/RS
Escritos de alunos: a revista "O Clarim"	Dóris B. Almeida	2009	15ª Asphe – Caxias do Sul/RS
Cadernos escolares – Relíquias de memórias	Alice R. Jacques	2010	16ª Asphe – Porto Alegre/RS
O caderno escolar como produto da cultura escolar	Alice R. Jacques	2010	VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – São Luís - Maranhão
Um observatório de jovens: a Revista "O Clarim" (1945-1965)	Dóris B. Almeida	2010	16ª Asphe – Porto Alegre/RS
Propagandas na Revista "O Clarim": discursos que produzem identidades	Dóris B. Almeida	2010	VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – São Luís - Maranhão
À moda da escola: o feminino uniforme do Colégio Farroupilha de Porto Alegre na década de 1950	Rafael Scholl; Alice R. Jacques	2011	17ª Asphe – Santa Maria/RS

SUMÁRIO

O jornal Das Band da Deutsche Hilfsvereinsschule e as escritas escolares sobre a imigração alemã (1929-1938)	Lucas Grimaldi; Maria Helena C. Bastos	2011	17ª Asphe – Santa Maria/RS
Cartinhas à Diretora. Escrita epistolar dos alunos do Curso Primário do Colégio Farroupilha (POA/RS 1948-1966)	Maria Helena C. Bastos; Alice R. Jacques	2011	17ª Asphe – Santa Maria/RS
Os Cadernos de Rotação da 1ª série do Curso Primário do Colégio Farroupilha/RS	Alice R. Jacques	2011	17ª Asphe – Santa Maria/RS
As escritas obrigatórias nos cadernos escolares	Alice R. Jacques	2011	VI Congresso Brasileiro de História da Educação – Espírito Santo
Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS): Uma análise dos relatórios de inspeção federal para equiparação com o Colégio Pedro II	Priscila S. Baum	2011	Iniciação Científica - PUCRS
A melhor colega: a produção de identidades femininas na Revista "O Clarim" (1945-1964)	Valeska Lima; Dóris B. Almeida	2011	VII Congresso Internacional de Educação – São Leopoldo/RS
Nas páginas do Clarim e do Crisol: um estudo sobre periódicos escolares (1940-1960)	Dóris B. Almeida; Valeska Lima	2011	17ª Asphe – Santa Maria/RS
As marcas de correção em caderno escolares do curso primário do Colégio Farroupilha de POA/RS (1948-1958)	Alice R. Jacques	2012	Dissertação de Mestrado - PUCRS
Um periódico juvenil: civilidades nas páginas do Clarim	Dóris B. Almeida	2012	Revista da Asphe

SUMÁRIO

O currículo escolar e as práticas de escola nos diários de classe do Colégio Farroupilha de POA (década de 1970)	Luciane S. Grazziotin	2012	IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – Lisboa/Portugal
As marcas do novo: Do Colégio Alemão ao Colégio Farroupilha	Dóris B. Almeida	2012	Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil – Claudemir de Quadros (Org.) – editora ufsm
Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS Memórias e Histórias (1858-2008) – Vol. I	Maria Helena C. Bastos; Alice R. Jacques; Dóris B. Almeida (Orgs.)	2013	ediPUCRS - Porto Alegre/RS
Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e Histórias (1858-2008)	Maria Helena C. Bastos; Alice R. Jacques	2014	Revista Linhas – Florianópolis/SC
Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS Memórias e Histórias (1858-2008) – Vol. II	Maria Helena C. Bastos; Alice R. Jacques; Dóris B. Almeida (Orgs.)	2015	ediPUCRS - Porto Alegre/RS
O ensino primário no Colégio Farroupilha: do processo de nacionalização do ensino à LDB Nº 4024/61 (POA/RS: 1937/1961)	Alice R. Jacques	2015	Tese de Doutorado - PUCRS
Entre lápis, cadernos e memórias: O Memorial Do Deustcher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha	Alice R. Jacques	2015	Revista da Asphe (v.19)
A nacionalização do Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha: um complexo jogo de adesões e resistências (1937-1945)	Milene Moraes de Figueiredo	2017	Dissertação de Mestrado - PUCRS
A gênese de um espaço profissional: a Escola Técnica de Comércio do Colégio Farroupilha de POA/RS (1950-1983)	Eduardo Cristiano Hass da Silva	2017	Dissertação de Mestrado - PUCRS

Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha.

SUMÁRIO

As diversas produções realizadas permitiram conhecer a educação ministrada pela escola por meio do seu acervo preservado. A partir de um *corpus de saberes e de saber-fazer*, buscou-se dar status ao saber pedagógico como campo de conhecimento científico e, ao mesmo tempo, dar uma dimensão técnica e instrumental ao cotidiano escolar.

Em 2018, na 24ª ASPHE⁷, realizada na Unisinos (São Leopoldo/RS), o grupo de pesquisa apresentou a exposição "A Escola Recordada: Do Velho Casarão às Três Figueiras. Porto Alegre/RS (1886-1961)." Organizada pelas professoras Maria Helena Camara Bastos, Alice Rigoni Jacques, Dóris Bittencourt Almeida e Tatiane de Freitas Ermel, a exposição teve como principal objetivo celebrar os dez anos de atividades do grupo de pesquisa "Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e Histórias (1858-2008)." A mostra foi composta por um mosaico de pluralidades de temas e artefatos da cultura escolar de uma época, suscitando debates e intercâmbios acadêmicos, fundamentais para o aprimoramento da ciência e para a difusão na sociedade como um todo. Anterior à 24ª ASPHE (Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação), a exposição esteve presente nas dependências da FAGED/UFRGS (Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Estudar a escola, nos seus múltiplos matizes, nos remete a destacar que "a escola é lugar de aprendizagens da vida, um microcosmo social que funciona como espaço de maturação intelectual" (Bastos, 2011, p. 7). A importância da infância e da instituição escolar na construção social da memória e o interesse histórico de ver traços de tempos passados mostram que as memórias de vida ou as escritas ordinárias são testemunhos preciosos da cultura escolar de um tempo e espaços significativos para a construção da história da escola e da educação. Nesse contexto, as pesquisas emergiram como uma ponte entre o passado e o presente, utilizando a

SUMÁRIO

metodologia histórica para explorar as camadas visíveis e invisíveis da cultura escolar do Colégio Farroupilha. E o acervo do Memorial, tornou-se o ponto de partida e o cenário onde essa interação entre história e historiadores se desenvolveu, transformando dados arquivísticos e entrevistas em narrativas vivas e significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa conduzida pelo grupo coordenado por Maria Helena Camara Bastos, embasada na metáfora de Walter Benjamin, revela que a escavação das memórias escolares vai além da simples preservação de documentos; é um processo contínuo que ressoa experiências, práticas e valores que definem a escola em seu contexto. Os estudos realizados durante os dez anos reforçam a importância dos grupos de pesquisa, pois o trabalho desenvolvido por seus integrantes desempenha um papel essencial, tanto na formação de novos pesquisadores, quanto na produção de conhecimento. Funcionando como comunidades epistêmicas, eles constituem o local de um “conjunto de artefatos, técnicas, ferramentas e ideias que tornam possível o desenvolvimento de teorias consistentes” (López-Yáñez e Altopiedi, 2015, p. 631).

Ao fortalecer a pesquisa por meio de atividades sistemáticas e da convivência com pesquisadores mais experientes, os grupos de pesquisa promovem um processo de aprendizagem essencialmente colaborativo. Conforme Gatti (2005, p. 124), o pesquisador não trabalha sozinho, nem produz sozinho. A aprendizagem nesse campo ocorre por meio de interlocuções e interações ricas, marcadas pela participação em grupos de trabalho e pela integração em redes que se formam, potencializando a troca de saberes e o desenvolvimento intelectual e metodológico. Dessa forma, o grupo de pesquisa foi um exemplo de como as comunidades epistêmicas podem contribuir

SUMÁRIO

significativamente para a produção de conhecimento e para a formação de pesquisadores na área da História da Educação. Por um longo período, o grupo se dedicou a explorar as múltiplas dimensões da memória e da história da instituição, indo além da simples preservação documental para desvendar as experiências e práticas educativas que constituíram sua trajetória.

Por meio de uma abordagem interdisciplinar, foram investigados temas como o patrimônio escolar, a cultura escolar e a construção de identidades ao longo do tempo. Ao integrar pesquisadores em diferentes estágios de formação, o grupo não apenas promoveu a troca de saberes, mas também fomentou um ambiente de aprendizagem colaborativa, onde ideias foram compartilhadas e teorias foram aprendidas. Essa dinâmica reflete a visão de Gatti (2005), que destaca a importância da interação entre pesquisadores experientes e iniciantes para enriquecer o processo de produção científica.

Além disso, o grupo, iniciado e coordenado pela Professora Maria Helena Camara Bastos desempenhou um papel central na consolidação da memória institucional do Colégio Farroupilha, contribuindo para a valorização do patrimônio cultural histórico-educativo e para a construção de uma narrativa histórica que conecta passado e presente. Essa atuação reafirma o valor de iniciativas de pesquisa como ferramentas para fortalecer tanto a identidade educacional quanto a formação cidadã das novas gerações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **O caminho das letras**: os 50 anos de alfabetização da professora Lia Mostardeiro. Porto Alegre: ABE, 1999.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Projeto de pesquisa **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: Entre memórias e histórias (1858-2008)**. 2011-2015. Projeto de Pesquisa – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011-2015.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena; JACQUES, Alice Rigoni Jacques; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (1858-2008)**. v. I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni. Liturgia da memória escolar. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 49-74, jul./dez. 2014.

BASTOS, Maria Helena; JACQUES, Alice Rigoni Jacques; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (1858-2008)**. v. II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. *In*: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: obras escolhidas, vol. 2. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 239-240.

BOTO, Carlota. Prefácio. *In*: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS**: memórias e histórias (1858-2008). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 13-24.

BOTO, Carlota. **A liturgia escolar na idade moderna**. Campinas, SP: Papirus, 2017.

ESCOLANO, Agustín Benito. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional: dialogia e qualidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 124-132, set./dez. 2005.

HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

JACQUES, Alice Rigoni; GRIMALDI, Lucas Costa. O Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: um espaço de ensino e pesquisa (2002). *In*: BASTOS, Maria Helena Câmara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS**: memórias e histórias (1858-2008). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 51-76.

JACQUES, Alice Rigoni. Entre lápis, cadernos e memórias: o Memorial Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 323-326, set./dez. 2015.

SUMÁRIO

JACQUES, Alice Rigoni; BASTOS, Maria Helena Camara. **Prospettive incrociate sul Patrimonio Educativo**. 1. ed. Molise, Itália: [s.n.], 2020. v. 1. 554 p.

LÓPEZ-YÁÑEZ, Julián; ALTOPIEDI, Mariana. Evolution and social dynamics of acknowledged research groups. **Higher Education**, v. 70, n. 4, p. 629-647, out. 2015.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. *In*: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera T. (Org.). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 24.

SUMÁRIO

DEPOIMENTO 1

MARIA HELENA

QUANDO A HUMANIDADE FAZ A DIFERENÇA TAMBÉM NO CAMPO CIENTÍFICO

Alberto Barausse

Em julho de 2014 recebi de minha esposa Maria Rosaria a comunicação de sua designação para uma missão consular junto ao Consulado-Geral da Itália em Porto Alegre, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. À época, do Brasil eu conhecia pouco mais do que aquilo que um cidadão italiano médio e informado poderia conhecer desse imenso país. Após certo entusiasmo e euforia suscitados pela notícia, comecei a refletir sobre como estabelecer um contato com a realidade universitária da capital do estado gaúcho. Foi então que me lembrei de meu primeiro encontro com Maria Helena, ocorrido na Europa em uma circunstância bastante casual e que, naquele julho de 2014, revelou-se fundamental, eu diria quase providencial. Era o ano de 2011 quando participei de um encontro organizado pelo Ceince, dirigido pelo incansável Agustín Escolano, e pelo grupo de pesquisa de Macerata, coordenado por Roberto Sani, com o objetivo de discutir, juntamente com colegas espanhóis e italianos, as temáticas relacionadas aos livros didáticos. O centro de Berlanga de Duero

SUMÁRIO

não era frequentado apenas por italianos, mas também por estudiosos provenientes de outros países do globo. Entre os convidados fascinados pelo rico patrimônio documental preservado, encontrava-se uma mulher de pequena estatura, com um sorriso luminoso e dois olhos brilhantes que captaram minha atenção. Escolano nos apresentou na *casa rural* onde estávamos hospedados, e dali nasceu imediatamente uma conversa improvável com a professora brasileira em viagem de estudos, que vinha de pesquisas realizadas na França e que naquele momento se encontrava na Espanha. Chamaram-me imediatamente a atenção sua capacidade de criar empatia, sua curiosidade e também as dificuldades linguísticas daquele momento. Eu conhecia apenas pouquíssimas palavras em português, o que, no entanto, não impediu a tentativa de dialogar em um espanhol improvável com a colega. Em suma, impressionou-me o perfil daquela mulher que, desde as primeiras palavras, comunicava não apenas uma grande competência científica, mas também uma densidade humana marcante, acompanhada por uma musicalidade da linguagem tipicamente brasileira, que a tornava uma pessoa extremamente agradável. Pude, assim, intuir, desde os primeiros contatos fortuitos, uma das características que tornaram sólido o perfil de Maria Helena como pesquisadora e como mulher, a capacidade e a facilidade de tecer relações em sentido global, sem qualquer timidez ou complexo de inferioridade. Quando, em julho de 2014, comecei a refletir sobre quais poderiam ser os vínculos no Rio Grande do Sul, foi instintivo pensar na professora Maria Helena Camara Bastos. Escrevi um e-mail, ao qual a colega respondeu imediatamente, manifestando total disponibilidade para nos encontrarmos em Porto Alegre. E isso ocorreu no mês de setembro de 2014. Cheguei no dia 8 à capital gaúcha, onde encontrei ainda uma cidade em pleno clima de celebração pela comemoração da independência do Brasil ocorrida no dia anterior. Um dia ventoso, como frequentemente acontece naquele mês na capital, mas marcado por um pôr do sol espetacular, daqueles que tornam Porto Alegre única. Alguns dias depois, encontramos-nos na universidade, no gabinete da PUCRS, onde a colega passava muitas

SUMÁRIO

horas de sua jornada de trabalho atendendo estudantes e colegas, ministrando aulas e organizando as atividades do grupo de pesquisa por ela coordenado. Sua acolhida foi entusiástica, e imediatamente nos colocamos a trabalhar para conhecer a instituição e planejar uma série de atividades que deveriam acompanhar meu futuro trabalho como *Visiting Researcher*. Foi precisamente Maria Helena quem me abriu as portas para um conhecimento mais aprofundado das estruturas acadêmicas brasileiras e das agências de fomento federais ou estaduais. A inserção no contexto acadêmico e científico brasileiro ocorreu, portanto, por meio da solicitação imediata que apresentamos conjuntamente, primeiro ao CNPq e depois à Capes, com o objetivo de obter o reconhecimento de uma bolsa como pesquisador estrangeiro visitante junto à universidade brasileira. Recordo, ainda, sua atenção e o trabalho conjunto para conduzir procedimentos burocráticos bastante complexos a fim de obter o reconhecimento por parte das agências brasileiras, procedimentos que Maria Helena já dominava de forma excelente. Somente mais tarde compreendi como tal competência não era fruto do acaso nem uma habilidade amplamente difundida nas universidades brasileiras, mas dizia respeito sobretudo àqueles que podiam contar com uma grande experiência na construção de uma rede internacional de relações. Tais aspectos lhe permitiram, ao longo do tempo, adquirir um significativo prestígio e expressivos recursos de pesquisa que, depois, de forma bem-humorada, chamávamos de *Fundação Bastos*. Não posso deixar de mencionar a enorme confiança que Maria Helena depositou em mim ao confiar-me, já a partir do mês de março de 2015, a possibilidade de acompanhar suas aulas, sempre densas e instigantes. Meu caderno de anotações enriquecia-se continuamente, dia após dia, com os estímulos oferecidos por Maria Helena e com as inúmeras indicações bibliográficas relacionadas às temáticas desenvolvidas durante as aulas da pós-graduação.

Foi esse ambiente que também facilitou minha aprendizagem da língua portuguesa. A figura de Maria Helena foi central,

SUMÁRIO

nesses primeiros anos de permanência em Porto Alegre no desenvolvimento da rede internacional de relações. Trata-se de um eixo estruturante da experiência profissional de Maria Helena, que a colega brasileira soube cultivar ao longo do tempo e transmitir não apenas a todas as suas orientandas e orientandos, mas também a todos aqueles que circularam em torno de sua figura. O confronto e o intercâmbio internacional foram sempre concebidos como um recurso fundamental para renovar práticas historiográficas, não apenas brasileiras, perspectiva que Maria Helena conseguiu transmitir a todos que com ela conviveram. Nesse período inicial, eu aprofundava minhas pesquisas sobre a história dos livros didáticos e tive a oportunidade de ampliar as investigações relativas à circulação de material bibliográfico destinado às escolas italianas no exterior e, em particular, no Brasil.

Escasso era meu conhecimento da realidade dos grupos de pesquisa, e foi graças a Maria Helena que fui introduzido nos grupos que auxiliavam ou cooperavam em seu trabalho, a começar por aqueles coordenados por Luciane Grazziotin, da Unisinos, Dóris Almeida, da UFRGS, e, sobretudo, por Terciane Ângela Luchese, da Universidade de Caxias do Sul. Foi graças à sua mediação e introdução que iniciamos uma reflexão mais ampla que nos conduziria, em 2018, à organização de um importante evento envolvendo os grupos de pesquisa das universidades italianas de Molise e Macerata e os grupos brasileiros vinculados a Caxias do Sul e a Porto Alegre, estendendo-se a São Paulo, Curitiba e Florianópolis. Em suma, vivi com Maria Helena uma verdadeira imersão no campo da internacionalização da pesquisa, experiência que marcaria profundamente minha trajetória. Foi por meio dessa dimensão que ampliamos o programa de pesquisa em torno da relação entre migração e educação, iniciando uma exploração mais sistemática do tema da imprensa étnica e de suas relações com a escola e com a educação étnica italiana. Âmbitos que encontraram, posteriormente, espaço de análise no interior da rede *Transfopress*, mais um elemento daquele espectro

SUMÁRIO

de amplo alcance que caracterizava suas relações globais. Foi motivo de grande satisfação acompanhar a aproximação de Maria Helena com a língua italiana e com a historiografia italiana. Um dos momentos de maior intensidade foi o período que Maria Helena passou primeiro em Campobasso e, sobretudo, em Macerata como *Visiting Professor*. Para mim, foi a oportunidade de atuar como ponte entre dois mundos que apenas naquele período voltavam a dialogar, a confrontar-se e a reconhecer numerosos pontos de interesse comum no campo da pesquisa e das perspectivas de internacionalização no âmbito da história da educação e da escola. A participação de Maria Helena em alguns seminários realizados na *Università del Molise* e em eventos promovidos pela *Università di Macerata* constituiu um dos momentos mais significativos para a consolidação das relações entre pesquisadores italianos e brasileiros. O intercâmbio internacional revelou-se uma prática profícua que envolveu docentes como Roberto Sani, Anna Ascenzi, Michelina D'Alessio, Juri Meda, juntamente com Terciane Ângela Luchese, Luciane Sgarbi Grazziotin, Claudia Panizzolo, Tatiane de Freitas Ermel e Maria Teresa Santos Cunha, apenas para mencionar alguns dos nomes de colegas que animaram as atividades seminarísticas e congressuais entre universidades italianas e aquelas do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e de São Paulo ao longo dos últimos dez anos.

Paralelamente ao perfil científico e acadêmico, cresceu o vínculo humano com uma mulher que se revelou extraordinária também em sua capacidade de alimentar relações humanas nos contextos cotidianos. As longas conversas nos cafés da Rua Padre Chagas ou da Rua Demétrio Ribeiro, no bairro Moinhos de Vento, onde eu residia muito próximo à casa de Maria Helena, tornaram-se um hábito bastante frequente naqueles anos, momentos durante os quais os temas ligados à vida universitária e à pesquisa se entrelaçavam com aqueles da vida cotidiana, dos filhos, das respectivas famílias e dos projetos de férias. Os momentos de convivialidade em família foram importantes para compartilhar nossos percursos

SUMÁRIO

humanos e descobrir o prazer de estar juntos. Os jantares organizados juntamente com seus orientandos e orientandas para compartilhar também momentos agradáveis de lazer foram ocasiões de inclusão em uma realidade que corria o risco de conduzir a um perigoso isolamento. Com o tempo, aprendi a reconhecer o perfil de uma mulher de grande elegância, quase um reflexo daquela Porto Alegre um pouco charmosa e refinada do início do século XX que Maria Helena gosta de evocar em muitas conversas. Talvez justamente esse entrelaçamento profundo entre vida profissional e vida humana com Maria Helena tenha me permitido captar a profunda amargura da colega quando ela recebeu a comunicação, por parte dos responsáveis da PUCRS, da ruptura definitiva do vínculo que, por mais de uma década, a mantivera ligada à universidade dos padres maristas. Um evento que marcou o fim de uma presença sólida como aquela que distinguiu o profícuo trabalho de Maria Helena Camara Bastos na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a importância das disciplinas histórico-educacionais no contexto da Faculdade de Educação. Um percurso fecundo cuja dimensão e herança apenas hoje começamos a perceber, capaz de ultrapassar fronteiras nacionais e de irrigar um rico tecido de inteligências profundamente humanas e em nada artificiais.

SUMÁRIO

DEPOIMENTO 2

TRES RECUERDOS Y UN CONSEJO

Antonio Viñao Frago

El nombre de Maria Helena Camara Bastos trae a mi memoria al menos tres recuerdos. Uno, el primero, es el de la entrevista que me hizo en 2016 publicada en la revista *História da Educação* en 2017. Antes de esa entrevista había habido otras, como habría otras en los años posteriores, algo habitual en los últimos años de docencia o tras la jubilación. Pero esa conversación académica sería especial. Hasta tal punto que, cuando he sido después entrevistado, o se me ha pedido que rememore o dé cuenta por escrito de mi trayectoria intelectual, académica y científica, siempre he remitido a la entrevista de María Helena. Es la que mejor sintetiza mi formación inicial en el campo de las ciencias sociales, mi incorporación al campo de la historia de la educación, los temas trabajados, las influencias recibidas, etc. Maria Helena hizo las preguntas y planteó las cuestiones adecuadas.

Era lo razonable. Cuando se revisan los temas, cuestiones y campos de investigación a los que Maria Helena se ha dedicado

SUMÁRIO

de un modo preferente —cultura escolar, memoria e historia de la escuela, manuales, prensa pedagógica, egodocumentos, cuadernos escolares, imagen, cultura escrita, relaciones transnacionales, laicismo, etc.—, se observa no solo que muestran la evolución de la investigación histórico-educativa en los últimos cuarenta años, sino que van o menos en paralelo con la trayectoria de la historiografía educativa internacional en dichos años y —no podía ser de otro modo— con la mía propia. Repasar sus investigaciones, las tesis y trabajos dirigidos o sus estancias en instituciones de otros países, reflejan, entre otros aspectos, el enraizamiento de Maria Helena en lo que ha sido el núcleo central de la historiografía educativa brasileña e internacional.

El tercer aspecto que me trae a la memoria la figura de Maria Helena es mi especial relación con el mundo de la historia de la educación brasileña. No ya por mis publicaciones en editoriales y revistas del país, por las estancias en el mismo o por los historiadores brasileños que han llevado a cabo estancias en Murcia, sino por la pujanza que desde el primer momento detecté —sobre todo en la ISCHE— en una historiografía educativa, la brasileña, que, a mi juicio, precisaba ofrecer una voz única a nivel internacional. Desde mi presencia en la Comité Ejecutivo de la ISCHE siempre defendí, más allá de las diversidades internas de cada país, la necesaria existencia de una única sociedad de historia de la educación en cada uno de ellos. Y, de modo especial, en el caso brasileño. En ese aspecto, como en tantos otros, la presencia brasileña y en ella —de modo discreto, pero académicamente valioso—, la de Maria Helena, contribuiría a dar a conocer en otros países una historiografía cuantitativa y cualitativamente poderosa.

Permite, María Helena, un consejo de quien transita formalmente, desde hace años, fuera del mundo académico. Te seguirán llamando, seguirás colaborando, asesorando y guiando a unos y otros. Al mismo tiempo, irás sintiéndote cada vez más libre, liberada

de las constricciones formales de dicho mundo. Déjate tiempo para ti misma. Para leer y escribir lo que te apetezca, del modo y cuando te parezca oportuno. También para pasear, para vivir. Cuida y déjate cuidar por quienes te aprecian y quieren.

Desde España, desde Murcia, un abrazo.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

DEPOIMENTO 3

MEMÓRIAS PARTILHADAS

Joaquim Pintassilgo
Maria João Mogarro

A nossa relação com a Professora Maria Helena Camara Bastos percorre todo um período que acompanha o estreitamento dos laços entre as comunidades portuguesa e brasileira de História da Educação e, no caso português, as cerca de três décadas correspondentes a um dos mais dinâmicos momentos da atividade do nosso campo. Estamos a pensar em toda uma geração de historiadores e historiadoras da educação, de um lado e de outro do Atlântico, que fizeram uma caminhada lado a lado e que partilharam contributos teóricos, preocupações metodológicas, objetos de estudo e resultados de pesquisas. A internacionalização da investigação portuguesa teve como parceiro mais efetivo o grupo brasileiro de historiadores da educação. Se a memória não nos falha, conhecemos a Maria Helena, e alguns dos mais queridos colegas brasileiros, no II Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, realizado na Universidade de São Paulo em 1998. Foi a nossa primeira, de dezenas, de viagens e o início de uma paixão, que se mantém até hoje, por esse vasto e diverso mundo cultural que é o Brasil.

SUMÁRIO

Nesse percurso aprendemos a amar as pessoas, as paisagens e a gastronomia. Foi também o início de um frutuoso intercâmbio que muito nos enriqueceu, até porque a comunidade brasileira sempre foi muito mais numerosa, mais dinâmica e mais criativa. Era muito o que nos unia, e difícil de explicar, por passar por sentimentos e por afetos, para além da língua comum. O reencontro (com um de nós), poucos meses após, no Congresso Ibero-americano de História da Educação (CIHELA), realizado em Santiago do Chile, veio mostrar que era muito o que nos aproximava.

Um dos marcos mais importantes das memórias que partilhamos com a Maria Helena teve como palco o IV Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde ela já lecionava, e organizado pelo grupo de colegas dessa região com destaque para a própria Maria Helena. O grupo português, cerca de 40 pessoas, foi recebido de forma gentil e calorosa. Foi, também, a primeira vez que levámos a nossa filha Inês, então com 15 anos, ao Brasil. Para além dos trabalhos académicos, é impossível esquecer o jantar do congresso (o inevitável churrasco), e o animado baile que se lhe seguiu, e os passeios que nos proporcionaram pela Serra Gaúcha, pelas cidades de raízes alemãs e italianas, incluindo uma visita a uma adega e uma viagem na “Maria Fumaça”. Também não podemos esquecer a recepção que fez, a um grupo de portugueses, onde estávamos incluídos, na sua própria casa em Porto Alegre. Já então, a Maria Helena era uma das grandes e boas amigas que possuíamos no Brasil e essa amizade vem até hoje apesar da distância que nos separa. Em 2005, aquando da estadia de 4 meses de um de nós na Universidade de São Paulo, como investigador visitante, surgiu o convite para voltar a Porto Alegre e uma nova oportunidade para estreitarmos os vínculos de trabalho e de amizade. A partir daí os encontros foram muitos, nos congressos da ISCHE, nos ibero-americanos, nos luso-brasileiros e em diversos outros (designadamente em Espanha e em Itália), para além das passagens ou estadias da Maria Helena por

SUMÁRIO

Portugal (vindo de França ou indo para lá, naquela que foi uma das grandes referências da sua formação). Em contextos muito diversos, tivemos o prazer e o privilégio de partilhar com ela muitos momentos. É conhecido o seu fino trato, a elegância da sua postura ética, a alegria com que se entrega e a maneira muito própria de usufruir dos pequenos prazeres que a vida lhe vai proporcionando (como beber um copo de vinho numa esplanada do bairro histórico de Genebra, onde uma vez a encontrámos nas vésperas de mais uma ISCHE). Como nós, a Maria Helena é uma apreciadora das viagens e do enriquecimento cultural que resulta das múltiplas experiências que aquelas nos proporcionam.

Celebramos a trajetória académica, longa e bem-sucedida da Maria Helena, que será devidamente apresentada em outras partes desta obra. Não queremos, no entanto, deixar de chamar a atenção para o seu pioneirismo no campo, para as linhas de investigação que abriu (nos estudos sobre os impressos ou sobre diversas outras manifestações da cultura escolar), para as redes que ajudou a criar e entretecer, para o seu contributo para a internacionalização da produção brasileira, para os muitos discípulos que formou, fazendo “escola” com o seu exemplo de investigadora rigorosa, persistente e criativa, para as obras emblemáticas de que foi uma das autoras, para as iniciativas editoriais e associativas de que foi uma das principais impulsionadoras, com destaque para a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) e para a prestigiada revista *História da Educação*, onde nós tivemos o prazer e a oportunidade de publicar alguns dos nossos artigos mais estimulantes. Com ela nos cruzámos em eventos científicos, publicações conjuntas, mesas coordenadas e prazerosos passeios a pé.

O Brasil está indissociavelmente ligado a uma parte importante do nosso percurso vital, tanto académico como pessoal. Não seríamos o que hoje somos sem o Brasil. Transformámo-nos ao longo

desta “viagem”, que foi a de uma geração de historiadores/as da educação, e temos orgulho de dela termos feito parte. Contribuímos para a construção da comunidade luso-brasileira de História da Educação. São muitas as memórias que guardamos das experiências que fomos vivendo, das interações que fomos tendo (lá e cá) e das amizades que fomos construindo. A Maria Helena ocupa (e sempre ocupará) um lugar central nessas memórias e nos afetos a elas associados.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

DEPOIMENTO 4

CARTA ABIERTA A MARIA HELENA CAMARA BASTOS

José Luis Hernández Huerta

Querida Maria Helena,

Muchas lunas han pasado desde que los dioses facilitaron nuestro encuentro. Fue en Alcalá de Henares, en 2010, con motivo del Seminario Interdisciplinar de Estudios sobre la Cultura Escrita (SIECE), organizado por Verónica Sierra Blas y Antonio Castillo Gómez, que tuvo lugar en uno de los edificios de la vetusta Universidad de Alcalá de Henares, fraguada por el Cardenal Cisneros, quien, gracias a sus denuedo e inteligencia, logró convertirla en un referente internacional. Nos vimos por primera vez en la cena previa al seminario, preparada por los anfitriones, quienes también asistieron, junto con alguien más, que no recuerdo ni su imagen –cosas de la memoria sin historia–, sólo una presencia casi fantasmagórica. Por suerte, nos sentaron uno al lado del otro, lo que nos permitió conversar, no sin dificultades, debido a que no compartimos un idioma materno común; pero primó nuestra voluntad de hacernos entender y logramos encontrar la forma de comunicarnos razonablemente bien. Y lo hicimos sin una de las más potentes herramientas de colonización y

SUMÁRIO

estandarización de ideas, formas de argumentar y estilos de hacer las cosas en las culturas académicas, científicas e interpersonales, que son las que, en última instancia, dan forma y vida a universidades y centros de investigación. Aquel sencillo y aparentemente intrascendente encuentro, fue el origen de una sana, constructiva y entretenida colaboración científica y, también, como decía Humphrey Bogart en *Casablanca*, "el principio de una hermosa amistad".

Sinceramente, en aquel momento, que era notablemente más ignorante de lo que hoy soy –imagínate–, no tenía ni idea de quién eras, de lo que significabas –y sigues significando– para la comunidad de historiadores de la educación a uno y otro lado del Atlántico. La única información que de ti disponía era la que obtuve de la experiencia directa, del encuentro cara a cara, de un breve lapso de tiempo compartido en el mismo espacio. Y lo que saqué en claro fue que me había topado con una persona libre, inteligente, con cosas interesantes y fundamentadas que decir, y amable hasta decir basta; ¿qué más se podía pedir?

Durante ese primer encuentro, también nos descubrimos mutuamente como editores de revistas, tú de *História da Educação* y yo de *Foro de Educación*; ambos acudimos a Alcalá con ejemplares de las revistas en papel para hacer difusión de las publicaciones – cómo han cambiado los tiempos–. Y sobre el rol de editores hemos fraguado una parte considerable de nuestra colaboración.

El seminario de *Ágora de Educación* titulado *Educación y Emancipación de la Mujer en Europa: Perspectiva Histórica*, desarrollado en la Facultad de Educación de Palencia (24 de febrero de 2015), y el simposio *La Pedagogía ante la Muerte*, que organizó la revista *Espacio, Tiempo y Educación*, celebrado en la Facultad de Filosofía de la Universidad de Valladolid (26-27 de febrero de 2015), fueron espacios de encuentro físico que nos permitieron proseguir con las conversaciones, conocer a otras personas que, con el tiempo se han convertido en piedras angulares de la vida, y compartir inquietudes, reflexiones

SUMÁRIO

e ideas sobre el peculiar hábitat editorial en el que nos movíamos, que pocos meses después, se materializaron en *Connecting History of Education Working Group*, cuyos primeros resultados dimos a conocer en el *International Standing Conference for History of Education-37*, celebrado en Estambul en junio de 2015. Fue una lástima que, en poco tiempo, algunos, en lugar de apostar por la cooperación y la colaboración para beneficio de toda la comunidad, invirtieran tiempo y energía en neutralizar y fagocitar la iniciativa, para disfrutar, quizás, de la sensación de un aparente poder que, en verdad, no es tal, pues, en realidad, son nadie y casi nadie de la comunidad científica los tiene en consideración, a pesar de que controlen las estructuras de poder que facilitan o impiden el progreso en la carrera docente y científica; si no se ponen la pila, pronto serán jefes (o jefas) de nada, pues la Historia de la Educación, tristemente, será, como lo fue *Fantasía*, absorbida por la Nada, con la diferencia de que no asoman en el horizonte ningún Bastian, Atreyu, Fújur y compañía que puedan revertir la situación.

Las estancias de investigación que bajo tu tutela realicé en la PUCRS en 2016, 2017 y 2018 supusieron un nada desdeñable impulso para los proyectos en común, pues pudimos perder tiempo para ganarlo, debido a que no estábamos sometidos a las urgencias de los fugaces encuentros que nos facilitaban los congresos y seminarios internacionales. Además de en *Connecting*, nuestros intereses científicos compartidos se centraron en la prensa pedagógica y, principalmente, en la prensa diaria. Asimismo, tuve la ocasión de descubrir a la persona que daba vida al personaje que había visto actuar en el teatro académico global. Y resultó que no había ficción; las honradez, honestidad, valentía, amabilidad e inteligencia que percibí cuando actuaste en Alcalá y otros escenarios no surgían de la impostación, no eran posturo, sino que respondían, sencillamente, a tu forma de ser, a las formas y modos de estar en el mundo y de relacionarte con él en tu vida cotidiana.

La noticia de tu jubilación me generó sensaciones contrapuestas. Por un lado, cierta envidia sana, porque dejas una Universidad

SUMÁRIO

que deriva, sin aparente resistencia, hacia una no-Universidad, menos libre, más burocrática y sustancialmente más envilecida. Por otro lado, sentí –y sigo haciéndolo– tristeza, pues, fría y objetivamente, era consciente de que significaba que la comunidad de historiadores de la educación, particularmente la iberoamericana, perdíamos un activo sumamente importante, una *Maestra de la Historia de la Educación*, tal como se te reconoce públicamente en el libro *In the Footsteps of the Masters. Interview with the History of Education* (Cagnolati, A., & Hernández Huerta, J. L. –Eds.–, 2021). También que los proyectos compartidos, particularmente *Connecting*, aunque siguieran siendo, ya no sería los mismos, pues, querámoslo o no, nuestro trabajo es profundamente humano, se basa en las relaciones, las sinergias, las complicidades que las personas, con nombres y apellidos, logramos establecer y que hacen que nos pongamos en movimiento.

Es evidente que tu legado académico es amplio y notorio. Ahí está, a la vista de todos: publicaciones a mansalva, proyectos de investigación, una revista científica que es un referente para el área de conocimiento, una red internacional de colaboradores y una *escuela* de historiadores de la educación. Pero aquel va más allá, es más profundo y de mayor trascendencia. Es la huella indeleble que has dejado en las personas y en la academia; una forma –en peligro de extinción– de ser y estar en el microcosmos universitario: libre, honrada, honesta, valiente, generosa y amable y, a pesar de ello, de éxito. Esto es un recordatorio de que hay otra senda distinta al envilecimiento porque tú ya la has transitado, das fe, como protagonista, de su existencia y posibilidad.

Infinita y eternamente agradecido,

José Luis

PD: Espero que los colegas que también protagonizaron escenas y proyectos no se enojen por no mencionarlos. Supongo que entenderán que es una carta, no un *paper*.

SUMÁRIO

DEPOIMENTO 5

PARCERIA E MEMÓRIA ACADÊMICA:

DO LIVRO SOBRE AS NORMALISTAS DA REFORMA
DE 1922 AOS CONGRESSOS DE HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ (2009 A 2018)

Maria Juraci Maia Cavalcante

Passei a compor o corpo docente da Faculdade de Educação da UFC em 1986, onde realizei uma investigação sobre a Reforma Educacional de 1922 no Ceará, estimulada a criar na minha IES um núcleo de história e memória educacional e um congresso anual. Ao participar de alguns congressos da SBHE e Luso-brasileiro, pude assistir a diversas exposições de pesquisa e ter acesso a publicações de inúmeros autores, entre os quais estava Maria Helena Camara Bastos.

Interessou-me a forma leve e segura com que ela trata os temas escolhidos para investigação, em especial, ligados a autobiografias de mulheres, imigrantes alemães e italianos, jornais, revistas e instituições escolares.

SUMÁRIO

Em 2009, tivemos uma parceria muito especial em livro sobre os trabalhos de conclusão de curso de normalistas cearenses que participaram da reforma educacional de 1922, dirigida por Lourenço Filho. No mesmo ano, fui contratada como investigadora junto ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, onde concebi um projeto sobre a volta dos Jesuítas portugueses ao nordeste do Brasil, no século XX. Convidei alguns colegas da minha área para compor um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq para estudar a presença do Jesuítas no Nordeste e Sul do Brasil.

Entre 2012 e 2018, Maria Helena aceitou participar desse grupo, dos nossos congressos e publicações, uma colaboração que estreitou mais ainda os nossos estudos acadêmicos, e que mostrou ser uma parceria muito fértil para alcançar amplitude em relação ao escopo de uma História da Educação Brasileira de fato nacional, quando integra estudos do Nordeste e do Sudeste, do Sul e do Norte do País.

Maria Helena aceitou participar como palestrante convidada de várias edições do congresso cearense nessa área como autora de artigos nos livros/ coletâneas que organizamos no interior do referido evento, reunidos na Coleção HE, um projeto que conseguimos firmar junto à editora da UFC, por uma década. Nesse período, ela esteve conosco em várias cidades históricas do Ceará, do litoral às verdejantes zonas serranas e aos áridos sertões, posto ser o nosso congresso de natureza itinerante: Fortaleza, Baturité, Lavras da Mangabeira, Viçosa do Ceará, Crato, Icó e Nova Russas.

Fazendo tais andanças conosco, ela dizia que desse modo estava a conhecer melhor o interior do Ceará do que do seu Rio Grande do Sul, o que ela fazia com espírito jovial, aberta a longas viagens por ar e terra; ficando em hospedarias aconchegantes, mas simples; provando culinárias regionais e apreciando apresentações artístico-culturais diversas, com atitude sempre acolhedora e respeitosa.

SUMÁRIO

Os artigos por ela publicados nas nossas coletâneas do congresso cearense revelam recortes temáticos originais e tratamentos metodológicos refinados de fontes múltiplas, que são a sua marca como investigadora da área educacional. Tenho muito a dizer e a lembrar da nossa convivência, que a tornou, além de parceira acadêmica, uma colega marcante que muito me estimulou a ter uma participação mais atuante na área de HE, em termos nacionais e internacionais. Por tudo isso, é com carinho e gratidão que participo deste livro. Deixo nele registrada a nossa história e parceria acadêmica firmada com base em lealdade e respeito mútuo, capaz de superar barreiras culturais e espaciais e permanecer no tempo.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. João Hippolyto de Azevedo e Sá. **O Espírito da Reforma Educacional de 1922 no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2000.

BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. (Org.). **O Curso de Loureço Filho na Escola Normal do Ceará (1922 -23). As Normalistas e a Pedagogia da Escola Nova**. Campinas: Alínea, 2009, 362 p.

BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. (Org.). **Os Álbuns com Pequenos Trabalhos de Pedagogia. As Normalistas da Escola Normal do Ceará e a Pedagogia da Escola Nova**. Santa Maria/RS, UNIFRA: 2010, 298 p.

BASTOS, Maria Helena Camara. O Ser Feminino e o Ser Viril: Fios comuns na Obra de José de Assis Brasil (1912 e 1944). *In*: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia e outros (ORG.). **História da Educação: República, Escola e Religião**. Fortaleza: Edições UFC, 2012, p. 462-480.

BASTOS, Maria Helena Camara. L'Illustration Journal Universal (1843-1944): Difusão e Circulação de Ideias no Brasil do Século XIX. *In*: Maria Juraci Maia e outros (ORG.). **História da Educação Comparada: Missões, Expedições, Instituições e Intercâmbios**. Fortaleza, Edições UFC, 2013, p. 82-107.

SUMÁRIO

BASTOS, Maria Helena Camara; ERMEL, Tatiane de Freitas. Família e Escola na Revista de Ensino/RS: Educando Pais e Filhos (1958–1967). *In*: Maria Juraci Maia e outros (ORG.). **História da Educação Comparada**: Afeto, Razão e Fé: caminhos e mundos da História da Educação. Fortaleza, Edições UFC, 2014, p. 462–484.

BASTOS, Maria Helena Camara. Jornal das Famílias: Balizas de um Ideário à Mulher brasileira. *In*: Maria Juraci Maia e outros (ORG.). **História de Mulheres**: Amor, Violência e Educação. Fortaleza, Edições UFC, 2015, p. 97–114.

BASTOS, Maria Helena Camara. Os Jesuítas e a Educação no Rio Grande do Sul. *In*: SOUZA, Carlos Ângelo de M.; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (ORG.). **Os Jesuítas no Brasil**: entre a Colônia e a República. Brasília, UCB/Liberlivro, 2016, p. 137–160.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Civilizar para a Devoção: a prática cultural dos santinhos nos rituais de formação cristã (Séc. XX). *In*: MAIA, Maria Juraci e outros (ORG.). **Histórias de Corpo, Religião e Educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2017, p. 191–211.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Artes Juvenis: memórias do futebol de mesa/jogo de botão. *In*: MAIA, Maria Juraci e outros (ORG.). **História de Artes, Ofícios e Escolas**. Fortaleza: Edições UFC, 2018, p. 99–116.

SUMÁRIO

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Alice Rigoni Jacques

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS. Integrante do projeto de pesquisa EBRAMIC: Educação no Brasil: Memória, Instituições e Cultura Escolar, projeto Instituições Escolares na Região Metropolitana de Porto Alegre e Vale do Rio dos Sinos: Acervos, Memórias e Cultura Escolar – Séc. XIX e XX. Integrante do projeto Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação financiado pelo CNPq (UFRGS e UDESC).

Dóris Bittencourt Almeida

Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS), Professora Titular de História da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação/UFRGS. Bolsista Produtividade/CNPq – PQ-C. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq – GARPE – Arquivos, Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação.

Luciane Sgarbi S. Grazziotin

Professora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS. Líder do Grupo de pesquisa EBRAMIC - Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar (CNPq), participa do grupo GARPE - Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação (CNPq). É bolsista Produtividade/CNPq 1D.

Maria Teresa Santos Cunha

Graduada e mestra em História (UFSC), Doutora em Educação - História e Historiografia - pela Universidade de São Paulo (USP). Professora titular da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou nos programas de Pós-Graduação em Educação e em História da UDESC e no Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Trabalha com Patrimônio Cultural e Arquivos Pessoais. É bolsista Produtividade em Pesquisa - Nível 1-D/ CNPq.

Tatiane de Freitas Ermel

Professora da Universidad de Valladolid, Espanha. Foi pós-doutoranda contratada pela Universidad Complutense de Madrid (2019-2022). Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Historiadora pela mesma instituição (2008). Realizou estágios na Universidad Nacional de La Plata/Argentina (2009) e na Universidad Complutense de Madrid/Espanha (2014-2015). Foi editora adjunta da revista História da Educação (2018-2023).

SUMÁRIO

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Alberto Barausse

Doutor em Educação pela Università Cattolica del Sacro Cuore (1998). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação. É Professor Titular em História da Educação na Università degli Studi del Molise desde 2012 onde lidera o Centro de Documentação e Pesquisa sobre a História das Instituições escolares, o livro didático e a literatura infantil (CeSIS) e o Museu da Escola e da Educação Popular.

Alice Rigoni Jacques

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS. Integrante do projeto de pesquisa EBRAMIC: Educação no Brasil: Memória, Instituições e Cultura Escolar, projeto Instituições Escolares na Região Metropolitana de Porto Alegre e Vale do Rio dos Sinos: Acervos, Memórias e Cultura Escolar – Séc. XIX e XX. Integrante do projeto Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação financiado pelo CNPq (UFRGS e UDESC).

Antonio Viñao Frago

Doctor en Derecho y catedrático jubilado honorario del Departamento de Teoría e Historia de la Educación de la Universidad de Murcia. Ha sido miembro del Comité Ejecutivo de la ISCHE (1996-2000) y presidente de la Sociedad Española de Historia de la Educación (2001-2005), así como director del Centro de Estudios sobre la Memoria Educativa (2009-2013) y de la revista *Historia y Memoria de la Educación* (2014-2019).

Carlota Boto

Professora titular e diretora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), onde leciona Filosofia da Educação. É Bolsista Produtividade do CNPq. Atualmente é Diretora-Presidente da Editora da USP (EDUSP). Formou-se na USP, em Pedagogia e em História. É mestre em História e Filosofia da Educação pela FEUSP, doutora em História Social pela FFLCH/USP e livre-docente em Filosofia da Educação pela FEUSP. É autora de vários livros no campo da História da Educação, dentre os quais "A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa", publicado pela Editora Unesp.

SUMÁRIO

Claudemir de Quadros

Licenciado em História, com mestrado e doutorado em Educação. Professor na Universidade Federal de Santa Maria/RS e atua em cursos de formação de professores e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Editor da revista *História da Educação* (2011-2015). Coordena do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM e editor da *Regae: Revista de Gestão e Avaliação Educacional*.

Décio Gatti Jr.

Doutor em Educação: História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com estágio de pós-doutorado concluído na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professor Titular de História da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Beneficiário do Edital Universal da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Dóris Bittencourt Almeida

Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS), Professora Titular de História da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação/UFRGS. Bolsista Produtividade/CNPq – PQ-C. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq – GARPE – Arquivos, Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação.

Eduardo Arriada

Doutor em Educação pela PUC/RS. Pós-Doutorado na University of Illinois (Urbana/Champaign). Membro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. Atua e pesquisa os seguintes temas: a produção editorial de livros didáticos; séries graduadas de livros de leitura; a educação no século XIX.

Elomar Tamara

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. Dedicar-se a diversos temas relacionados ao campo da história da educação, entre eles, positivismo e educação; livros didáticos; aulas régias.

Giana Lange do Amaral

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa (UL), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FAE/UFPel) onde atua na Graduação e no Programa de Pós-graduação em Educação. Bolsista Produtividade em Pesquisa em Educação/CNPq/PQ2. Líder do Grupo "Centro de Estudos e Investigações em História da Educação" junto ao CNPq.

SUMÁRIO

Gladys Mary Ghizoni Teive

Possui doutorado em educação pela UFPR e pós-doutorado pela UNED/Espanha. É professora aposentada da UDESC. Autora do livro "Uma vez normalista, sempre normalista: cultura escolar produção de um *habitus* pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911-1935)". Atualmente escreve a biografia do professor paulista Orestes Guimarães.

Joaquim Pintassilgo

Professor aposentado do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e investigador colaborador da Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação e do Centro de Estudos Globais. É Doutor em História pela Universidade de Salamanca e autor de publicações diversas na área de História da Educação.

José Luis Hernández Huerta

Doctor Europeus en Pedagogía por la Universidad de Salamanca (España). Profesor Titular de Universidad en la Facultad de Educación de Palencia – Universidad de Valladolid (España). Investigador visitante en la Universidad de Buenos Aires (Argentina), Università di Foggia (Italia), Pontificia Universidade do Rio Grande do Sul (Brasil) y Universidade Estadual de Santa Catarina (Brasil). Editor de las revistas *Foro de Educación* (2003-2024) y *Espacio, Tiempo y Educación* (2014-2024).

Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

Professora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS. Líder do Grupo de pesquisa EBRAMIC - Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar (CNPq), participa do grupo GARPE - Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação (CNPq). É bolsista Produtividade/CNPq 1D.

Marcus Levy Bencostta

Professor Titular de História da Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com Pós-doutorado pela École Nationale Supérieure d'Architecture de Versailles (ENSAV, França). Foi professor visitante na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Tel Aviv University (TAU, Israel), Hebrew University of Jerusalem (HUJ, Israel), Centro de Investigación y de Estudios Avanzados (CINVESTAV, México) e Universidad Complutense de Madrid (UCM, Espanha).

Maria João Mogarro

Professora no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e investigadora do seu centro de investigação (UIDEF). É autora de publicações na área de história da educação (em que destaca a que escreveu com Maria Helena Camara Bastos), formação de professores, educação inclusiva e cultura material.

SUMÁRIO

Maria Juraci Maia Cavalcante

Graduada em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela UFC. Doutora em Sociologia (Universidade de Oldenburgo-Alemanha), Pós-Doutora em História Educacional (Universidade de Lisboa), Professora Titular Aposentada da FAGED-UFC. Tem artigos e livros publicados no Brasil e no exterior. Atualmente, é investigadora da área cultural/social e escritora independente.

Maria Teresa Santos Cunha

Graduada e mestra em História (UFSC), Doutora em Educação - História e Historiografia - pela Universidade de São Paulo (USP). Professora titular da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou nos programas de Pós-Graduação em Educação e em História da UDESC e no Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Trabalha com Patrimônio Cultural e Arquivos Pessoais. É bolsista Produtividade em Pesquisa - Nível 1-D/ CNPq.

Norberto Dallabrida

Possui doutorado em História Social pela USP e pós-doutorado na Universidad de Alcalá de Henares/Espanha. É professor do Curso de Pedagogia a Distância da UDESC e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Organizou a coletânea "Brechas no monólito educacional": classes secundárias experimentais e a inovação do ensino secundário nos anos de 1950 e 1960".

Tatiane de Freitas Ermel

Professora da Universidad de Valladolid, Espanha. Foi pós-doutoranda contratada pela Universidad Complutense de Madrid (2019-2022). Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Historiadora pela mesma instituição (2008). Realizou estágios na Universidad Nacional de La Plata/Argentina (2009) e na Universidad Complutense de Madrid/Espanha (2014-2015). Foi editora adjunta da revista História da Educação (2018-2023).

SUMÁRIO

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração da Educação 37, 41
amizades 14, 17, 51, 67, 104, 110, 121, 249
análise do discurso 40
áreas de conhecimento 35, 128

C

Centre International D Études Pédagogiques 38
Ciências Humanas 32, 33, 37, 51
classes experimentais 30, 32, 48, 96, 97, 98, 101
classes nouvelles 30, 91, 95, 96, 97, 98, 101
comunidade acadêmica 20, 77
construção do conhecimento 30
cotidiano da escola 19, 219
cultura escolar 19, 28, 101, 107, 150, 172, 187, 218, 219, 220, 224,
225, 226, 229, 232, 233, 234, 236, 244, 248,
258, 261
currículo 35, 52, 65, 83, 172, 183, 198, 228, 231

D

disciplina 19, 23, 29, 36, 37, 42, 57, 78, 91, 134, 196, 197, 198, 202,
203, 207, 208, 209, 211, 213, 214, 225
docência 26, 27, 32, 46, 120, 208, 217
documentação 19, 67

E

ensino mútuo 15, 19, 62, 76, 93, 99
ensino secundário 26, 47, 90, 95, 96, 97, 98, 100, 101
Ensino Superior 36, 46, 205
ensino supletivo 38
escola laboratório 30
Escola Nova 35, 193, 256
escolanovistas 30, 33
escola pública 29, 30, 145

escolarização 14, 26, 27, 223
esquecimento 12, 13, 18, 22, 106, 115, 124, 139, 194
Estado Novo 41, 76, 185, 189, 220
estágios 14, 16, 34, 53, 54, 60, 62, 63, 67, 92, 96, 97, 234, 258, 262
Estrutura e Funcionamento do Ensino 36, 37, 205
eventos científicos 39, 248
excelência acadêmica 43
experiência 20, 22, 30, 32, 35, 36, 40, 46, 48, 69, 76, 86, 97, 104,
107, 114, 115, 119, 122, 131, 144, 145, 146, 153, 155, 156,
193, 204, 205, 208, 213, 226, 235, 239, 240, 259
extensão 36, 77, 182, 218

F

Faculdade de Educação 20, 26, 33, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 45, 46,
48, 51, 68, 92, 99, 100, 103, 187, 205, 232, 242, 254,
258, 259, 260
Filosofia 30, 32, 33, 37, 39, 51, 84, 199, 259, 260
fontes 19, 20, 26, 70, 73, 74, 75, 79, 103, 105, 137, 148, 158, 159, 179,
189, 190, 199, 219, 220, 256
formação de pesquisadores 234
formação de professores 20, 42, 48, 60, 62, 93, 99, 196, 197, 198,
199, 203, 208, 260, 261
formação docente 113, 153, 184, 186, 208, 225
funcionalismo 43

G

Grupo de Trabalho 39, 54, 162

H

hierarquia 29
História Cultural 40, 47, 72, 108, 135, 138, 180, 185, 187, 190, 193
História Oral 26, 151, 193
histórias de vida 38
historicidade 17, 26, 136

SUMÁRIO

historiografia 40, 61, 73, 74, 76, 77, 78, 82, 83, 92, 93, 94, 99, 105, 119, 133, 165, 169, 185, 241

I

imprensa pedagógica 19, 22, 40, 62, 64, 75, 76, 90, 91, 92, 190
imprensa periódica 92, 100, 177, 178, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193

intercâmbio 21, 72, 90, 110, 162, 235, 240, 241, 247

internacionalização 43, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 66, 107, 109, 121, 131, 181, 188, 240, 241, 246, 248

itinerário educativo 14

J

Jardim de Infância 28, 220

L

legado 15, 18, 21, 46, 73, 84, 103, 119, 121, 123, 215, 221, 253

leitura escolar 19, 205

Licenciatura Plena em História 32

livros 50, 53, 60, 61, 64, 65, 79, 90, 94, 98, 105, 107, 109, 117, 118, 119, 122, 134, 146, 149, 152, 154, 158, 172, 183, 184, 196, 205, 209, 217, 237, 240, 255, 259, 260, 262

M

manualística 15, 196, 211

memórias 13, 14, 16, 17, 23, 26, 29, 42, 47, 100, 102, 103, 104, 115, 119, 120, 133, 134, 142, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 156, 175, 176, 179, 180, 183, 184, 190, 191, 192, 194, 216, 217, 218, 223, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 247, 249, 257

memorização 29, 33

movimento estudantil 33

O

operação historiográfica 19, 106

P

patrimônio educativo 211

pensamento político-pedagógico 39, 187

pesquisa brasileira 14, 72, 78

políticas neo-liberais 43

polivalência 34, 35

pós-graduação 33, 39, 53, 54, 63, 133, 141, 145, 160, 162, 165, 191, 208, 239

Pós-graduação em Educação 33, 38, 39, 40, 41, 44, 213, 258, 260

práticas educativas 23, 57, 153, 188, 222, 224, 234

processo histórico brasileiro 42

produção acadêmica 14, 91, 158

produção acadêmica internacional 14

produção científica 52, 183, 188, 234

produção historiográfica 40, 134, 223

produção intelectual 17, 19, 41, 73

professora titular 26, 35, 41, 46, 114

projetos de pesquisa 14, 58, 64

Psicologia da Educação 30, 199

R

redes acadêmicas 14

redes de sociabilidade 17, 26

Reforma Universitária 33

renovação educacional 41, 76

Revista do Ensino 20, 40, 41, 55, 75, 92, 99, 100, 101, 108, 123, 185, 186, 191

Revista História da Educação 17, 43, 47, 48, 69, 94, 95, 109, 112, 113, 130, 131, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 181, 188, 193, 197, 213, 235, 260

rigor metodológico 20, 72

S

sistema educacional francês 38, 55, 75

Sociologia 36, 37, 38, 199, 262

T

tecnicismo 33

trajetória transnacional 14, 66

U

uniformes 29, 217, 223

www.pimentacultural.com

O ontem com os olhos de hoje

Contribuições
de Maria Helena
Camara Bastos
para a História
da Educação